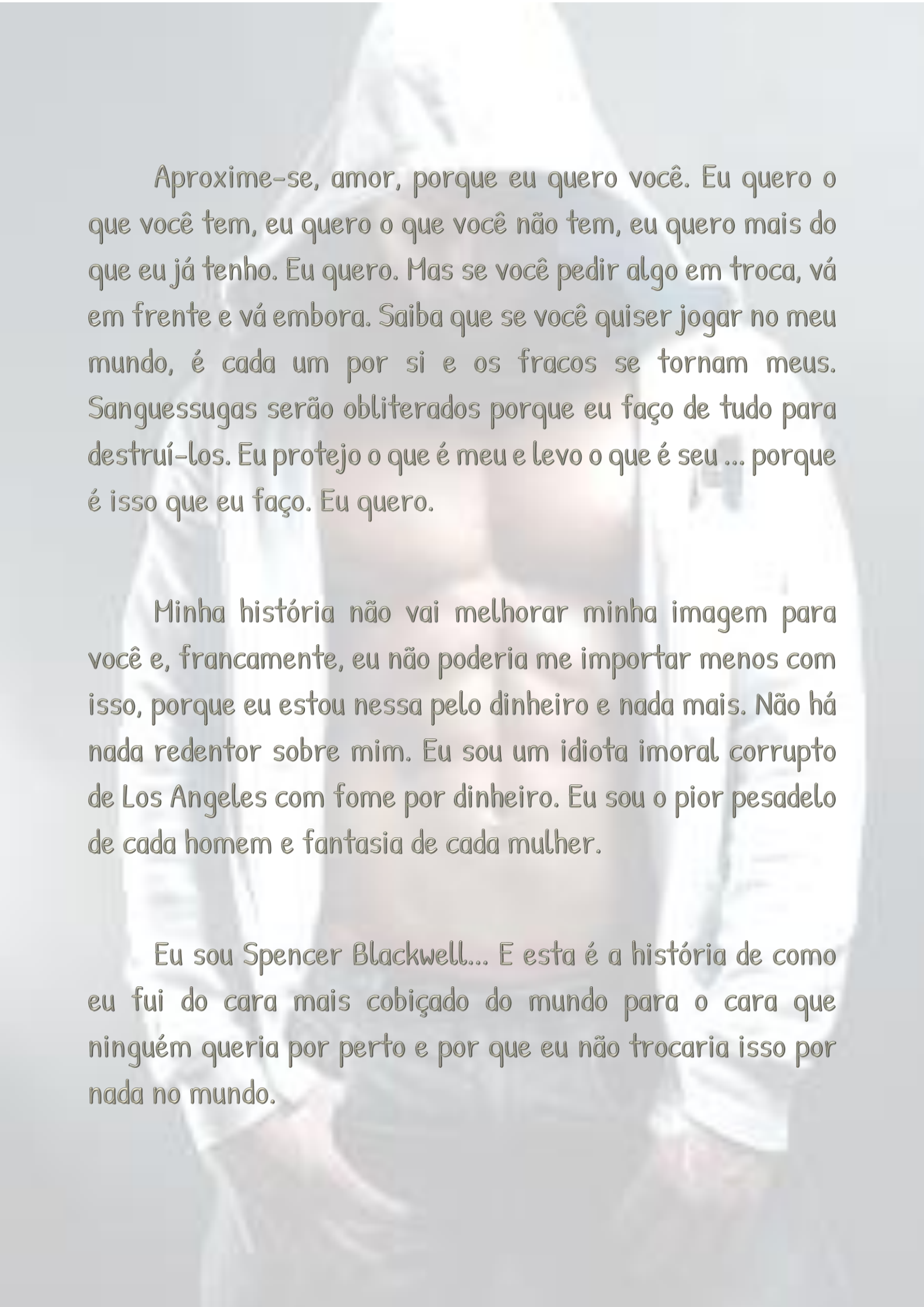




GREED

BOOK TWO OF THE SEVEN DEADLY SERIES

FISHER AMELIE



Aproxime-se, amor, porque eu quero você. Eu quero o que você tem, eu quero o que você não tem, eu quero mais do que eu já tenho. Eu quero. Mas se você pedir algo em troca, vá em frente e vá embora. Saiba que se você quiser jogar no meu mundo, é cada um por si e os fracos se tornam meus. Sanguessugas serão obliterados porque eu faço de tudo para destruí-los. Eu protejo o que é meu e levo o que é seu ... porque é isso que eu faço. Eu quero.

Minha história não vai melhorar minha imagem para você e, francamente, eu não poderia me importar menos com isso, porque eu estou nessa pelo dinheiro e nada mais. Não há nada redentor sobre mim. Eu sou um idiota imoral corrupto de Los Angeles com fome por dinheiro. Eu sou o pior pesadelo de cada homem e fantasia de cada mulher.

Eu sou Spencer Blackwell... E esta é a história de como eu fui do cara mais cobiçado do mundo para o cara que ninguém queria por perto e por que eu não trocaria isso por nada no mundo.

— Eu não posso fazer isso. — disse ele, exalando fortemente e olhando pelo vidro para a rua.

— Por que não?

O rosto dele se suavizou. — Eu preciso do dinheiro dele.

Spencer olhou para mim, e eu não podia deixar de olhar para trás. Estávamos todos no mesmo barco, prisioneiros da **ganância**.

— VAIN

Prólogo

A ganância é um estranho, estranho pecado.

Tudo o que você quer fazer é adquirir. Adquirir dinheiro, adquirir material, adquirir tempo, adquirir energia, adquirir atenção. O mantra de execução é: "eu quero, eu quero, eu quero", mas que rapidamente se transforma em: "eu preciso, eu preciso, eu preciso".

De repente, simplesmente não há tempo suficiente para os amigos, para a família, para qualquer um. Seu objetivo é adquirir e certificar-se de que o que você adquire permanece adquirido. A sua vida depende disso. Você não vê a verdade, porque a verdade é sombreada por enormes casas, carros incrivelmente rápidos, nos gastos do luxo. Sua vida não pertence mais a você, mas você está cego para tudo, porque aqueles que o rodeiam estão buscando o mesmo.

Então você embaralha junto a um ritmo impossível, e você passa o mundo real ao seu redor.

Mas o que você vai vir a perceber, completamente tarde demais, é que nunca é o suficiente.

Simplesmente nunca é suficiente.

Capítulo 1

— Está confirmado. Peter Knight de Evergreen não vai aprovar a aquisição. Você sabe o que fazer. — minha cobra de um pai me disse, nem dois degraus em sua porta da frente.

— Eu acabei de sair de um voo de sete horas. Você não pode me deixar instalar-me? Possivelmente dizer olá?

Ele se levantou, me olhando, um ligeiro tique em sua mandíbula quadrada. Ele colocou as mãos em suas calças de seda italiana. Sua estrutura de um metro e oitenta e dois seguiu os degraus até o hall de entrada e parou a poucos centímetros da minha. Ficamos cara a cara. Embora eu fosse dois centímetros mais baixo, ele não me intimidava mais. Eu sabia que se precisasse, eu poderia chutar a bunda dele.

— Olá, Spencer. — disse ele, o sorriso de uma serpente bem aberto em toda sua boca antes de cair plana. — Mãos à obra. Eu não lhe pago para sentar. Eu não me importo se é a sua pausa para o Natal.

Ficamos onde estávamos, cada um esperando o outro recuar. A tensão era palpável. No final, seu rosto relaxou e ele começou a rir, dando um passo para o lado e abrindo caminho para mim. Peguei minhas malas e fui para o meu quarto, dando-me bastante espaço para passar por ele sem tocá-lo.

Quando cheguei ao pé da escada, eu mudei de ideia e joguei minhas malas no penúltimo degrau, com a intenção de buscá-las mais tarde.

Estendi meus músculos, amando a sensação de minhas costas estalando, e parti para a cozinha.

— Onde diabos você pensa que está indo? — Ele perguntou, ainda de pé no hall de entrada, observando cada movimento meu.

— Se eu não dizer oi para a mamãe e Bridge, elas vão pensar que algo está acontecendo. — eu disse a ele e continuei.

Ele não respondeu, mas eu senti seu olhar queimando na parte de trás da minha cabeça.

Eu sabia que minha irmã e minha mãe estavam na cozinha, porque eu podia ouvir o riso do outro lado da imensa monstruosidade moderna que era a casa dos meus pais. Meu pai a escolheu, porque ele escolhia tudo, e minha mãe concordou, porque minha mãe sempre concorda com o que meu pai diz.

Minha mãe era uma mulher bonita, embora ela não perceba isso. Na verdade, ela era linda, tanto por dentro como por fora, mas ela compartilhava as características físicas de uma mulher na casa dos quarenta anos que tinha tido dois filhos, e por alguma razão, ela pensava que tinha dado a carta branca ao meu pai para ser um traidor, um babaca mentiroso, e não dar bola.

Assim que entrei na cozinha, minha irmã de dezessete anos de idade, Bridget, ou Bridge como eu a chamo, gritou, pulando de seu banco e jogou os braços em volta do meu pescoço. Seus olhos arderam úmidos, quando ela se afastou para olhar para mim.

— Minha Bridge. — eu disse a ela, apertando suas bochechas juntas, franzindo os seus lábios.

— Meu Spence. — ela distorceu através dos lábios de peixinho.

Eu liberei meu aperto, beijei sua bochecha, então a abracei. — Eu senti sua falta, Bridge.

— Eu senti sua falta também, maninho. O que você está fazendo aqui tão cedo? Nós não estávamos te esperando por mais dois dias.

— Eu sei. Depois que eu terminei meus exames, eu pensei que eu iria surpreendê-la, decidi que o último blowout¹ do dormitório não valia a pena.

As mãos de Bridge encontraram seus quadris e uma sobrancelha arqueou sobre um olho cinza. — Você está mentindo, mas eu não me importo. — disse ela, sorrindo.

Minha mãe, Jessica, levantou, endireitou seu avental e alisou o cabelo antes de fazer o seu caminho até mim.

Minha mãe era uma ex-rainha da beleza Tennessee, toda sotaque e polidez sulista. Na minha juventude, eu tinha feito um monte de "sim, madame" e "como 'cê vai" que me rotulou de aberração na minha escola particular na Califórnia. Desnecessário dizer, mas eu perdi a minha polidez quando eu tinha sete anos de idade.

— Mamãe. — eu disse, puxando seus pequenos ombros para o meu peito.

— Meu bebê — ela disse, com um sorriso, franzindo as rugas de expressão ao redor dos olhos. Ela esmagou meu rosto com um beijo, logo em seguida, tentou limpar o resíduo de batom com os seus dedos e unhas vermelhas. — Feliz Natal, Spencer querido.

— Feliz Natal. — eu disse a ela.

Ela se afastou e se juntou a Bridge de volta para seu banco. Debrucei-me sobre o balcão, examinando seu progresso nos biscoitos de Natal.

— Como foram suas provas finais? — perguntou minha mãe, constantemente rolando a massa com um rolo sobre o mármore frio enfarinhado. Os olhos de Bridge seguiam o movimento também.

— Tudo bem. Eu gabaritei todas elas. — eu disse, estalando um pedaço de massa na minha boca.

¹ Comemorações de fim de semestre que ocorrem no último dia de aulas e geralmente envolvem excesso e beber de manhã cedo, negação sobre os próximos exames.

— Cha². — ela estalou a língua, mas sorriu de qualquer maneira.
— Tão atrevido, menino.

Eu estava me graduando em negócios. Eu tinha uma vocação para isso, sim, eu só não gostava. Meu pai escolheu minha graduação. Ele pagou para a minha vida, então eu cumpri, assim como eu iria cumprir com o "trabalho" que ele tinha para mim naquela noite.

Ergui a cabeça da tarefa da minha mãe e notei que Bridge parecia um pouco verde. — Você está bem, Bridge? — eu perguntei.

— O qu...? — Ela perguntou, sua mão indo para a garganta. — Desculpe-me. — disse ela, engolindo. — eu não estou me sentindo bem. Eu acho que vou me deitar.

— Vá em frente, querida — minha mãe disse-lhe, com as mãos metodicamente rolando o rolo.

Eu assisti Bridge instavelmente se levantar de seu banquinho e caminhar até a porta, mas quando chegou a entrada, ela inclinou-se um pouco sobre o batente, uma mão indo para sua boca.

— Precisa de ajuda? — Eu perguntei a ela, de pé na minha posição inclinada.

Ela se virou e sorriu, mas balançou a cabeça. — Nah, acho que eu só comi muita massa crua.

Eu balancei a cabeça e ela retirou-se de vista.

— Você não vai ficar. — minha mãe disse, seus olhos treinados em sua tarefa.

— Yeah, uh, eu tenho que me encontrar com uns amigos.

Ela parou de rolar e olhou para mim. — Claro que sim, amor. — disse ela, batendo no meu rosto com a mão coberta de farinha, com os olhos desprovidos de emoção.

² Expressão do inglês, como "Mas" e na frase inteira seria como "Mas...que menino atrevido".

Estudei-a por um momento, desejando que nós não tivéssemos que jogar este pequeno jogo eu-sei-o-que-você-faz-mas-estou-fingindo-que-eu-não-sei. Eu observei seu rosto, desejando que eu pudesse ser honesto, mas em vez de ser honesto com ela, eu apertei seu ombro brevemente, observando como seu ombro era magro, e sorri antes de trotar em direção as escadas.

Eu puxei minha mala sobre o meu ombro, subi para o terceiro andar e acabei no final do corredor cheio de janelas, o sol ainda brilhando e aquecendo a pedra fria sob os meus pés vestidos de meias, para onde meu quarto estava. A porta se abriu e eu entrei no quarto—intocado, escuro, meu próprio santuário privado. Eu realmente senti falta. Era para onde eu iria quando eu precisava escapar do meu pai. Ele nunca me incomodou lá. Na verdade, eu achava que ele nunca pôs os pés no meu quarto, ou de Bridge.

Joguei minha mochila sobre a cama e vi como ela afundou no edredom fofo. Fiquei parado por cinco minutos, pelo menos, memorizando o silêncio, possivelmente adiando a *tarefa* do meu pai um pouco.

Brown era legal, mas eu tinha um companheiro de quarto chamado August. Algo que eu nunca tinha experimentado antes. Quero dizer, ele era legal pra caralho, mas eu nunca tive que compartilhar uma sala, muito menos um quarto. Tentei convencer meu pai a pagar por um apartamento para mim, mas a minha mãe entrou em cena e disse que eu precisava da "experiência de vida da faculdade". O que quer que isso significava. Se ela realmente queria que eu experimentasse totalmente, ela iria começar a questionar por que seu marido me chamava de volta para casa a cada poucas semanas por um ou dois dias só para me mandar de volta sem qualquer explicação.

A vida da faculdade não é interrompida com voos duas vezes por mês de volta para casa. Eu amo minha mãe mais do que você poderia imaginar, mas ela era um dos peões do meu pai. Então, novamente, quem era eu para falar? Talvez seja por isso que eu nunca a defendi dele como

eu deveria, porque como eu poderia chamá-la de chaleira preta, quando eu era o maior pote de merda na nossa casa?

Peguei meu celular e liguei para Lola, cujo nome, aliás, não era realmente Lola. Eu puxei minha camiseta sobre a cabeça, entrando no meu banheiro, que era maior do que o meu quarto do dormitório em Providence. Liguei o chuveiro enquanto chamava.

— Olá, Spencer. — Lola ronronou.

— Largue tudo o que você está fazendo. — eu disse a ela, inclinando-me contra o balcão da pia, de costas para o espelho. Eu cruzei o meu braço livre contra o meu peito nu, segurando meu ombro. Doía como a mãe, desde o jogo de futebol improvisado da quinta-feira anterior.

— Tenho um cliente muito importante me esperando hoje à noite, Spencer. Eu não acho que eu posso fazer isso.

— Corte a besteira. Será a sua taxa normal mais um bônus de dez mil dólares se você fizer um bom trabalho.

Ela ficou em silêncio, me pescando, à espera de uma oferta maior. Eu mantive minha boca fechada.

— Tudo bem. — ela admitiu, fazendo-me sorrir.

Eu coloquei o pedaço de papel que meu pai teve do seu criado, Frederick, deitado na minha cama fora do meu bolso. — Sete horas. — eu li. — Sofitel Bar. — Eu fechei meus olhos, vômito ameaçando fazer uma aparição. Eu hesitei na próxima parte. — Ele é um homem de família tão sedutoramente vestido, mas não óbvio. — Eu engoli a bile.

— Entendi. Vejo você, então.

Eu pressionei fim da chamada e olhei para a tela do telefone. Meu reflexo, que eu esperava evitar para a noite se eu ia ser capaz de fazer o que eu precisava fazer, olhou ameaçadoramente para mim. Eu joguei o telefone através da porta para cima da cama, cansado de olhar para mim mesmo, e me despi. De pé no chuveiro, eu lavei os vestígios do voo para fora do meu corpo e do cabelo. Deixei a água correr quente sobre o meu

ombro dolorido por um tempo. Eu fiz uma nota mental para ter Bridge massageando-o para mim. *Espero que ela esteja se sentindo bem. Pobre garota*, pensei.

Quando eu saí, eu enrolei uma toalha em torno da minha cintura e me dirigi para o meu armário, deslizando as grandes portas em toda a metade do comprimento do quarto de cada lado. Imediatamente, eu peguei meu terno de três peças sob medida da Gieves & Hawkes de Londres e uma camisa perfeita, engomada e coloquei-os na cama. Eu respirei fundo e entrei no banheiro, me situando na pia, e me olhei no espelho. Desviei os olhos rapidamente e peguei a minha escova de dente com creme dental. Eu escovei os dentes, sem olhar para o meu reflexo e apliquei desodorante, mas me barbear e passar gel no cabelo era uma história diferente. Eu não tive escolha a não ser me encarar. Eu deixei o pós-barba da Bvlgari arder na pele, uma penitência auto imposta que não toca nem na superfície dos pecados que eu cometi ou que estava prestes a cometer.

Me vesti, dei uma olhada rápida no espelho do armário, reconheci que eu estava pronto como eu jamais estaria e peguei as minhas chaves, jaqueta e carteira antes de enfiar no bolso de fora da minha Kiton.

Caminhei pelo corredor, o sol escondido agora, escondido de expor o que eu realmente era, uma contradição ambulante. Eu girei as chaves do meu Aston Martin, um hábito que fingia quão despreocupado eu queria que as pessoas pensassem que eu era. Eu tinha chegado nas escadas do segundo andar, quando eu dei uma meia-volta para verificar Bridge antes de eu sair.

Eu bati na sua porta. — Quem é?

— Serviço de limpeza. — eu disse, esticando a minha voz uma oitava mais alta.

— Não, obrigada. Eu estou bem. — disse ela.

Eu sorri para mim mesmo. — Serviço de limpeza.

— Estou bem, obrigada. — disse ela mais severamente.

— Serviço de limpeza. Você quer a cabeceira para travesseiro?

Ela ficou em silêncio e eu sufoquei minha risada.

— Entre, David Spade³. — uma voz fraca ordenou.

Eu abri a porta, esperando ela estar inclinada na cama com um de seus livros ridículos. Bridge pode festejar com o melhor de nós, para meu desânimo, mas ela era uma nerd completa no coração. Mas, em vez de seu nariz enterrado nas páginas do livro mais recente, encontrei-a deitada pateticamente caída sobre a beira da cama, sua lata de lixo do banheiro de prata empoleirada logo abaixo. Meu coração se afundou para ela.

Sentei-me ao lado dela e movi o cabelo da minha irmãzinha para longe de seu ombro. — Você está bem, cara?

Ela ignorou minha pergunta e me tomou em vez disso. — Onde você pensa que vai, Tom Hardy de *A Origem*?

— Engraçado. Vou encontrar alguém. Você assiste muitos filmes, por sinal.

Ela sorriu para mim, mas mal. — Você está muito fino. Muito esforço para quem quer que ela seja.

Eu não corriji sua suposição errônea. — Obrigado. Posso arranjar-lhe alguma coisa antes de eu sair?

— Uma máquina do tempo?

— Isso eu não posso, garota. O que quer que você tenha comido vai voltar. Não se preocupe, no entanto, há uma luz no fim do túnel. — Ela concordou, mas não pareceu convencida. — Se você precisar de alguma coisa, ligue para o meu celular.

— Sim, eu tenho certeza que sua namorada apreciaria. — brincou ela.

Eu sorri o melhor que pude e me levantei. — Tchau, Bridge.

— Tchau, Spence.

³ Comediante.

Fechei a porta atrás de mim, e me lembrei para verificar ela quando voltasse.

Capítulo 2

Eu chicoteei meu Aston Martin no Sofitel, mas esquivei o manobrista, optando por estacionar na parte de trás da quadra. Este é um lugar onde eu não tinha necessidade de ser lembrado. Eu só queria me misturar. Eu saí e tranquei minha porta, tirando o meu celular e chamando Lola enquanto eu fazia o meu caminho para a entrada do Sofitel. Ela atendeu no segundo toque.

— Eu estou aqui. Quarto cinco-sete-oito.

— Lobby. — foi minha única resposta.

Eu desliguei. Eu a reembolsaria pelo quarto como eu sempre fazia, para evitar um rastro de papel.

No momento em que entrei no lobby depois de caminhar o restante da quadra, Lola sentou escondida em um canto ao lado da escultura de aço frio no centro da sala. Ela levantou quando me viu, devastadoramente bela como sempre. Ela inclinou a cabeça e eu retribuí. Ela me olhou com apreço, mas como sempre, ela não fazia nada para mim. Notavelmente bonita, mas não muito mais. Além disso, nunca mergulhe a caneta na tinta da empresa, senhores, mesmo que a empresa não esteja necessariamente consciente que ela está abastecida.

Entramos no bar do hotel. Eu, casualmente com minha jaqueta desabotoada e uma única mão no bolso da frente e ela, sedutoramente como qualquer mulher fatal que já existiu. Vi o meu alvo, Peter Knight, esperando no bar, estudando um uísque puro girando no copo diante dele. *Droga*, eu amaldiçoei sob a minha respiração. Ele tinha me batido lá. Ele não notou Lola também, no entanto, fazendo o meu estômago apertar um

pouco na hesitação. Eu esperava que ele estivesse distraído, em vez de o cara ligado que eu suspeitava que ele era. Eu lutei contra a náusea.

Lola e eu sentamos juntos no canto mais escuro do bar, tão fora da vista como se poderia estar. Peter Knight continuava olhando para o relógio, esperando para a reunião com um executivo que nunca viria. Ele pediu mais um uísque e essa foi a minha deixa. Olhei para Lola, assentindo uma vez e ela levantou-se, fazendo o seu caminho em direção a Peter, escolhendo dois assentos depois do dele.

Ela pediu a mesma bebida que Peter tinha porque nós tínhamos feito a nossa pesquisa e sua mão cobriu a borda do copo, a droga que ela segurava na palma da mão caiu no fundo. Eu poderia dizer que já tinha começado a se dissolver. Suas mãos mudaram para os lados do copo para cobrir os efeitos.

Eu sabia que estava totalmente misturado porque suas mãos caíram planas no balcão do bar. Ela se inclinou para trás em seu banquinho e exibiu seus seios, os braços se deslocando para descansar em seu colo. Todo homem com um pulso, incluindo Peter, desta vez, tomou conhecimento dela. Ela estava sem esforço. Ela sorriu lascivamente para ele.

— Oi. — eu ouvi ela respirar.

Peter apenas acenou com a cabeça uma vez e voltou para sua bebida. Confirmado. Ele olhou, mas ele não tocou. Meu queixo pressionou firmemente. *Droga, ele não mordeu a isca. Plano B.*

Lola rapidamente olhou na minha direção e imperceptivelmente balançou a cabeça uma vez. Eu levantei, calmamente tirei um lenço do meu bolso frontal esquerdo, dei um tapinha no meu pescoço e testa, devolvi-o, alisei o meu casaco, puxei minhas abotoaduras garantindo que os punhos estavam firmes e fiz meu caminho para o balcão do bar, deslizando para o banco a direita ao lado de Peter. Ele sorriu para mim, em seguida, olhou para o relógio mais uma vez. Eu estava correndo contra o tempo. O barman se aproximou de mim.

— O que vai ser? — Questionou.

— O que você está bebendo? — Eu perguntei a Peter.

Ele sorriu. — Macallan, dezoito, puro.

— O mesmo. — eu disse com um sorriso, revelando um charme.
Abra espaço para conversa.

— Popular hoje à noite. — disse o barman, simplesmente, fazendo com que minha adrenalina disparasse.

— É um bom vintage. — Eu cobri.

Nós silenciosamente observamos o barman deitar-me um copo correspondente e sair para atender outro cliente. Eu respirei, internamente, um suspiro de alívio.

— Jonathan. — eu menti, estendendo a mão.

Eu sempre fui Jonathan. Eu não acho que "Lola" sabia disso como qualquer outra coisa durante nossas pequenas jogadas.

— Peter. — respondeu ele, mordendo a isca.

Eu tomei um gole, em seguida, coloquei o copo para baixo, nervosamente torcendo-o para frente e para trás nas palmas das minhas mãos. Sentei-me um pouco, verificando minhas ações e me inclinei em direção a ele, fazendo contato visual. *Estabelecer confiança.* Respirei profundamente, tomando mais um gole. *Não perca tempo.*

— Você mora aqui perto? — eu perguntei.

— Não, na verdade, eu.... — ele começou, mas antes que ele pudesse terminar, eu fingi um movimento desajeitado, derrubando a caneta que ele tinha deixado ao lado dele, no chão.

— Eu sinto muito. — disse eu, enquanto nós dois fizemos um movimento para recuperar a caneta.

Agarrei-a primeiro e sem jeito me atrapalhei com ela, distraíndo-o ainda mais. *Espero que ele compre isso.* Eu assisti pela minha visão periférica como Lola sutilmente trocou seu uísque misturado com sedativo

com o copo dele. Quando ela se endireitou, entreguei a caneta de volta a ele. Ele sentou-se em seu banquinho.

— Dedos de manteiga— Eu brinquei.

Ele tomou um gole, um terço do conteúdo do copo desapareceu.

— Nervoso? — Peter perguntou, mais astuto do que eu já lhe dei crédito.

Eu fui com ele. — Uh, sim. Vou me encontrar com uma garota aqui. Encontro às cegas. — Percebi o sorriso de Lola.

— Bem, isso explica tudo então. — ele riu, me batendo no meu ombro dolorido. Tomei a dor. Eu merecia. — Saia cedo, eu sempre digo. Namorar é a cova. — ele brincou.

Limpei a garganta e segui o seu exemplo quando ele tomou outro gole, sem saber do veneno escorrendo pelo esôfago.

— Casado, então?

— Sim. — Ele suspirou. — Trinta anos na próxima semana, na verdade.

Eu sentia as gotas de suor derramar nas minhas costas pela declaração. Ele tomou mais um gole. Eu por pouco me impedi de roubar o copo de suas mãos. *Mesmo se ele cair, o que ele vai, você ainda pode voltar atrás. Apenas ajude-o ir para seu quarto. Ele vai pensar que bebeu muito. Ele só vai acordar com uma boa noite de sono.*

— E você ainda é feliz? — Eu perguntei, ignorando a minha consciência, agarrando qualquer coisa terrível, qualquer coisa que pudesse justificar o que eu estava prestes a fazer.

— Oh, você sabe, não é fácil, não o tempo todo de qualquer maneira, mas eu posso dizer honestamente que eu sou realmente feliz com Maggie. Ela é tudo para mim, se eu estava sendo sincero. — Ele riu de alguma piada particular. *Eu odiava piadas. Minha piada iria destruí-lo se sua mulher descobrisse.*

Meu estômago começou a doer terrivelmente, minha mão sem querer esfregou meu pescoço. Ele confundiu com nervos.

— Não se preocupe, filho Eu estou esperando por alguém, também, embora parece que ele não irá aparecer e eu voei até aqui, tão perto do Natal, para nada. De qualquer forma, eu vou esperar com você.

— Isso é tão gentil de sua parte. — eu disse a ele honestamente quando ele terminou sua bebida.

Ele ordenou outra.

Olhei para Lola e ela bateu levemente em seu pulso, mas evitou o contato visual.

Peter e eu conversamos sobre nada durante os seguintes 15 minutos, mas quando esse tempo chegou ao fim, ele apareceu totalmente embriagado. Tanto assim, que o barman parou.

— Será que ele vai ficar aqui? — Questionou. — Desejo que eu tivesse sabido que o cara não sabia beber.

— Não é um problema. Ele tem um quarto aqui. — eu disse a ele. — Não se preocupe, ele é um amigo. Vou levá-lo de volta para seu quarto.

Ele balançou a cabeça em resposta, colocando nossas comandas no balcão. Eu paguei a sua, bem como minha comanda em dinheiro para evitar rastros ou, de fato, esperando por mais tempo. As drogas estavam fazendo efeito, e eu não tinha certeza se seria capaz de lidar com o peso morto, apesar de minhas repetições diárias de 285⁴.

Eu fiz um movimento para levantar enquanto Peter caiu para frente um pouco. *Você esperou muito tempo.* — Vamos lá, cara. — eu disse a ele, jogando seu braço por cima do meu ombro. Nós fizemos nosso caminho em direção aos elevadores.

— Você é um bom homem. — Peter arrastou. — Isso é raro... alguém tão jovem.

⁴ Levantamento de pesos (em libras).

Eu não respondi, *não poderia* responder, realmente.

Nós quase não conseguimos até os elevadores. Eu lancei-o para dentro e sentei-o contra a parede lateral, em seguida, abri a porta com minha mão, rezando para que ninguém viesse. Lola rapidamente emergiu dez segundos depois, sem falar nada e deixamos a porta fechar.

— Esperamos muito tempo. — Lola finalmente disse, quando chegamos ao seu andar. Ela colocou a cabeça para fora quando as portas se abriram. — Está limpo — disse ela.

Eu balancei um Peter Knight de meia-idade sobre meus ombros com apenas um pouco de dificuldade, feliz pelo resto do minuto que eu tinha tido entre apoiar o seu peso durante a caminhada através do lobby e chegada ao andar de Lola. — Mostre o caminho. — eu disse a ela.

Lola me levou para o quarto dela, rapidamente abriu a porta e entramos. Tudo não poderia ter durado mais do que cinco minutos, mas parecia uma eternidade. Eu lancei-o sobre a cama. Ele deitou lá, com as roupas desarrumadas, o cabelo despenteado, e roncando.

Lola e eu o assistimos por uns bons trinta segundos esperando por ele se mexer, mas ele estava morto para o mundo.

— Vamos começar? — Ela perguntou.

Eu vacilei entre o certo e o errado, desejando-me a apenas caminhar para longe, implorando-me para descobrir uma saída, mas nenhum argumento foi mais convincente do que o milhão eu estava sendo pago. *Além disso, eu pensei, enquanto ele estiver de acordo, este não é um grande negócio em tudo. Ele pode voltar para a sua esposa e filhos e eu posso voltar para Brown um pouco mais rico.*

— Sim. — eu finalmente respondi.

Lola deslizou de seu vestido e estava em seu corpete de renda e ligas, deixou seu cabelo enrolado para baixo e foi até o espelho, inclinando-se para retocar seu batom. Eu fui para a bolsa no balcão de seu banheiro e retirei a minha câmera SLR, apertei o botão de energia e esperei por ela

no pé da cama. Eu a observei, tomando em seu belo corpo, admirando-a, reconhecendo internamente por que ela era a garota de programa mais cara que eu conhecia. Ela me pegou olhando pelo espelho e sorriu com os dentes brancos perfeitos.

Foi quando eu percebi. Ela era de tirar o fôlego, sim, mas se você *realmente* desse uma boa olhada, em suas pequenas falhas, ela era revoltante. Nariz tingido de vermelho de recentemente cheirar. *Claro, pensei, de que outra forma você poderia fazer o que você faz.* Hematomas leves habilmente cobertos com maquiagem em torno da garganta e braços, evidência de sua profissão. Pensei em minha irmã e me perguntei se Lola tinha um irmão ou até mesmo um pai. Costelas salientes, prova a olho nu de que ela passa fome para ficar magra. Outro produto da nossa sociedade. Outra garota linda fez feio pelas pressões e influência de uma vida em LA. Virei a cabeça e observei o homem adormecido na minha frente.

E como você é diferente? Perguntei a mim mesmo. *Você faria qualquer coisa por dinheiro. Você arriscaria a esposa e a família deste homem. E para quê? Assim seu pai pode manipular outro negócio para torná-lo ainda mais rico do que ele já é? Mais dinheiro para gastar em lugares onde o dinheiro não precisa ser gasto?*

Lola arrastou-se através da cama, puxando a gravata de Peter, e lambendo o lado de seu rosto, posando com sua perna em volta da dele.

Clique.

Outro milhão pode dar-lhe maior segurança, garantindo que você pode viver dentro do estilo de vida que você está acostumado, eventualmente, dar a você a liberdade dele.

Lola trocou. Ela desabotoou a camisa e espalhou as unhas pintadas em seu peito, se pressionando perto dele e sorrindo como uma víbora para a câmera.

Clique.

Não é provável que esta tal de Maggie alguma vez vá ver essas fotos de qualquer maneira. É de baixo risco e você terá um bom milhão de uma noite de trabalho.

Lola montou nele, desafivelando as calças e jogou a cabeça para trás com satisfação simulada.

Clique.

Capítulo 3

— Aqui está a sua chantagem. — Eu disse ao meu pai quando ele se sentou em sua mesa.

Ele bateu palmas de excitação, esfregando as mãos rapidamente para trás e para frente e agarrando o pen drive como se ele fosse o diabo e eu tinha apenas jogado um pecado, que é um pouco demais. Virei-me para sair pela porta.

— Fique aqui. — ele ordenou. Eu obedeci, de pé onde eu estava, mas não me virei para encará-lo.

Ouvi-o colocar o pen drive em seu laptop, então apenas alguns cliques do seu mouse.

Ele murmurou. — Estas são boas. — ele riu como uma criança. — Estas são fantásticas. — Ele fez uma pausa. — Uau. Eu poderia fazer uma chamada para Lola...

— Pare. — eu disse, recusando-me a encará-lo. — Eu fiz o seu trabalho sujo, mas eu não tenho que ouvir mais uma maldita palavra.

— Tudo bem. — disse ele, como se eu tivesse lhe dado um tapa. — Um dia você vai entender.

— Confie em mim. — eu disse. — se alguma vez chegar o dia em que eu "entender você", naquele dia também será sinônimo de minha morte.

— Venha aqui. — disse ele.

Eu enfrentei ele em sua mesa.

— Vem por aqui. — ele ordenou.

Ele estava conectado a uma sessão de banco on-line. Era uma transferência bancária. Um milhão de dólares feito para mim. Meu coração começou a correr em antecipação. Ele lentamente pairou o mouse sobre o botão de enviar e pressionou. O clique ressoou pela minha cabeça. Foi diferente desta vez. Também lembra os cliques que me valeu as imagens. Esta transferência não chegou a sentir o mesmo que todas as outras, e meu estômago caiu.

— Você está com muito medo para aceitar isso. — meu pai começou, inclinando-se para trás na cadeira. — mas eu vou dizer assim mesmo. *Essa* transferência. *Essa*, entre as muitas outras, é você "me entendendo".

Recuei lentamente. — Não, não é.

— Sim, é. — ele respondeu com um sorriso igual da serpente, cotovelos nos apoios da cadeira, mãos com os dedos cruzados na frente dele.

— Eu não sou nada como você. — eu disse a ele. *Quem você está tentando convencer?* — Nada. — eu repeti.

— Filho. — disse ele, inclinando-se para frente. — você é eu.

Virei-me e fugi pelo corredor, longe de sua risada de cacarejo, longe de suas acusações, desesperado para deixar as minhas próprias suspeitas para trás. Subi as escadas, lançando pedaços do meu terno no chão, determinado a tomar banho, decidido em lavar o que eu tinha acabado de fazer, quem eu realmente era, mas eu tinha certeza de que não havia nada que pudesse me limpar, para lavar o meu sangue envenenado. Este era quem eu era. A sem esperança personificada.

Vomitei duas vezes, tomei banho e escovei os dentes, mas não fez nada para apaziguar o meu estômago inquieto. Eu entrei em um par de calças Adidas e deitei de barriga na cama, enrolando meu cobertor sobre a minha cabeça depois de ligar o meu aparelho de som. Eu tinha deixado um dos álbuns do The Cure lá.

Toc. Toc.

— Entre. — minha voz falhou. Limpei a garganta. — Entre. — eu disse com vontade.

Minha porta se abriu e eu levantei minha cabeça para ver Bridge. — Como foi seu encontro? — Ela perguntou, pulando em cima da cama e deitando ao meu lado. Mudei para as minhas costas, o cobertor caindo entre nós, e coloquei as mãos atrás da minha cabeça.

— Foi tudo bem. — eu menti.

— Uma inverdade. — disse ela, jogando as mãos atrás da cabeça também. — Mas eu vou deixar assim por agora.

— Você está fazendo muito isso ultimamente. — eu provoquei. — Como você está se sentindo?

— Passou. — disse ela, ficando quieta.

Nós compartilhamos um momento de silêncio.

Finalmente, estudei-a, minhas sobrancelhas enrugaram. — Você está bem?

— Sim, tudo bem. — ela limitou, pulando para cima. — Ei, quer ir jantar sexta-feira? Só você e eu?

— Claro. Mamãe não tem planos para o jantar para nós? — Minha mãe geralmente tinha cada minuto de nossos dias planejados quando eu chegava em casa.

— Não, ela e o pai estão indo para a sua festa de Natal do escritório.

— Tudo bem. Como está a escola?

Ela revirou os olhos para mim. — Você é somente quatro anos mais velho. Você age como se fosse meu maldito pai ou algo assim.

Alguém tem que. — Tudo bem, acalme-se agora. Acalme-se

Ela revirou os olhos novamente, mas sorriu. — Quer assistir *A Felicidade Não se Compra*?

Inferno que não. — Absolutamente não.

— *Um Conto de Natal?*

É como se ela tem uma janela para a minha consciência. — Não, vamos tentar algo engraçado.

— *Um Duende em Nova York.* — ela recomendou.

— *Um Duende em Nova York* então.

Naquela noite, eu abri meu laptop e o coloquei na cama ao meu lado. Eu alternava entre a vontade de entrar em minha conta na Suíça e querer jogar toda a maldita máquina do outro lado do quarto. Eu me decidi em fazer logon. Eu não podia evitar.

Sete milhões duzentos e noventa e três mil oitocentos e cinquenta e nove dólares e dezessete centavos.

Uma queimadura de satisfação irradiava em meu peito e eu não pude evitar o sorriso que apareceu depois, mas essa queimadura se transformou em um tipo diferente de calor, um calor desconfortável no meu estômago quando pensei na imagem imaginária que eu tinha da esposa de Peter Knight.

Imaginei o rosto de Peter, quando ela abriu o envelope de fotos. Imaginei como ele iria confundir e lutar para explicar as imagens que ele não tinha nenhuma lembrança. Imaginei ela golpeando o homem inocente, imaginei arrumando uma mala e as crianças e deixando-o.

Bati meu computador fechado e corri para o banheiro, vomitando mais uma vez. Mas não adiantou. Eu ainda me sentia como o pedaço de merda que eu era, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Minha única opção agora era sentar lá e rezar para que ele fosse escolher a rota de fusão, para salvar sua família.

Meu único consolo era que ele parecia ser o tipo de homem que iria pegar sua família ao invés de sua carreira.

Além disso, ele vai ficar rico com essa fusão... Não importa que ele não queria a fusão, em primeiro lugar, porque ele pensa que seu pai é um canalha desonesto.

E, no entanto, apesar do fato de que eu sabia que era errado, eu ia ficar com o dinheiro porque a ideia de deixá-lo ir era mais dolorosa para mim do que o pecado que eu tinha cometido contra Peter Knight. Eu estava morrendo de medo de admitir isso em voz alta, mas eu era *exatamente* como meu pai. E parecia que eu não podia fazer nada sobre isso.

A ganância era mais poderosa do que a vontade de fazer o certo.

Eu tenho que dar o fora daqui.

Capítulo 4

Tomei o jato particular do meu pai sem pedir. Eu fiz isso muitas vezes, sempre que eu ia cumprir a sua ordem. Ele nunca questionou. O piloto voltaria para Los Angeles, e eu o chamaria de volta quando eu precisava dele.

A limusine estava parada na parte inferior das escadas do avião. Eu imediatamente subi dentro quando o meu celular começou a tocar. Fiquei olhando para o nome exibido em sua tela. Minha mãe. Eu hesitei por um momento, tentando decidir se eu deveria respondê-la.

Acabe logo com isso.

— Olá. — eu perguntei.

— Spence, querido, onde no mundo você foi?

— Estou em Vegas, mãe, o que está acontecendo?

Houve uma longa pausa.

Ela suspirou. — Eu sei que o seu pai pode ser um pouco demais às vezes, mas isso é apenas sua maneira. Ele ama você, querido.

Eu sufoquei uma risada amarga. — Sim, está bem. Olha, eu sinto muito que eu não disse a você, mas eu preciso de um dia ou dois para recuperar o fôlego. Eu estarei em casa em breve. Você nem vai perceber que eu estive fora. — eu encantei.

Ela suspirou mais uma vez. A tática de culpa normalmente funcionava, mas meu desespero para ficar longe do meu pai superou isso. — Bridge está muito desapontada. — ela ofereceu.

Eu suspirei. — Merda. O jantar. Diga a ela que eu estarei em casa sexta-feira. Eu prometo.

— Tudo bem. — ela admitiu. Sua voz era fraca, lembrando-me de todas as vezes que ela falou para o meu pai da mesma maneira.

— Eu te amo. — eu acrescentei, estreitando os olhos. — Eu tenho que ir. Há algo incomodando no carro comigo.

— Tudo bem, querido, te amo também e se cuida?

— Eu vou. — eu menti e desliguei o telefone, colocando-o no banco ao meu lado.

Corri minhas mãos sobre o meu cabelo e alisei minhas calças antes de descansar as palmas das mãos nas minhas coxas. Cortei e acendi o charuto Gurkha HMR⁵ cortesia do hotel, na bandeja ao lado do meu assento. Tomei uma longa e silenciosa tragada, deixando a fumaça lentamente e enchendo o carro com um perfume intoxicante. Para quinze mil dólares por caixa, é melhor ter o gosto e cheirar como a porra do céu.

Eu estabeleci-me um pouco mais profundo no couro. — Quem é você? — Eu perguntei a menina silenciosa no banco em frente a mim.

Ela limpou a garganta, mas falou suavemente. — Sou Piper.

— Esse é o seu nome verdadeiro? — Eu perguntei a ela, abrindo a janela um centímetro para ver as luzes e deixar sair um pouco da fumaça.

Voltei-me para ela. Ela era bonita, sem dúvida. Cabelo cor de vinho brilhante enrolado para encontrar sua cintura, seus olhos eram castanhos e brilhantes e sua pele era impecável.

— Sim. — ela me disse, e eu acreditei nela.

— Piper, porque você está no meu carro?

— Eu fui enviada.

— Por quem? — Eu pedi, olhando diretamente para ela.

⁵ His Majesty's Reserve, é o charuto mais caro e raro que existe

— Eu não tenho liberdade. — explicou ela.

— Ah. — eu disse, deixando-a mentir. — Porque você está aqui? —
Eu perguntei, sabendo muito bem para o que ela estava lá.

— Estou aqui para fazer o que quiser pelo tempo que quiser.

— Isso é vago. — eu respondi.

— Considere-me sua própria *assistente* privada.

— Isso explica tudo, obrigado. — eu provoquei com um sorriso.

Ela sorriu de volta e não era muito desagradável de olhar. Eu decidi que ela poderia ficar, mas eu não tinha certeza de tudo que eu ia fazer com ela. Eu tinha decidido jogar a noite pelo meu ouvido.

— Vamos comer. — eu disse a ela.

— Naturalmente. — ela flertou.

Eu balancei a cabeça e sorri para ela, e em seguida, abri a divisória.
— Joël Robuchon, por favor. — eu disse ao motorista.

Capítulo 5

Oh meu *Deus, a minha cabeça*. O latejar era intolerável. Meus olhos estavam pesados, muito pesados. Comecei a mexer o braço, mas me senti preso por alguma coisa, fazendo-me abrir um olho. Olhei à minha esquerda. *Merda. Merda. Merda*. A parte de trás da cabeça de Piper descansava no meu punho. Eu deslizei meu braço para fora debaixo dela, mas ela só gemeu, morta para o mundo, parecia.

Eu praticamente pulei da cama, cambaleando de volta pela dor na minha cabeça. *Oh, Deus. Oh, Deus. O que eu fiz?* Eu me perguntei, trazendo minhas mãos para a minha cabeça. *Lembre-se. O que aconteceu? Você foi para o jantar...*

Jantar. Era padrão. Bifes, bebidas, *muitas* bebidas alcoólicas. Mais bebida alcoólica do que eu pensava que duas pessoas poderiam beber. Memórias aleatórias de Piper se mudando para o meu lado da cabine, as mãos deslizando para cima das minhas coxas, sua língua na minha orelha. Meu estômago embrulhou e eu me virei, só para tropeçar em um cara aleatório dormindo na parte inferior da escada mestre da villa. Senti-me mal, e não por causa do álcool. Eu fiz o meu caminho para a cozinha, serpenteando ao redor dos parasitas dormindo aos meus pés. Eu precisava de água. Eu cambaleei um pouco, ainda um pouco bêbado. Abri a porta do congelador e enfiei a cabeça dentro.

— Malditos parasitas, todos eles. — disse eu, pensando em todos os babacas desarrumando o meu chão do villa. *Ela é a pior*, eu pensei da megera de cabeça bordô na minha cama. Eu fui para o ar frio, pronto para derramar bile, mas fechei os olhos e engoli em vez disso. Eu respirei profundamente pelo nariz várias vezes e a náusea diminuiu.

Fechei o congelador e abri a geladeira, pegando uma garrafa de água e a abri. Quando eu terminei, eu o joguei no chão e olhei em volta de mim. Trinta ou mais pessoas deitadas aqui e ali escassamente vestidas.

— Vocês não têm propósito! — Eu gritei para eles, mas eles dormiam. — Vocês me ouviram? — Eu arrastei. Alguns de seus olhos se abriram, e assim eu continuei gritando até que eles estavam todos acordados. — Vocês não têm nenhum propósito! Vocês são parasitas inúteis! Cada um de vocês é um parasita inútil!

Eu tropecei para frente e apoiei as mãos sobre o mármore frio da ilha de frente para eles. Todos olharam com medo, seus olhos arregalados antes de se levantarem e recolherem seus pertences, tropeçando em si mesmos em uma ressaca induzida pelo sono para sair da porta.

— É isso mesmo! Caiam fora, porra! — Eu gritei, fazendo minha cabeça latejar mais. Minhas mãos foram para o meu cabelo e eu puxei, desesperado para a dor desaparecer. Olhei em volta de mim e vi uma garrafa vazia de vinho. Agarrei-a e joguei na parede para fazê-los andar mais rápido. Eles pararam quando ela quebrou depois caminharam mais rápido, passando por cima estupidamente.

Eu assisti eles todos com o olho de uma águia e avistei uma menina perto da parte inferior da escada tentando envolver uma peça de roupa sobre uma garrafa de L'or De Jean Martell.

Lancei-me para ela e puxei a garrafa de sua mão. — Eu deveria prender você, sua ladrazinha. — Seus olhos se arregalaram e sua respiração acelerou. Eu equilibrei a garrafa no corrimão e empurrei-a para longe de mim. — Parasitas malditos, todos vocês! — Eu gritei para ela enquanto ela correu para a porta, mas eu a peguei e apertei-lhe em torno dos braços e virei-a. — Sempre procurando por caridade. — Eu rangi na cara dela. — Você sabe o que isso custa? — Ela balançou a cabeça em resposta. — Mais do que você vale a pena, lixo. Mais do que você vale a pena.

Seus olhos se estreitaram em raiva. — Deixe-me ir. — ela ordenou.

Olhei para baixo e vi que minhas mãos estavam cavando em sua carne. Eu a liberei imediatamente. — Saia daqui. — eu lati. Ela correu e eu peguei a garrafa de volta, torcendo fora a tampa e tomando um gole. Ele fez o meu estômago revirar, então eu o cuspi fora e deixei a garrafa virar no chão, derramando o seu conteúdo no azulejo enquanto a garrafa balançava lentamente para trás e para frente. Milhares de dólares de conhaque laranja queimado infiltrou-se na argamassa e eu dei de ombros. *Oh bem.*

Subi as escadas, mais uma vez, passando minhas mãos sobre meu rosto. *Só mais uma pessoa para expulsar.* Eu arrastei o meu pé ao longo do último degrau, indo para a suíte principal, mas mudei de ideia no último segundo, optando por um banho em vez disso, esperando que isso me deixe sóbrio. Eu passei em torno das várias garrafas vazias de bebidas alcoólicas espalhadas pelo corredor indo para o chuveiro mais próximo e me tranquei no lugar.

Eu nunca me dei bem com o sexo. Eu sempre me sentia mal depois, e eu não estava realmente certo do porquê. Sim, na companhia de amigos, eu gabaria meu quinhão de conquistas, fingindo que as garotas não significam nada para mim, porque isso é o que caras fazem. Patético como é, eu admito, mas a realidade disso era que o meu estômago estava pesado com culpa, meu peito batendo dolorosamente depois, e tudo o que eu queria fazer era fugir, assim como sempre quero fazer quando eu faço más decisões. Por isso, Vegas.

Pergunte a si mesmo uma coisa. Você já pensou sobre o porquê que os caras querem que você desapareça no dia seguinte? Não é porque eles têm coisas para fazer, embora eu tenha certeza que existem alguns idiotas que pensam assim, ou porque eles repetiram a loucura muitas vezes que eles aprenderam a enterrar a culpa ou porque não tem uma consciência para começar. Mas, na verdade, é porque eles não podem *suportar* olhar para a razão que eles sentem um buraco em seu peito. Eles não gostam de lembretes de quem ajudou a colocar essa sensação de mal estar na boca de seus estômagos. Enquanto eles tinham uma mãe decente, a culpa é

sempre grande. Sempre. Se eles dizem de forma diferente, eles são mentirosos. Eu não tenho certeza se o sentimento vai para garotas, mas eu estou disposto a apostar que poderia. Quero dizer, elas são humanas, certo? Elas têm as mesmas vozes pequenas em suas cabeças que nós temos.

Garotas, eu vou lhes dizer uma coisa que eu provavelmente poderia obter o meu traseiro chutado por amarelar, mas que inferno, aqui vai: Esperar para ter sexo com alguém até que eles dizem que amam você é um truque, um artifício, um engano... um *jogo*, se você quiser.

Agora, antes de perder a sua cabeça, ou algo assim, me escute. Eu não estou dizendo que não é possível para você fazer sexo com alguém que você está namorando que ama você, mas eu *estou* dizendo que se eles te amavam como eles disseram que eles amavam, eles não iriam colocá-la na situação para começar. Eu não vou mentir, eu tive muito sexo com muitas garotas, e foi ótimo. Bem, isso foi ótimo até o dia seguinte, de qualquer maneira. Inferno, eu mesmo menti para algumas e lhes disse que eu sentia mais do que eu realmente sentia. Chocante, mas, baby, todos nós fazemos isso porque caras adoram sexo mais do que eles amam você, acredite.

Há duas coisas que eu descobri com o ato. Um, os caras adoram sexo, porque eles amam a sensação. Nada mais. Dois, as garotas gostam de sexo porque é bom também, mas, elas querendo ou não, há também um laço emocional. Eu não posso imaginar uma menina fazendo sexo com um cara que ela realmente não conhecia e não se sentir quase psicótica depois porque ela será para sempre ligada a esse cara que ela mal conhece.

Porra, eu só compreendi por que tantas garotas com quem eu dormi perderam a cabeça depois, por que elas se tornam um pouco desesperadas para ligar e conectar e procurar algo que nunca será. Quase me faz sentir mal—quase.

Liguei o chuveiro e me inclinei contra o mármore na pia até que a água começou a evaporar. Eu esfreguei meu rosto com as mãos, desesperado para ficar sóbrio, observando a barba que tinha crescido e tentando decidir se eu queria barbear. *Dane-se*, eu pensei.

Fechei os olhos.

Piper se aproximou de mim, pressionando seu corpo perto do meu enquanto a batida da música permeou a nossa pele e vibrou contra todo o sentido que possuíamos. Sua boca se moveu na minha. Eu podia sentir os cantos de seu sorriso se levantando em meus lábios. Seus olhos brilharam com diversão como se ela tivesse ganhado alguma coisa, mas eu não me importava, desde que ela me deixasse tocá-la mais. Eu percebi rapidamente que eu não sabia onde eu estava, mas eu estava muito feliz, muito bêbado para dar uma merda.

— Quer um? — Ela perguntou, estendendo a palma da sua mão. Um coração rosa minúsculo no centro.

— O que é isso?

— Ecstasy, é claro. — disse ela, estalando o comprimido em sua boca.

— Não posso. — eu disse a ela, balançando a cabeça. — Eu tenho testes de drogas na escola. — eu arrastei.

— Quem se importa. — Piper ofereceu, balançando seu corpo firmemente contra o meu, me fazendo esquecer sobre a escola completamente. Ela trouxe o rosto no perto do meu. — Vamos lá, todas as crianças legais estão fazendo isso. — ela provocou.

Eu sorri para ela e essa era toda a resposta que ela precisava. Ela me beijou e eu percebi que ela tinha colocado um outro comprimido na sua língua. Engoli em seco, indiferente... para o momento.

— Tolo estúpido. — eu disse para o espelho, anojado com a memória.

Eu balancei minha cabeça, na esperança de evitar o flashback e comecei a me despir. Quando eu levantei minha camisa sobre a minha cabeça, minhas costelas sentiram doloridas como a merda. Eu inspecionei meu reflexo, limpando o vapor do espelho pela primeira vez. Pela minha parte inferior do lado esquerdo, meu peito parecia que estava

quebrado. Era um preto e azul escuro. Eu levantei meu braço esquerdo sobre a minha cabeça e timidamente tracei o hematoma enorme, com os dedos de minha mão direita, encolhendo-me em um ponto particularmente sensível.

— *Alguma vez você já se sentiu livre.* — *ela perguntou.*

— *Nunca.* — *eu respondi com sinceridade. Eu mal conseguia manter os olhos abertos.* — *Eu moro em uma gaiola.* — *eu enfeitei.*

— *Coitadinho.* — *Piper murmurou, passando as unhas vermelhas pelo meu rosto. Ela não era sincera, nem sequer um pouco. Raiva brilhava brevemente em seu rosto.*

— *Eu sei o que você está pensando.* — *eu ressoei através de uma língua grossa.* — *mas você estaria errada.*

— *Não, eu não estaria.* — *ela sussurrou.* — *Você vive uma vida de privilégio.*

— *Isso não é nem metade do que é. Você sabe o quão difícil é ser uma boa pessoa com o dinheiro?*

— *Você sabe o quão difícil é ser uma boa pessoa sem ele?*

Ficamos em silêncio, observando as fontes abaixo do meu villa de vinte andares.

— *Você quer se sentir livre?* — *ela perguntou.*

— *É claro.* — *eu admiti.*

Ela pegou minha mão e levantamos. Ela arrastou um sofá chaise para a borda do parapeito de concreto e empoleirou no topo, quase caindo de tão embriagada que ela estava. Ela riu, então escorou uma mão no meu ombro antes de equilibrar um pé de salto alto na borda da sacada.

— *Você é louca.* — *eu disse a ela.*

— *Eu sei.*

Mas eu a segui. Por alguma razão, eu a segui. A voz da razão de minha mãe surgiu na minha cabeça, algo sobre amigos e pontes e saltar,

mas eu ignorei. Eu coloquei meus sapatos da Church's in London sobre a almofada da chaise. Fiquei olhando para o pé, aparentemente incapaz de mover um centímetro. O medo penetrou em minha barriga, me assegurando de onde eu estava.

— Vamos lá. — ela sussurrou em meu ouvido.

Eu endureci meu estômago e levantei da chaise. Virei-me para o mundo à nossa volta e respirei profundamente o ar fresco que só pode ser encontrado na altura que estávamos. Eu deixei o vento correr através do meu cabelo e dei mais um passo para a borda do parapeito antes de levantar todo o meu corpo.

Eu estava à beira de vinte andares, de alegria, de adrenalina, de estupidez, mas mais importante, eu estava no precipício da morte. Virei-me para Piper, seus olhos eram selvagens enquanto o vento soprava seu cabelo em torno de seu rosto e grudava seu vestido ao seu corpo.

Ela pegou minha mão para firmar-se e virou-se para mim.

— Você sente isso? — Ela perguntou.

— Sentir?

— Você se sente vivo agora?

— Não.

Ela me ignorou e enfrentou as fontes abaixo.

— Eu me perguntava o que aconteceria se eu pulasse. — ela afirmou o assunto com naturalidade, mas eu poderia dizer que ela não se importava se eu respondia a ela. Ela estava contemplando.

— Você é louca. — eu disse a ela.

— Eu sei. — admitiu ela, levantando um sorriso do Cheshire em minha direção.

Ela enfrentou o vento e gritou, fazendo com que minha adrenalina subisse ainda mais do que já estava.

— Você está acabando com meu zumbido. — eu disse a ela.

Ela se virou para mim, mas foi uma reação muito rápida para seu corpo bêbado, e ela tropeçou. Ela começou a cair para frente, mas não fez nada para parar a si mesma. Em vez disso, ela fechou os olhos como se ela estava no topo de uma montanha russa, pronta para cair.

Joguei-a de volta e ela caiu em cima da chaise, ilesa.

Mas eu perdi o equilíbrio. Meus braços enrolaram ao redor, como se isso pudesse me equilibrar. É isso, pensei. Pobre mãe. Pobre Bridge.

Meus pés escorregaram de debaixo de mim e eu comecei a cair, mas no último segundo, Piper puxou com força meu braço, puxando-me de volta para o deck do villa. Não foi longe o suficiente e eu agarrei o meio da sacada solidamente ao meu lado.

Meu braço esquerdo caiu para o meu lado, mas eu mantive a minha mão direita sobre a contusão que estava crescendo. Oh meu Deus, pensei. Eu poderia ter morrido. Levantei as mãos trêmulas e as corri através do meu cabelo, e então pelo meu rosto. Olhei para o meu reflexo, me perguntando se eu mantivesse isso se a minha pobre mãe teria de me enterrar no mausoléu da família antes mesmo de eu terminar a faculdade.

Entrei no chuveiro e sentei-me no banco de azulejos, deixando o enxame de vapor em torno de mim, esperando que me esconderia para sempre. Meu coração batia de forma irregular no meu peito, recordando que eu quase não sobrevivi. Minha pele ardia de raiva pensando sobre a ruiva, pensando em seus sussurros, sua persuasão suave. Ela era tão convincente, tão sedutora, tão persuasiva.

— Aquele. — disse ela, apontando para o Bugatti

Meu mordomo pessoal, um senhor chamado Lawson, se aproximou de nós enquanto nós permanecemos perto do Bugatti. Eu tomei uma respiração profunda para limpar a minha cabeça do álcool e ecstasy, esperando que eu pudesse retirar o aluguel sem problemas.

— O Bugatti, senhor? — Ele questionou.

— Sim, obrigado, Lawson.

— Só assine aqui, senhor. — disse ele, oferecendo-me a prancheta e o acordo de licenciamento que eu assinava toda vez que eu vinha para cá.

Peguei a prancheta e a caneta e tentei firmar minha mão, mas eu não era muito convincente.

— Está tudo bem, senhor? — Perguntou Lawson, suas sobrancelhas franzidas.

— Claro. — eu disse, sorrindo. — Só cansado, eu acho. Vou levá-lo até segunda-feira, Lawson.

— Sim, senhor. — disse ele, estudando-me por um momento, em seguida, pegando a prancheta da minha mão.

Ele virou-se e caminhou atrás de uma parede para onde quer que eles mantinham suas chaves. Piper correu suas mãos pelo lado do carro com um brilho de satisfação nos olhos.

— Tão bonita. — ela sussurrou.

Eu coloquei minhas mãos nos bolsos da frente e encostei-me ao exterior. — É uma Bugatti, Piper. — Eu disse a parede.

Ela parou e se levantou, apertou as sobrancelhas para mim. — Eu sei disso!

Eu suspirei. — Acalme-se.

Ela obedeceu. — Posso dirigir?

— Não.

Ela caminhou todo o perímetro do carro passando as mãos ao longo de seu comprimento, cobiçando cada centímetro. Patético, eu pensei.

— Suas chaves, Sr. Blackwell. — disse Lawson, aparecendo do nada. Ele me entregou as chaves e eu abri a porta para Piper antes de entrar do lado do motorista.

Lawson deslizou abertas as grandes portas sanfonadas de vidro para eu seguir através. Eu coloquei a chave na ignição, então apertei o botão de arranque logo abaixo da alavanca de câmbio. O motor roncou baixo, mas

dentro da cabine, a Bugatti tinha o som distinto de estar em um túnel de vento. O motor era tão poderoso. Ela ronronou tão suavemente, eu imaginava semelhante ao deitar na barriga de um leão satisfeito. Ela era linda.

Eu timidamente a levei para fora e para a rua. Eu podia sentir os olhos de Lawson em mim. Ele nunca se atreveria a questionar-me ainda mais do que ele tinha, mas eu acho que ele sabia que algo estava errado. Se ele não sabia então, ele definitivamente soube mais tarde.

Eu balancei a cabeça, incapaz de lembrar mais. — O que aconteceu? — Eu perguntei o ar denso e úmido na minha frente. Eu procurei e procurei, mas não conseguia me lembrar... mas parecia que eu deveria.

Eu levantei, tentando desesperadamente lembrar, e comecei a lavar meu cabelo, sentindo sobrecarregado, sentindo como se fosse imperativo que eu me lembrasse do que aconteceu em seguida.

Comecei a lavar e olhei abaixo para os meus pés. A água corria vermelha. Que diabos?

— Mais rápido. — ela gritou, e eu me senti impotente, mas a obedecer.

Eu soquei o gás, ganhando um sorriso diabólico, quase desumano em troca. Ela tirou o cinto e se apoiou no meu pescoço, me inspirando profundamente, fazendo o cabelo dali levantar. Ela traçou as unhas vermelhas laqueadas ao longo dos arrepios lá antes de correr sua língua ao longo do comprimento. Meus olhos rolaram para trás em minha cabeça.

Eu senti o carro puxar um pouco à esquerda e eu chicoteei minha cabeça, em seguida, corriji ela, apesar da minha cabeça estar intoxicada, nadando. Whoa, eu pensei. Virei-me para dizer-lhe para colocar seu cinto de volta, mas fiquei mudo, distraído por ela deslizando para o meu colo e enfiando os dedos em torno da volta do meu pescoço.

— O que você está fazendo? — Eu sorri em sua boca, atrapalhado por uma combinação de álcool, ecstasy e como incrivelmente sexy ela era.

Cada toque único dela era indescritível. Ela correu os dedos pelo meu cabelo e eu estremei com a sensação. Ela respirou no meu pescoço e eu senti os músculos do meu estômago apertar. Ela puxou meu cabelo na parte de trás da minha cabeça em sua mão e puxou para baixo antes de me beijar.

O formigamento em meus lábios explodiu e minha resposta para ela foi imediata enquanto as minhas mãos abandonaram o volante.

— Oh, Deus. — eu respirei. — Eu amo isso.

— Eu também. — ela sussurrou de volta antes de morder minha orelha. — Você sabe o que tornaria ainda melhor?

— O quê? — Eu perguntei, de repente e sem cuidado disposto a realizar o que ela pedisse.

Meus olhos rolaram na parte de trás da minha cabeça novamente, quando ela correu os lábios até minha garganta.

— Isto. — disse ela, seus olhos soprando amplos e seu sorriso de serpente antes que seu salto prendeu em meu pé no acelerador.

Eu suguei uma respiração enquanto avançávamos. Ela trouxe sua boca para mais perto da minha e me beijou profundamente, me distraindo mais uma vez e mordeu meu lábio inferior com força, tirando sangue. O toque acobreado de ferro encheu minha boca e me acordou, lembrando-me para dirigir.

Tentei afastar de seu beijo venenoso, mas ela segurou firme, dirigindo os lábios mais firmemente contra os meus.

— Pare. — eu falei em sua boca, mas ela continuou a me ignorar. — Pare. — eu disse de novo, com mais ênfase, mas ela recusou-se a mover-se.

Eu puxei seu cabelo para trás, fazendo ela gritar de prazer, e olhei por cima do seu ombro enquanto tentava obter seu calcanhar fora do topo do meu pé, mas já era tarde demais.

— Oh, merda. — eu respirei.

Como se o tempo tivesse parado, Piper olhou por cima do seu ombro, seu cabelo chicoteando ao redor com ela para ver o estrago que ela tinha

feito antes de se voltar para mim e inclinar-se para o meu pescoço. — Você se sente vivo agora? — Ela sussurrou.

Eu respirei ríspidamente.

Tempo acelerou mais uma vez e o carro foi de encontro com algo substancial nos jogando para frente e depois para trás. Vidro girou em torno de nossas cabeças em cacos coloridos refletindo as luzes da Strip. Eu segurei-a com tudo o que tinha, embalando sua cabeça no meu peito, enquanto nossos corpos açoitaram brutalmente para o lado do passageiro, em seguida, de volta para a janela do lado do motorista, onde a parte de trás da minha cabeça quebrou o vidro.

Blackout.

— Vamos. — ela sussurrou em meu ouvido esquerdo.

Eu gemia, com dores terríveis, desejando que pudesse morrer e logo.

— Vamos. — ela insistiu, me arrastando pelos meus braços para fora das pilhas afiadas de vidro estilhaçado. — Nós temos que ir antes de a polícia chegar.

— O quê? — Eu perguntei, ainda chegando.

Sirenes quebrando a perpétua buzina estridente do carro. Ela me ajudou a ficar de pé e passou um braço em volta da minha cintura. Nós tropeçamos longe do acidente, para grande confusão de curiosos.

Eu me assustei da memória e balancei a cabeça, examinando o topo do meu pé e percebendo um corte profundo que seu salto estileto tinha furado completamente. Minha mão foi para a parte de trás da minha cabeça e eu estremeci com o ponto fraco onde meu crânio tinha encontrado o vidro.

— Oh meu Deus. — eu disse.

Eu assisti a água tingida de vermelho rodopiar em torno do dreno e de repente me senti tonto.

— Que diabos eu fiz?

Sentei-me de volta e corri minhas mãos pelo meu rosto mais uma vez, mais uma vez, recuando a partir da dor no meu lábio inferior de onde ela tinha me mordido.

— Spencer? — Ouvi sua voz enganosamente angelical chamar.

Punhos cerrados em meus joelhos.

— Saia. — eu pedi.

Suas mãos finas laqueadas da cor de sangue limpavam a condensação construída sobre a porta de vidro do chuveiro. Seu sorriso foi a primeira coisa que eu vi, e eu tremi com o quão perturbador eu achei na luz. Seus olhos investigaram os meus, e eu percebi como sem alma eles pareciam agora que eu vi o que ela era.

— Saia. — Eu exigi novamente.

Ela fez seu beicinho fingido e abriu a porta do chuveiro antes de entrar em seu roupão. Ela me olhou e começou a puxar para baixo uma cinta, mas eu a parei.

Eu bufei em descrença. — Absolutamente não. Caia fora daqui agora.

— Oh, Spencer, eu não acho que você quer que eu faça isso.

— O inferno que eu não quero! Você é comprovadamente louca, você sabia disso?

Ela suspirou e inclinou-se contra a parede do chuveiro, como se ela não estava usando um roupão de cetim. — Está voltando para você, então. — ela afirmou, em vez de perguntar.

Engoli em seco. — Eu me lembro de tudo.

Ela me estudou com sobrelanceiras franzidas. — De *tudo*? — ela perguntou. Eu a observei. — Mesmo o dinheiro?

Meu coração acelerou. — Que dinheiro?

— Então... de tudo *não*.

Ela parecia ter algum tipo de emoção doentia de conhecer esta parte da noite que eu não conseguia lembrar.

— O que aconteceu? — Eu perguntei a ela.

Ela começou a rir, gargalhar muito, e escapou do chuveiro. Levantei-me e joguei uma toalha em volta da minha cintura. Eu segui as trilhas molhadas de seu roupão por todo o caminho para o quarto, mas não consegui encontrá-la.

— Piper. — eu chamei, examinando o quarto. — Piper! — Eu chamei novamente, vasculhando o closet, mas ela não estava lá.

Eu saí correndo do quarto, correndo pelo corredor até o topo da escada e olhei por cima da borda. — Piper! — gritei para baixo, mas ela não respondeu.

Desci as escadas e inspecionei a sala de estar, bem como a cozinha. Ela tinha ido embora. Abri as portas da villa e esquadrinhei a sacada, mas nenhuma Piper. Corri de volta através da sala de estar e praticamente joguei a porta da frente fora de sua articulação.

— Piper! — Eu gritei para o corredor vazio.

Eu tropecei de volta para o quarto e fechei a porta, descansando as costas contra a sua superfície plana. — Onde no...

Minhas mãos começaram a tremer quando um pensamento veio à frente da minha mente. Devagar, bem devagar, eu caminhava de volta pela sala, hesitando em passar por cima da soleira da sacada. Minha respiração se aprofundou.

— Oh, por favor, Deus. Por favor, Deus. — Eu rezei baixinho quando cheguei ao corrimão.

Eu coloquei minhas mãos na borda e me inclinei.

— *Vamos.* — *ela sussurrou.* — *Vai ser divertido.*

Ela me arrastou pela minha gravata no andar dos jogos de azar, o andar privado apenas para as baleias⁶.

— Estou bêbado demais para jogar, Piper. Além disso, minha cabeça dói como uma mãe. — Eu arrastei.

— Shh. — ela acalmou a minha orelha esquerda. — você vai fazer bem.

Segui-a até o recepcionista e ele estava parado quando me viu.

— Senhor Blackwell, vamos nos juntar em uma mesa hoje à noite?

— Sim, por favor. — eu murmurei.

— Sua conta está em dia. Aqui está o seu cartão. — disse ele, oferecendo-me a leitura digital dos meus ganhos para o ano passado.

Eu tinha ganhado perto de dois milhões, esperando para adicioná-lo à minha total na Suíça. Meu dinheiro semente. O dinheiro que eu usaria para fugir, para me sentir livre... finalmente.

— Desta forma, para as mesas de baccarat. — disse ele, apontando-me para a esquerda no andar.

Ele me conhecia bem. Baccarat é o meu jogo porque o jogo não favorecia nem a casa nem o jogador. As chances eram quase meio a meio. É por isso que eu gostava. Era um jogo seguro, simples, e eu ganhei mais do que eu tinha perdido. Eu jogava com o dinheiro do meu pai, mas os dois milhões era o lucro puro e todo meu.

— Não, desta vez nós gostaríamos de jogar Black Jack. — Piper soou dentro.

— É claro. — disse o recepcionista obedecendo, nos levando na direção das mesas.

— Black Jack? — eu perguntei a ela.

— Sim, Black Jack é muito mais divertido.

⁶ Um patrono rico a um casino, é pago uma atenção especial por uma série de casinos para que o patrono vai se sentir confortável para jogar mais dinheiro.

Eu não respondi. Minha cabeça estava batendo tão furiosamente, eu só fui junto. Basta jogar algumas mãos e ir embora, eu disse a mim mesmo.

Nada. Não havia nada a seguir. Ela não tinha saltado.

Eu cambaleei de volta para a casa e fechei a porta da sacada, fechando-a atrás de mim antes de arrastar os pés para o sofá e caindo em cima. Meu rosto pendurado perto da borda, obrigando-me a reconhecer a confusão, o caos, em torno de mim.

Eu vi uma garrafa de Jack ainda debaixo de uma mesa de vidro estilhaçado. Tinha talvez uns 30 ml de licor deixado dentro e sentou-se, o líquido dourado perfeito dentro de seu caixão de vidro claro, à espera de seu destino, esperando para ser consumido ou descartado... muito como eu.

Eu estava tão cansado de noites como aquelas. Tão cansado de temer o desconhecido, de descobrir experiências de quase morte, expondo-me a coisas perigosas que eu não me lembrava até que era geralmente muito tarde. Aquela noite pode parecer fora do comum, mas não para mim. Não para Spencer Blackwell. Isso era bastante típico para mim. Essa era a minha vida ou, muito provavelmente, eu sabia, em breve será o fim de tudo.

— É só pegar o seu dinheiro, enviá-lo para a Suíça e chame-o do que quiser. — Eu me virei e deitei nas minhas costas. — Saia agora, enquanto você ainda pode. Fuja.

Subi as escadas, me vesti e peguei minha mala antes de ir para o lobby para fazer o check out, mas primeiro eu precisava sacar. Visitei a nova recepcionista, uma mulher desta vez, alguém que eu tinha visto antes, mas não conseguia lembrar o nome dela.

— Bom dia, Sr. Blackwell. — ela cumprimentou alegremente, com o cabelo limpo e mantido, os dentes brilhantes e brancos.

— Bom dia. — eu disse a ela, com a voz áspera. Olhei para mim mesmo, plenamente consciente de que apesar de minhas roupas de grife, eu parecia como se espera.

— O que posso fazer por você?

— Eu gostaria de sacar, por favor.

— Não mantendo o seu saldo aqui? — ela perguntou.

— Não, eu decidi tomar um respiro um pouco.

— Um momento. — disse ela, se escondendo para alguma área na parte de trás.

Encostei-me ao balcão, pronto para pedir em voz alta para ela voltar rapidamente que eu estava com muita dor.

Ela voltou um ou dois minutos depois, mas pareceu uma eternidade.

— Senhor Blackwell, parece que você não tem um saldo de lucro.

Minha boca ficou seca. — Desculpe-me?

Ela olhou para a tela do computador na frente dela. — Sim, parece que você perdeu o seu saldo. Na verdade, há um acordo em dívida de 5,7 milhões.

Meu coração pulou na minha garganta. — Isso não pode ser. — eu insisti, apoiando minha cabeça em minhas mãos. Eu não acho que poderia ter muito mais pressão. — Certo. — eu respirei. — Carregue-o para a conta do meu pai. — eu disse a ela.

— É claro. — disse ela.

Quando ele descobrisse, ele iria tirar os privilégios signatários.

— Obrigado. — eu murmurei antes de ir para o lobby e sentar na cadeira mais próxima para recuperar o fôlego.

Eu perdi tudo. Eu estava confiando nesses dois milhões de dólares para financiar parte da minha liberdade. Agora, eu sabia que eu ia ter que viver mais um ano sob o polegar do meu pai para fazer as pazes.

O próprio pensamento me fez querer vomitar. Então eu fiz. Em todo o chão de mármore caro.

Capítulo 6

Eu estendi a cadeira para ela e ela enfiou-se nela enquanto eu empurrei-a no lugar. Olhei ao meu redor. Todos os olhos no lugar estavam descascados e olhando um buraco no vestido minúsculo que pedi a ela para mudar, mas ela não o fez. Bridge nunca me ouvia quanto a essas coisas. Nunca.

— *Idiotas.* — eu falei entre os dentes cerrados em direção a todos os olhos lascivos.

Quando me sentei, eu imediatamente lancei um olhar afiado para o idiota de cinquenta anos de idade na mesa ao lado. Ele estava usando um anel de casamento e estava despindo Bridge com os olhos. Quando ele me pegou olhando, seus olhos se arregalaram por um momento. Constrangido, o seu rosto redondo vermelho brilhante encontrou o teto. Aparentemente, era fascinante. Eu tinha algo tão fascinante—meu punho. Em seu rosto estúpido. Minha mão fechada, a pele das minhas juntas puxando apertada, o sangue lutando para alcançar meus dedos. Após Vegas, eu estava no clima para uma luta.

— Estou grávida. — ouvi na minha esquerda, me chocando. Meu olhar chicoteou de volta para seu rosto. Meu coração batia forte em meu peito. Minhas mãos se abriram.

Por um breve momento sentamos lá, quietos, imóveis, o idiota esquecido. Minha respiração correu dentro e fora de mim, apressada e pesada.

Minha mão disparou e meu copo de água balançou, a água espirrando violentamente quando eu o trouxe aos meus lábios.

De repente, eu nunca estive mais sedento.

O conteúdo inteiro derramado pela minha garganta em um único gole. Eu coloquei o copo para baixo lentamente, usando as duas mãos para firmar o copo tremendo, e eu me sentei um pouco. Eu inconscientemente tinha caído na minha cadeira. Limpei a minha boca com o guardanapo de linho que estava a minha direita. O guardanapo pressionado, engomado, perfeito que eu distraidamente notei que meu pai teria reclamado simplesmente porque ele podia.

— Como? — Eu perguntei, engolindo em seco.

Ela levantou uma única sobrancelha. — Bem, você vê, quando um homem e uma mulher se juntam...

— Bridge. — eu quase gritei, batendo a mão na mesa. Os utensílios tilintaram e badalaram, deslizando para o conjunto de porcelana chinesa. — Isso não é hora para piadas. — Eu cerrei os dentes, lembrando-me de meu pai. Os olhos dela se apertaram com força e seu lábio inferior começou a tremer. Imediatamente, eu puxei meus lábios separados. Eu relaxei meu punho e deixei a minha mão escorregar para fora da mesa. Perguntei tão gentilmente quanto eu podia: — Como, Bridge?

Ela tomou uma respiração profunda, vacilante e virou seu olhar para longe do meu. — Eu não sei, para ser honesta. — Pequenos pedaços de umidade começaram a se reunir nos cantos dos seus olhos. Ela examinou o copo de água, correndo o dedo ao longo da base da taça.

— Quem? — Eu perguntei, ignorando as lágrimas.

Eu não tenho tempo para lágrimas. Eu não tenho tempo para simpatia. Estávamos na merda. Ela sabia disso. Eu sabia.

— Eu não quero dizer. — disse ela.

Os olhos dela se mudaram para seu colo enquanto ela distraidamente mexeu no guardanapo deitado através de seus joelhos.

— Eu sou seu irmão, Bridge. — Eu me inclinei para ela sobre a mesa e estreitei meus olhos. — Eu preciso saber quem eu pretendo matar.

Seus olhos pararam nos meus. — Não seja um idiota exageradamente dramático. E eu não vou dizer uma só palavra de qualquer maneira. Eu disse ao pai e ele não quer ter nada a ver com isso. — Meu sangue ferveu a uma temperatura perigosa. *Imbecil*. — Eu pedi a você para jantar por uma razão e uma única razão.

Fechei os olhos e dei uma boa e sólida respiração. — O que você precisa?

— Ajuda dizendo ao nosso pai.

Eu balancei a cabeça, ainda absorvendo tudo e tentando trazer o meu ritmo cardíaco para baixo. Então me dei conta.

— A náusea. — eu disse, lembrando o dia em que eu cheguei.

Ela assentiu com a cabeça uma vez, as lágrimas ameaçando derramar novamente.

Bridge não comeu muito. Nem eu, para essa matéria. Eu não sei exatamente se era o fato de que ela se queixava de sentir-se doente de novo, que colocou meu coração batendo um padrão anormal, ou o fato de que estávamos prestes a soltar a maior bomba sobre os ombros dos meus pais. Saímos sem falar. Memórias de Vegas mantiveram invadindo os meus pensamentos, e eu me senti enjoado de mim.

— Espere, eu esqueci minha bolsa. — disse ela, quando chegamos ao meu carro.

— Eu vou buscá-la. — eu disse a ela, e abri a porta para ela.

Observei seu corpo de dezessete anos de idade saltar para dentro. Ela amarrou-se ao seu lugar, em seguida, enfiou a perna debaixo dela, a forma como tantos jovens adolescentes fazem, e torceu uma mecha de seu longo cabelo loiro em torno de seu dedo enquanto enviava mensagem de texto para alguém com a outra mão.

Tudo o que eu conseguia pensar enquanto eu olhava para ela era que ela era muito jovem. Ela era jovem demais para estar grávida. Ela era a minha irmãzinha. Minha pequena Bridge. Tudo bem, ela era apenas

quatro anos mais nova, mas isso nunca importou para mim. Quando ela tinha dez anos, eu tinha quatorze anos, e lembrei-me de eu assustando os valentões que puxavam suas tranças. Quando ela tinha quinze anos, eu tinha dezenove e eu gostaria de gritar com ela para parar de usar aqueles shorts malditos em torno dos meus amigos. E então ela ficou grávida, e eu ainda me sentia muito parecido com o irmão mais velho que eu era. Eu só queria poder tê-la protegido melhor, mas ao invés disso eu conduzi pelo pior exemplo de todos. O sorriso Cheshire de Piper apareceu na minha cabeça, e eu vacilei.

Peguei a bolsa de couro ridiculamente grande de Bridge da sua cadeira esquecida e me dirigi para a porta. Eu pulei no meu carro.

— O Buraco? — Eu perguntei, tão chateado comigo mesmo, eu poderia ter chutado o meu próprio rabo.

— É claro. — respondeu ela, seu olhar olhando para a rua movimentada.

"O Buraco" era onde cinquenta ou mais do nosso grupo de elite se reuniria na casa de um de nossos pais, porque era inevitável que os pais de alguém estaria fora da cidade. Iriamos ao "buraco" para o fim de semana, farra em drogas, sexo e álcool.

Bati a palma da minha mão no volante. Eu me inclinei para frente e liguei o carro. Eu caí de volta para o meu lugar e passei a mão pelo meu rosto.

— Jesus. Eu só—Bridge, precisamos de um plano.

Ela virou em minha direção. Ela parecia tão perdida. — Obrigada por me ajudar, Spence.

— Por favor, Bridge. Seus problemas são meus problemas. — disse eu, acertando o acelerador.

Nós sentamos no carro, no final da nossa rua, olhando para a casa monstruosa dos nossos pais. Eu ouvia em silêncio Bridge chorando. Tentei consolá-la, mas não adiantou.

— Vamos acabar com isso. — eu disse.

— Eu quero esperar até depois do Natal. Isso vai matar mamãe.

— Não, nós vamos dizer-lhes esta noite. Quanto mais cedo, melhor. Eu vou ser capaz de desarmar isso melhor quanto maior tempo.

— Então você vai voltar para Brown depois de tudo isso?

Olhei para ela como se ela tivesse enlouquecido. — Por que eu não voltaria?

— Bem, eu apenas pensei que você gostaria de ficar por um tempo.

— Bridge, papai não vai deixá-la manter isso.

— Eu não dou a mínima. Eu vou.

— Vamos ver o que acontece. — Ele nunca iria deixá-la ficar com ele.

— Não, eu preciso que nós estejamos unidos com isso, Spence. Eu preciso saber que quando eu me levantar para o papai você vai estar lá para me apoiar. Eu preciso de apoio. — Ele ainda não a deixaria ficar com ele.

— Tudo bem, Bridge.

Eu estacionei no meu lugar e saí, Bridge seguindo logo atrás de mim. Quando eu abri a porta da frente, a mãe e o pai estavam na sala principal. Mamãe estava no chão varrendo cacos de uma garrafa de licor, e meu pai estava no sofá com um papel em suas mãos. Algo havia acontecido, e o pai tinha ganho como sempre.

Mamãe levantou-se, rapidamente, enxugando debaixo de seus olhos. — Oh, crianças! — Ela disse com falso entusiasmo. — Como foi o jantar?

— Ok. — eu disse. — Você está bem? — Perguntei.

— Tudo bem. Bem. Muito bem. — ela cuspiu rapidamente, levantando e deixando o vidro na panela no chão.

— Uh, ouçam. — eu disse, empurrando uma Bridge nervosa no banco em frente ao do pai.

Sentei-me ao lado dela, mas a mãe não fez nenhum movimento para se sentar ao lado dele. Ele estava obviamente ignorando todos nós. Ela pegou uma cadeira à nossa direita e se sentou. Meu pai levantou-se, o nariz ainda no papel, e começou a fazer o seu caminho para o escritório.

— Pai. — eu disse, e ele virou-se, atordoado que eu o perturbei. — Sim, eu sei, mas você precisa ouvir isso.

Sua carranca teria queimado buracos através de mim se eu não estivesse tão acostumado a isso e se não tivéssemos algo tão terrível para dizer-lhes. Além disso, em torno da idade de dezesseis anos, eu notei que ele tinha consciência do meu tamanho e ele parou de me maltratar. Eu poderia ser uma séria ameaça se eu precisava ser, e ele sabia disso.

Ele sentou-se, cruzou as pernas e dobrou o papel em seu colo.

— Bridge. — eu disse, abrindo o chão para ela.

Minha mãe, distraída antes, finalmente, observou os olhos inchados e o nariz vermelho de Bridge. — Bridget, querida, você está bem?

As lágrimas começaram a escorrer de novo, mas ela deteve minha mãe com uma mão quando ela tentou confortá-la. — Eu estou bem, bem, não muito bem, mas eu tenho algo para dizer a vocês dois.

Ela tomou uma respiração profunda, purificada e sentei-me para frente, com os punhos cerrados, preparando-se para a explosão inevitável do meu pai.

— Estou grávida. — disse ela.

O silêncio era ensurdecedor.

— Este não é um problema. — disse meu pai, com suavidade estranha, apertando as dobras do papel mais e mais.

— Não é? — Eu perguntei, perplexo.

— Não, este é um reparo fácil, especialmente uma vez que é durante as férias de Natal.

— Não. — disse Bridge, percebendo o que ele quis dizer.

— Desculpe-me? — Nosso pai disse, quebrando seu exterior frio e descruzando as pernas.

— *Não*. — disse Bridge fortemente.

— Querida, linda, estúpida, Bridge indecente. — meu pai disse, deslizando para frente e olhando diretamente em seus olhos, seu rosto apertado com a expressão mais diabólica que eu já tinha encontrado, lembrando-me de Piper novamente. — Você vai se livrar dessa coisa, ou eu juro por Deus que vou te matar e fazer com que pareça um acidente.

Minha mãe engasgou.

— Pai! — Eu disse, pulando para cima.

Ele se levantou e me encontrou cara a cara.

— Ela quer mantê-lo. — disse eu.

— Eu não dou a mínima. Isso não será tolerado. Estou no meio da maior fusão da minha vida e eu não vou ter o nosso nome de família manchado!

— Ah, mas tê-la assassinado não vai trazer a consciência desnecessária? Possivelmente consciência negativa?

Ele considerou o que eu tinha dito, o bastardo doente.

— Talvez. — ele concordou. — mas isso tem que ir para salvar esta fusão.

— Desista, velho. Este nome de família está sujo além da redenção e você sabe disso. É por isso que Peter Knight disse não. É por isso que *todos* inicialmente dizem não. É por isso que sou sempre chamado para casa para *corrigir* isso.

Seu pescoço ficou vermelho.

— Cale a porra da boca, Spencer!

Meus punhos cerrados apertaram e meu peito encontrou o dele. — Faça-me, seu pedaço miserável de merda! — Eu gritei na cara dele.

Bridge se levantou e me puxou para longe. — Eu vou ficar com ele, pai. — disse ela, passando por mim em direção as escadas.

Mamãe estava com as mãos sobre a boca, incapaz de falar.

— Fique aí! — Pai gritou, e ela, como eu, foi impotente para desobedecer. — Venha aqui. — disse ele com mais firmeza.

Ela desceu para a sala de estar rebaixada novamente e ficou ao meu lado, mais uma vez, desta vez tremendo.

— Eu... — ela começou.

— Cale a boca. — A boca dela fecha com força. — Você se esquece. — disse ele, com uma intensidade assustadoramente tranquila. — que eu tenho um monte de força política na cidade. Eu tenho um punhado de médicos sentados em meu bolso de trás nesse minuto. Então, eu só vou dizer isto uma vez. Você vai cuidar disso de sua própria vontade e imediatamente, *ou* eu vou ter você considerada alienada mental e obter um dos meus juizes para aprovar todos os procedimentos médicos que vejo apto. Agora, pense sobre isso por um momento, Bridget. Imagine o quão difícil que eu poderia fazer a sua vida se eu tivesse esse tipo de poder sobre você.

Meu coração batia forte em meu peito. — Você não faria isso. — disse eu, assustado por ele, pela primeira vez em muito tempo.

— Eu não faria? — ele me pediu e somente eu, com um sorriso diabólico no rosto. E, claro, eu sabia que ele faria. — Eu considero seu trabalho se certificar de que ela vai com isso. — ele me disse.

Ele saiu da sala, nunca olhando para Bridge ou minha mãe de novo.

— Bridge. — eu disse baixinho, indo em sua direção.

Seus olhos ficaram vidrados. — Não. — ela sussurrou. Lágrimas transbordaram. — Não. — ela disse novamente.

— Bridge. — disse eu, pegando ela. — temos que fazer.

Minha mãe passou seus braços em volta dela, e eu passei os meus em torno de ambas.

Capítulo 7

Bridge e eu conversamos a noite toda e eu finalmente a convenci de que ir era a melhor coisa, porque de qualquer forma, o pai iria se certificar de que fosse feito. Indo voluntariamente ao menos a salvaria da punição do meu pai de controlar cada aspecto de sua vida para o resto da vida dela. Ele iria fazê-lo também, apenas para puni-la. Eu não confiava no homem antes, mas eu nunca pensei que ele fosse capaz da ameaça contra a Bridge até que eu vi a expressão em seus olhos. Ele me mostrou como verdadeiramente cruel ele era, como ele estava disposto a derrubar sua própria filha para conseguir o que ele queria e qualquer sentimento minúsculo que eu tinha deixado por ele foi extinto no segundo que ele falou.

Ela concordou que os seus amigos e colegas de classe iriam abandoná-la, julgar e zombar dela também. Ela não achava que ela seria capaz de resistir a seus tormentos. Lembrou-se de uma colega de classe dela ficando grávida e o inferno que ela foi submetida. Ela decidiu que não iria passar por isso.

Na manhã seguinte, estava frio e sombrio, enquanto o sol ainda não tinha subido. Os ruídos do amanhecer pareciam cobertos e sinistros, a partir de uma noite invulgarmente negra. Abri a porta do carro para Bridge, o frio no ar penetrou profundamente em meus ossos, o peso da nossa decisão, do que tínhamos que fazer, pesado em nossos corações. A tristeza que emanava dela me fez hesitar abrir minha própria porta. Eu teria dado qualquer coisa para não me sentar dentro do carro com ela. Talvez fosse o fato de que eu sabia que eu estava forçando-a a fazer algo que ela não queria fazer. Talvez sentado ao lado dela era um lembrete disso. De qualquer maneira, eu era um babaca egoísta e eu sabia disso.

O frio no ar me fez tremer. Eu entrei, liguei o motor e soprei o calor. Bridge tinha se enrolado em si mesma, o couro rangendo debaixo dela, uma pequena bola de uma menina, seu longo cabelo loiro em um coque bagunçado na cabeça, e nem um ponto de maquiagem em seu rosto e seus olhos vermelhos de tanto chorar a noite inteira.

— Está tudo bem, Bridge. — eu assegurei a ela, puxando para o longo caminho que levava da casa para a rua principal.

Ela enrolou-se mais apertado, descansando a cabeça contra a janela fria, olhando para a manhã escura. Seis da manhã e nós parecíamos tão sozinho na estrada, só o ocasional caminhão da cidade poderia nos agraciar com um rugido enquanto eles se arrastavam por nós, seus escapamentos soprando no ar gelado. Era uma farsa que a Califórnia fazia 21 graus o ano todo. No inverno, nós ocasionalmente tínhamos temperaturas de dez ou quinze graus, o que não parece baixo, mas, quando o sol está vago, *parece* como se pudesse nevar e o frio morde seus dedos com rigidez. Naquela manhã, parecia que todo o meu corpo estava entorpecido com a mesma rigidez.

Meu estômago doía e minha boca ficou seca quando chegamos ao estacionamento da clínica, uma neblina opaca aparentemente caía em uma névoa sobre sua superfície. Eu estacionei em um espaço perto da frente e saí, envolvendo o meu casaco mais apertado ao redor do meu peito e caminhando até a porta de Bridge. Quando eu a abri para ela, ela sentou-se. Eu tive que inclinar-me e desatar seu cinto.

— Vamos lá, Bridge. — eu disse suavemente, seus olhos aturdidos olharam à sua frente para o nada. Sua expressão entregou que ela via o mesmo.

Eu agarrei seu braço e a guiei suavemente para fora do carro. Ela se inclinou para mim e eu o tranquei com meu chaveiro.

Quando eu abri a porta da clínica, ela parecia, por falta de uma palavra melhor, usada. As cadeiras eram velhas, desbotando e descamando suas almofadas sintéticas. As paredes eram, ao mesmo

tempo, brancas, mas tinha entorpecido e amarelo manchado. O teto estava faltando algumas telhas de fibra de vidro, algumas estavam presentes, mas rachadas ou faltando pedaços grandes onde os fios salientes caíam em ângulos estranhos. O chão era de um azulejo de vinil padrão xadrez de azul claro e branco. A lata de lixo de bronze dos anos setenta descansava perto da porta ao lado de uma mesa baixa de fibra cheia de revistas cujo tema contradiz o propósito da própria clínica. As cadeiras cobriam as paredes, e havia uma fileira de dois assentos no centro.

Havia quatro pessoas já na sala de espera, um casal que estava sentado contra a parede mais próxima da porta e duas garotas em torno da mesma idade na extremidade oposta da sala da deles. Sentei Bridge em uma cadeira em direção ao centro, de frente para o casal, e me aproximei da janela. Uma mulher mais velha na casa dos cinquenta deslizou de volta a divisória de vidro.

— Sim? — ela perguntou, mastigando seu chiclete.

— Uh, tínhamos um horário hoje às sete da manhã.

— Nome? — ela perguntou, pegando uma prancheta.

— Bridget Blackwell.

Ela verificou uma lista, em seguida, pegou uma outra prancheta e entregou. A caneta estava anexada ao topo com uma corrente. — Sim, preencha isso. Vamos chamá-lo.

Ela empurrou a divisória fechada sem um segundo olhar e eu me sentei ao lado de Bridge.

— Eu sinto muito que não podíamos fazer isso em um hospital, Bridge. — eu disse a ela. — O objetivo disso é ser discreto para que as pessoas não descubram. — Ela assentiu com a cabeça. — Você precisa de tempo para se recuperar antes de a escola começar também.

— Eu sei, Spencer. — sua voz desgastada me disse.

Eu olhei para ela, em seguida, notei o cara na frente de nós. Ele estava rindo de algo em seu telefone enquanto sua pobre namorada

parecia aterrorizada, os braços pressionados firmemente contra seu abdômen. Ele olhou para mim e sorriu, fazendo um gesto com a cabeça em direção a sua menina antes de rolar os olhos, uma tentativa de camaradagem. Quando eu não mordi, ele voltou para o seu telefone com uma foto de uma menina nua na capa, e ofensivamente riu de qualquer mensagem que ele tinha recebido. Tudo o que ele me fez querer fazer era chutar a bunda dele e dizer a menina para correr o mais rápido que pudesse.

Comecei a preencher a papelada enquanto Bridge sentou dobrada dentro de si mesma na cadeira. No meio do processo tedioso, eu olhei de novo para ver como ela estava e olhando para seu cabelo desencadeou alguma coisa. Por alguma razão, eu fui bombardeado com lembranças de quando ela era pequena. Ela tinha esse cabelo ridiculamente encaracolado, e ele sempre foi selvagem sobre seu rosto, independentemente do quanto minha mãe tentava contê-lo. Ela o colocava em algum tipo de clipe, mas com certeza, cinco minutos mais tarde, estava um halo loiro em volta do rosto dela.

Lembrei-me de ela ter quatro ou cinco anos, com a voz esganiçada e pouco melodiosa com a língua presa, convidando todo mundo que podia dentro de um raio de oito quilômetros, estranho ou não, para seu recital de balé. Usava o collant, tutu e sapatilhas todo santo dia, durante duas semanas, praticando todas as oportunidades que podia, dançando a música imaginária ao longo de toda a casa. Eu pensava que ela era tão pateta na cabeça, mas, eu nunca tinha dito isso em voz alta, especialmente na época, eu achava que ela era adorável.

Lembrei-me de verões quando me sentia muito legal para ficar em casa. Eu saíria em torno de dez horas da manhã, me dirigia para a piscina para dizer adeus à minha mãe. Bridge que já teria nadado duas horas até então, dois tons, magra, nada pequena de uma criança constantemente gritando para nós vê-la fazer o mesmo mergulho uma e outra vez. Sua língua presa desaparecida até lá, mas seu falsete — por favor, Spence — me pegava cada vez. — Tudo bem, Bridge. — eu diria a ela. Ela mergulharia

e subiria, seus olhos cheios de antecipação. — Incrível, Bridge! — Minha mãe e eu sempre dizíamos, batendo palmas.

Lembrei-me dos joelhos esfolados, festas de aniversário, recitais de escola. Lembrei-me de quando os meninos começaram a perceber ela e aquela parte protetora de mim avisando cada um dos meus amigos. Lembrei-me da primeira vez que ela veio para os Buracos. Eu levei-a para o meu carro e levei sua bunda para casa. Ela estava furiosa comigo, gritando todo o caminho, mas eu estaria condenado antes que ela frequentasse uma dessas coisas. Não importa o fato que eu ia para eles a cada fim de semana. Mas, então, eu fui para a faculdade e não havia nada que eu pudesse fazer para detê-la. E então houve isso. Esta coisa terrível de merda que meu pai estava fazendo com ela... *eu* estava fazendo com ela.

— *Merda.* — eu disse baixinho, amassando o papel que eu estava preenchendo em seguida, jogando a maldita prancheta sobre o assento ao meu lado.

— O que há de errado? — Perguntou Bridge.

— Vamos. — eu disse, levantando.

— O que—o que você quer dizer? — Ela perguntou, confusa.

— Quero dizer, vamos dar o fora daqui.

— Não, nós ficamos.

— Não, nós vamos. Você não quer fazer isso de qualquer maneira.

— Isso não importa. O pai vai...

— Papai não vai fazer merda nenhuma. — eu disse a ela.

— Como você vai impedi-lo?

— Eu só vou, ok? Vamos.

Ela levantou-se hesitante. — Qual é o seu plano?

— Eu não sei. — eu disse. — mas eu vou descobrir.

Eu caminhei até a porta, mas parei quando notei a jovem e seu namorado idiota. Cavei no meu bolso de trás e tirei a minha carteira, agarrando cada pouco de dinheiro que eu tinha.

— Setecentos e cinquenta dólares. — eu disse a menina. — todo seu se você deixar esse idiota agora, ir para casa e contar aos seus pais. Posso até dar-lhe uma carona para casa, se quiser.

— Vou levá-lo. — disse ela, sem hesitação, levantando.

— Espere um minuto! — O idiota disse, movendo-se para se levantar.

Eu olhei para ele. — Sente o seu traseiro para baixo. — eu pedi na minha voz mais feroz.

O cara recuou.

— Precisa de uma carona?

Ela olhou para Bridge e acenou com a cabeça. — Sim, por favor.

Quando chegamos ao carro, seus olhos se arregalaram.

— Onde você conseguiu um carro como esse?

— Meu pai comprou para mim. — eu disse a ela, encolhendo-me com a forma de como isso soava detestável.

— Droga, ele compra um para você também? — Ela perguntou para Bridge. — Vocês são irmão e irmã, certo?

— Sim. — admitiu Bridge, afivelando-se dentro.

— Vocês parecem exatamente iguais.

Bridge e eu sorrimos para o outro.

O nome da menina era Valerie, ela era uma caloura no ensino médio e só estava namorando o cara na clínica por três meses. Ele disse a ela que ele a amava, disse a ela que iria "cuidar dela", que, se ela se livrasse do bebê, ele se casaria com ela mais tarde. Eu disse a ela que ele estava mentindo e era um idiota. Ela perguntou como eu sabia disso, e eu lhe

disse: — Eu sou um cara, Valerie. — Ela tomou isso como explicação suficiente, ou talvez eu tivesse confirmado o que ela já sabia.

A casa de Valerie era pequena e em um bairro ruim, mas era limpa, com um carro decente na unidade. Seus pais, obviamente, não tem um monte de dinheiro, mas pelo que eu poderia dizer, eles trabalharam duro para o que eles tinham.

Quando nós chegamos na frente, o pai dela estava saindo para o trabalho, eu assumi. Eu saí do meu lado do carro e puxei o meu lugar para deixá-la sair.

— Valerie? — perguntou o pai dela, a hesitação em sua voz. — Quem é este?

— Apenas um amigo. — disse ela. — Você pode vir em um segundo?

— Eu estou atrasado para o trabalho já.

— Por favor, é importante. — disse ela.

— Tudo bem. — disse ele, virando-se para sua varanda de madeira.

Valerie começou a seguir.

— Espere! — Bridge saiu do carro e correu até Valerie, jogando os braços em volta dela. — Não tenha medo. — ela sussurrou. Valerie deixou escapar uma lágrima e acenou com a cabeça antes de subir os degraus ela mesma.

Nós dois voltamos para o carro e dirigimos um pouco em silêncio antes que Bridge começou a quebrar. Ela enfrentou a janela, mas eu podia ver sua expressão de dor através do reflexo.

— Nós fingimos que nos livramos dele. — eu disse.

— Tudo bem. — disse ela, sua mão indo para sua barriga.

— Eu tenho uma ideia, mas eu preciso de um tempo.

— Tudo bem.

Capítulo 8

Eu sabia que eu tinha apenas alguns dias antes que meu pai descobrisse que Bridge ainda estava grávida, e eu tinha uma ideia do que eu precisava fazer, mas eu estava procurando a oportunidade perfeita para fazê-lo.

Manhã véspera de Natal, dois dias depois que deixamos a clínica, eu acordei cedo, vestindo uma camiseta porque senti um pouco de frio. Nossa casa era muito bonita, janelas do chão ao teto, e os pisos eram de pedra. Em outras palavras, não importa quanto dinheiro você tinha, era quase impossível aquecer o lugar.

Eu disquei para August, meu companheiro de quarto em Brown. Senhoras, mãos sobre os ouvidos. Isto é como os caras falam e eu peço desculpas.

— O que foi, filho da puta. — ele respondeu. Te disse.

— Ei, idiota. O que você está fazendo?

— Oh, você sabe, um pouco disso, pouco daquilo. Disso é chamado de Ashley, aquilo é chamado de Farrah.

Eu ri. — Você é um filho da puta doente.

— Apreendi com o melhor, idiota.

— Eu te ensinei muito, jovem Jedi, mas eu nunca te ensinei isso. Acho que eu sou apenas uma raça superior de humano.

— Eu vou usar um machado para essa porra de pedestal, idiota.

— Ainda não conseguiu me derrubar ao seu nível. — Eu ri antes de virar sério. — Ouça, uh, eu estou meio apertado aqui. Acha que você poderia me fazer um favor?

— Sim, tudo o que você precisar, cara. — acrescentou ele, toda brincadeira de lado.

Quando saí do telefone com August, fui para o quarto de Bridge e bati em sua porta.

— Entre. — ela resmungou.

Eu abri a porta e encontrei-a debruçada sobre uma lata de lixo.

— *Pois é*, nós não vamos ser capazes de esconder isso por muito tempo. — eu disse, fechando a porta atrás de mim.

— Cale a boca. — ela reclamou estranhamente.

— Por que você não mantém os biscoitos perto de sua cama? — Eu perguntei, repetindo algo que eu tinha ouvido em algum lugar.

Notei que seu rosto estava pálido e seus olhos estavam lacrimejantes. Eu queria chutar a bunda de quem fez isso com ela.

— Eu faço, mas nada funciona. Nada. Quero dizer, *nada funciona*. Tudo que eu comer me dá é mais vontade de vomitar. Deus. — ela gemeu. — eu gostaria de nunca ter deixado isso acontecer.

— Cara, é inútil agora. O que está feito está feito.

— Obrigada, Spence. — ela um pouco sarcasticamente.

Eu escondi um sorriso.

— Qual é o plano? Enviar-me para os nossos primos? Fingir que meu marido inexistente morreu na guerra?

— Engraçado, mas não *muito* longe.

— O que significa isso?

— Quero dizer, nós temos que esconder, Bridge.

— Talvez eu possa, tipo, tomar um semestre fora, ter o bebê aqui, desistir ou algo assim.

— Ele nunca vai ir para isso. Ele nunca arrisca ser exposto.

— Bem, talvez—talvez nós... — ela começou, as costas das mãos contra suas bochechas.

— Nós não podemos fazer *nada* diferente além de sair de Los Angeles.

— Eu não posso. — respondeu ela, desesperada. Levantou-se, em seguida, percebeu que ela mal conseguia ficar de pé, então ela caiu na borda da cama. — Eu não posso deixar L.A. Todos os meus amigos estão aqui, escola. E quanto a mamãe?

— Mama tem medo do pai, Bridge. Ela só vai nos parar.

— Talvez ela vem com a gente. — acrescentou descontroladamente, torcendo as mãos.

— Ela não vai. Ela vai tentar nos parar e você sabe disso.

As mãos de Bridge tiraram seu cabelo do seu rosto. — Eu não posso fazer isso sem mamãe, Spence.

— Sim, você pode. Eu estarei lá.

— Não é o mesmo. — disse ela com sinceridade.

Meu coração se partiu por ela um pouco. — Eu sei, Bridge, e eu sinto muito por isso, mas isso é o que temos para trabalhar.

— O que vamos fazer sobre dinheiro? Para onde estamos indo?

— Eu tenho um pouco de dinheiro. — eu cobri. — August está nos ajudando com o resto.

— August sabe?

— Sim, eu tive que dizer a ele.

Ela bufou, lembrando-me da adolescente que era e me fazendo encolher um pouco. — Tudo bem.

— Ok. — eu disse, me estendendo através do tapete que deitava ao pé da sua cama. Meus pés pendurado a poucos metros, mas eu não me importei. Coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça. — Ok. — eu repeti, tentando me lembrar de tudo que August e eu conversamos sobre. — Os avós de August possuem uma remota fazenda de gado em Montana. Ele vai falar com eles e deixar-nos saber se podemos nos esconder lá, pelo menos até você completar dezoito anos e o pai não poder nos tocar.

— O pai pode nos encontrar em qualquer lugar. Isto parece inútil. — disse ela, pendurando a cabeça entre as mãos.

— Não desta vez, confie em mim. — Ela não acreditava em mim, mas ela não ia discutir. — Você sabe como papai sempre grita para nós sobre como ele não quer a responsabilidade se nós alguma vez ficarmos bêbados e matarmos alguém dirigindo?

— Idiota. — disse ela em voz baixa.

— Bem, a mãe me disse que ele quer colocar nossos carros em nossos nomes para liberar essa responsabilidade.

— De jeito nenhum. — disse Bridge, seus olhos se arregalaram quando ela pegou.

— Eu sei exatamente onde ele coloca os títulos em seu escritório.

— Ele vai saber que você esteve lá.

— E daí? Nós estaremos longe antes disso.

— Então, nós vendemos os carros e viveremos fora desse dinheiro.

— Sim. — eu disse. — Bem, isso e eu tenho algum dinheiro guardado.

— Quanto? — Ela perguntou, batendo de volta na cama, com as pernas ainda pendurado na final.

Sete milhões duzentos e noventa e três mil oitocentos e cinquenta e nove dólares e dezessete centavos. Hesitei. Se eu fosse honesto com ela, ela teria que saber *tudo*. — Suficiente. — Eu fugi novamente.

— Quanto é suficiente, Spence. — ela insistiu.

— O suficiente para nos levar a Montana e para nos alimentar, para pagar a merda do bebê, tudo isso. Nós não teríamos que nos preocupar.

— Tudo bem. — ela disse, satisfeita o suficiente com a resposta desonesta. — Quando você vai ouvir a partir de August?

— Hoje à noite o mais provável. — Bridge ficou muito quieta. — O que está acontecendo?

— Será que algum dia veremos a mamãe de novo?

— Eu tenho certeza disso.

— Quando?

— Assim que pudermos, Bridge. Podemos chamá-la assim que você completar dezoito anos, se você quiser.

Isso pareceu aliviar sua mente um pouco.

— O que vamos fazer agora? — Ela perguntou.

— Vamos esperar.

Capítulo 9

A manhã de Natal passou em um borrão. Meu pai não estava lá, e minha mãe estava pegando nossas vibrações estranhas. Ela não debruçou sobre elas muito. Eu acho que ela pensou que era emoção residual da provação de Bridget e não fez muitas perguntas. Isso, ou ela não queria enfrentar o que ela pensava que nosso pai fez Bridge fazer. Sim, eu estava desapontado, mas de qualquer forma funcionava a nosso favor.

Na noite anterior, August ligou e me contou sobre o plano. Seus avós viviam em Bitterroot, Montana, e estariam nos esperando dentro de uma semana, se pudéssemos fugir. Eles tinham um trailer preparado para nós e sabiam a nossa situação. Eles estavam dispostos a acolher-nos pelo tempo que for necessário. Senti-me grato.

Eu procurei a distância entre Los Angeles e Bitterroot e cheguei a uma porcaria de dezenove horas de carro. Ia ser uma cadela para conduzir uma Bridge enjoada por tanto tempo, para não mencionar que uma vez que chegássemos lá não ia ter muito para nós fazermos. Para ser honesto, Bitterroot consistia de um corpo de bombeiros, correios, escola, e um único posto de gasolina Exxon. Eu não estou fodendo com você. *É melhor Bridge acreditar o quanto eu a amo desde que eu estou fazendo essa porcaria para ela.*

Minha mãe e meu pai estariam saindo no dia depois do Natal, para alguma festa da firma de advocacia que o meu pai estava dando, em Nova York. Também deveria ser solucionado com algum tipo de negócio que eu não tinha interesse em ouvir sobre, mas eu sabia que eles estavam saindo cedo dia vinte e seis, tipo de cedo às três-da-manhã, e em seu jato particular para chegar a tempo para verificar em seu quarto e comparecer

a qualquer besteira de reunião que o meu pai tinha programado. Eles iriam participar da festa naquela noite e retornar dia vinte e sete por volta das cinco da tarde que a nossa mãe nos disse. Tínhamos trinta e nove horas.

Trinta e nove horas.

Eu fiquei acordado até as duas da manhã esperando por eles saírem, e então eu fui em modo de sobrevivência. Eu já tinha embalado duas malas e as escondido debaixo da minha cama, e Bridge tinha feito o mesmo. Desde que tínhamos nos formado no secundário, minha mãe parou de empregar pessoas que ficam na casa durante a noite para ajudar a reduzir a tentação que meu pai tinha com "brincar" com as nossas babás e empregadas domésticas ocasionais. (Como eu disse antes, idiota.) Então, Bridge deixou uma nota em sua porta de entrada para deixá-los saber que eles poderiam ter os próximos dois dias de folga e desejou-lhes um Feliz Natal, que nos permitia trinta e nove horas claras para apagar nossas existências como nós conhecíamos elas... pelo menos até o bebê da Bridge nascer.

— Bridge. — eu disse baixinho à sua porta por volta das quatro da manhã.

— Sim. — sua voz sonolenta ecoou.

— Você está pronta?

— Tão pronta como nunca vou estar.

Ela abriu a porta para mim e estava vestida, embora seu cabelo estava molhado.

— Onde estão suas malas? — Eu perguntei, verificando o ambiente.

— No meu closet.

Eu fiz o meu caminho através de seu quarto para o closet e vi quantas roupas que ela estava deixando para trás. Ela só tinha uma única mala de roupa.

— Que diabos, Bridge? Isso não vai durar.

Ela me encontrou lá dentro.

— Nada das minhas merdas me cabem mais. Nenhuma das minhas calças jeans fecha o botão. É irritante. É, tipo, eu não estou mostrando realmente, mas os botões se recusam a fechar.

— Provavelmente porque elas eram pequenas demais para começar. — eu disse em frustração.

— Que diabos isso quer dizer?

Eu suspirei. — Nada, Bridge. Nós vamos encontrar para você algumas roupas mais tarde.

Agarrei-a pequena mala de t-shirts e algumas calças jeans e uma outra que ela tinha embalado com sapatos e tudo mais que as garotas precisam, em seguida, joguei-a ao lado das minhas, na parte inferior da escada, antes de fazer uma varredura rápida do meu quarto para me certificar de que tinha tudo que eu precisava. Virei-me para sair, mas parei na porta, examinando tudo. Eu sabia que havia uma boa chance de que eu nunca ia ver aquele quarto novamente.

Como se vê, embora eu pensasse que o meu banco local abria às seis da manhã, na verdade isso era só o drive-thru, o que foi frustrante como porcaria, porque eles não iriam emitir um cheque sem verificar a identidade em pessoa. O lobby não abria até às sete e meia, então Bridge e eu fomos para o café da manhã em um lugar vinte e quatro horas para passar o tempo. Estávamos perdendo valiosas horas, e isso me deixou muito nervoso.

— Você pode apenas, tipo, eu não suporto o silêncio. — disse ela, tremendo na minha frente na nossa cabine de fibra de vidro.

— Frio? — eu perguntei.

— Não, nervoso.

— Ok, bem, Bitterroot, a cidade em que eles vivem próximo, está na porção noroeste de Montana. A temperatura máxima de hoje deveria ser de trinta e um graus e a mínima deve ser em torno de doze.

— Deus. — disse ela, envolvendo-a jaqueta de esqui mais apertada em torno de si mesma. Eu parei. — Continue. — acrescentou ela, quando a garçonete trouxe suco de laranja.

Puxei um mapa de Montana no meu telefone. — A fazenda dos avós de August é chamada de Hunt Ranch. — Meu dedo procurou o mapa. — Bem ali. — disse eu, apontando para uma área fora de Bitterroot, Montana. — Ele diz que há cerca de dois mil hectares para nos escondermos e que vai até a ponta noroeste do Lago Gossamer então se espalha a oeste, encontra-se a oeste da cidade de Bitterroot. Eu fiz uma pequena pesquisa e descobri que teríamos que dirigir para o sul. — eu disse, meu dedo seguindo a estrada no telefone. — em Kalispell para qualquer coisa importante, porém.

— Por quê?

— Porque Bitterroot é menor do que qualquer cidade pequena que você já esteve.

— Oh, Cristo. Isso é deprimente.

— Pelo que eu posso dizer, no entanto, o cenário é, provavelmente, alguns dos mais belos que alguma vez vamos ver. — eu ofereci.

Ela considerou isso. — Bonito, hein?

— Sim, mais frio do que peitos de uma bruxa, no entanto.

Ela balançou a cabeça para mim, mas sorriu. — Elegante.

— Eu sei. A fazenda é de propriedade dos avós de August, Emmett e Ellie. Ele tem um primo lá chamado Cricket. Eu acho que ele pode ser um pouco mais velho do que você. Ele se formou no colegial, há alguns meses, aparentemente. De qualquer forma, Cricket e August são muito próximos.

— Bem, pelo menos pode haver alguém com quem falar lá.

— Haverá mais do que apenas uma pessoa. É uma fazenda de trabalho, Bridge, o que significa que haverá pelo menos vinte pessoas lá em uma base diária.

Nossa comida chegou, mas nenhum de nós comeu muito por umas dez mil razões. Bati duas notas de vinte para baixo e nós saímos logo quando o lobby do banco estava abrindo.

O banco era onde eu guardava todos os fundos líquidos que eu precisava. Ele só tinha cerca de duzentos mil nele. Minha fortuna restante estava mantida em uma conta na Suíça por razões óbvias. Meu estômago virou quando eu pensei sobre os dois milhões que tinha perdido em Las Vegas. Eu conhecia o meu pai muito bem quando eu abri a conta para entender que, se ele pudesse manipular meus fundos, ele o faria. Ele é transparente assim. Eu precisava de uma conta que ele tivesse acesso zero e o suíço fornecia isso para mim. Então, isso significava que os fundos locais precisavam ser removidos imediatamente e as contas fechadas.

— Olá, bem-vindo ao Wells Fargo. Sou Kelli, como posso ajudá-los?

— Perguntou uma jovem bancária loira logo que entramos.

— Sim, uh, eu preciso fechar as minhas contas.

— Oh, bem, isso é uma lástima. Sente-se. — disse ela, apontando para duas cadeiras na frente de sua mesa. — Você tem o seu número de conta?

Entreguei-lhe todas as minhas informações, incluindo a minha licença e cartão de débito. Ela clicou algumas teclas em seu teclado e estudou um monitor à sua frente. Seus olhos se arregalaram um pouco antes de ela verificar sua expressão.

— Não é comum ver alguém tão jovem com um saldo como esta.

Bridge olhou para mim, sem dúvida, imaginando quanto eu tinha. Mal sabia ela. Você vê, não era que eu não queria que ela soubesse. Eu só não queria que ela soubesse como eu consegui.

— Uh, sim, eu sou um bom poupador. — eu evadi.

Ela sorriu. — Oh, bem, há alguma coisa que podemos fazer para manter o seu negócio?

— Infelizmente, não. O banco tem sido ótimo. Eu apenas—estamos de mudança.

— Oh, eu vejo. Isso é bom. Para onde vocês estão se mudando? — ela perguntou. *Idiota intrometida.*

— Virginia. — eu menti rapidamente.

— Oh, indo para a escola de lá? — Ela pescou.

— Eu estou. — eu menti novamente.

— Tudo bem. — disse ela, virando-se em direção ao seu computador. — Este é o seu saldo. — Ela discretamente escreveu a figura em um pedaço de papel e colocou-o para mim. Olhei para ele para ter certeza que se encaixava o número que eu lembrava. O número estava correto, mas embaixo ela tinha acrescentado outra mensagem de sua autoria, incluindo o seu número de telefone.

Enfiei o pedaço de papel em meu bolso de trás e sorri. — Obrigada. — eu disse. A última coisa que eu precisava se meu pai rodopiasse aqui perguntando se alguém tinha nos visto era esta menina ridícula guinchando.

Kelli me entregou um guia de saque e eu comecei a preenchê-lo, protegendo o montante da Bridge despreocupadamente com o meu antebraço. Eu tinha feito um pouco de matemática e pesquisa antes de sairmos e sabia exatamente quanto dinheiro eu precisava para comprar uma caminhonete modesta com, bem como os elementos essenciais, como combustível e comida para a viagem até lá.

— O restante em um cheque? — ela perguntou, sorrindo para mim como se tivesse ganhado alguma coisa.

— Sim, por favor. — eu sorri de volta.

Ela se levantou e caminhou até a estação do caixa.

— O que você vai fazer com um cheque? — perguntou Bridge.

— Eu não posso muito bem andar por aí com milhares de dólares em meu bolso, posso?

Ela me olhou, uma sobrancelha levantada precariamente sobre seu olho. — Eu não sei. Depende de quantos milhares que você tem.

Eu suspirei. — Você acha que você é tão inteligente.

Ela riu. — Eu sei que eu sou.

Eu sorri para ela. — É um monte de milhares.

Seu olhar se estreitou em mim, com os braços fechados em torno de si mesma. — Que diabos você fez? — Ela sussurrou.

— Nada. — eu disse, inclinando-me para trás em minha cadeira, mas virando meu próprio olhar para fora da janela à minha esquerda.

— Besteira. Besteira completa. — disse ela, chamando-me para fora. — Sem mais mentiras, cara. Desembucha. O que está acontecendo?

— Talvez eu tenha sido uma espécie de *lacaio* para o papai.

Sentou-se um pouco. — Não, Spence. — ela disse, parecendo mais do que um pouco decepcionada.

— Sinto muito. — eu mordi de volta. — Você acabou de atirar a primeira pedra, grávida?

Ela guinchou em voz alta e socou meu ombro. — Por favor. Isso nem é no mesmo patamar, amigo.

Eu suspirei. — Eu não quero falar sobre isso agora, Bridge.

Ela sentou-se ainda mais reta. — Muito ruim, Spence. — ela começou, mas a bancária voltou, me salvando de qualquer surra imediata.

— Aqui está. — disse Kelli, sentando-se. — Está tudo pronto. — continuou ela, entregando-me um envelope. Sua mão permaneceu na minha e eu tentei não a afastar muito de repente.

— Obrigado. — eu disse, sorrindo.

— Se você visitar a estação de caixa no canto direito, ela vai ser capaz de contar o seu dinheiro para você.

— Obrigado mais uma vez. — disse eu.

Levantei-me e Bridge me seguiu até a estação. A caixa nos cumprimentou e começou a contar o dinheiro. Eu balancei a cabeça quando ela estabeleceu a última centena. Ela colocou-o em um outro envelope e entregou-o. Eu coloquei os dois envelopes no bolso interno do meu casaco. Saímos e entramos em nossos veículos. Bridge me seguiu até uma das concessionárias de luxo fora da estrada e eu nunca tinha sido mais agradecido pelo silêncio. Eu estava começando a sentir que eu estava perdendo minha cabeça.

Capítulo 10

— Bem-vindo ao... — a menina na recepção começou, mas eu a cortei, frustrado, oprimido e me sentindo como se tivéssemos perdido muito tempo já.

— Seu gerente está? — eu perguntei.

Se ela foi pega de surpresa pela minha rudeza, sua expressão não mostrou. — Claro, só um momento. — disse ela, retirando-se de sua cadeira e foi para o escritório do gerente.

— Posso ajudar? — Um senhor acima do peso com um corte de cabelo estilo curto perguntou.

— Spencer Blackwell. — eu disse, oferecendo a mão.

Meu nome registrou com ele. — Ah, Senhor Blackwell, você pode me chamar de Jeff. Como você está nesta manhã?

— Estou bem, Jeff. Preciso me livrar destes dois veículos. — eu disse, apontando para o meu Aston e para o SLS de Bridge.

— O que você está procurando por eles? — ele perguntou.

— Nada menos do que um-ponto-dois. — Seus olhos se iluminaram. Eles valiam meio milhão a mais.

— Eu não posso fazer isso. — disse ele, já entrando na conversa com um clichê.

— Que tal isso, ponha seus homens para verificá-los. Veja se eles atendem às suas normas, então vamos conversar.

Eu realmente não tenho tempo para isso. Eu já estava ficando impaciente. Nós tínhamos perdido horas.

— Tudo bem. Martin! — gritou em direção à garota na recepção. Ela assentiu com a cabeça e apertou um botão.

Um homem de macacão azul saiu.

— Martin, você pode verificar esses veículos para mim.

— Sim, senhor. — respondeu Martin.

Vinte minutos mais tarde e Martin voltou com um polegar para cima, poupando Bridge e eu de uma conversa ridícula com o vendedor de carros. — SLS precisa de algum realinhamento, mas diferente disso eles estão perfeitos.

— Meu escritório? — perguntou Jeff.

Eu balancei a cabeça e segui-o de volta antes de me sentar diante dele.

— E você tem os documentos? — questionou.

— No meu bolso.

— Por que você quer vender? — Questionou.

— Desnecessário. — eu respondi. — Você está interessado ou não?

— Vou levá-los por um.

— Nem em um milhão de anos. — eu o desafiei, deslizando mais profundo em minha cadeira, minha mão direita casualmente descansando no lado do meu rosto. — Eu ofereci um-ponto-dois. É mais do que justo. Eles estão em quase perfeito estado, e sua revenda comercial está perto de um-ponto-sete. Você sabe disso. Eu sei disso. Mas se você sente que precisa vencer aqui, que tal nos encontrarmos no meio?

— Eu estou ouvindo. — disse ele.

Quinze minutos mais tarde, Bridge e eu saímos pela porta da frente e paramos, outro “feito” ao lado do que eu já tinha, e as nossas malas em nossos pés.

— Para onde? — Ela perguntou.

— Nós andamos. — eu disse apontando para uma concessionária à oitocentos metros ao sul. — para aquela a concessionária de caminhonetes.

— Eu não posso andar muito longe carregando essas malas. Eu vou ficar aqui e você pode vir me buscar quando estiver pronto. — disse ela.

— Eu vou levar as malas. — disse eu.

— Você não pode levar todas essas malas, Spence. Eu vou ficar.

— Você não entende. Quando o pai descobrir que vendemos os carros, ele vai pedir ao redor e esses caras não vão esquecer a compra de dois carros esportivos de luxo em um dia, especialmente quando eles virem que o cara que os vendeu para eles pegou você dentro. Você tem que vir.

— Tudo bem. — ela fez beicinho.

Juntei o maior número possível de malas e empurrei em direção à concessionária.

— Eu não posso acreditar que você pode levar toda essa merda. Você não está nem mesmo suando a camisa. — comentou Bridge no meio do caminho. — Eu não posso nem acompanhar.

— Sim, bem, eu tenho que fazer esse tipo de treinamento para remar na escola. Força superior do corpo é o número um para o time.

— Porra, deve ser um saco.

— Nem me fale. — eu ri, espetando-a com um olhar.

Ela riu. — Sinto muito.

Eu tomei uma respiração profunda. — Embora, não é um saco quando competimos em festas.

— Eu estou com medo até de perguntar.

— Nós lançamos uma menina em cada ombro e corremos na rua com elas.

Ela revirou os olhos.

— As garotas adoram.

— Qualquer uma em particular? — ela perguntou.

— Será que isso importa agora? — Eu brinquei.

— Acho que não, idiota.

— Desculpe. — eu disse, percebendo que eu estava atirando minhas frustrações em cima dela. — Eu ainda estou superando Soph. — disse, referindo-se a minha velha amiga da escola de preparação.

Sophie Price era a garota mais bonita que você alguma vez conheceria. Sério. Tome isso de alguém que conheceu Bar Refaeli em pessoa. Soph era ainda mais impressionante. Especialmente desde que ela tinha tido uma reforma de personalidade. Eu nunca me arrependeria de nada tanto quanto não fazê-la se apaixonar por mim.

— Você não pode fazer alguém se apaixonar, Spence. Ou eles fazem ou não fazem.

— Eu disse isso em voz alta?

— Duh, e se passaram dois anos, Spencer. Você precisa seriamente acabar com ela. Ela está com aquele cara Ian de qualquer maneira, certo?

— Certo.

— Esse cara quente Sul Africano chamado Ian. — ela concluiu.

— Obrigado.

— Esse quente sexy chamado Ian que dá a vida aos órfãos ugandenses mutilados e adora o chão que Sophie anda.

Eu parei e olhei para ela. — Suficiente, Bridge.

Ela fingiu zipar a boca fechada e continuamos andando.

Eu tinha pesquisado a concessionária de caminhonetes antes e sabia exatamente que veículo eu queria. Um Ford F150 preto cabine dupla.

— Você está brincando comigo. — Bridge brincou quando ela a viu.

— Eu não estou. — eu disse. — Estamos indo para uma fazenda. Em Montana. Eu não estou brincando.

Comecei a encher a caçamba com as malas enquanto um vendedor veio em nossa direção.

— Como vai, pessoal?

— Eu vou fazer sua vida mais fácil. — eu disse a ele, estabelecendo a última mala. — Esta é a caminhonete que queremos. Eu estou disposto a pagar mil e quinhentos abaixo da cotação de venda e em dinheiro.

Ele sorriu de orelha a orelha. — Deixe-me falar com meu gerente. — ele nos disse antes de correr de volta para o prédio principal.

— Fica com as malas? — Perguntei.

— Claro. — ela disse, puxando a porta traseira para baixo e sentando-se dentro para a espera.

— Eu aproveitaria esta oportunidade para dizer adeus ao seu telefone.

— Você está me zoando.

— Bridge, você é um pontinho andando no radar do pai com ele. Vamos.

— Tudo bem. — ela bufou.

— E não entre em contato com ninguém que você conhece deixando-os saber o que está acontecendo! — Eu gritei de volta enquanto eu seguia o vendedor.

— Eu sei, idiota! — Ela gritou de volta, me fazendo rir.

Outros 57 minutos mais tarde, e eu tinha as chaves na minha mão. O título que eu tinha enviado para Brown e colocado no nome de August. Eu disse a August para esperar por ele.

— Nós estamos prontos, Bridge. — eu disse.

Ela pulou da porta traseira e eu comecei a encher os bancos de trás da cabine com nossa bagagem. Bridge levantou a porta traseira e pulou para o lado do passageiro. Eu fiz o mesmo e entrei no do motorista.

Ela olhou em volta, inspecionando o interior com as mãos. — É realmente muito confortável. — ela admitiu.

— Feito ‘mericano. — eu disse, exagerando o sotaque um pouco.

— E agora? — Ela perguntou.

Peguei meu GPS da minha mala e montei-o no painel.

— Isso não vem junto? — Ela disse.

Eu ri, minha resposta.

— Estamos prontos. — eu disse a ela, fixando-me em meu lugar.

— É isso. — disse ela, uma protuberância óbvia em sua garganta.

Eu não queria dizer isso, mas eu tinha que dizer. — Posso ter o seu telefone?

Ela estudou-o em suas mãos e olhou triste. Eu sabia que ela não estava descontente sobre o próprio telefone, mas o telefone representava uma tábua de salvação para a nossa mãe.

— Bridge. — eu disse suavemente, aproximando a minha mão.

Ela o colocou na minha mão e eu o peguei com o meu para encontrar a lata de lixo mais próxima. No caminho, liguei para August, mais uma vez, deixando-o saber que estávamos prestes a dirigir para fora e que eu ligaria para ele no telefone público mais próximo, quando eu pudesse. Ele me assegurou que tudo estava certo e desligou.

Eu escorreguei ambos os telefones em um saco plástico resistente, em seguida, coloquei-o no chão. Eu levantei minha bota e bati o inferno no conteúdo naquele saco. Quando eu terminei, eu olhei para dentro e não encontrei nada, apenas pedaços mutilados de vidro e plástico, microchips e duas baterias. Cavei com a confusão e encontrei os cartões SD. Peguei o isqueiro no meu bolso que eu tinha trazido apenas por tal razão e queimei-

os em pedaços irreconhecíveis carbonizados, deixando-os esfriar antes de jogá-los de volta no saco e, em seguida, para o lixo.

Adeus, Los Angeles. Adeus, pai. Adeus, vida.

É por Bridge, eu ficava cantando na minha cabeça mais e mais enquanto eu voltava para a caminhonete.

Capítulo 11

Nós tínhamos chegado na rodovia ao meio-dia, apenas a tempo para Bridge se sentir "morrendo de fome". Paramos em um restaurante fast food e pegamos algo para ela. Todo percurso de dezenove horas se transformou em um fiasco de dois dias de seu mal-estar, eu parando para alimentá-la o que parecia ser a cada hora, conseguindo um quarto em um hotel de baixa qualidade que aceitaria somente dinheiro, enchendo o tanque sem fundo (da caminhonete, não Bridge), mantendo dentro do limite de velocidade para evitar ser parado, comprando roupas para Bridge quando chegamos ao Salt Lake City e ao mesmo tempo dirigindo sozinho.

No entanto, eu não estava ansioso para chegar em Bitterroot porque significava uma vida para qual eu não estava preparado, uma vida que eu realmente não queria. Estou ciente de como isso soa egoísta, mas o pensamento de não ser capaz de voltar para Brown, apesar do fato de que eu não queria ir quando me formei em primeiro lugar, era brutal. Eu tinha aprendido a amar Brown, as pessoas de lá, até mesmo meus professores. Eu sentia falta dos meus companheiros já. Eu sentia falta das garotas. As garotas gloriosas com seus shorts curtos e sorrisos brilhantes.

Eu precisava tirar Brown da minha cabeça. Eu nunca ia voltar lá, e eu precisava me acostumar com isso.

— Quanto tempo mais? — Perguntou Bridge. Eu não sabia que ela tinha despertado.

— Estamos cerca de uma hora. — eu disse a ela, a realização de naufrágio que estávamos muito longe agora.

— Provavelmente mamãe está em pânico agora mesmo.

Eu assenti em minha resposta.

Bridge começou a rasgar-se. — Eu estou com medo, Spence.

— Bridge, é sério, vai ficar tudo bem.

— Eu odeio ser julgada. E se todo mundo lá me julgar? Eu não acho que eu posso lidar com ser julgada... pelo menos não sem mamãe lá.

Eu suspirei.

— Você sabia que eu usava óculos quando eu era mais jovem?

— Claro. — ela me disse baixinho em meio a lágrimas.

— Ok, mas escuta. Eu tinha cinco anos de idade, sentado na minha cadeira atribuída na parte de trás da sala de aula. Minha professora me chamou, me pediu para ler algo que ela tinha escrito no quadro. Eu não sabia o que fazer. Eu não podia ver o que ela tinha escrito e pensei que era por causa de alguma insuficiência da minha parte que eu não conseguia ver o quadro. Eu pensei que não era tão inteligente como as outras crianças. Então eu sentei lá, quieto, adrenalina em meu pequeno corpo a um ritmo rápido, os olhos em chamas, à beira das lágrimas. A classe tinha virado para olhar para mim por este ponto, cinquenta olhos me estudando, esperando. Ela pediu de novo, seu tom atado com impaciência, mas eu não tinha nada para lhe dizer. Algumas crianças começaram a rir em volta de mim, alguns me acusaram de ser estúpido, outros riram com o outro. Apesar de ter sido apenas um punhado, um medo cheio de adrenalina chutou em alta velocidade e me afetou mais profundamente do que eu tinha alguma vez lembrado de sentir afetado. Meu pulso dedilhou febrilmente das pontas dos meus ouvidos para as extremidades dos dedos. Lágrimas quentes me traíram, transbordando em meu rosto, fazendo com que aqueles que estavam rindo, rissem mais. Fui humilhado.

— Como é triste.

— Sim, mas a minha professora fez algo que eu não esperava. Ela levantou-se para mim. Silenciou as outras crianças, veio para o meu lado,

pegou minha mão e sussurrou em meu ouvido. Ela me perguntou se eu podia ver o quadro e eu respondi-lhe com sinceridade.

— O que ela fez? — Perguntou Bridge.

— Ela me pegou, colocou os braços em volta de mim, me levou para mais perto do quadro e só assim, as palavras apareceram claramente para mim, os sons de julgamento das outras crianças ficaram em silêncio, e eu sabia exatamente o que elas eram, podia lê-las perfeitamente. Onde uma vez eu não tinha resposta, de repente eu tinha uma, e aquele medo, aquela ansiedade, aquela adrenalina voltou à calma. Percebi que tudo o que eu tinha que fazer para resolver o meu problema era chegar perto dele, abordá-lo, vê-lo mais claramente. Eu não tinha nada a temer, afinal. — As lágrimas de Bridge caíram com mais força. — Eu sei que a resposta parece nublada agora. Eu sei que não podemos ler o que o nosso futuro é porque nos sentimos tão longe, mas eu prometo a você, Bridge, estamos chegando mais perto do quadro negro. E quando chegarmos lá, todo aquele medo, todo aquele medo *esmagador* de não saber o que está à frente de nós irá se dissipar. No final, teremos uma bela alma pequena para cuidar, e nós vamos descobrir que não tínhamos nada *realmente* a temer. Nós vamos descobrir que o nosso problema não era realmente um problema, afinal, não depois que já o vimos pelo que ele realmente é. À luz do dia, quando a nossa adrenalina desaparece, nós vamos descobrir que tudo o que *realmente* temíamos era o desconhecido.

— E as crianças que riram? Que julgaram você? — ela perguntou. — O que elas tinham a dizer?

— Pelo recreio, eles tinham esquecido tudo, mudaram para o próximo pobre coitado. Você vê, tudo que o meu problema era para eles era algo para se concentrarem simplesmente porque gostavam. Eles saboreavam escândalo tanto quanto as garotas com quem você anda em torno, tanto quanto um monte de gente que vamos encontrar no caminho, mas eles se esquecem, Bridge. Eles sempre esquecem. Se movem com intensidade de fogo, famintos para aferrolhar em sua próxima vítima. Eles estão constantemente à procura de chutar aqueles que já estão para

baixo. Eles fazem com que seja impossível para você fazer uma decisão lúcida. Estamos todos com muito medo do que todos ao nosso redor pensam que corremos o risco de nós mesmos para desespero. É completamente estúpido. É absolutamente assustador. Mas é totalmente *humano*.

— Eu odeio ser julgada, no entanto. — ela disse.

— Quem não odeia, Bridge? *Quem não odeia?* Mas eu te pergunto isso, hein? Por que diabos nós nos importamos com o que os outros pensam sobre nós?

— Porque nós somos humanos.

— Mas, como seres humanos, também somos capazes de pensar para frente. Eu me considero bastante progressivo. Eu estou escolhendo agora a subir acima desses babacas hipócritas. Eu estou escolhendo viver a vida que eu quero viver, os curiosos que se danem.

Ela enxugou as lágrimas e riu. — Yeah. Danem-se eles.

E o tempo todo que eu reforcei a minha irmãzinha... Eu também descobri que eu tinha me fortalecido. *Vamos, Bitterroot.*

Capítulo 12

Nós puxamos para a pequena estrada de terra ao lado da rodovia, a única indicação de que estávamos no lugar certo era o pequeno sinal frágil, pendurado ao seu lado que dizia HUNT RANCH, o que era difícil de ler por causa da neve empilhada tão alta contra ele. Demorou um pouco mais do que eu tinha previsto para viajar a jornada de oito quilômetros até a fazenda porque eu nunca tinha dirigido na neve antes, não esse tipo de neve de qualquer maneira. Não era uma questão de tração, mas de visibilidade.

— Você não estava mentindo. Este lugar é incrível. — disse Bridge, com o rosto grudado à janela congelada.

Montanhas cobertas de branco brilhavam no sol entre nuvens de bola de algodão. Um milhão de diamantes parecem refletir na superfície desses topos antes de seu olhar sangrar até uma rocha escura ébano—a dicotomia da natureza. Era magnificência pura. Se você seguir a linha da montanha para a base, um mar polvilhado de pinheiros cobertos de neve serpenteava o seu caminho em direção à estrada que estávamos viajando.

— *Tão* lindo. — soprou Bridge. Um pouquinho mais leve de coração, eu pensei.

— Sim, me dá vontade de beber uma cerveja. — eu provoquei.

Sua cabeça chicoteou em minha direção, ela riu e balançou a cabeça. — Você é um idiota. — disse ela antes de voltar os olhos para a vista.

Eu ri.

A canção tocou no aparelho de som, fazendo o nosso ambiente parecer ainda mais deslumbrante, se possível.

— De repente eu não estou com tanto medo. — disse Bridge.

Nós viramos a curva e veio acima o rancho. Era tudo como eu imaginava que uma fazenda de gado à moda antiga no fundo de Montana seria semelhante. Nada além de uma miríade de construções de madeira viva com as pessoas.

Nós rondamos em torno do que parecia ser a casa principal. Era uma cabana de dois andares com uma grande parede de janelas salientes para cima e para fora no centro, mas o teto sobre as janelas se estendia para fora, cobrindo um grande deck amplo e estava apoiado por dois enormes troncos de árvores que pareciam ser muito antigos.

A casa foi criada um pouco mais longe em uma colina com suas costas para as montanhas. Uma ampla escadaria de madeira subia ao deck e encontrava a larga porta da frente de madeira debaixo do beiral. Não havia uma placa de corte à vista, os troncos só resistiam brilhantes com um brilho impossível graças ao tempo, clima e muitas, muitas mãos.

Nossos pneus mastigaram a neve e chegamos a uma parada lenta na frente da escada ao lado de cinco caminhões enferrujados diferentes, polvilhados com botas aleatórias, luvas, ferramentas ocasionais e feno espalhados. Um deles até tinha uma sela montando em sua caçamba. Eu me arrepiei quando eu me aproximei no lado deles, sabendo que nossa nova caminhonete provavelmente picava como uma ferida no polegar.

— Eu retiro o que disse. — Bridge corrige.

— Não me diga. — eu disse, um pouco intimidado.

Isso era mais longe de casa do que eu alguma vez percebi. Isto era o maldito Marte.

Eu saí e plantei o pé na neve que foi feita de gelo por pegadas e marcas de pneus. Eu dei um passo e eu quase caí, me segurando na parede da caçamba, antes de corrigir-me mais uma vez. Eu balancei minha

cabeça. *Não caia, cara.* Eu iniciei o meu caminho para o lado de Bridge e abri a porta para ela.

Um assobio agudo chamou nossa atenção. — Olá! — Um cara alto um pouco mais velho do que eu gritou.

Ele acenou com a mão para nos parar então correu em nossa direção. Eu vi o cara. Ele tinha um metro e oitenta e sete ou noventa, talvez oitenta quilos, seus ombros me diziam que ele era um tipo de cara de trabalho manual e que, se precisasse, ele poderia batê-lo a merda fora.

— Cricket? — eu perguntei.

O cara riu, o que achei estranho, mas ele não se explicou.

— Não, Cricket é meu primo. Jonah Hunt. — apresentou-se, sua respiração congelando no ar. Ele tirou uma mão vermelha-empolada congelada da sua luva de couro e estendeu-a para mim.

— Spencer Blackwell. — eu disse, apertando a mão oferecida.

— Eu sou um dos netos de Emmett e Ellie.

— Prazer em conhecê-lo. — disse eu.

Jonah se virou para Bridge e seus olhos se arregalaram antes que ele os resfriasse para uma indiferença forçada. Apertei meu próprio olhar.

— Jonah, esta é minha irmã, Bridget. — eu disse, apresentando-a.

— Você pode me chamar de Bridge. — disse ela.

Ele estendeu a mão para ela e ela a pegou. — Prazer em conhecê-la. — ele ofereceu com um sorriso. Seus dentes brancos e retos eram gritantes contra as bochechas vermelhas queimadas do vento.

Eu não tinha notado, mas alguns outros peões começaram a ficar curiosos. Sem dúvida, eles estavam esperando-nos hoje e tinham visto nossa caminhonete puxar para dentro. Um casal idoso estava fazendo o seu caminho em direção a nós e Jonah fez um gesto em direção a eles.

— Lá estão eles. — disse ele.

Quando estavam a poucos metros de distância, Jonah gritou. — Vovô, este é Spencer. — disse ele descansando a mão no meu ombro brevemente antes de dobrar-se um pouco mais perto da Bridge. — e Bridget Blackwell.

— É um prazer, senhor. — disse o senhor mais velho, oferecendo sua mão também. Ele era alto e estava com uma força que eu raramente tinha visto em um homem de sua idade, um produto de sua profissão, eu suspeitava, com cabelo sal-e-pimenta e bochechas caídas. — Emmett Hunt. — ele continuou. — Esta é minha esposa, Ellie.

Olhos azuis claros celestes da mulher mais velha semicerraram no sol e uma mão desgastada sombreou seu olhar. — Um prazer conhecê-lo. — disse ela antes de se aproximar, seus olhos mostravam linhas de riso profundas.

Suas mãos frias encontraram meu rosto e ela sorriu, antes de passar para Bridge, fazendo o mesmo para ela, mas suas mãos permaneceram lá.

— Bem-vinda, menina corajosa. — disse ela simplesmente.

Os olhos de Bridge começaram a vidrar e ela sorriu de volta. — Obrigada.

— Bem, vocês nos pegaram no final do nosso dia de trabalho. — disse ela, dando um passo para trás para ficar com o marido. — Embora, o trabalho nunca para, mas vocês vieram bem a tempo para o jantar, que é uma coisa grande porque estamos preparando algo um pouco mais especial para vocês. — Ela piscou. — Jonah irá mostrar-lhe o seu trailer para que vocês possam se instalar e descansar um pouco, enquanto eu tenho tudo ficando pronto.

— Obrigado. — Bridge e eu dissemos em uníssono.

— Bem-vindo à Hunt Ranch! — Disse ela, antes de saltar os degraus atrás de Emmett.

— Pulem em sua caminhonete e eu vou lhe mostrar o caminho. — disse Jonah.

Fizemos como ele instruiu e eu rolei para baixo a minha janela para ele quando ele pulou na barra de degrau da caminhonete.

Ele se inclinou ligeiramente. — De ré um pouco e vá nessa direção. — disse ele, apontando para um conjunto de edifícios de madeira. Eu fiz isso, lentamente. — Essa era a casa principal, como você pode imaginar. Isto aqui. — disse ele apontando novamente para uma estrutura alta de madeira na nossa esquerda. Era aberta, mas coberta. — Este é o nosso armazém de feno. Próximo ao que é nosso celeiro principal e o curral está anexado ao outro lado. — Nós viramos uma pequena curva. — Garagem para armazenar todos os nossos maquinários. Alguns de nós peões vivem acima da garagem, inclusive eu. — disse ele, olhando para Bridge. Eu me senti como cronometrando ele, mas ele só estava tentando ser agradável. Isso não significava que eu tinha que gostar da atenção que ele estava dando a ela. — Celeiro de cavalos. — continuou ele. — Nós temos alguns outros edifícios pequenos de uma centena de metros ou mais nessa direção. — Ele apontou a leste e vi um salpicado de edifícios. — Aqueles eram originais para o rancho no fim do século XVIII. Aqui estamos nós. — disse ele, apontando para a esquerda. — Todos estes não foram construídos até 1920 mais ou menos. Eles não parecem muito diferentes, não é? — Ele riu.

Nós viemos sobre um pequeno trailer de luxo prata escondido abaixo de alguns pinheiros, na parte inferior da colina inclinada paralela à casa principal. Bridge olhou para mim e eu balancei a cabeça para manter a calma até que estivéssemos sozinhos. Jonah saiu da barra de degrau quando eu parei perto do trailer e correu para o lado do passageiro, abrindo a porta para a Bridge.

— Obrigada. — disse ela, pegando sua mão e descendo.

Abri as portas traseiras e comecei a pegar as malas. Jonah seguiu o exemplo, abrindo a porta de trás mais próxima dele e pegou o restante. Eu balancei a cabeça em meu agradecimento.

Ele nos levou ao trailer e andou da pequena escada para a pequena porta redonda e abriu-a. Entrei depois dele, diretamente à minha direita estava um sofá embutido que juntava as duas extremidades contra a largura do reboque, exceto por um pequeno muro de armários que estava perpendicular contra a parede mais distante da porta. Ao longo dessa mesma parede, estava uma pequena geladeira, armário, e através daqueles tinha uma pequena pia e fogão. Havia também uma pequena mesa laminada na frente do sofá. Passado as portas centrais sanfonadas deitava duas pequenas camas de solteiro em extremidades opostas das paredes do trailer e, além disso, um pequeno banheiro com vaso sanitário, pia e banheira com chuveiro. Todo o lugar era uma viagem de volta no tempo para os anos setenta, completos com pisos laminados dourados e bancadas, mas parecia e cheirava limpo e tinha novos colchões e roupas de cama. *Espero que eles não compraram isso para nós*, pensei. Eu me sentia mal o suficiente impondo sua hospitalidade como era.

— Há aquecedor, eletricidade e água corrente. — Jonah mencionou, colocando as nossas coisas no sofá. — Embora, vocês podem querer manter alguns cobertores ao redor quando uma nevasca vem ao redor, e elas virão.

— Obrigada, Jonah. — disse Bridge, estudando seus arredores. — Estamos muito gratos. — acrescentou.

Jonah sorriu e acenou com a cabeça. — Vou deixá-los. Jantar é em uma hora. Vemo-nos lá?

— É claro. — respondeu Bridge acenando para ele antes de fechar a porta.

Ficamos em silêncio, levando-se em nosso entorno.

— É—É definitivamente diferente de L.A.. — disse ela, quebrando o silêncio.

Eu estava acostumado a viver em espaços confinados vivendo em um dormitório da Brown, mas isso era tudo muito novo para ela.

— Você vai ficar bem com isso? — Perguntei.

Ela endureceu seu lábio superior. — Claro. Eu não estava mentindo quando disse que estava agradecida. Além disso, talvez eles têm uma loja na cidade. Podemos, tipo, enfeitá-lo um pouco?

Eu ri para ela. — Isso é legal, Bridge. Vou dar-lhe algum dinheiro.

— Podemos pagar isso? — Ela perguntou.

Fingi calcular na minha cabeça. — Eu penso que nós podemos balançar. Além disso, eu preciso entrar em Kalispell para algumas coisas de qualquer maneira. Encontrar um banco, de alguma forma, abrir uma conta, sem o pai descobrir, encontrar um médico para você.

Seu rosto caiu. — Eu quase me esqueci. — disse ela, com um sorriso triste enfeitando seu rosto. — Toda a razão de estarmos aqui.

— Exatamente. — eu adicionei, inspecionando o trailer. — o que significa que os meninos não são sequer uma opção aqui fora.

— Que diabos?

— Eu vi como Jonah olhou para você. Eu só estou dizendo.

Ela revirou os olhos. — Qual cama você quer?

— Bridge, quero dizer isso, sem meninos.

Ela endureceu suas costas. — Spencer, você realmente sabe como irritar uma menina, não é? Confie em mim, meu foco está um pouco preocupado no momento.

Capítulo 13

Nós desempacotamos da melhor maneira possível e eu notei que não havia uma TV ou praticamente qualquer coisa de conveniência realmente.

— Nós vamos ter que fazer uma lista. — eu disse, andando de volta para fora no frio.

Bridge fechou a porta atrás dela e correu para a caminhonete. Voltamos para a casa principal quando Ellie nos pediu. A fazenda parecia mais tranquila do que poderíamos dizer, com exceção de alguns caras aqui e ali. Um em particular, estava em um cavalo e indo em direção ao celeiro. Parecia que ele poderia ter sido nativo americano, mas suas feições pareciam mistas. A única confirmação que consegui era que ele tinha um longo rabo de cavalo na base do seu pescoço amarrado em couro.

— Hummina-hummina-hummina⁷. — brincou Bridge.

— Não. — eu reiterei.

— Eu posso olhar. — ela riu.

Estacionamos onde tínhamos antes e fizemos o nosso caminho até as escadas de madeira. Eu arrastei minha mão sobre o corrimão de madeira lisa. Eu não podia acreditar o quão suave a madeira era. Batemos na porta principal e ficamos pulando em nossas botas, enquanto esperamos por alguém responder. Vimos Ellie correr em direção a nós e balançar aberta uma das portas duplas.

⁷ Jargão utilizado para transmitir emoção ou atração sexual imediato com alguém que tira o seu fôlego.

— Desculpe, mas geralmente entramos pela porta lateral. É mais perto da sala de jantar.

Entramos e tomamos na extensão da sala principal. Era maior do que a nossa sala principal em casa. Eu tinha falhado em medir o quão grande a casa era do lado de fora, pois foi ofuscada pelas montanhas circundantes. As paredes estavam cobertas com cobertores indianos e cabeças de animais empalhados. No meio do teto de nove metros pendia um grande lustre galhado.

É tudo Petticoat Junction⁸ e merda aqui, eu pensei enquanto eu olhava ao redor. Eu, sem saber, bati minhas mãos juntas e esfreguei-as para trás e para frente. Deixei Ellie pensar que era sobre o frio. *Agora, se eu pudesse encontrar uma Bobbie Jo⁹.*

Só então, do outro lado da sala principal, entrando a partir de uma espécie de porta de trás, uma pequena figura emergiu. Ela fechou a porta atrás dela depois que uma grande mistura de pastor alemão sacudiu sua pele e sentou-se ofegante ao seu lado. O tempo parecia ter parado quando ela pisou a neve fora de suas botas de montar de borracha e tirou sua grande jaqueta e luvas, revelando o corpo mais bem modelado que eu tinha visto em anos. Ela tinha essas longas meias acinzentadas sob as botas que subiam até um pouco abaixo do joelho sobre seu jeans apertado. Meus olhos viajaram para cima.

Vi uma manta vermelha de botão ajustada nela como uma luva. Meu estômago se apertou à espera de seu rosto, mas ela parecia durar uma eternidade desembrulhando seu cachecol. Em volta e em volta e em volta sua mão foi, mas ela virou à direita quando eu poderia ter conseguido uma boa olhada. Eu amaldiçoei sob a minha respiração. Eu senti essa vontade inexplicável de correr até ela e virar ela ao redor.

Ela pendurou o cachecol ao lado de sua jaqueta e tirou seu boné de sua cabeça. Ela balançou o cabelo escuro e reto na altura do queixo,

⁸ Seriado americano com cenário rural que foi ao ar de setembro de 1963 a abril de 1970.

⁹ Personagem mulher do referido seriado.

em seguida, passou as mãos em toda a sua extensão, suavizando quaisquer nós. Ela se inclinou, cambaleando e abriu os longos zíperes nas costas de suas botas de borracha, saindo delas e aterrissando no chão em suas meias.

Eu descobri que ela era a mais bonita, mais sexy pequena coisa que eu já tinha visto, e eu ainda não tinha visto o rosto dela.

Ela começou a girar e eu preendi a respiração em antecipação.

Put. Merda.

A visão completa dela quase me soprou. Eu senti este soco no meu intestino e no peito que eu nunca tinha sentido antes, nem mesmo com Sophie. Minha mão foi para o meu coração como se eu pudesse parar o seu batimento. Esta menina era além de deslumbrante. Um corte francês sacudia em um rosto em forma de coração. Suas bochechas brilhavam um rosa brilhante por causa do frio, com destaque para as maçãs do rosto salientes. Suas sobrancelhas arqueadas perfeitamente sobre grandes olhos redondos brilhantes com os cílios mais longos que eu já vi em uma garota. Sua boca formava uma careta perfeita. Seus lábios carnudos eram mais cheios na parte inferior. Seu nariz de botão era reto e tão suave olhando que eu queria beijá-lo mais do que qualquer coisa no mundo. Eu teria pago um milhão de dólares naquele momento para fazer exatamente isso. Eu senti como uma ferramenta perfeita apenas por pensar isso.

Ela era como uma fada em sua estatura também, de pé, talvez, um metro e sessenta. Ela deu um passo para frente, não, esticou para frente como uma dançarina, e alisou as mãos pelo seu cabelo mais uma vez. Eu respirei fundo, não percebendo que eu já não tinha.

Foi quando ela nos notou e sorriu um pouco, traindo uma habilidade que eu não achava que poderia ser transmitida com uma única expressão facial. Ela caminhou em direção a nós parecendo completamente inocente, mas ao mesmo tempo *muito* perigosa. Ela era punk conhecia o Oeste, como Christina Ricci conhecia *Annie Get Your Gun*. Esta menina *parecia* mal-humorada.

— Ah, Cricket. — disse Ellie, envolvendo seu braço em volta dos ombros da menina.

Esta era *Cricket!* Eu me senti atropelado. Esta *menina* era prima de August? Eu sempre achei que ela era um homem. *Não admira que Jonah riu.*

— Vovó. — ela reconheceu, olhando-me com o olhar de um tigre com capuz. Ela tinha os olhos celestes da avó.

— Cricket, este é Spencer Blackwell e sua irmã Bridget.

— Prazer em conhecê-los. — ela ronronou.

Role essa língua, amigo. Baba é pouco atraente. Cricket piscou para mim como se ela pudesse ler meus pensamentos e eu quase caí para trás. Eu sorri. *Insolente pequena atrevida.*

Sim, mal-humorada era uma palavra perfeita para ela.

Eu a vi saltar nas pontas dos seus pés, sorrindo, e brincando com a barra inferior da camisa. Ela fazia muitos gestos com as mãos. Seus dedos eram delgados e as unhas cobertas com um roxo profundo. Ela as mantinha curtas. Eu gostava de garotas com unhas curtas. Elas pareciam mais femininas para mim do que quando usadas longas. Seu cabelo balançava para frente e para trás quando ela falava, sua franja curta descansando sobre suas sobrancelhas. Ela ocasionalmente soprava para elas, em seguida, alisava-as de volta para baixo com as mãos. Quando ela ria, ela ria com todo seu corpo, jogando a cabeça para trás e revelando covinhas em suas bochechas.

Meu Deus, eu estava tão atraído por essa garota. Eu não poderia mesmo fixar a uma coisa. Se você pegasse tudo que eu já tinha encontrado de quente e bonito em uma menina e empilhasse em um canto, você terá Cricket Hunt... de pé em um canto.

Eu estava de pé, olhando para ela por só Deus sabe quanto tempo até que Bridge me deu uma cotovelada. — Você ouviu isso, Spence? — ela apertou.

— Desculpe? — eu perguntei, genuinamente perdido.

Seus olhos saltaram um pouco para mim, em silêncio, me dizendo para colocar minha cabeça no jogo. — Ellie estava dizendo que Kalispell é perto. Eu estava dizendo a ela que tínhamos necessidade de ir à cidade para algumas coisas, encontrar um médico e um banco.

— Sim. — eu disse, limpando a garganta, em seguida, olhando meu caminho de volta para Cricket. Eu não conseguia tirar meus olhos dela. — Precisamos encontrar um banco e um médico para Bridge. — eu disse distraidamente, meus olhos encontrando Ellie, em seguida, movendo imediatamente de volta para Cricket.

Bridge revirou os olhos.

— Bem, jantar é logo por aqui. — Ellie acrescentou alegremente. Ela pegou o braço de Bridge e guiou-a por um corredor largo, deixando Cricket e eu sozinhos.

Sorri idiotamente porque esta menina sugou toda a mágica de mim.

— Eu—uh—eu... — *Suave.*

Os olhos de Cricket arregalaram em descrença, provavelmente porque eu não poderia amarrar uma sentença junto. Ela caminhou na direção que Ellie e Bridge tinham ido.

— Vamos lá, garoto! — Disse ela, estalando os dedos. Eu pulei para a ordem, embaralhando para o seu lado o mais rápido possível. O grande pastor alemão misturado caiu em passo ao lado dela. Ela mordeu o lábio inferior para não sorrir. Eu quase me bati na cara, mas segurei. Agora *você tem restrição? Encantador.*

— August disse que você rema? — ela perguntou. A voz dela derramou sobre mim como calda quente. Fechei os olhos e desfrutei da sensação entorpecida, então percebi que ela me fez uma pergunta.

— Sim. — eu respondi tardiamente. *Boa. Uma resposta curta, mas é melhor do que a boca diarreia.* — Eu remo... uma—uh—canoa... com—uh—meus companheiros. — *Soberbo! Apenas—uh—soberbo.*

— Você usa um *remo*? — brincou ela, mordendo o lábio inferior novamente. *Encontrei-me fantasiando que eu era o único que mordia aquele lábio inferior.* Sua boca me distraiu. *Responde a ela!*

— Sim, espertinha, eu uso um remo. — Eu flertei, sorrindo de orelha a orelha, porque eu não poderia evitar.

Ela sorriu de volta, me fazendo querer adorar a seus pés. *Enfie um garfo em mim!*

— Este é Inútil Eugene. — disse ela, batendo no lado do pescoço de seu cão. — Mas eu só chamo-o de Eugie.

— De onde ele ganhou esse nome?

— Quando ele era filhote, ele se afeiçoou a mim e só me seguia. Nós não poderíamos fazê-lo trabalhar a menos que eu estivesse lá, e eu estava na escola, então. Eles o levaram para o campo, mas ele acabou voltando correndo para a casa procurando por mim. Meu pai chamou-o de Inútil Eugene e pegou.

— Quantos anos ele tem?

— Treze.

Eu olhei para o velho menino e percebi um pequeno engate em seu passo. Eu poderia dizer que seus ossos doíam.

Entramos em uma grande sala de jantar com uma mesa de madeira comprida e longos bancos ao invés de cadeiras que provavelmente poderia sentar pelo menos trinta. O teto era menor nesta sala, fazendo-a parecer mais íntima. Ao longo do centro da mesa deitava um banquete. Pratos cheios de filés de frango fritos, frango frito, pilhas de bife grelhado e biscoitos. Havia tigelas cheias de purê de batatas, creme de milho e feijão verde com bacon. O *colesterol dessas pessoas deve estar através do telhado*, eu pensei, mas olhei para os poucos já sentados. Não havia uma única pessoa com excesso de peso lá.

— Se você trabalhou 12 horas por dia, queimou cerca de três mil calorias nessas 12 horas, com o enorme trabalho envolvido, você precisa de jantares como este. — afirmou Cricket com um sorriso.

Aquele sorriso eu poderia dizer que era sua marca registrada e eu adorava-o já. *Deus! Ela era mal-humorada!*

— Eu não disse nada. — eu provoquei.

— Você não precisou. Seus olhos disseram isso por você.

— Eu só não estou acostumado a isso. Eu como de forma diferente é tudo. — eu expliquei.

Ela bufou. — Ok, menino sushi, sente-se. — ela apontou, indo na direção que eu assumi era a cozinha.

Eu a observei caminhar e desfrutei da vista.

— Spence, aqui! — Ouvi Bridge chamar.

Eu me juntei a ela na cabeceira da mesa e sentei à sua esquerda, na borda do banco.

— Oh meu Deus, eu estou com tanta fome. — disse ela, olhando para tudo diante dela como se ela não tivesse acabado de comer uma caixa de biscoitos em nosso trailer.

— Calma, kemosabe¹⁰. — eu ri.

Ela olhou para mim. — Essa coisa em mim é como um maldito poço sem fundo. Está sempre com fome.

Eu sorri para ela e ela sorriu de volta, mas revirou os olhos.

— Feliz? — eu perguntei.

— Eu tenho um sentimento que eu vou estar. — ela respondeu com um sorriso. Ela olhou para suas mãos no colo, em seguida, para mim. — Cricket parece legal.

— Cala a boca. — eu exigi, tentando esconder meu sorriso.

¹⁰ Usado em Lone Ranger, para chamar de “amigo fiel”.

— E *meu Deus* você foi suave. — brincou ela, franzindo as sobrancelhas. — Quero dizer, eu nunca vi alguém tão encantado antes.

Eu ri. — Foi tão óbvio?

— Não, bonitinho, você convenceu *a todos*. Os olhos saltados foram um toque agradável. — Ela estalou a língua e formou um ok com a mão.

Corri a mão pelo meu rosto. — Como é humilhante.

— Eu tenho que admitir, eu nunca vi você tropeçar em si mesmo assim, nem mesmo com Sophie Price você perdeu a calma. Este é um lado bom de você ou o que quer que seja.

— Talvez eu esteja cansado. — Eu ofereci à guisa de explicação. Eu não sei quem eu estava tentando convencer—eu ou Bridge.

— Talvez.

Mais pessoas continuavam a aparecer. Parecia uma cena de *Bonanza*. Homens e mulheres de todas as idades vieram do frio, ostentando seus equipamentos de cavalo. Eu não podia acreditar que as pessoas ainda viviam assim. Era tão estranho para mim, tão fascinante.

Cricket seguiu sua avó para a sala de jantar, com outra grande tigela de batatas. Ela olhou para mim e revirou os olhos, mas ri. Eu observei ela colocar a tigela para baixo. Ela era tão pequena que tinha que chegar um pouco para o centro da mesa e expôs sua barriga ligeiramente, me deixando cambaleando. *Oh, por favor, Deus, deixe-a sentar-se à minha frente.*

Ela se moveu lentamente, dolorosamente devagar, muito devagar para mim em direção a nossa ponta da mesa, mas escolheu a parte do banco em frente de mim. Tentei com muita dificuldade acalmar o meu coração batendo rapidamente. Eu sorri para ela e ela sorriu de volta. Eugie, estava em seus calcanhares o tempo todo, enrolado em seus pés.

Emmett e Ellie sentaram à minha esquerda, à direita de Cricket, no fim da mesa. Todos se sentaram e conversaram. Eu não sabia o que

estávamos esperando. Cada local estava cheio na mesa, exceto o ponto diretamente ao lado de Cricket. Minhas sobrancelhas franzidas na curiosidade até que a porta se abriu com uma brisa fria e o cara nativo americano que eu vi sobre o cavalo mais cedo entrou. Ele removeu todo o seu equipamento e jogou-o em um dos ganchos.

Não, eu percebi como ele fez o seu caminho em direção a Cricket.

Apoiou um braço sólido sobre a mesa e se inclinou para ela, beijando-a na boca antes de deslizar ao lado dela. Ela sorriu para ele, virando-se em direção a ele quando ele se sentou, e enfiou os dedos por cima do cabelo dele. Eles estavam falando, mas eu não tinha ideia do que eles estavam dizendo. Eu estava muito distraído com a dor aguda no meu estômago e peito. *Droga*. Ela riu enquanto ele a beijou mais uma vez. Eu queria rasgá-lo fora dela. Eu estava tão malditamente desapontado. Eu nunca me senti mais decepcionado. Eu senti os olhos de Bridge em mim, mas eu me recusei a voltar o olhar, muito obcecado em observá-los.

Eles se voltaram para nós.

— Spencer, Bridget, este é Ethan Moonson. — disse Cricket, alegremente introduzindo o bastardo.

— Prazer em conhecê-lo. — disse Bridge, um sorriso brilhante no rosto.

Eu balancei a cabeça. — Olá. — Era tudo que eu poderia reunir.

Ele voltou a acenar com a cabeça. — Spencer, Bridget, um prazer. — sua voz profunda calma respondeu.

Bridget se inclinou um pouco e fez a Ethan uma pergunta. Ele respondeu com vigor e meus olhos atiraram para Cricket. Ela estava me olhando, me avaliando, tentando decifrar se a minha paquera anteriormente significava nada. Eu secretamente sorri e balancei a cabeça, deixando-a saber que eu estava cabisbaixo naquele momento, mas que isso não significava nada. Eu estava inclinando minha arma metafórica. Seus olhos se arregalaram por um breve momento antes de se relaxarem. Ela se virou e fingiu interesse no que Ethan estava falando,

mas ela não estava me enganando. *Clique.* Meus olhos nunca deixaram seu rosto. Ela olhava periodicamente em minha direção, e eu sabia por experiência que só havia uma razão para alguém fazer isso. Ela estava tentando esconder o seu próprio interesse em mim. *Clique.* Ela se virou para mim novamente e desta vez eu pisquei, fazendo-a contorcer-se visivelmente.

— Certo, Cricket? — Ethan perguntou.

Seu olhar estava voltado para o meu. — Hmm? — ela perguntou, balançando a cabeça para se concentrar.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Ela se virou para encará-lo. — O quê? Sim, desculpe, qual era a pergunta?

Clique.

Capítulo 14

— Todo mundo! Todo mundo! — Emmett disse, levantando e batendo o lado de sua colher contra o seu chá, um copo de conservas que eu só tinha visto em filmes as pessoas bebendo dele. Ele ergueu as mãos para acalmar a mesa turbulenta. — Antes de eu dizer graças, eu gostaria de aproveitar este momento para receber os Blackwells. — Ele virou-se para nós e os outros olharam para nossa direção, fazendo Bridge corar. Jonah sorriu para ela, tentando acalmá-la, ao mesmo tempo me deixando muito nervoso. — Estamos todos felizes em tê-los aqui e gostaria que vocês sejam muito confortáveis. Convidamos vocês para o rebanho.

— Aqui! Aqui! — Alguns soaram sobre os copos tilintando.

Ele sentou-se e inclinou-se para nós. Silenciosamente, ele disse. — Nós estamos todos conscientes de que a sua segurança é uma prioridade. Nenhum dos meus aqui nunca irá expor você, minha querida. — O rosto de Bridge caiu para seu colo, seus olhos se voltaram vítreos, as bochechas brilhavam vermelho escuro. Ela estava envergonhada. Emmett atirou-a sob o queixo. — Nada disso, senhorita. Você fez bem, garota. Ninguém aqui pensa menos de você. Fato é que, minha Cricket é o produto da minha menina do meio, que Deus a tenha, exatamente da mesma maneira, e nós não a trocaríamos por nada no mundo. — *a mãe de Cricket estava morta?* Ele olhou para Cricket e suspirou profundamente. — Sim, eu daria qualquer coisa para mantê-la para sempre. Ela é o meu doce anjo.

— Obrigada. — disse Bridge, levantando a cabeça e passando rapidamente abaixo de seus olhos.

Cricket piscou para ela, uma declaração silenciosa de camaradagem.

Por respeito, ninguém nos pediu uma única pergunta sobre deixar nossos pais. Eles fizeram muitas perguntas a nosso respeito, mas ao invés de perguntar para quando Bridge estava esperando, que ainda não estávamos cientes, a conversa voltou principalmente para o que nos interessava.

— Ethan. — Bridge perguntou depois que os pratos de todos foram limpos. — se você não se importa de eu perguntar, de que tribo você é?

— Eu não me importo. — Ele sorriu. — Eu sou da tribo Echo River. Nós estivemos nas Montanhas Bitterroot por mais de trezentos anos. Mantivemos as montanhas e as montanhas nos mantiveram.

— Fascinante. — disse ela. — Eu me pergunto como vocês sobreviveram ao frio.

— Nós somos feitos para este tempo. Nós fomos feitos para aquelas montanhas.

Bridge sorriu e acenou com a cabeça.

— O que fez você querer trabalhar aqui? — Eu perguntei a Ethan, não capaz de me ajudar.

— Meu pai me colocou dentro. Ele trabalha aqui. — respondeu ele. Bridge e eu olhamos em volta. — Ele. Bem ali. — Ethan apontou para um grande homem branco na extremidade oposta, uma figura solitária de aparência não juntar muita conversa, mas parecia agradável o suficiente, sorrindo de vez em quando para os outros ao seu redor. Ethan ganhou seus olhos e nariz. — Minha mãe é Echo River. — explicou Ethan.

Eu balancei a cabeça. — Onde ela está? — Perguntei.

Cricket se mexeu desconfortavelmente. O rosto de Ethan caiu para seu prato. — Ela, uh, morreu há dois anos.

— Eu sinto muito. — disse Bridge.

— Está tudo bem. Ela amou e foi amada. Eu sinto falta dela, mas eu sei onde ela está. — Ele levantou o rosto em direção a nós mais uma vez.

— E quem são seus pais? — Bridge perguntou a Jonah.

Os olhos de Jonah arregalaram como se em descrença de que ela falou com ele. — Charles é meu pai ou Chuck como todos o chamam. Ele vive em Butte com a minha mãe.

— Legal. — ela respondeu. Ele sorriu como um tolo.

— Minha mãe era a irmã mais nova de Chuck por um ano. — Cricket acrescentou, brincando com o guardanapo. — Eu sei que ninguém perguntou, mas eu percebi que eu diria a você de qualquer maneira. O nome dela era Sarah. — Ethan apertou seu ombro e ela piscou para ele, fazendo meu estômago agitar.

— Então, como é August como um companheiro de quarto? — perguntou Jonah.

Devo abertamente mentir? — Ele é legal. — eu disse a verdade, mas deixei por isso mesmo.

— Não perseguindo um rabo? — Jonah riu.

— Talvez. — eu escapei.

— Eu estaria disposta a apostar que não há talvez sobre isso. — disse Cricket, rindo.

— Ele é *popular*. — eu dei dentro.

Tanto Jonah e Cricket riram. Ethan balançou a cabeça.

— E você? — Jonah me perguntou. — Você tem uma menina de volta para casa? Na Brown?

Olhei diretamente para Cricket e sorri. — Não. Livre como um pássaro. — Cricket visivelmente engoliu. *Clique*.

— Temos um bando de garotas bonitas por aqui. — continuou Jonah. — Todo sábado à noite, exceto durante a época do parto, todos nós vamos para Kalispell. Você deve se juntar a nós, então.

— Eu aposto que as garotas ficariam contentes por uma cara nova. — Ellie entrou na conversa alegremente.

— Eu adoraria isso. — eu disse, sentando para trás um pouco, ainda observando Cricket, mas ela estava me ignorando. *Clique.*

— Você é bom em um cavalo, meu filho? — Perguntou Emmett, mudando de assunto.

Levei algum tempo para virar o meu olhar de Cricket. — Sim, senhor. — eu respondi. — Eu costumava jogar polo na escola preparatória. — Nossa metade da mesa riu. — O quê? — Eu perguntei, um pouco ofendido.

— Não é o mesmo. — disse Ethan.

Inclinei-me um pouco em direção a ele, não sei por que eu estava deixando-o chegar até mim, eu era geralmente muito educado em jogar a mão superior. — Eu aposto que eu sou um pouco melhor do que você pensa.

Ele balançou a cabeça, como se ele não acreditou em mim. *Vamos, cara.*

— Bem, eu acho que nós vamos ter que ver depois. — ele acrescentou.

— Você tem bons braços e ombros. — disse Ellie, me avaliando. — Você vai ser útil vir na estação do parto que já está perto.

Eu exageradamente flexionei os músculos, imitando um fisiculturista, fazendo Ellie rir. — Aponte-me a direção de sua vaca mais próxima. — eu brinquei.

Ela bateu na mesa e realmente piou. — Rapaz, você é mais bonito do que um botão!

— Obrigado. — eu disse, sentindo meu rosto peculiarmente quente.

Alguém entrou na sala, outro peão jovem, mas ele parecia sem fôlego. — Emmett, temos uma novilha entrado em trabalho de parto e ela está tendo alguns problemas.

— O que no Sam Hill,— exclamou Emmett. — Ela está duas semanas adiantada! — Ele se levantou e Cricket seguiu.

— Eu tenho isso, Vovô. — ela disse a ele.

Ele balançou a cabeça e sentou-se, pegando a coxa de galinha que ele ainda estava trabalhando, pensando nada de sua oferta.

Ela avançou para o quarto com o casaco e botas, Eugie beliscando seus calcanhares. *Eles vão deixar este pequeno nada de uma menina ajudar a parir um bezerro por ela mesma!* Eu pulei para cima e os olhos de todos se voltaram para mim. Bridge me olhou de forma estranha. Fiquei ali um bom momento, debatendo se eu deveria ir atrás dela como um tonto.

— Você gostaria de ir? — Ellie me perguntou, me salvando.

— Isso é muito estranho? — eu perguntei.

— Nem um pouco. Eu não achei que você seria capaz de ver isso por um tempo, mas o rancho é inconstante e a novilha teve ideias diferentes. Vá.

Segui Cricket, mas não antes de notar as sobrancelhas franzidas de Ethan. Ele estava pegando, mas eu não conseguia me importar.

Eu agarrei o meu casaco e as luvas e abri a porta para a temperatura congelando. O frio era tão amargo, que me fez recuar um pouco. Eu empurrei através do vento gelado e vi o pequeno corpo de Cricket entrar no celeiro, Eugie bem atrás dela. O vento açoitava contra meu rosto e eu levantei meu cachecol contra a minha boca e nariz, deleitando-me com o calor do meu hálito. Eu fiz uma nota mental imediata para comprar um boné de algum tipo.

Quando entrei no celeiro, estava vários graus mais quente do que o exterior, as vacas e luzes quentes o trouxeram para uma temperatura

tolerável. Olhei em volta e notei Cricket agachada em um canto brincando com alguma coisa. "Yoshimi Battles the Pink Robots" começou a tocar. *Oh meu Deus, ela poderia ser mais sexy?* Ela se levantou e fez um pequeno movimento tímido de dança e meu queixo ficou frouxo, mas depois ela saiu para o outro lado do celeiro. *Onde em diabos ela está indo?* Comecei a seguir, mas ela rapidamente voltou para o celeiro conduzindo a novilha por uma corda. Ela ainda não tinha me notado. Ela guiou o animal em uma baia de metal e ele tentou se bater até o outro lado. Ele foi pego por uma despesa porta articulada contra suas omoplatas e prendendo sua cabeça. O portão impedia a novilha de recuar, o mais provável para impedi-la de atropelar Cricket. Eu sufoquei um estremecimento.

— Você vai ficar aí? — Eu ouvi, me assustando. Ok, ela *tinha* me notado.

— Uh, não, Ellie disse que eu poderia vir aqui? Isso está legal?

— Claro. — disse ela, dando de ombros.

Fui até seu canto do celeiro e cuidadosamente fiz meu caminho em torno da bezerra.

— Ela está adiantada. — disse Cricket.

A vaca continuou balançando a cabeça para cima e para baixo, lado a lado, bufando pelo que eu só poderia assumir era a dor do parto. Ela tinha uma pele marrom castanho brilhante e o calor de sua pele impregnava em nuvens acima dela de estar assim por muito tempo no frio, mas ela não parecia em tudo desconfortável nesse aspecto. Era como se ela foi feita para sobreviver a essas temperaturas. A novilha me viu e parou. Eu coloquei minha mão em sua cabeça, mas ela não vacilou.

— Porque agora vaca marrom? — Eu perguntei a sério.

Cricket bufou, mas reprimiu um sorriso, balançando a cabeça. — Você é um encrenqueiro. Eu já posso dizer.

— Você pode?

— Você está incitando a ira de Ethan. Sim, você é um encrenqueiro.

Eu levantei meus ombros em questão, fingindo que eu não tinha ideia do que ela estava falando. Ela revirou os olhos e começou a fazer o seu caminho em torno do celeiro. Segui-a, mantendo o ritmo com Eugie. *Hey, cachorrinho, parece que você tem alguma competição.*

— Você faz muito isso? — eu perguntei.

— Cerca de dez por cento do nosso gado vai precisar de ajuda no parto durante a temporada. Eu fiquei muito boa em tirar um bezerro de sua mãe, quando eu preciso.

Eu olhei de cima a baixo em apreciação, mas ela confundiu com ceticismo.

— Eu posso parecer pequena, mas eu sou capaz. — ela bufou.

— Oh, eu acredito em você.

Ela franziu as sobrancelhas, mas continuou andando. Ela pegou alguma corrente perversa com apertos de cabo de metal coberto em borracha preta, bem como duas barras de metal e alguma engenhoca estranha que eu não poderia colocar um nome. O celeiro era feito de madeira, bem como todos os edifícios na propriedade, mas este tinha um piso de concreto, inclinado ligeiramente para atender a vários drenos na base da inclinação correndo pelo meio do celeiro. Havia cerca de vinte outras vacas dentro, cada uma em uma baia alinhada fortemente com feno.

— Então você gosta de The Flaming Lips.

— Isso eu faço.

— E você tem um pastor alemão de raça misturado chamado Eugie.

— Sim, ele é pastor alemão e Australian Cattle Dog.

— Isso explica a face.

O cão tinha as orelhas um pouco maior do que um pastor alemão padrão, bem como grandes manchas de cabelo branco salpicado em seu rosto, mas em torno de seus olhos eram duas grandes manchas pretas.

— Ei, cuidado! — Disse ela, acenando com as grandes correntes para mim.

Eu levantei minhas mãos como se estivesse me rendendo. — Eu não disse que ele não era incrível.

Ela deixou cair as correntes em aceitação e continuou andando.

— Baia de parto. — disse ela, acenando com a mão em um círculo para a novilha presa. — Cabeça presa. — ela continuou a aula, apontando para a coisa de porta articulada. — Está aberto todo o caminho até o chão então se ela quer deitar-se, não vai prender, e não vai sufocá-la.

— E estas? — eu disse, apontando para as correntes em sua mão.

— Correntes?

— Oh.

Ela pegou as correntes e deixou-as cair em um fardo de feno ao lado da baia. Foi quando eu vi que as patas dianteiras do bezerro estavam saindo, coberto de merda parecendo doentia que eu já tinha visto. Eu quase engasguei.

— Qual é o problema, garoto da cidade? — Cricket perguntou, quando ela viu quão arregalados meus olhos tinham ficado.

Eu verifiquei a minha expressão. — Nada. — Ela riu de qualquer maneira.

A vaca ou novilha ou o que seja que era gritou.

— Coitada, ela está aflita. A novilha não está empurrando. — disse Cricket.

Ela se inclinou para as correntes.

— Qual é a diferença entre uma vaca e uma novilha? — eu perguntei.

— A novilha é uma vaca que ainda está para dar à luz.

— Ah.

Ela envolveu o meio da corrente ao redor das pernas do bezerro.

— Você está realmente fazendo isso. — eu disse.

Ela olhou para mim como se eu fosse um idiota. — O que mais eu deveria fazer? Deixar ela e o bezerro morrer? — Ela começou a puxar as alças revestidas de borracha. — Veja se podemos incitar ela para empurrar. — Cricket resmungou. Ela puxou um pouco mais forte, mas a novilha não parecia querer colaborar. Cricket sentou-se e posicionou as pernas contra a baia para alavancar e começou a puxar um pouco mais forte. O animal gritou. — Vamos lá, garota.

Vários minutos se passaram, onde Cricket puxaria então soltaria, puxaria e soltaria, mas a vaca não iria ajudar em nada.

— Eu vou precisar fazer todo o trabalho, eu acho. Pequena coisa teimosa.

Cricket puxou, seu rosto apertou, seus olhos enrugaram. Ela puxou até que a ponta do nariz estava espreitando completamente. Ela continuou puxando, mas não estava fazendo o progresso que ela queria, eu poderia dizer. Ela olhou para mim, me avaliando.

— Não. — eu disse.

— Por que não, galho verde? Você tem algo contra obter essas escavações muito sujas? Escute, eu posso chamar Ethan aqui para baixo, mas seria mais fácil se você se oferecesse. Este bezerro é muito grande e a pélvis da novilha é muito estreita. Eu vou precisar de um pouco de ajuda.

Quando ela mencionou Ethan, eu já tinha um passo à frente, empurrando as mangas. — O que eu faço?

— Só se posicionar como eu fiz e gentilmente, palavra-chave *gentilmente*, puxe. Tente calçar o bezerro para frente e para trás. Nós não queremos nada rasgando.

Eu balancei a cabeça e sentei no chão, apoiando meus pés contra a baia de metal e segurando as alças. Puxei suavemente, mudando o

bezerro para frente e para trás constantemente até que a cabeça saiu. Dei um suspiro de alívio.

— Continue. — Cricket cutucou.

Eu reposicionei minhas mãos sobre as alças para obter uma melhor aderência e puxei mais uma vez. Eu estava tentando ser gentil, mas o bezerro não estava se mexendo.

— Seja um pouco mais agressivo. — ela incentivou. — Dê-lhe um pouco mais.

Eu puxei mais e os ombros começaram a aparecer, então a barriga e, finalmente toda a panturrilha veio para fora e no meu colo. Eu nunca tinha experimentado nada parecido antes e foi incrivelmente emocionante. Eu sorri para o bebê, mas ele não estava respirando.

— Ele não está respirando. — eu disse, um pouco em pânico.

— Espere. — disse Cricket calma.

Ela pegou o bezerro e arrastou-o para uma baia forrada com feno. Ela sentou-se com ele e prendeu pedaços de palha até seu nariz. Eu levantei e a segui até lá.

— O que isso faz?

— Isso estimula a respiração. Obtém ele a botar para fora qualquer lixo em seu trato respiratório superior.

Ela esfregou o pequeno peito da coisa para frente e para trás, massageando, e incentivando-o, falando baixinho para ele. Com certeza, o bezerro começou a respirar, com os olhos atordoados com pouco controle sobre seus músculos. Sua pequena cabeça balançava para trás e para frente, os músculos inexperientes. Cricket enfiou as pernas debaixo dele e apoiou-o contra uma parede de feno.

— Lá vai você, bebê. — disse ela.

— É um menino, você disse?

— Um menino.

— Eu não acho que eu já usei esta palavra antes, mas essa coisa é bonito como merda.

Cricket riu alto.

Ela limpou a vaca depois a soltou para a baia com seu bezerro. Ela começou a varrer o feno do estábulo de parto. Eu vi uma vassoura no canto perto dela estêreo e contribuí. Ela trancou olhos comigo e assentiu. Nós varremos tudo e jogamos em um barril enorme de lixo. Pensei que estivéssemos prontos, mas ela foi para um dos longos lados do lado de dentro do celeiro e começou a desenrolar uma grande mangueira. Ela começou a pulverizar a baia e as ferramentas, os restos sendo levados pelos drenos. Ela, então, substituiu todas as ferramentas de volta de onde ela as tinha pegado. Quando tudo foi dito e feito, você não poderia mesmo dizer que a novilha tinha dado à luz. Até que, isso é, você olhasse para minhas roupas.

— Nojento. — eu disse com sinceridade.

— Só um pouco de sangue e tripas. — explicou ela.

— Isso tudo me custou cerca de cinco mil dólares. — disse eu, apontando para minhas roupas.

Com isso, ela começou a rir.

— Galho verde, eu nem sei por onde começar.

Ela desligou a música dela e se dirigiu para a porta que tínhamos entrado antes de vir da casa principal.

— O que eu devo fazer? — Eu gritei para fora.

— Eu sugiro que você se lave e descanse um pouco. O trabalho começa às cinco. — Ela parou e virou em minha direção. — Sugiro também que você use outra coisa, se você me entende.

— Esses são o único tipo de roupa que eu tenho.

Onde a maioria das garotas ficava impressionada com a minha roupa, por sua expressão por si só, Cricket parecia acreditar que eu era louco.

— Então eu acho que nós vamos ter que comprar-lhe algumas novas. Aquelas que, eu não sei, não custam mais do que o meu salário anual?

Ela fechou a porta atrás dela e eu fiquei ali me sentindo como um idiota de primeira classe... como eu deveria ter me sentido, mas tudo o que realmente me fez querer fazer era verificar o saldo em minha conta. Eu ia começar a contar os dias, não, os minutos, até Bridge fazer dezoito anos. Eu queria sair de lá. Cinco mil por ano para um cansativo e ingrato trabalho? Não, obrigado.

Capítulo 15

— Despreza tudo sobre a pequena velha eu? — Piper fez beicinho.

— O quê? — Eu perguntei.

Ela me ignorou. — Você flerta com essa menina, mas você realmente não quer ela. Você me quer.

— Sai daqui, Piper! — Eu exigi, descendo as escadas do villa.

Ela sorriu para mim, mas não era um sorriso bonito, era de arrepiar. — Perdeu todos os seus ganhos. — ela riu, cavando na lâmina.

Meu sangue gelou nas veias e eu parei na parte inferior da escada. — Sim, sua puta, graças a você, está tudo acabado.

Ela riu, jogando a cabeça para trás. — Como é que você vai deixar ele agora?

— Piada é você. Eu já deixei.

Ela balançou a cabeça. — Meu querido, você só acha que você deixou.

— O que você está falando?

— Você tem de compartilhar o que você tem com sua irmã. Você não tem o suficiente agora. Você vai voltar para ele, porque você sabe que ele vai pegá-lo de volta, mesmo depois do que você fez, e ele vai pegá-lo de volta porque ele não pode confiar em ninguém. Você precisa dele. Você precisa do que ele tem para conseguir para você o que você precisa.

— Cale a boca.

— Ele é o seu mercador. — ela gritou.

— Não, nós vamos ficar bem. — eu desesperadamente neguei. — Eu não preciso mais dele. — eu murmurei, uma tentativa de me acalmar.

— Mentiroso. — ela cantou, balançando a cabeça para trás e para frente como se ela fosse louca antes de jogar-se no sofá.

Passei por ela e para a cozinha. Ela apareceu para fora do sofá, correu para mim e levantou-se para cima do balcão, ao lado de onde eu estava.

Eu a estudei. — Por que você ainda está aqui?

— Sou Piper. — disse ela, como se isso explicasse tudo.

— Saia daqui. — eu exigi, mas ela não se moveu.

Eu a ignorei e abri meu laptop na mesa de café, entrando em minha conta. Eu podia sentir o alívio da pressão reprimida do meu peito enquanto eu lia o saldo. Tão perto, pensei.

— Mas ainda tão longe. — ela alfinetou, rindo um pouco no final.

Meu despertador tocou às quatro e meia da manhã e eu acordei assustado, confuso e muito mais do que um pouco assustado com o meu sonho. Olhei em volta e tinha esquecido onde estava. Meus arredores eram escuros quase como breu.

— Alarme estúpido. — Bridge sussurrou, sua voz quebrada de sono.

Querido Deus. Trailer. Bridge. Grávida. Gado. Rancho... Cricket.

Tudo veio correndo para mim naquele instante, me oprimindo, mas a última imagem, a imagem do rosto sorridente de Cricket, me fez relaxar. Eu sorri para mim mesmo. *Eu quero ela.*

Bridge acendeu a luz e o sorriso caiu. Eu joguei as cobertas sobre meu rosto e gemi.

— Quatro e meia da manhã foi inventado por Deus para me maltratar.

— E eu. — Bridge soou dentro.

— Eu acho que não é mais do que merecemos. — eu ri.

— Fale por você. — disse ela antes de fechar a porta do banheiro. Ouvi-a vomitar, do outro lado.

Obriguei-me a levantar e escovei os dentes na pia da cozinha, olhando para fora na estrada. Estava escuro como breu. A única luz era a partir da janela que eu me sentei, e que apenas se estendia a poucos metros.

Bridge surgiu e deitou, gemendo. Passei por ela, rapidamente alisando o cabelo do seu rosto, em seguida, me dirigi ao banheiro para tomar banho. Enquanto eu estava lá na noite anterior, eu descobri que eu tinha apenas cerca de três diferentes posições que eu poderia fazer para me lavar. Eu tinha que angular a cabeça para lavar meu cabelo. Isso era uma vadia.

Eu vasculhei minhas coisas na noite anterior e descobri que eu não tinha nada para vestir que não seria examinado por Cricket, então eu peguei meu mais velho par de jeans, uma térmica e um casaco de abotoar. Eu vesti as botas que eu tinha usado no dia anterior.

Abri a porta, passando as roupas cobertas de pós-parto que eu tinha usado e jogado no chão. Enquanto eu lamentava sua perda, fui interrompido por luzes de um quatro-rodas vagueando até a estrada de terra coberta de neve. Minha mão imediatamente subiram para proteger meus olhos do seu brilho, de modo gritante contra a manhã escura. O veículo parou e as luzes foram desligadas. Era Jonah.

— Tudo bem? — Perguntei.

— Ah, sim. — disse ele, evitando contato com os olhos. — Eu apenas pensei que Bridget gostaria de um passeio até a casa principal.

— Isso foi bom de você. — eu disse, apreciando Jonah.

— Sim, bem, eu imaginei que ela não gostaria de andar pelo frio e neve em sua condição.

Eu abri a porta e inclinei-me nela, mantendo Jonah fora. — Bridge, você está decente?

— Sim, eu estou vestida. Por quê? O que foi? — Ela perguntou, batendo o seu caminho para baixo do corredor central estreito, só parecendo um pouco verde.

— Jonah Hunt está aqui para te dar uma carona até a casa principal.

Ela mordeu o lábio inferior. — Oh, isso foi gentil.

Deixei a porta fechar atrás de mim. — Foi, não foi?

— Silêncio, Spence.

Ela moveu por mim e abriu a porta para Jonah. — Entre. — ela convidou. Jonah subiu para dentro. — Isso foi legal de você. — ela disse a ele.

O idiota sorriu um sorriso de merda e tirou o boné de sua cabeça. Esperei o "aw, que pena", mas ele nunca veio.

— Deixe-me pegar meu casaco e eu estarei com você.

Jonah e eu ficamos em absoluto silêncio.

— Pronto. — disse ela, enrolando o cachecol e colocando seu gorro.

A observei subir na parte de trás do quatro rodas e enrolar suas mãos em torno do torso dele.

Sim, vou precisar cortar isso pela raiz, pensei. Jonah lentamente moveu-os para a estrada cheia de neve e dirigiu-se para a casa no ritmo de um caracol. *Pelo menos ele está sendo cuidadoso com ela.*

Eu desliguei todas as luzes e apliquei camada após camada de roupa, sabendo quão frio maldito eu estaria recebendo enquanto a manhã avançava. Felizmente, eu estava um pouco em melhor forma do que estava Bridge, frequentando uma faculdade em Rhode Island. Eu tinha dois pares de meias de lã, e minhas botas pareciam apertadas como merda, mas isso foi tão longe como dupla cobertura. Todo o resto eu improvisei.

Eu comecei em direção ao celeiro e estava grato que o vento estava calmo. Sobre o meio caminho da estrada, o meu coração começou a bater um ritmo irregular quando eu avistei Cricket vindo em minha direção. Minha respiração ficou presa na minha garganta. Esta menina. Esta pequena menina tinha *tal* poder incrível sobre mim com seus grandes, azuis e redondos olhos tristes. Seu rosto incomum, seu extraordinariamente *impressionante* rosto. Seu nariz empinado. As linhas de riso fracas ao redor dos olhos e da boca. E eu não conhecia ela, realmente não sabia mesmo se ela e eu éramos parecidos, mas isso não me impedia de desejar que nós compartilhássemos um futuro... mesmo se ela pertencia a outra pessoa.

— O que você está fazendo na minha parte do bosque? — Eu perguntei a ela.

— Só queria ter certeza de que você encontrou o seu caminho certo. Jonah me disse que ele estava pegando Bridget esta manhã. Pensei que seria indelicado se também não o ajudássemos um pouco. — ela brincou.

— Certeza que você simplesmente não queria me ver?

Ela revirou os olhos. — Este flerte descarado? Você sabe que está cortejando a ira de Ethan novamente, certo?

Isso me fez sorrir. — Estou colocando-a em apuros, mocinha?

— Não, mas... — ela começou, mas eu a cortei, agarrando seu braço, atordoado, realmente atordoado pela primeira vez na minha vida.

— Puta merda! Você está usando chaps¹¹. — eu perguntei, puxando-a para longe de mim para que eu pudesse dar uma boa olhada.



¹¹ Chaps

<http://www.countrybase.co.uk/proddetail.asp?prod=Norton-Amara-Full->

— Desculpe-me? — ela perguntou, olhando para mim como se eu fosse louco novamente.

— Você está. Você está usando *chaps*. — Meu estômago caiu aos meus pés. *Deus, ela é sexy como o inferno.* — Vire-se para mim. — eu provoquei.

— *Desculpe-me!* — *Ela está braba?* — O que está errado com você! — ela gritou, puxando o braço a distância. *Sim, ela está braba.*

— Eu só—eu nunca tinha visto uma menina em *chaps* antes. — eu disse, olhando, a mão involuntariamente correndo o comprimento do meu rosto. Eu apertei meus lábios para evitar babar.

Ela trouxe com altivez os punhos até os quadris. — Olha, você está aqui para trabalhar não para flertar.

— Eu não posso trabalhar *e* flertar?

— Claro que não, você está aqui para...

— Eu tenho certeza que eu posso fazer as duas coisas. Eu tentei isso antes. Eu fui muito bem-sucedido.

— Pare com isso. Você é...

— E você está deliciosa nisso, se eu digo assim eu mesmo. Gostaria de saber se eu poderia fazê-la usar isso em todos os momentos. — pensei.

— Não! Eu—eu... *ugh!* — *Clique.*

— Você está nervosa?

— Estou ficando com Ethan.

— Você *está* nervosa. Eu perturbo você. Huh, totalmente uma mudança de ritmo desde ontem. — Ela bufou na frente de mim, seu glorioso traseiro de frente para mim, correndo em direção ao celeiro. — Lindo! — Eu disse, parando para apreciá-lo. — Agora, isso foi tão difícil?

Ela imediatamente cobriu a bunda com as mãos e se virou, seus olhos se estreitaram para mim. Ela começou a andar de lado, como um caranguejo, e comecei a rir.

Quando eu finalmente entrei no estábulo de cavalos, Cricket estava rebocada ao lado de Ethan ouvindo Jonah. Eu corri até eles.

— ...dela. — foi a única coisa que eu peguei de tudo o que Jonah estava dizendo. O grupo ficou em silêncio. *Bridge. Bridge era o seu tema de conversa. Droga.*

— Ei, pessoal. — eu disse.

Ethan assentiu, mas parecia civil. *Cricket não tagarelou como tinha ameaçado.* Eu não poderia ter me importado menos, mas eu achei que era interessante. Eu discretamente pisquei para ela e seus olhos dispararam arregalados antes de estreitar nas promessas de força letal.

Jonah disse: — Ei, Spencer! Você está comigo agora. Vamos pegar essa metade das baías, e Ethan e Cricket pegarão o outro lado.

Droga. — Legal.

— Então, o que está em pauta hoje? — Eu perguntei a ele, tomando em meu redor.

O celeiro tinha cerca de quatro metros de altura, e tinha cerca de dez baías de cavalo correndo metade do comprimento de trás do celeiro em ambos os lados, criando vinte baías ao todo. A metade da frente era um espaço gigante aberto, embora eu não tinha certeza do que era. Eu podia ver da estrada no dia anterior que o celeiro de cavalo era o maior edifício na propriedade, e era óbvio uma vez que eu estava lá dentro, que era o caso. Eu tomei em toda a madeira rústica nos rodeando e não podia imaginar quantas horas um homem deve ter levado para forjar cada tora e prancha.

As baías de cavalo em si eram feitas de madeira também. Suas portas facilmente deslizavam em faixas da abertura. Cada baía tinha portas giratórias dando para o exterior também, mas eu poderia dizer que eram dificilmente utilizadas, pelo menos não no inverno.

— Nós vamos tirar o estrume das baías de cavalo. — explicou Jonah. — Fazemos isso uma vez por dia, a menos que os cavalos forem

mantidos no interior, por alguma razão, então vamos fazê-lo duas vezes. — Ele caminhou em direção a uma parede, pegou duas forquilhas e entregou uma para mim. Segui-o até a baia mais próxima. — Ok, então você vai querer calçar o garfo debaixo do monte de estrume. Com o garfo baixo no chão, com força remexa para frente e para trás, liberando qualquer cama de serragem¹² de pinho solto. Fazemos isso para que o estrume não quebre e poupamos camada limpa.

Juntos nós limpamos o estábulo em cerca de cinco minutos, passando para o próximo com o carrinho de mão, amarrando ou "acumulando" o cavalo do lado de fora da baia, em seguida, retornando o cavalo, soltando um novo fardo de feno, e enchendo seu balde de alimentação de três quilos com grãos. Passamos de uma baia para a próxima e a próxima até que todas as dez baias do nosso lado estivessem feitas. Nós não falamos muito, mas caímos em um ritmo fácil. Em cerca de 45 minutos, as nossas baias estava limpas e os nossos cavalos alimentados. Eu nunca tinha trabalhado assim com alguém, e me senti como se eu tivesse realmente conseguido algo.

— Bom trabalho, galho verde. — disse Jonah, me batendo nas costas.

— Cara, o que diabos é um galho verde? — Eu pedi, olhando Cricket enquanto fizemos o nosso caminho em direção à casa principal para o pequeno almoço.

Ela e Ethan tinham duas barracas sobrando. Eu me alegrei com o fato de que ela me observava todo o caminho.

Jonah riu. — Você é um galho verde. É essencialmente um iniciante, Spencer.

— Ah, acho que não há nada que eu possa fazer sobre isso.

— Nada. — ele disse, mas sorriu e me deu um tapa no ombro novamente. — Com fome?

¹² A cama é um substrato de material absorvente que se coloca sobre o piso para dar maior conforto. Realmente o animal pode descansar sobre ela tanto em pé como deitado.

— Faminto.

Capítulo 16

No café da manhã, Cricket chegou um pouco tarde demais para o meu gosto. Na verdade, eu sabia por um fato que eles deveriam ter saído logo após Jonah e eu. Estudei-os de toda a sala. Os lábios esfolados de Cricket deu seu pequeno jogo, e o maldito sorriso de Ethan me irritou além da crença.

— Olá? — Eu ouvi a minha esquerda.

— Huh? — Eu disse.

— Eu estava falando com você, Spence. — disse Bridge, revirando os olhos quando eu finalmente fiz contato visual.

— Não importa. — ela bufou. — Eu vou fazer xixi pela sétima vez esta manhã. Espero que Ellie não pense que eu estava tentando sair do trabalho. — Ela levantou-se e dirigiu-se para o banheiro.

Cricket me olhou com o canto do olho. Eu levantei minhas sobrancelhas em questão, mas ela me ignorou. Comecei a levantar para me juntar a eles, mas Bridge correu de volta para a sala de jantar, me assustando. Havia uma expressão de pânico em seu rosto.

— Eu estou sangrando. — ela sussurrou.

— *O que?*

Ela balançou a cabeça para cima e para baixo, os olhos vidrando mais, mordendo seu mindinho.

Meu coração pulou em minha garganta. — Ok, ok, não vamos entrar em pânico. Uh, deixe-me pensar. — eu disse, passando minhas mãos pelo meu cabelo. Meus olhos procuraram a mesa e encontraram o de Cricket.

Ela leu alguma coisa na minha expressão, levantou-se e rastejou sobre seu banco, praticamente correndo até nós. — O que há de errado? Você está bem, Bridget? — ela perguntou, chegando e passando a mão sobre o cabelo da minha irmã.

— Eu estou sangrando. — ela sussurrou novamente.

— Oh, Deus. Ok, não entre em pânico. Eu estarei de volta.

Cricket aproximou Ellie e elas falaram em sussurros.

— Ei, Spencer, você tem suas chaves? — Ela perguntou.

— Sim.

— Tudo bem, nós vamos para a cidade. Vovó tem um médico que ela vai ligar para nós.

— E todo o trabalho que eu preciso ajudá-la? — perguntou Bridge, uma vantagem para sua voz.

— Não se preocupe com isso, querida. — Cricket sorriu. — Vamos resolver você.

Bridge assentiu.

— Vocês duas fiquem aqui. — eu disse. — Eu vou correr para baixo e tirar a caminhonete para vocês.

Levantei-me e fiz meu caminho em direção à porta.

— Tudo bem? — Perguntou Jonah.

— Yeah, uh, bem, a Bridge pode estar tendo algumas complicações. Eu preciso correr para a minha caminhonete para levá-la para a cidade.

Sem pensar, Jonah correu pelo deck, descendo as escadas e ligou o seu quatro rodas.

— Você vai chegar lá mais rápido nesta coisa! — Disse. — Basta deixá-lo lá com as chaves na ignição. Eu vou buscá-lo mais tarde.

— Obrigado, Jonah. — Eu era grato a ele.

Corri para baixo da estrada, passando o celeiro de gado e a garagem, arredondando o celeiro de cavalo, em seguida, acabando na estrada do trailer. Ainda estava escuro como breu, mas o quatro rodas tinha faróis. Teria sido apenas uma caminhada de sete ou oito minutos a pé, mas eu estava tão ansioso, andando teria se sentido como uma vida. Eu desliguei o motor, mas deixei as chaves na ignição, como Jonah pediu, então me movi para a minha caminhonete, liguei o motor e joguei a engrenagem no sentido inverso antes de eu perceber que eu provavelmente iria precisar de algum dinheiro. Então eu pensei que provavelmente seria uma boa ideia ter tudo isso. Coloquei-o no estacionamento e entrei, colocando os maços de notas em um pacote pequeno.

Eu dirigi como um demônio, mas parecia que levou uma eternidade para chegar à casa principal. Sentei-me ocioso por um momento, o escape da caminhonete ondulando ao redor de mim, quando elas finalmente surgiram. Eu pulei da caminhonete e corri até elas, ajudando Bridge entrar, então a minúscula Cricket logo após ela. Bridge insistiu em sentar-se na parte de trás para que ela pudesse deitar se ela quisesse. Estávamos desajeitados na estrada em menos de um minuto.

— Graças a Deus as estradas estão claras hoje e não há neve. — disse Cricket, afivelando-se.

— O seu aquecedor está funcionando? — Eu perguntei para Cricket, colocando minha mão sobre a abertura de Bridge na parte de trás para ter certeza que o dela também estava esquentando.

Ela me olhou de forma estranha. — Sim, está tudo bem. — Ela limpou a garganta. — Obrigada.

Ela olhou para trás. Bridge estava descansando a cabeça na mão, o cotovelo sentado no apoio de braço.

— Você está bem? — Perguntou Cricket.

— Eu—eu não sei. Vamos ver, eu acho.

Bridge tentou parecer legal, mas terror atava sua voz.

— Você se importa de eu perguntar? Havia muito sangue? — perguntou Cricket.

— Uh, não, sim... Eu não sei.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos ver o que o Dr. Harmon diz.

Bridge assentiu.

Cricket se virou para mim e eu olhei para ela. Nós não falamos. Eu odiei ter que voltar a olhar para a estrada. Eu queria desesperadamente saber o que ela estava pensando. Eu queria deixar escapar todas as minhas perguntas, mas eu também não queria alarmar Bridge. Então nós dirigimos o percurso de meia hora a sudeste para Kalispell em quase completo silêncio. Bridge gritou, ocasionalmente, para ver quanto tempo mais ou para perguntar se nós pensamos que tudo ia ficar bem. — Não muito tempo. — eu disse a ela. — Você vai ficar bem. — nós oferecemos com nenhuma ideia real se isso era verdade.

Finalmente, entramos no centro de Kalispell. Era incrivelmente charmoso. Edifícios de tijolos construído no início do XIX, ruas de paralelepípedos originais e as calçadas cheias de pessoas comprando. As luzes da rua ainda estavam amarradas com festão e fita. Era além de pitoresca e parecia um dos últimos lugares da Terra que poderia fotografar em preto e branco e as pessoas não seriam capazes de discernir se era virada do século.

— Aqui está. — disse Cricket, quando me virei para a rua principal. — Este é o do Dr. Harmon.

Bridget espiou pela janela. — Isto parece uma farmácia saída de um filme da era vitoriana.

— Provavelmente um pouco depois. — eu corrigi.

Bridge me espetou com um olhar, em silêncio, me acenando para fechar minha boca.

Eu saí e corri para o outro lado e deixei Bridge e Cricket saírem. Havia duas entradas, uma para a farmácia no primeiro andar e

outra com uma escada estreita levando ao escritório do segundo andar do médico. Todos nós subimos as escadas, nossas botas ecoando em booms altos no pequeno espaço fechado. O topo da escada tinha um pequeno patamar e uma porta de vidro fosco. Dizia *Marshall Harmon, MD* e centrado por baixo do seu nome, continuava, *Ginecologista-Obstetra*. Tudo em mim como um cara gritou para correr.

Entramos e nos aproximamos de uma pequena mesa de metal. Parecia algo que você encontraria na sala de aula de um professor nos anos cinquenta.

— Cricket! — a pequena recepcionista com a colmeia piou. Seus olhos deslizaram para Bridge e ela se levantou. — Você deve ser a Srta. Blackwell. Vamos para trás. Dr. Harmon está a sua espera.

Bridge a seguiu, a madeira rangendo sob seus pés.

— Você vai ficar bem? — Cricket perguntou a ela.

— Eu vou ficar bem. — Bridge ofereceu com um pequeno sorriso. Ela parou. — Eu não sei quanto tempo eu vou ficar. Vocês devem executar aquelas tarefas, Spencer.

— Oh. Tudo bem. — eu disse.

Observei ela caminhar para a sala sozinha, e eu me senti tão inconsolável por ela ir lá sozinha. Minha mãe deveria estar aqui. Eu odiava meu pai por isso. Eu odiava o rapaz que fez isso para Bridge, mesmo que ele não era todo culpado.

Lembrei-me de todas as vezes que eu tinha dormido com uma garota e não pensei duas vezes sobre isso e meu intestino doeu. Se uma menina não protege a si mesma, quem o fará? Sempre tive a mentalidade de que os homens vão mudar quando as mulheres mudarem, mas eu nunca pensei sobre como proteger as garotas ao meu redor era tanto minha responsabilidade quanto era delas.

Olhei para Cricket. Estudei a menina diante de mim. Ela era linda além da crença, mas ela não era um objeto para conquistar, ela era alguém

para ser valorizada, alguém para ser amada, alguém para ser reverenciada. Gostaria de saber se Ethan fazia tudo isso por ela. Eu me perguntei se ela dava tudo isso em troca para ele, e isso fez meu sangue queimar em minhas veias. Essa atração inicial entre nós era aparente, sem dúvida, mas eu me perguntei se eu deveria desistir de tentar. Gostaria de saber se meu afeto por ela ainda tinha um futuro, especialmente porque ela estava com Ethan.

Minha mãe sempre dizia: — Se eles estão conscientes disso ou não, se o seu coração bate o seu nome, atenda à chamada. — Estupidamente, eu sempre pensei que isso significava que qualquer garota era muito bonita, muito jogo aberto, mas eu entendi naquele momento que isso significava que nada nunca era definitivo.

Eu queria balançar o barco, embora? Sua família inteira amava Ethan, e todo mundo estava sendo tão generoso, deixando-nos esconder lá. *O que você está fazendo?* Perguntei a mim mesmo. *Essa coisa toda é sobre Bridge. Saia. Faça o seu futuro. Pare de se obcecar por essa garota. Foco.*

— Eu conheço um fornecedor apenas abaixo da estrada. Perto o suficiente para andar. — disse Cricket. — Podemos obter algumas roupas de trabalho decente se você está pronto para isso.

— Isso é bom. — eu disse, sentindo-me esvaziado.

Segui Cricket, sabendo que, embora eu queria ela mais do que eu alguma vez quis alguém, ela estava muito fora de alcance. Eu tinha objetivos.

Eu construí uma parede de aço de cem metros entre nós e selei todos os parafusos, deixando apenas Bridge e eu do meu lado. Quem se importava se eu ainda podia ouvir o coração de Cricket batendo o meu nome em voz alta como um tambor, do outro lado?

Capítulo 17

No fornecedor, Cricket me ajudou a encontrar um par de calças jeans decentes. Recusei os Wranglers porque eu parecia ridículo. Ela também encontrou algumas camisas, ceroulas (não estou zoando você), uma jaqueta de camurça forrada de lã, o que parecia bastante normal entre os outros peões, e dois pares de botas de trabalho resistentes. Eu tinha notado que a maioria dos peões usava um lenço tipo-bandana, em vez de qualquer coisa por muito tempo. Eu achava isso era por razões práticas e disse a Cricket que eu gostaria do mesmo também.

Ela veio com um par de chapéus de cowboy, mas eu não poderia trazer-me usar um. Eu parecia cômico neles. Eu experimentei um e fiz uma dancinha, tentando aliviar o momento. Cricket riu e meu intestino torceu. Tirei-o imediatamente, desesperado para tirar sua linda voz da minha cabeça.

Eu me conformei com um gorro de viseira forrado de lã em seu lugar. Ela disse que aquelas eram bastante comuns ao redor da fazenda, então eu não ficaria de fora ou qualquer coisa, para o qual eu estava grato. Eu não queria me destacar mais do que eu já estava.

— E quanto a chaps? — eu perguntei.

Ela olhou para mim, à espera de uma observação atrevida, mas eu tinha uma expressão estoica. Ela limpou a garganta. — Nós temos em casa um milhão de pares. Ellie os faz.

— Não brinca! Ela é muito talentosa.

— Em tudo o que ela faz.

Eu balancei a cabeça.

— Eu vou pagar por estes, então. — eu disse, arrastando o resto das coisas para frente.

Enquanto eu pago, em dinheiro, é claro, eu ouvi o telefone de Cricket tocar.

— Olá? — Sua respiração pegou, fazendo meu coração disparar. — Tudo bem. Okay. Claro. — Ela trouxe o telefone para mim. — É August.

— August? — eu perguntei, nervoso. — E aí, cara?

— Cara, seu pai é louco. — ele começou.

— Merda. O que aconteceu? — Meus pulmões esvaziaram.

— Eu chego em casa, certo? Eu entro na sala e esse cara com estranhos óculos antiquados está sentado à minha mesa como se ele é a porra de dono do lugar.

— Meu *pai*?

— Não, idiota, este grande filho da puta amedrontador, com fodidas luvas de couro pretas e merda. Como ele está se preparando para explodir a minha bunda fora ou algo assim. Homem, foi intimidante.

Se eu não tivesse visto ele gabaritar seu último exame de engenharia com meus próprios olhos, eu nunca acreditaria que August tinha duas células cerebrais para esfregar juntos.

— Bem, você disse alguma coisa? Eu vou ter que puxar fora daqui com a Bridge?

— Não, não, cara. Você não vai *acreditar* nisso! Eu disse que ele poderia ir se foder. Disse-lhe que não tinha ideia de onde vocês estavam!

Eu respirei um suspiro de alívio.

— Você vai ter que se esconder por um tempo. — eu disse a ele. — Não vá para um monte de lugares, se você pode evitar. Viva a sua vida madura. Não envie uma grande quantidade de pacotes aqui ou ligue muito. Meu pai vai pegar um maior padrão.

— Eu sinto como James Bond e uma merda.

— Sim, August, é exatamente o que você me lembra. James Bond.

Ele riu. — Como você está se ajustando? Cricket é legal, né?

Eu olhei para cima e percebi que Cricket estava examinando os corredores.

— Por que você não me disse que Cricket era uma garota?

— Eu só achei que você poderia dizer pelo jeito que eu falei sobre ela.

— Como? Como eu teria sido capaz de dizer? Você só diria coisas caipiras como, 'Cricket pode atar um bezerro como ninguém' ou 'Cricket pode cuspir 4 metros' ou 'Cricket puxou as calças do quarterback da escola pra baixo e teve uma suspensão de uma semana'. Esse não é o comportamento propício para menina.

— Na minha casa é. — explicou.

— Você poderia ter me avisado que ela era boa, apesar de tudo.

— Ela é uma coisinha popular. — ele riu. — Eu decidi surpreendê-lo com isso. — Nós dois ficamos quietos. — Oh não, Spencer. — ele acrescentou: — você não pode. Eu estou ordenando você, mano. Fique longe de Cricket. Ela é diferente das garotas que perseguimos.

— Eu não vou. — eu disse. — Eu não tenho nenhuma intenção de ir atrás dela. — Só que parecia como uma mentira. Não importei, eu estava determinado.

— Bom. — disse ele, acalmando-se um pouco. — Além disso, ela está com Ethan. Eles estão juntos desde que eram crianças.

Essa dor de intestino estranha invadiu meu corpo novamente e tentei verificar. — Sério? Eu não tinha ideia de que eles estavam juntos por muito tempo.

— Sim, eles são namorados de infância e uma merda.

Talvez isso irá tornar mais fácil ignorá-la. Então, por que todo o meu corpo dói de pensar nisso?

— Ok, bem, lembre-se que eu disse, legal?

— Sim, eu entendi você.

— Obrigado, August, você é como um irmão para mim, apesar de eu querer chutar o seu traseiro às vezes por ser tão idiota.

— Eu também te amo, cara.

— Adios.

— Paz. — disse ele, e desligou.

Eu pressionei final no telefone de Cricket e dei um suspiro de alívio.

Sacolas em mão, eu segui Cricket de volta para a caminhonete e coloquei as compras no chão atrás do banco do motorista.

— Devemos ir para cima? — perguntou Cricket.

— Sim, vamos ver onde ela está.

Subi as escadas atrás de Cricket, seu traseiro incrível ao nível dos olhos. Eu quase gemi. Nós caminhamos para o consultório do médico.

— Ei, Perdi, ela está pronta?

A recepcionista colmeia se levantou e pegou a mão de Cricket. — Ainda não, mas acho que o bebê está bem. — Nós dois respiramos para fora qualquer que seja o estresse acumulado que estávamos carregando. — Como vai *você*? — perguntou Perdi, seus olhos se estreitaram naquela expressão de pena que as pessoas sempre adotam quando acabam de descobrir que caíram em uma grande pilha de merda ou, eu acho, esterco de vaca no caso de Cricket.

— Eu estou bem. — disse Cricket, deslizando sua mão fora da de Perdi. Ela olhou para mim e eu franzi minhas sobrancelhas.

— Do que ela está falando? — Eu perguntei quando Perdi foi checar Bridget.

Fiquei tão aliviado em saber que minha sobrinha ou sobrinho estava bem, mas a forma como Perdi agiu enviou enormes bandeiras vermelhas no ar.

— Oh, nada, ela é apenas intrometida.

Meu olhar fixou em Cricket. Ela estava inquieta e percebeu que eu estava olhando para ela. Ela caminhou até a pequena sala de estar e se sentou em um banco de madeira, desdobrando uma revista tão desatualizada que a modelo da capa tinha o cabelo frisado e decididamente um moletom folgado amarelo brilhante e bandana.

Sentei-me ao lado dela. O braço dela tocou o meu, e isso fez minhas mãos tremerem um pouco. Eu brinquei com fogo, inclinando-me para ela e fingindo tomar em sua revista. — Acha que Reagan vai ser reeleito? — eu perguntei. Ela sorriu o seu pequeno sorriso inteligente e meu coração começou a bater na minha garganta. — Você viu esse episódio da *Punky Brewster* ontem à noite? Soleil Moon Frye é a bomba. — Mais sorridente.

Você deve parar, tolo. Este é o limite de flertar.

— Não assisto muito televisão, mas eu gosto de filmes. — ela jogou junto. — Mais de um Brat Packer¹³ de mim.

— Molly ou Ally¹⁴? — Perguntei.

— Molly. Embora, Ally estava muito radical em *O Clube dos Cinco*.

— Sim, ela tinha uma vibração quem-dá-uma-merda-sobre-o-que-você-acha. Tipo, eu vou lançar meu pão de pimentões¹⁵ para o topo desta escultura moderna estranho-burro, em seguida, bater este sanduíche Pixy Stix-Cap'n Crunch e o que você vai fazer sobre isso?

Cricket riu, realmente riu. Alto. Isso me pegou de surpresa, mas depois de um segundo, eu me tornei dolorosamente consciente do quão incrível era, como todo o seu rosto se iluminou, como todo o seu corpo tremia. Eu estava hipnotizado por ela.

Alguns minutos se passaram em silêncio depois Cricket fez algo que me fez esmagar tão duro com ela, eu senti como se estivesse indo a

¹³ Apelido dado a um grupo de jovens atores e atrizes que frequentemente apareciam juntos em filmes para adolescentes nos anos 80.

¹⁴ Molly Ringwald e Ally Sheedy (membros do grupo).

¹⁵ É um tipo de pão de carne do almoço contendo carne picadinha e carne de porco, bem como picles e pimentões picados.

ruir a seus pés. Ela começou a assobiar o tema de *A Ponte do Rio Kwai*. Não demorou muito antes de eu entrar, mas não conseguimos terminar porque Bridge finalmente saiu, parecendo um pouco verde no rosto, mas por outro lado intacta.

Eu levantei. — Você está bem? — Eu perguntei a ela.

— Eu estou bem, o bebê está bem. Eu estou esperando para vinte e três de junho.

— Parabéns, Bridge. — eu disse, abraçando-a.

Ela abraçou de volta. — Obrigada, Spence. — Ela respirou fundo. — Muito assustada embora.

— Bem, é uma coisa assustadora.

Cricket abraçou Bridge quando eu a deixei ir. — Eu estou tão contente de ouvir que o bebê está bem. — disse ela.

— Obrigada. — respondeu Bridge. — Vocês querem ver o ultrassom?

Ela estendeu a foto brilhante e vi este pequeno amendoim. Cricket fez aww e eu só fiquei ali absorvendo a pequena coisa, sentindo-me orgulhoso e oprimido.

— Esta é a cabeça? — Eu perguntei a ela.

— Não, isso é a sua extremidade traseira. — ela riu. — Essa é a sua cabeça.

— Coisinha minúscula. — eu sussurrei.

— Dr. Harmon disse que é aproximadamente do tamanho de um limão.

— Isso é hilário. — sorri amplo, traçando meus dedos sobre o pequeno esboço.

Olhei para cima e vi Cricket olhando para mim.

— O quê? — Eu perguntei.

Ela engoliu em seco. — Uh, n-nada.

Capítulo 18

Antes de irmos para casa naquela tarde, paramos pelo banco local. Eu fui forçado a contar com a bondade de Cricket, mais uma vez, quando eu perguntei se ela estaria disposta a obter o cofre colocado em seu nome para armazenar todos os cheques que tínhamos conseguido trocar fora de Salt Lake City. Ela foi condescendente, mas se ela se surpreendeu com a quantidade de dinheiro que tínhamos, ela não disse nada. Mal ela sabia que era apenas a ponta do iceberg.

— *Você estragou tudo novamente. Você não foi cuidadoso. Ela sabe o quanto você tem.* — *Piper disse-me, estendida em seu lado ao meu lado na cama. Sua cabeça repousava em sua mão.*

— *E daí?* — *Eu perguntei, virando de bruços para longe dela.*

A colcha da cama caiu para a minha cintura, então as puxei um pouco mais.

— *É uma pena.* — *Piper ronronou em reação, fazendo-me recuar.* — *Eu gosto das suas costas. Eu gosto da sua frente ainda mais. Vire para mim.*

— *Saia daqui, Piper.*

— *Ela sabe o quanto você tem.* — *ela repetiu.*

— *Mais uma vez, e daí?*

— *E se ela diz aos outros? E se eles querem o que você tem?*

— *Ela não faria isso.*

— *Ela poderia.*

— *Mesmo se ela fizesse. — eu disse, perdendo a paciência. — eles não iriam pegá-lo.*

— *Como você sabe? — ela perguntou.*

— *Porque eles são pessoas boas.*

— *Não há tal coisa.*

— *Há! Você não tem ideia do que você está falando.*

— *Todo mundo tem um pouco de sanguessuga neles, Spencer. Não seja ingênuo.*

O alarme soou às quatro e meia da manhã seguinte mais uma vez, e mais uma vez, eu percebi que eu realmente *não* estava sonhando. Quando eu estava vestido com a minha roupa nova, eu perguntei a Bridge se ela achava que eu parecia uma ferramenta. Em seriedade perfeita, ela disse: — Cara, parece que você é daqui. — que me fez feliz como merda. Jonah pegou Bridge de novo, mas desta vez Cricket não me encontrou no meio do caminho, para minha decepção. *Isso é bom*, eu mantive-me dizendo mais e mais.

Jonah e eu repetimos a limpeza das baías tanto como nós fizemos no dia anterior, mas desta vez, colocamos um saco de algo chamado "cama de serragem" para baixo. Nós colocamos os sacos para baixo nos cantos das barracas e com uma faca, cortamos uma seção transversal, dobrando as abas para o interior do saco. O que aconteceu depois me fascinou porque derramou um balde inteiro de água morna dentro do saco.

— Deixe-o. — Jonah me disse. — Nós vamos espalhar a cama depois do almoço.

— O que vai acontecer com as serragens? — Eu perguntei a ele como fizemos o nosso caminho até a casa principal.

— Elas se espalham. Todo esse saco vai se transformar em pelo menos doze metros cúbicos de cama de pinho extra. Ele tem a consistência de serragem, é macio nos cavalos, melhor para as suas alergias, e ainda

aumenta a taxa de absorção de urina, o que torna mais higiênico. Usamos 1-2 sacos por semana, dependendo de quantas vezes os cavalos usam as baias.

— Legal.

— É.

Depois do café da manhã, nós espalhamos a cama. Eu estava animado para chegar em um cavalo, pois tinha sido pelo menos um ano, mas Jonah informou-me que precisávamos prepará-los antes. Eu nunca tive que fazer isso. Vergonhosamente, as pessoas fazem tudo isso por nós. Jonah me ensinou como preparar corretamente um cavalo para que ele não se irritasse ou se esfregasse por toda a sujeira solta durante o dia de trabalho. Perguntei-lhe por que eles não faziam isso quando eles os colocam para fora e ele me disse que fazia isso toda vez que um cavalo é montado e todo o tempo que está guardado.

— Porra, isso é um monte de trabalho. — eu disse a ele.

Jonah riu. — Nós ainda nem sequer começamos, galho verde.

Ethan e Cricket vieram para ficar na frente da minha baia com seus cavalos.

— Pronto? — Ethan me perguntou.

Eu balancei a cabeça.

Todos montaram em seus cavalos e eu segui o exemplo, um pouco nervoso, e muito sem saber o que eu deveria fazer. Eu tive a mesma sensação que você tem quando você era novo na escola e não tinha ideia de quem eram as pessoas no seu período de almoço. Você pegaria sua bandeja de almoço e tipo ficava de pé ao redor por um momento à procura de um bom lugar para se sentar, mas todo o tempo que você está procurando, tudo que você pode sentir é os olhos de todos em você. Isso é um sentimento de merda.

Eu sentei lá no meu cavalo, completamente ignorante sobre o que eu deveria seguir. Eu ouvi um assobio à minha esquerda. Foi Cricket.

— Yo, galho verde, você está comigo hoje.

Meu coração bateu em alta velocidade. Corri o meu cavalo para o lado dela, aliviado além da crença. Não porque era Cricket. Porque eu tinha um destino. Sim, é isso. — O que estamos fazendo? — Eu perguntei a seu belo rosto, incapaz de manter-me de olhar.

— Vamos contar cabeças, fazer uma leitura em qualquer retardatário na minha seção, direcioná-los para o rebanho novamente. Estamos trazendo todo o rebanho no mais perto do rancho.

— Para quê?

— Isso faz com que seja mais fácil para nós para nos preparar e reagir a nascimentos. Podemos manter um olhar atento sobre eles. — Ela se afastou de mim. — Eugie, venha.

Aquele velho pastor misturado e rabugento seguiu atrás dela.

Começamos pelo pasto. O couro rangeu e puxou debaixo de mim. A cauda do meu cavalo chicoteava para frente e para trás, a sua respiração embaçou o ar na frente de mim. Estava muito frio, mas eu me senti confortável o suficiente, graças as sugestões de Cricket na loja.

Segui-a por uns bons 15 minutos, hipnotizado por seu traseiro. Ela era tão fácil em um cavalo, nem um único movimento parecia supérfluo. Ela nasceu para estar naquele cavalo.

Ficamos em silêncio, nem um de nós sabendo o que dizer para o outro. Foi estranho, mas eu não podia reclamar, não com a visão que me proporcionou.

Finalmente, chegamos ao nosso destino, uma subida perto da base da montanha Bitterroot, acima do Lago Gossamer. Saímos entre um grande bosque de árvores polvilhadas com neve e eu tomei a vista diante de mim. Meus sentidos pareciam sobrecarregados, explodindo com a beleza intensa. O lago era tão azul que não parecia natural e era tão claro que você podia ver todo o caminho até o fundo. Ele estava acompanhado pelos dois lados de penhascos afiados rochosos que eventualmente

formavam pico após pico—um mar de assustadoras, porém, belas montanhas. Na base estavam pinheiros de trinta metros. Eles se espalhavam pelo litoral, salvo por três metros de diferentes rochas cinzentas salpicadas com algumas das mais vermelhas, amarelas e verdes, suavizadas por milhares de anos de valor de água corrente. Redondo e perfeito, eu distraidamente notei que minha mãe teria pago dezenas de milhares deles para alinhar sua unidade.

— Sim. — eu disse.

— Eu-eu não disse nada. — Cricket respondeu, franzindo as sobrancelhas em confusão.

— Sim, este é um dos lugares mais bonitos que eu já estive. Você ia perguntar isso, não era? Como você não poderia? — Fiz um gesto para a natureza que nos rodeia. Minha mão enluvada rangeu contra o couro quando eu coloquei-a de volta no chifre da sela.

— Inegavelmente lindo. — ela admitiu enquanto eu olhava para ela. *Nenhum argumento lá.*

Eu continuei a olhar para ela e meu intestino começou a doer de novo. Tudo o que eu conseguia pensar era a cena, o momento, teria feito para o perfeito primeiro beijo. E meu Deus, eu queria beijá-la. Meus olhos derivaram para seus lábios e ela lambeu-os, enviando-me em espiral.

— Pare com isso. — disse ela, mordendo-os juntos, como se isso fosse amenizar seu mal-estar.

— Parar com o quê? — Eu perguntei, engolindo em seco. Desta vez, desejando que ela estivesse mordendo meu lábio, em vez do seu próprio.

Minhas pálpebras pareciam tão pesadas, eu quase as fechei.

— Isso. — ela respondeu. — Seja o que for que você está fazendo. Eu-eu... isso foi uma má ideia. — ela respirou a última parte.

— O que é? — Eu perguntei baixinho, minha língua parecendo tão pesada quanto minhas pálpebras.

— Nos emparelhando. Ethan não gostou, mas Vovô insistiu.

Eu esperei um momento antes de perguntar: — Por quê?

— Ele pensou que eu poderia ensinar-lhe melhor. Que você iria responder melhor para mim.

— Por que ele acha isso, Cricket?

— Eu não tenho certeza. — ela mentiu.

Nós sentamos em silêncio.

— Eu acho que você sabe o porquê.

Seus olhos perfuraram os meus, seu peito subiu rapidamente com suas respirações. — Não, eu não sei.

— Ah, eu acho que sim. — eu disse, deslizando o meu cavalo para mais perto do dela e inclinando-me, agarrando o chifre da sela dela e trazendo-a a poucos centímetros do meu rosto.

Ela ficou nervosa, se afastou de mim e começou a contar o gado no pasto aberto ao sul do lago.

— Estamos perdendo sete cabeças.

Sentei-me na minha sela e respirei fundo, ainda olhando para ela. *Você não pode tê-la. Pare. Torne-se amigo dela. Só amigo dela.*

Suspirei e deixei seu cavalo ir. — Você pode identificá-los? — eu perguntei.

— Não. — disse ela, apontando sua mão enluvada a leste do lago. — Há cinco lá.

— Os outros dois? — Eu perguntei novamente. Nós procuramos o perímetro do lago em silêncio. Desta vez, eu vi os dois restantes. — Lá. — eu disse, respondendo a minha própria pergunta.

— Vamos. — ela disse, sua sela protestando embaixo dela enquanto ela dirigiu seu cavalo de volta para baixo do cume.

Eu mantive o ritmo com ela. — Qual é a sua coisa favorita no mundo? — Eu perguntei a ela.

Ela me olhou com ceticismo. — Por quê?

— Cricket, eu não tenho segundas intenções. Eu só acho que eu vou ficar aqui por um tempo, somos parceiros ou qualquer outra coisa e seria bom se eu conhecesse um pouco sobre você.

Ela limpou a garganta. — Minha coisa favorita no mundo? Vamos ver. — ela começou, puxando um pouco o lábio inferior. Eu verifiquei a dor intestinal mais uma vez. — Além da minha família?

— Além de sua família.

— Eugie. — disse ela, sorrindo e olhando para a terra abaixo dela.

Quando ela disse o nome dele, Eugie olhou para ela, língua de fora e ansioso para fazer seu lance.

— Não é o Ethan? — Eu perguntei, incapaz de ajudar a mim mesmo.

— Ethan é parte da minha família, Spencer.

— É justo. Você tem algum hobby?

— Eu posso mexer um pouco em escultura. — disse ela, o rosto vermelho flamejante.

— Escultura, hein? E o seu meio de escolha?

— Eu pego sucata de metal que usamos para reciclar ao redor da fazenda e tudo o que eu posso encontrar e fazer coisas malucas fora delas.

— Isso é foda. — eu disse, realmente impressionado. — O que você faz?

Ela olhou para mim de forma estranha. — Você realmente quer ouvir isso?

— Por que não?

— Eu não sei. É-é que não é apenas um monte de gente por aqui que pensa que é um *eficiente* uso do tempo.

— Quem são essas *pessoas*?

— Oh, ninguém realmente. — ela fugiu.

Ethan. Ethan era "a gente" que ela estava falando.

— Por que eles acham isso? — eu perguntei.

Nós viramos os cavalos ao redor da base do cume que tínhamos atravessado para baixo e nos dirigindo para os dois gados no norte do lago.

— Acho que é porque eu poderia estar, eu não sei, fazendo os reparos necessários, ou seja, o que for em seu lugar. — Ela olhou para mim com um sorriso. — Há sempre algo para fazer em uma fazenda.

— Exatamente. — eu concordei.

— Hmm?

— Há sempre algo para fazer aqui. A prova de que a vida não espera, então por que não esculpir a si mesma um pouco de felicidade. Concedido, eu sei que é trabalho cumprido, porque ele ajuda a sua família sobreviver. — Eu suspirei. — É definitivamente trabalho *cansativo*, mas por que tem que ser o que define você?

— Confie em mim. — disse ela, enigmaticamente. — ninguém me define pelo trabalho que faço aqui.

Estudei-a, mas seu rosto não deu nada mais longe. Eu poderia dizer que era um assunto que estava fora dos limites com ela assim eu mantive minha boca fechada.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Qual? — Ela perguntou.

— O que você faz com essa sucata que você junta.

Ela sorriu para suas mãos, em seguida, olhou para mim mais uma vez. Meu coração parou. Ela fez meu coração parar. — Eu faço coisas *incomuns*. Por exemplo, eu sempre fui fascinada por Churchill.

— Interessante. — eu disse, rindo um pouco.

Ela me ignorou. — Então, eu criei esta versão exagerada da cabeça dele usando probabilidades e extremidades. Eu carimbei sua citação: "Se

você está atravessando o inferno, continue indo", sobre a testa. Eu adorei. Os outros, nem tanto. — Ela sentou-se pensativa por um segundo. — Exceto por Jonah! Jonah adora minhas esculturas.

— E August?

— Pensa que é um desperdício de tempo.

— E Ethan?

Ela olhou para mim, mas não pronunciou uma palavra.

— Eu acho que eu gostaria de ver estas suas esculturas, Cricket Hunt.

— Caroline. — ela corrigiu com um sorriso.

— O seu nome verdadeiro? — Perguntei.

— Sim, você pode continuar me chamando de Cricket, se você quiser, porém, mas se nós vamos ser parceiros, como você disse, você deve saber que o meu nome real é Caroline.

— Caroline é um nome bonito.

— Obrigada. — Ela sorriu aquele sorriso de parar o coração. — Minha mãe morta que escolheu.

— Eu não sei nada sobre isso. — disse eu. — Eu vi a foto dela na casa principal. Você parece levar uma enorme quantidade de sua semelhança. Parece-me que ela vive muito bem.

Ela sorriu para mim. Desta vez, chegou a olhos vidrados. — Obrigada.

Capítulo 19

Chegamos nos dois gados pastando, os dois gordos com bezerros, e começamos a levá-los para os cinco no lado leste do lago. Cricket e eu tentamos continuar a nossa conversa, mas as novilhas impossibilitaram—uma ou ambas ficando nervosas e tentando fugir para a floresta. Foi difícil guiar os nossos cavalos, e muito menos as vacas através das árvores.

Demorou quase uma hora só para chegar aos cinco na margem leste. Sentamos lá com todos os sete por um momento para recuperar o fôlego.

— Nós temos que mantê-los fora de perigo. — disse ela. — Eu quero que você mantenha o traseiro aqui e os impeça de se virar. Vou flanquear sua esquerda e impedi-los de espantar. Vamos usar o lago para nossa vantagem. Eles vão evitar as águas mais profundas.

Eu balancei a cabeça.

Meu trabalho era bastante fácil, puxando para a esquerda ou direita para impedir que se virem, mas Cricket? Cricket era como jogar Houdini. Um segundo ela estava casualmente definindo uma única novilha de volta na linha, o próximo estava encurralando os sete com o que parecia ser um único aceno de seu cavalo. Cada movimento foi calculado com nenhum desperdício de energia, e ela fez tudo na perfeição. Ela fez parecer fácil, quando eu sei para um fato que era uma dança orquestrada e antecipada. Ela era incrível. Ela era impressionante. Ela era, inegavelmente, a criatura mais fascinante que eu já tinha conhecido.

Quando nos aproximamos do rebanho, Cricket correu os perdidos em direção aos demais, e eles pareciam felizes por estar de volta. Ela se virou e me encontrou.

— Aquele é Emmett em um cavalo? — Perguntei.

— Sim, ele sempre ajuda com as unidades. Jonah tem seus instintos, e Jonah é prematuro. Ele pode praticamente tirar as reações do rebanho em um pedaço de papel antes mesmo de sairmos.

Como se ele sabia que estávamos falando dele, Emmett veio subindo, assobiando para uma vaca teimosa. — Como você está se saindo, galho verde?

— Pergunte a sua neta. — eu respondi com um sorriso.

O rebanho mugiu, assustados e foram ridiculamente barulhentos. Isso, juntamente com os "ha" e assobios dos vaqueiros, e tivemos que levantar nossas vozes para ouvir um ao outro.

— Ele não fez muito mal. — Cricket disse a ele, piscando para mim. Eu quase caí do cavalo. — Está todo mundo dentro?

— Ethan ainda está disputando cinco cabeças muito longe daqui. De alguma forma eles foram em torno da cerca no lado norte da propriedade.

— Quantos ao todo? — Ela perguntou.

— Cerca de noventa e três. Nós temos a maioria deles embora. Deve estar a caminho em breve.

Cricket assentiu enquanto Emmett voltou para o rebanho, em seguida, puxou o lenço sobre a boca, fazendo-a parecer uma antiquada bandida. Eu fiz o mesmo. O calor da minha respiração era um bom alívio.

— Bonnie. — Eu chamei para ela.

— Sim, Clyde. — ela respondeu com destreza, fazendo-me rir.

— Quanto tempo vai demorar para conduzir o rebanho? — Eu gritei.

— Demora cerca de quatro horas. Há um pouco de estrada, temos de atravessar para chegar ao rancho principal. Isso é sempre um pé no

saco como o gado se assusta facilmente pelos carros que passam. Eles ficam confusos.

— Por que há uma estrada pública que atravessa o meio do seu imóvel?

— São milhares de hectares, Spencer, e quando a cidade vem bater à sua porta com um papel dizendo "domínio eminente", você realmente não tem escolha a não ser obedecer.

Eu balancei a cabeça.

— Será que eles, pelo menos, pagam por isso?

— Não.

— Droga.

— Exatamente.

Um assobio agudo chamou nossa atenção. Emmett fez um sinal de laço com o braço e todos se encaixaram. Emmett na frente, Jonah e um peão que eu não conseguia lembrar o nome para a esquerda e para a direita, Ethan e seu pai para trás, os vaqueiros Pete e Drew atrás deles, e Cricket e eu no fundo. Todos os cães foram espalhados ao redor, exceto por Eugie, e eles eram como pequenas máquinas bem lubrificadas, verificando gado indisciplinado e mantendo-os na linha. Fiquei fascinado a observá-los trabalhar em sincronia com tal eficiência incrível.

— Espero que você alimente bem esses cães. — eu disse.

— Oh, eles comem como reis. — Cricket riu.

De repente, eu vi Ellie subir e juntar-se ao lado de Jonah.

— Sua avó está ajudando? — eu perguntei, incrédulo.

— Ela é um pássaro velho resistente. Nada poderia impedi-la disso. Montar é sua parte favorita da fazenda. Vovó se esforça para a aventura. Ela sempre monta logo atrás de Vovô.

— Ponto. — eu disse.

— Sim, se fosse, digamos, cem anos atrás, e nós estávamos dirigindo o gado durante semanas, a posição de Vovô seria chamado de 'trail boss', de Jonah e Joe seria 'ponto', de Ethan e Huck seria 'swing', de Pete e Drew seria 'flanco' e você e eu seríamos 'arrastar'.

— Legal. — disse eu, interessado no que ela estava falando, possivelmente porque eu estava sentado na parte traseira de cinco mil cabeças de gado, ou mais possivelmente porque era Cricket falando e qualquer coisa que ela dizia me fascinava. — Como você sabe tudo isso?

— Eu costumava ler os diários do meu tatara-tatara-avô. Ele costumava andar pelas trilhas como um mercenário antes que ele se estabelecesse aqui.

Começamos o percurso de cerca de uma hora após o nascer do sol, o que era bem-vindo, porque já ele tinha começado a aquecer-nos. No meio do caminho, eu estava começando a suar, porque eu estava trabalhando tão duro para manter a minha seção do gado de não ser renegado. Eu olho para Cricket e apenas o menor movimento em seu cavalo iria influenciar seu gado. Eu encontrei-me estudando-a, aprendendo como ela antecipava suas ações e tentando imitá-la. Cerca de uma hora nisso, e eu pensei que tinha pegado o jeito até que uma vaca atirou para fora do rebanho como se alguém tivesse dado um tapa nela. Todos os cães estavam ocupados, por isso foi deixado para eu levá-la de volta.

Eu coloquei meu cavalo para a esquerda e corri atrás dela, mas toda vez que ela ia atirar para a direita, e iria corrigi-la e perdia ela. Ela continuava escorregando para fora de meu controle, e eu estava começando a ficar frustrado. Ouvi Cricket vir a galope atrás de mim. Eu me virei para gesticular para ela voltar para o rebanho, que venha o inferno ou água alta, eu estava indo para obter esta vaca problemática de volta para o grupo, mas eu estava atordoado em silêncio quando ela puxou sua corda e começou a balançá-la sobre sua cabeça. Em uma tentativa, ela amarrou no pescoço da vaca. Ela virou-se para voltar ao grupo e eu a observava de queixo caído, a minha boca escancarada recusando-se a fechar. *Droga.*

Eu nunca tinha visto nada mais sexy do que Cricket Hunt laçando uma vaca. Eu assobiei baixo. *Ainda não posso tê-la.*

Ela liberou a vaca e nós caímos em silêncio no passo com o outro. O rebanho tinha abrandado a passo de caracol e as coisas tornaram-se brandas.

— Não queria ultrapassar. — ela ofereceu, em pedido de desculpas.

— Não, está tudo bem. — eu disse, ainda me recuperando de quão talentosa ela era.

— Eu só—estávamos ficando à frente de você e eu não queria perdê-lo.

Eu li demais para isso e meu coração pulou na minha garganta.

— Está realmente bem. — eu disse com um sorriso.

Ela sorriu de volta.

Quando chegamos à estrada, Jonah e Emmett abriram os portões no cruzamento. Ellie e Jonah estacionaram na estrada para evitar que o gado se afastasse e o rebanho rapidamente começou a serpentear. Foi estressante porque diluiu o rebanho para fora e parecia uma tarefa impossível para manter todo o rebanho junto.

Cricket e eu vimos quando uma caminhonete começou a se aproximar, indo rápido demais. Nós nos sentamos em nossas selas, nossas mãos enluvadas segurando as pontas da nossa sela com séria tensão.

— Pare. — Cricket respirou sob sua respiração, seu peito subindo e descendo com o stress.

Ellie continuou levantando as mãos acima da cabeça, mas o tolo não fez nenhum movimento para desacelerar até que fosse tarde demais.

— Devagar! — Gritei em vão, me preparei para saltar de meu cavalo, como se eu estivesse em qualquer lugar perto deles.

A mão de Cricket enrolou em seu pescoço. Ela parecia em pânico e insegura. Eu agarrei seu ombro em reação e sentamos impotente à espera. Não há nada mais patético do que o sentimento de fora de controle.

Batendo em seus freios, ele por pouco parou de bater em Ellie. Ouvi Cricket inalar uma respiração afiada.

— Oh Deus, ele perdeu ela. — ela respirou, trazendo sua mão em seu coração.

Houve um segundo de absoluta calma antes de puro caos e todo o inferno desabar. O gado assustou, a maioria correu até o portão e dispersos no pasto, mas, pelo menos, setenta cabeças perderam a rota e seguiram a linha de vedação em todas as direções diferentes.

Jonah, Pete, Drew e Ethan se esforçavam para obter o maior número que podiam, enquanto Cricket e eu cuidamos tanto do rebanho quanto poderíamos do nosso lado, orientando-os em toda a estrada e para o novo pasto. Uma vez que todos os animais estavam através e o primeiro portão estava fechado, Jonah desmontou de seu cavalo, envolvendo a guia do seu cavalo no portão fechado. Antes que eu tivesse a chance de reagir, Jonah se aproximou do lado do motorista, rasgou aberta a porta e começou a gritar.

— Merda. — eu sussurrei e desmantei, entregando a Cricket minha liderança e correndo para o lado de Jonah.

Ethan rapidamente ficou ao lado de Jonah também. O motorista saiu do carro e focou no rosto de Jonah, peito a peito e eu puxei-os, segurando Jonah para trás. Ethan segurava o motorista para trás.

— Que diabos é o seu problema! — Jonah gritou. — Você tinha que ter nos visto!

— Vai se foder! — O cara respondeu, porque ele não tinha mais nada para defender-se.

Jonah avançou e eu tive que usar toda minha força para segurá-lo. Ele estava lívido.

— Você poderia tê-la matado. — ele gritou.

O cara cambaleou para trás um pouco e tornou-se evidente por que seu tempo de reação era tão apático. Ethan deixou-o ir e juntou-se do lado de Jonah.

Estudei-o. — Você está bêbado. — eu disse a ele.

— Você! — ele gritou, não me ouvindo. Ele apontou para mim. — Vamos lá!

— Eu não vou lutar com você, idiota, mas vou resolver o seu problema. — eu disse-lhe calmamente, colocando Jonah de lado. Eu olhei para ele, deixando-o saber para ficar onde estava.

Eu andei ao redor do tolo embriagado e tirei as chaves da ignição. O cara tentou roubá-las de mim, mas foi uma tentativa exagerada, fazendo-o cair contra a lateral da sua caminhonete.

— Eu vou ficar com elas. — eu disse a ele. Olhei em volta para Cricket. Ela ainda estava em seu cavalo. — Chame a polícia?

Ela assentiu com a cabeça.

O cara ficou em pé, mas pegou sua porta para ajudá-lo a fazer isso. — Eu vou chutar o seu traseiro. — ele arrastou.

— Eu acho que não. — eu disse. — Você vai esperar aqui e quando os policiais aparecerem, você pode explicar por que você está bêbado às onze da manhã e *dirigindo*.

Eu me virei e comecei a seguir Jonah de volta à cerca para recuperar os nossos cavalos, mas senti um puxão no meu casaco. Minha cabeça caiu para trás em reação. *Oh, merda.*

Virei-me e abaixei quando o idiota deu um soco. *Não bata nele. Não bata nele.* Ele deu um soco de novo, mas eu voltei rapidamente.

— Pare. — eu exigi.

Ele cambaleou para frente. — Sua bunda é grama, menino bonito. — ele zombou.

— Sente o seu traseiro para baixo em sua caminhonete, ou eu vou colocá-lo lá.

Seu rosto inflamou vermelho e seus olhos se estreitaram em ódio. *Aqui vamos nós.* Ele deu um soco, mas eu evitei-o facilmente, então coloquei um direito que derrubou o bastardo.

— Whoa! — Jonah gritou, arrastando-o para fora. — Incrível.

— Ajude-me. — eu disse a ele, em pânico, puxando o cara por sua jaqueta em direção a sua caminhonete.

Eu coloquei a cara para baixo no lado da estrada e tive Jonah reposicionando a caminhonete no ombro. Eu deixei para baixo a caçamba do cara e levantei-o para ela.

— Ele estará seguro aqui até a polícia chegar. — disse eu.

Olhei em volta. Todo mundo estava recolhendo o rebanho dentro do campo, mas ainda tinham um olho em nós. Eu pulei a cerca e peguei meu cavalo pelas rédeas, incentivando um galope até que eu me encontrei com Cricket.

— Eles estão a caminho. — ela me disse.

— Legal. — eu respondi, sentindo nada.

Eu só bati num cara, em uma cidade rural com policiais rurais que não têm nada melhor para fazer do que investigar um assalto contra um motorista bêbado rural no meio de uma maldita estrada rural.

Cricket leu a minha linguagem corporal. — Se eles nos perguntarem o que aconteceu, nós todos concordamos que não vimos nada. Você nunca esteve aqui.

Eu sorri para ela, aliviado além da medida. — Obrigado.

Capítulo 20

Nós tínhamos conseguido o rebanho indo novamente e estávamos fora da vista da estrada no momento em que ouvimos as sirenes. Independentemente se eles pudessem nos ver, eu ainda estava paranoico como merda.

— Você está quieto. — afirmou Cricket.

— Sim. — eu disse, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Ninguém vai descobrir que você bateu nesse cara, Spencer.

Eu tomei uma respiração profunda. — Eu sei. É só, eu sabia que não devia fazê-lo.

— Eu vi o que aconteceu. Era você ou ele. Você fez o que tinha que fazer.

— Eu poderia tê-lo deixado lá.

— Imagine que você tinha acabado de fazer isso. Então imagine que a bunda bêbada dele estava cambaleando em torno da estrada e foi atropelado por um carro.

Eu não poderia evitar o meu sorriso. — Tentar me fazer sentir melhor. Isso é bom, mas não é necessário.

— Eu não estou tentando fazer você se sentir melhor. Às vezes, você pode evitar o conflito e às vezes é apenas necessário.

Eu sorri para ela.

Quando finalmente chegamos na fazenda, eu estava incrivelmente aliviado e incrivelmente exausto. Eu não podia acreditar quanto trabalho

levava para administrar uma fazenda. Eu estava definitivamente ganhando meu sustento.

Nós alimentamos e demos de beber ao rebanho, em seguida, limpamos antes de sentar para um grande almoço cortesia da Bridge e Ellie e outras duas trabalhadoras da casa, uma delas se chamava Cookie. Eu suponho, porque ela poderia cozinhar a merda fora de uma boa refeição, e a outra eu ouvi alguém chamar de Roberta no primeiro dia. Roberta estava mais em um nível auxiliar, Bridge tinha me dito. Ela disse que a cozinha classificava ela mesma na parte inferior, em seguida, Roberta, Cookie e Ellie. Ela também disse que era agradável trabalhar com as mulheres, como todas elas eram atrevidas e hilariantes. O único problema é que a casa principal não têm ar-condicionado e cozinha pode transformar sufocante.

Sentei-me ao lado de Bridge na hora do almoço. — Eu ouvi sobre o que aconteceu. — disse ela.

— Como no mundo? — Sentei-me, perplexo.

— Jonah correu até a casa depois que ele arrumou os cavalos.

— É isso mesmo? — Eu perguntei, olhando para Jonah, mas ele estava longe de ser encontrado. *Sortudo*.

— Olha, eu gosto de Jonah e tudo, mas você tem que cortar o mal dessa coisa pela raiz, Bridge. — Eu falei em voz baixa. — Quero dizer, pelo amor de Deus, será que ele não percebe que você está grávida de outro cara?

— Você é tão inteligente, Spence. — ela pouco sarcasticamente. — Deixe-me ver você, porque, aparentemente, você acha que eu esqueci por que estamos aqui. Pare de me lembrar que eu estou grávida. A náusea é lembrete constante suficiente. Me entendeu? — Eu balancei a cabeça, já me sentindo culpado. — E além disso, eu estou sendo *razoavelmente* gentil com Jonah, porque ele é bom para mim. Eu não sei onde você está recebendo essa ideia de que ele está interessado em mim. Ele está ciente que eu estou *abrigoando um fugitivo*.

— Você está certa, Bridge, novamente. Sinto muito, mas eu quero que você faça isso muito claro para Jonah que você não está interessada.

Ela balançou a cabeça para mim. — Eu não me importo que asneira você pensa que é. Esta vai ser a minha última oportunidade de me sentir como uma menina normal, porque em um par de meses, eu vou ser a contrabandista de uma bola de basquete por aqui. — disse ela, gesticulando em seu estômago. — Deixe-me ter essa amizade normal com Jonah. Apenas... deixe-me, Spencer. — acrescentou ela em voz baixa.

Eu suspirei. — Seja como for, Bridge. Só não configure-se para a decepção, porque assim que você começar a exhibir, o cara não vai querer ter nada a ver com você.

Seus olhos se voltaram vidrados e ela deu de ombros, parecendo derrotada. — Ele é um cara muito doce disposto a ser meu amigo, Spencer. Não me faça sentir mais pária do que eu já sinto.

Eu deixei ficar ali, em parte porque eu me senti como um idiota, e em parte porque eu estava preocupado com ela e não sabia como corrigir. Eu queria que minha mãe estivesse lá para ajudar. Eu me sentia tão sozinho, como se houvesse um peso sobre meus ombros e eu não tinha mais ninguém com quem compartilhar a carga.

Olhei ao redor da mesa e vi Cricket. Apesar de tudo, apesar do fato de que eu sabia que não poderia tê-la, que eu não deveria tê-la, eu ainda sentia uma necessidade desesperada de saber tudo sobre ela. Eu nunca tive esse sentimento por ninguém. Nem mesmo por Sophie Price. *Huh. Sophie.* Eu não tinha lhe dado um segundo pensamento desde L.A. *Engraçado, isso.*

O dia passou rapidamente. Jonah e eu trabalhamos lado a lado quando Ethan levou Cricket para a cidade por algum motivo. Havia duas coisas novas que aprendi naquele dia. Uma delas, Jonah era, apesar de detestar reconhecer isso, um cara muito legal. Ele era mais inocente do que qualquer outro cara que eu já tinha andado, e ele realmente me fez querer ser uma pessoa melhor. Vai entender. E dois, eu odiava Ethan. Sim,

eu prometi a mim mesmo que Cricket seria minha amiga e só minha amiga, mas isso não significava que eu ia fingir que não era violentamente atraído por ela, e com certeza significava que eu não ia gostar quando Ethan a tocasse, beijasse *ou* a levasse para a cidade. Eu não podia vê-los quando ele a levava para a cidade e o pensamento, egoísta que seja, grampeou a merda fora de mim. Eu o odiava por nenhuma outra razão do que ele tem que fazer as coisas com ela.

Naquela noite, depois do jantar, eu caminhei de volta para o nosso trailer. Eu estava além de irritado porque Ethan e Cricket não apareceram no jantar. Eu me perguntava onde diabos eles estavam, mas estava com muito medo de perguntar, porque eu não queria sua família vendo muito para o meu interesse.

O sol tinha há muito tempo se colocado, e as pequenas estradas de terra da fazenda começaram a congelar por cima por falta de uso. Eu olhei para baixo minha pista para ver, o que mais, o quatro rodas de Jonah colocado na base do trailer.

Eu disparei subindo os degraus e soprei através da porta na tentativa de descobrir alguma coisa, mas, em vez do deboche que eu esperava, eu encontrei os dois em lados opostos da banqueta, rindo de algo completamente inocente.

— Olá, idiota. — cumprimentou Bridge.

— Bom. — eu disse, revirando os olhos. — E aí, Jonah? — Eu perguntei a ele, levantando uma sobrancelha.

Ele assustou. — Uh, é melhor eu ir. Vejo você amanhã. — ele chamou para mim e abriu a porta, mas antes de sair, ele se virou para Bridge. — Mesma hora? — ele perguntou a ela.

— Sim, vejo vocês depois. — respondeu ela, sorrindo.

Eu balancei a cabeça e decidi ignorá-la. Eu estava exausto e dolorido e sujo como merda. Eu queria um chuveiro. Eu fechei a porta sanfonada do nosso "quarto", e arranquei minhas roupas, jogando-as para o canto que eu mantinha meu material sujo.

Eu estava além de chateado quando a porta não fechava do banheiro. Com mais força do que o necessário, eu bati a coisa fechada. Liguei a água e esperei por ela começar a cozinhar antes de tentar entrar. Poucos dias antes, eu pulei sem pensar e quase congelei até a morte.

Entrar na pequena tenda não contribuiu para melhorar meu humor, como a água era apenas morna. Me abaixei como de costume para lavar meu cabelo e considerei ligar a maldita banheira apenas para obter alguma aparência de normalidade.

Lavei rapidamente e sequei tão rapidamente. Eu estava me sentindo extremamente inquieto. *Você precisa sair.* Vesti-me calorosamente e decidi caminhar na propriedade, talvez conferir os edifícios originais da família. Procurei embaixo da pia da cozinha e encontrei uma lanterna.

— Onde você vai? — Perguntou Bridge.

— Sair. Eu preciso sair daqui.

Ela assentiu com a cabeça, aceitando isso.

Eu saltei para fora na neve e quase virei de volta. Eu marchei para frente e cheguei ao topo da nossa pista, ligando a esquerda em direção aos prédios antigos. Era um bom quilometro e meio, mas eu precisava me livrar da terrível coceira que eu podia sentir subindo na boca do estômago. Essa coceira que eu tinha sempre que eu queria fugir de algo que eu não gostava. Só que desta vez eu não tinha ideia do que eu queria fugir. *Besteira*, eu disse a mim mesmo. *Você sabe exatamente por que você deseja fugir. A diferença desta vez é que você quer correr para a casa principal, subir as escadas e no quarto da garota incrível.* Eu exteriormente me encolhi, incapaz de esconder o que eu realmente sentia, especialmente, não de mim mesmo.

Eu me perdi em pensamentos. Argumentos internos exigentes que eu tinha sobre mim mesmo, para eu esquecê-la, distanciar-me dela só se virar e perguntar qual era a pior coisa que poderia acontecer e me

perguntando se eu poderia roubá-la de Ethan. *Você já fez pior*, eu racionalizei. E eu tinha. Eu tinha feito coisas terríveis, horríveis, inacreditáveis para as pessoas. Pessoas que eu nem conhecia. *Talvez esta seja uma pessoa que você deve deixar de ser.*

Eu tinha feito a minha decisão, convencido de que eu não iria sequer tentar tornar-se seu amigo. *Muito complicado*, pensei. E antes que eu percebesse, eu me deparei com o primeiro edifício de pequeno porte. Notei que havia uma luz lá dentro e apaguei a lanterna antes de circular a frente, curioso. Encontrei uma janela, mas o vidro era tão velho e nublado, você mal podia ver o quarto iluminado. Eu pressionei meu rosto contra o vidro.

Ah... não. Não.

Cricket estava lá dentro, explodindo algumas músicas em um brim claro de botão que se encaixava tão perfeitamente que eu quase caí. As mangas arregaçadas para deixá-la para trabalhar, e a camisa estava escondida em um par de shorts de cintura alta jeans com duas fileiras de botões de metal para baixo do painel frontal. Meu olhar seguiu por suas curtas, mas bonitas pernas em meias até os joelhos. Seu cabelo estava envolto em um lenço vermelho brilhante. Como uma moderna maldita Rosie o Riveter¹⁶. E tão incrivelmente sexy. Eu não poderia compará-la a ninguém. Quando eu olhava para ela, eu não poderia mesmo dizer-lhe que existia outras mulheres.

Minha mão puxou para baixo pelo meu rosto. De repente, me senti sufocando e tive que retirar meu gorro e cachecol. Engoli em seco. *Vire-se. Vire-se e corra e saia. Vire-se*, eu me ordenei.

Mas não foi isso que eu fiz. Oh, não. Não, eu era um comilão de castigo, parecia. Em vez de fazer o que eu deveria, eu fiz o que eu não podia



evitar, e bati na porta. Eu vi a reação dela pela janela. Ela deixou cair os pedaços de sucata de metal que ela estava vasculhando e veio até a porta.

Eu fiquei em pé mais uma vez e eu me verifiquei. A porta se abriu e a vela perfumada que ela estava queimando me atropelou. O cheiro de bolo de chocolate assando se juntou ao redor de mim, e tudo que eu queria fazer era provar Cricket.

Minha boca estava aberta, pronta para falar, mas as palavras não viriam. Seu rosto inflamou vermelho.

— Sinto muito. — disse ela, com as mãos indo para as coxas nuas. — Eu pensei que você fosse minha avó. Ela me verifica às vezes.

— Eu-eu estava dando um passeio e vi a luz acesa. — Engoli em seco, o meu olhar passando seu corpo. Ela estava coberta praticamente da cabeça aos pés, mas não importa o quão duro Cricket tentasse, não conseguia esconder suas curvas. — Eu não estou perturbando você, estou? — Perguntei.

— Não. — ela disse, respirando fundo. Ela abriu mais a porta e me convidou a entrar.

Cuidado. Tenha cuidado, Spencer.

No interior, estava incrivelmente quente. No canto estava um fogão a lenha e parecia que ela tinha colocado uma nova tora. Eu distraidamente notei que ela tinha intenção de ficar por um tempo. Tirei meu casaco e coloquei-o junto com o meu gorro e cachecol em uma mesa perto da porta. Estudei meu redor e descobri que havia prateleiras e mesas espalhadas em desordem ao redor da sala e estavam cheias de esculturas fascinantes. Meus olhos pousaram em uma. A cabeça de Winston Churchill.

Virei-me para Cricket. — O seu trabalho?

Suas bochechas coraram um vermelhão sedutor. *Oh, Cricket. Você seria tão esperta se não corasse novamente.*

— Sim. — respondeu ela simplesmente.

Ela parecia envergonhada, somando-se a quão atraente eu a encontrei, e estudou o chão com suas mãos enfiadas nas suas costas. Ela lutou contra um sorriso, enquanto eu lutava para manter as minhas mãos ao meu lado.

Ela fez-se ocupada limpando um banco coberto de sucata. Ela limpou a garganta com nervosismo e apresentou o banquinho para mim antes de arredondar a mesa em que ela estava trabalhando quando eu a descobri.

Sentei-me, minhas pernas estendidas e ergui ambos os meus braços sobre o encosto do banco. Seus olhos se arregalaram quando ela virou em minha direção e eu quase ri alto. Eu enervava ela. *Clique*.

— Cricket Hunt, mostre-me suas coisas.

Sua cabeça chicoteou em minha direção. — *Desculpe-me?*

— Suas esculturas?

— Oh. — ela riu. — com certeza. Uh. — ela começou e endureceu suas costas. — mas primeiro você tem que prometer que não vai rir de qualquer uma delas.

— Atravesse o meu coração. — eu disse a ela, fazendo o movimento do meu polegar.

Ela suspirou, decidindo alguma coisa, então com convicção ela marchou até uma prateleira escondida em um canto estreito da cabine. Ela se esticou para cima, tentando alcançar uma na prateleira de cima, mas ela era muito baixa. Ela fez um movimento para encontrar algo para se levantar, mas eu a impedi.

— Eu vou pegá-la. — eu disse a ela, deslizando do banco e perseguindo em sua direção.

Ela fez um movimento para abrir caminho para mim, simulando a esquerda e depois à direita, mas eu a bloqueei dentro. Ela olhou para mim e isso acelerou o meu coração. Eu estudei seu rosto por um momento, incapaz de não fazer.

— Qual? — Eu perguntei em voz baixa.

— Aq-aquele. — explicou ela, com os olhos treinados na escultura no lado superior esquerdo.

Estendi a mão sobre ela e os nossos corpos roçaram da proximidade, provocando arrepios na minha espinha. Nunca senti arrepios antes, não antes de Cricket. Não assim. *Nunca* assim.

Peguei a peça e trouxe-a para o nível do peito, para mim, olhos do nível dela. — Este. — eu respirei.

— É este. — ela confirmou, nem mesmo olhando para a escultura.

Seus olhos estavam treinados nos meus lábios. Ela irresponsavelmente lambeu os seus antes de desenhar o lábio inferior com seus dentes superiores. Estremeci com a dor que me causou, uma dose de puro fogo explodiu das pontas dos meus dedos dos pés para o topo da minha cabeça apenas para se estabelecer no oco do meu estômago. Foi uma boa queimadura embora. Muito boa.

Eu arranquei meus pés ponderados e de alguma forma me afastei dela, mas não antes de olhar para trás mais uma vez. Encontrei Cricket caída brevemente para a parede ao lado dela antes de encontrar o rumo novamente. *Clique*.

O fogo continuava a queimar na minha barriga, sabendo que se eu realmente quisesse, eu poderia roubar um beijo. Eu sabia que se eu fizesse, porém, ela seria tudo em seguida, toda paixão e mãos, mas com a mesma rapidez ela seria tudo fora, uma porta de ferro se fechou sobre a que eu tinha construído no dia em que tínhamos levado Bridge ao médico. A que eu ergui só para procurar imediatamente a parte mais fraca. A parte que eu empurrei uma bota até o segundo que eu vi Cricket Hunt em meias pelo joelho e shorts de cintura alta. E a última coisa que eu queria fazer era criar uma distância emocional da própria menina que me enviava voando para a lua toda vez que ela lambia os lábios, sorria ou enrugava seu nariz.

Eu coloquei a peça em cima da mesa e encontrei o meu lugar e posição, sentado como eu tinha antes, como se nada com intensidade tipo-relâmpago tinha acabado de acontecer naquele pequeno recanto. Ela sentou-se no banco do outro lado da mesa e me olhou por um momento.

Finalmente, ela falou. — Então. — disse ela, antes de limpar a garganta. — esta é, uh, uma das primeiras peças que fiz.

Sentei-me, já absorto, inclinando para frente e casualmente colocando meus braços sobre a mesa. Eu esperava que eu enganasse ela. Ela inexplicavelmente inclinou para frente, bem como, como se incapaz de fazer qualquer outra coisa.

— Sim, então, de qualquer maneira, eu tinha acabado de aprender a soldar e o trabalho é de má qualidade, mas é a minha peça de maior orgulho. Eu fiz tudo sozinha, com a ajuda de ninguém, e eu me servi para ele.

— É impressionante. — eu disse a ela.

Ela sorriu seu sorriso inteligente e eu quase perdi minha calma. — Não, não é, mas obrigada.

— É visualmente deslumbrante, Cricket.

Em vez de negá-lo continuamente, como a maioria das garotas fazem, Cricket disse: — Obrigada, Spencer.

Esse tipo de confiança é incrivelmente sexy.

— Como você aprendeu a soldar? — Eu perguntei a ela.

— Vovô me ensinou. Vivemos em um rancho. Era uma inevitabilidade. Há sempre algo para soldar por aqui.

Eu sorri para ela.

— Diga-me uma coisa.

— O que você gostaria de saber? — Ela perguntou.

— Qualquer coisa. Qualquer coisa que você quer que eu saiba. — eu disse a ela.

Ela riu baixinho. — Eu não deveria me importar que você saiba alguma coisa sobre mim, Spencer.

— E? Você se importa, ou não?

Ela balançou a cabeça. — Isso é perigoso. — disse ela, inquieta.

— Nós estamos apenas conversando. — eu menti.

Ela suspirou, fazendo uma pausa por um momento, avaliando se ela queria se abrir para mim. No final, ela disse: — Eu não quero viver aqui para sempre.

Seu rosto agrupou como se se preparando para um golpe.

Eu ri. — E então?

Ela abriu um olho e olhou cautelosamente em minha direção. — Eu não posso acreditar que eu disse isso em voz alta. — ela riu, como se ela não se conteve. Ela olhou para mim totalmente. — Eu nunca disse isso a ninguém antes.

— Para onde você quer ir?

— Eu não sei. — disse ela com o pensamento. — Eu acho, eu acho que eu nunca pensei sobre isso além disso. É estranho?

— Não, eu definitivamente entendo isso. Há um medo lá. Eu conheço esse medo muito bem. — Eu franzi minhas sobrancelhas, procurando seu rosto. — No seu caso, eu suspeito que é um medo de ferir aqueles que você ama. Você não quer deixá-los, mas você quer encontrar-se. Você quer isso. — eu disse a ela, apontando para as prateleiras cheias de extraordinária criatividade.

Sua respiração se aprofundou com cada revelação e seus olhos me olharam ferozmente. Ela engoliu em seco, os olhos virando vítreos. — Sim.

— Quando Bridge tiver o bebê, eu poderia levá-la para Nova York. Eu conheço alguém. — eu disse a ela.

Eu não podia acreditar no que eu tinha acabado de oferecer, não podia acreditar no que eu estava dizendo, no que eu estava pensando, no que eu tinha acabado de prometer.

Ela me olhou intensamente, sua mão indo para o pescoço dela. Eu observei brevemente que suas mãos não eram nada como Piper. *Suas* unhas eram curtas, sem polimento. *Seus* dedos eram esbeltos e delicados. Eles pareciam tão delicados para mim, como se fossem feitos de papel. Eu queria envolvê-los nos meus e manter sua beleza de porcelana só para mim.

— Eu não posso. — disse ela, dando-me o que meu cérebro estava pedindo, mas confundindo meu coração, fazendo-o cair aos meus pés.

— Por quê? — Eu estupidamente insisti.

— Eu só.... — ela começou, com os olhos vidrados em crescimento mais uma vez. — Eu não posso ir. — ela me disse suavemente. — e peço-lhe que não me pergunte por quê. Por favor?

— Eu faria qualquer coisa que você me pedisse, Cricket. — eu disse a ela calmamente.

Seus olhos se fecharam em seguida, lentamente eles se abriram. — Spencer. — ela suspirou, balançando a cabeça lentamente.

Eu cimentei meus braços para cima da mesa, os pés no chão. Quando ela disse meu nome, eu quase puxei ela para mim só para que eu pudesse abraçá-la, só assim eu podia sentir sua pele contra a minha, puxar o lenço de sua cabeça, respirar em seu cabelo. Cricket Hunt estava fazendo coisas para mim que eu nunca imaginei que eu pudesse sentir.

— Eu sei. — eu respirei. — Eu sinto muito.

— Temos que agir com cuidado. — ela me disse.

— Eu entendo. — eu disse a ela a verdade.

Ela começou a cavar através de pequenos pedaços de metal, deixando de lado os que lhe interessava e eu examinei cada movimento,

fixado em como graciosa ela era. Ela era o equivalente humano a uma borboleta. Luminosa e arejada, graciosa... e desafiava a lógica.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei a ela, genuinamente interessado.

Ela exibiu o seu sorriso inteligente, mais uma vez para me torturar. — Eu estou pensando em três pássaros pequenos em um ninho.

— Como a música de Marley. — eu comentei, não pensando em nada disso.

Ela olhou para mim em choque e respondeu com um aceno de cabeça.

— Eu vou esconder “sorrir com o sol nascendo” em algum lugar no ninho.

— Eu acho que é brilhante.

Ela sorriu para mim.

— Isso vai ser pequeno o suficiente para que eu possa solda-los. — Ela voltou a estudar a pilha em sua mesa e alguns minutos de silêncio se passaram. — Você gostaria deles quando eu terminar? — ela perguntou, seus olhos nunca deixando sua sucata. Ela estava insegura, desconfiada.

Fiquei surpreso com sua oferta. — Eu-isso seria uma honra, Cricket. Obrigado.

Ela ergueu o rosto para mim. — Eu nunca dei nenhuma das minhas esculturas. — confessou.

— Por que não? — Eu perguntei. Ela encolheu seu ombro direito. — Você alguma vez ofereceu?

— Muitas vezes. — confessou ela, com tristeza. — Depois do centésimo 'não, obrigado', eu parei de perguntar.

Fiquei impressionado, ela não deixou essas rejeições impedi-la de fazer algo que amava. Eu admirava a coragem, especialmente em mulheres.

— Bem, eu estou lisonjeado que você me perguntou.

— Eu sei. — disse ela. — Isso me dá um ânimo.

Porque sou eu, ou porque era alguém? Eu queria perguntar, mas não consegui arrancar a coragem. Eu estava com medo que sua resposta me causaria danos.

— Bem, feliz em ajudar. — disse eu em seu lugar.

Eu vi o trabalho dela por perto de meia hora antes que ela pegou estas tesouras afiadas gigantes e começou a moldar peças com tanta facilidade, eu me perguntei se ela realmente pode ser tão talentosa.

Ela montou algo que se assemelhava a forma de uma cabeça de pássaro, mas eu não podia imaginar onde ela estava indo com isso até que, isto é, ela começou a moldar penas intrincadas. Uma por uma, ela as soldou antes de adicionar um bico e os olhos delicados.

Ela segurou a cabeça de pássaro terminada na minha frente e eu não podia acreditar no que eu estava vendo. O trabalho era tão detalhado que eu não achava que era possível com um meio como metal.

— Cricket, eu. — eu comecei, mas fiquei mudo. Ao invés de tagarelar, tomei a cabeça de pássaro em minhas mãos, cuidando para não danificá-la, e, conscientemente, memorizei.

Entreguei-a de volta para ela. — Estou chocado... É impressionante. Você é muito talentosa.

— Obrigada. — disse ela, estudando-a com um sorriso enorme no rosto.

— Você me deslumbra. — eu disse a ela.

Suas bochechas inflamaram e ela mordeu o lábio inferior, me cambaleando mais. Ela olhou para o relógio.

— Merda. — ela exclamou, quebrando o momento. — É quase meia-noite.

Eu ri. — Eu me lembro de uma época em que a meia-noite significava o início de uma noite, não o fim decidido.

— Eu vou te lembrar disso quando estivermos cavando estrume de cavalo, às cinco da manhã.

Eu gemi. — Definitivamente hora de ir.

Coloquei minha jaqueta e gorro enquanto Cricket alcançou seu lenço, puxou-o para baixo e bagunçou a franja antes de pegar seu próprio casaco. Ela não estava usando sua jaqueta de costume, mas sim um até o chão marrom de camurça. Eu peguei dela e a ajudei a colocar. Eu queria muito passar minhas mãos para baixo das curvas de seu casaco, mas me contive.

— Vamos lá. — disse ela. — Eu vou te dar uma carona.

Ela apagou o fogo no fogão e eu a segui ao redor do lado do pequeno prédio para um quadriciclo. Ela subiu e ligou o motor. Eu hesitei por um momento, sabendo que este seria o mais próximo que o meu corpo já tinha estado do dela. Eu dividia o assento atrás dela, minhas pernas apoiando os lados de ambas as dela. Minhas mãos coçavam para correr o comprimento de suas coxas, então eu dobrei-as em meus lados.

— Segure-se. — ela sussurrou, me fazendo cambalear. Eu tirei minhas mãos longe de mim e envolvi-as em torno de sua cintura fina. Eu quase gemi com a sensação dela.

Nós guinamos para frente e seu cabelo chicoteava pelo vento, enviando o improvável perfume de seu shampoo de baunilha e toranja em minha direção. Era uma combinação tão estranha, mas eu o reconheci imediatamente. *Oh, Deus, eu não posso simplesmente correr meus dedos por ele? Só uma vez?* Respirei profundamente e meus olhos deslizaram na parte de trás da minha cabeça.

Muito em breve, estávamos na minha porta e eu deslizei para fora, longe do seu calor, longe de seu perfume.

Eu subi as escadas e me virei. — Boa noite, Cricket Hunt.

— Boa noite, Spencer Blackwell.

Capítulo 21

Eu me deitei e tentei dormir. Eu sabia que ia estar esgotado no dia seguinte como estava, mas eu não conseguia manter meus pensamentos afastados de Cricket.

Eu costumava manter esta lista detestável de critérios para as garotas que eu saía. Eu iria sair muitas vezes com os meus amigos e gostávamos de alterá-la, afia-la, adicionar algumas coisas. Eu mantive a lista e usei-a, mesmo depois que me formei na escola preparatória. Estes eram os princípios.

- 1) Ela deve ter no mínimo um metro e cinquenta e cinco.
- 2) Seu cabelo nunca pode ser cortado acima dos ombros.
- 3) Sem gordinhas, mas ela tem que manter as curvas suficientes para satisfazer.

- 4) Não menor do que um sutiã tamanho 42.
- 5) Educada em escola particular.
- 6) Ela deve estar em nosso círculo.
- 7) Veículo de no mínimo setenta e cinco mil dólares.

Agora, para as minhas preferências mais pessoais:

- 8) Loira.
- 9) Características elegantes.
- 10) Rosto perfeitamente simétrico.
- 11) As características faciais devem parecer equilibradas.
- 12) Sem apelidos.
- 13) Quieta.
- 14) Sem ex-namorados.

Eu tinha memorizado a lista. *Oh meu Deus, pensei, que idiota eu tinha sido.*

Cricket a tinha destruído, apenas aniquilado meus critérios anteriores. Ela só compartilhava alguns atributos na lista, mas eu tinha descoberto algo naquela noite que me assustou. Não me importava o que eu queria antes, porque de alguma maneira eu não queria mais isso. Eu queria alguém baixa, magra e delgada com cabelo escuro na altura do queixo. Alguém com coragem, com bom senso, com personalidade, com carácter, com humor. Alguém que representava mal-humorada, capaz e talentosa. Alguém como Cricket.

Cricket era meu novo critério.

Cruzei os braços sobre meu peito e caí no sono com um sorriso idiota na cara.

— Bem, ela é nojenta. — disse Piper, lixando uma unha.

— O quê? — Eu perguntei, girando em torno de meu banco para encará-la.

— Esta Cricket que você fala. Ela parece idiota. Ela não tem direção. Ela não quer ficar no rancho de seus avós, mas ela está com muito medo de dizer-lhes isso. Ela não tem direção. Ela não compartilha o seu sonho. Ela não é feita para você. Além disso, ela é uma coisinha frágil. Não é muito atraente, se você me perguntar. — Meu sangue estava fervendo em um nível perigoso. Eu encontrei-me ofegante para controlar a raiva. Meus punhos enrolaram ao meu lado. — Ela vai pegar o seu dinheiro. — Piper provocou.

Eu inesperadamente me lancei em Piper e envolvi minha mão em torno de sua garganta. Sua lixa de unhas soou quando ela bateu no azulejo debaixo dos nossos pés.

— Retire. Isso. — eu rangi.

Minha mão apertou e seu rosto começou a ficar roxo, mas em vez de desespero, os olhos de Piper deliciaram na malícia e ela sorriu. Tirei minha mão e sentei-me mais uma vez para me acalmar.

— Sensível? — ela perguntou, recuperando o fôlego e encostada no subzero¹⁷ em seu vestido de seda ridículo.

— Nunca mais fale sobre ela assim. — eu pedi, ainda tentando domar meu temperamento.

Piper riu.

— Você está perdendo de vista o que você está fazendo. Você é muito distraído. Você precisa se concentrar. Garotas vêm e vão, mas a oportunidade que a você tem sido apresentada é uma coisa de uma-vez-na-vida.

Meus olhos se estreitaram sobre ela. — Como-como você sabe sobre isso? — Perguntei. — Ninguém sabe sobre isso.

Piper esparramou sobre a grande ilha e me encarou, com o cabelo vermelho em cascata ao redor dela. — Eu sei tudo. — ela sussurrou. Ela passou a mão em toda a palma da sua barriga e bateu uma vez. — Como quando eu sabia que Bridge ia engravidar... Eu orquestrei isso! — Ela riu insanamente. — Assim como eu sabia que sua mãe sempre fica com o seu pai, porque ela é muito covarde e preguiçosa para criar uma nova vida para si mesma. Ela prefere contaminar seus filhos com a influência vil de seu pai do que salvar suas almas. — Meus dentes começaram a ranger. — Eu sei tudo. Assim como eu sabia que a caixa iria oferecer o corpo dela para obter um pequeno pedaço de sua fortuna. — Sua voz caiu para um sussurro. — Como eu sabia que você iria tirar essas fotografias. Como eu disse, eu sei tudo. — Ela riu. — É quase fácil demais. As pessoas fazem isso de maneira muito fácil. Ninguém tem convicção nestes dias. É patético. Não é nem mais divertido.

Ela começou a cacarejar estridente e ficou cada vez mais alto, tão alto que meus tímpanos pareciam que iam explodir. Eu apertei as mãos sobre os ouvidos e me encolhi para dentro de mim. — Pare! — Eu implorei. — Pare! — Eu gritei novamente. — Pare!

¹⁷ Marca de geladeiras e congeladores caros.

— Pare! — Eu gritei. Eu atirei para cima e respirei frenético, na necessidade violenta de oxigênio.

Meu alarme tocou por todo o quarto e minha mão tremia para desligá-lo. Doce silêncio tocou na minha cabeça mais uma vez. Meu corpo caiu contra a parede ao lado da minha cama enquanto eu tentava me acalmar. Olhei para as minhas mãos e vi o quanto elas tremiam, colocando-as em meus lados. Minha cabeça pendeu contra a parte inferior da janela.

— Você está bem? — Perguntou a voz grogue de Bridget.

— Huh? Oh, sim, apenas um. — engoli em seco. — um pesadelo.

Ela me olhou ferozmente, uma expressão confusa no rosto. — Isso deve ter sido um sonho horrível.

— Não foi nada. — eu disse a ela, tentando sorrir.

Joguei minhas pernas para o lado da minha cama e me levantei. Eu precisava sair daquele trailer. Eu precisava começar a trabalhar. Eu precisava de... alguma coisa.

Enquanto eu escovei meus dentes, eu propositalmente pensei em Cricket e seu sorriso inteligente, tentando me distrair. Esses sonhos estavam chegando muito perto. Eu os odiava. Eu não os compreendia e eu queria que eles se fossem tão mal. Eu cuspi e enxaguei, minhas mãos ainda tremendo, quando bateram na porta. *Jonah*, eu pensei, mas quando eu a abri, fiquei surpreso ao ver Cricket.

— Cricket? Está tudo bem? — Eu perguntei, deixando-a entrar.

Ela entrou e imediatamente fui acalmado por sua presença.

— Sim, é só, estamos vendo muitos bezerros mortos no campo.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei, jogando em minha jaqueta e chapéu.

— Não temos certeza, mas está se espalhando rapidamente e nós estamos com medo pelos bezerros que ainda não nasceram. — ela explicou enquanto eu a segui e desci os degraus.

— Quantos estão mortos? — Eu perguntei, curioso, enquanto fizemos nosso caminho até a pista.

— Onze. — disse ela, sua respiração ondulando para fora na frente dela. Ela parecia nervosa, as sobrancelhas franzidas em concentração. — Tentamos vários antibióticos diferentes até agora, mas não temos a combinação certa. — Ela parecia estar falando sozinha então. — No começo eu pensei que poderia ser pneumonia e doença umbilical, mas os antibióticos utilizados para tratar aqueles não estão os afetando. — Ela bateu o punho na mão dela. — Nós não podemos dar ao luxo de perder mais.

— Hey. — eu disse, tocando seu ombro de forma breve e trazendo-a de volta. — Nós vamos descobrir isso.

Ela assentiu com a cabeça. — Ethan. — ela começou, fazendo meu estômago se apertar. — estive fora toda a noite com eles com Jonah. Ele está descansando agora. Eu lhe disse que iria levar você para me ajudar.

Eu balancei a cabeça, recusando a falar com medo que eu diria algo estúpido.

— Nós não podemos dar ao luxo de perder mais. — disse ela gravemente.

— Espere, com Jonah? Talvez eu deva levar Bridge até a casa.

Ela me dispensou. — Oh, não, ele ainda está pegando Bridget esta manhã.

Meus olhos se estreitaram para ela.

— Ele está?

— Sim. — ela disse o assunto com naturalidade, imersa em pensamentos.

— Por que ele faria isso por ela? — Eu perguntei a ela.

Ela reconheceu o que eu quis dizer e levantou a cabeça com cautela. — Porque Jonah é o cara mais legal que Deus já fez, Spencer.

— Eu não discordo, mas eu acredito que ele está mais motivado do que isso.

Ela olhou para o chão e tentou correr antes de mim. — Eu não sei o que você está falando.

Peguei a parte de trás do casaco e a trouxe de volta. Ela me olhou com cautela. — Cricket.

— Honestamente?

— Honestamente.

Ela suspirou. — Eu não sei.

— Besteira!

— Estou falando sério! Ele é um cara muito reservado, às vezes. Ele não disse nada a nenhum de nós, que eu saiba, mas nós podemos ver o que você vê.

Eu puxei o meu boné e passei os dedos pelo meu cabelo. Fios loiros caíram para frente e quase alcançaram a ponta do meu nariz. Eu alisei para trás e o coloquei de volta. — Será que ele não reconhece que ela está grávida?

— Ele não é um idiota. — ela riu. — Quer saber minha opinião?

— O que é isso? — Eu perguntei, quando chegamos à garagem. Eu não sabia o que estávamos fazendo ali, mas eu abri a porta para ela de qualquer maneira.

— Eu acho que ele vê uma alma gêmea dentro dela.

Eu bufei.

— O quê? Não acredita em mim?

— Não. — respondi simplesmente enquanto nós arredondamos vários tratores com lâminas maciças na frente.

— Jonah é um cara grande. — ela começou e eu ri o que a fez sorrir. — Ok, um cara *muito* grande.

— O cara deve ser um maldito linebacker.

— Exatamente. Ele sempre foi tão grande e para as garotas, isso é intimidante. No colegial, ele se atrapalhava ao redor como um pateta, incapaz de controlar sua enorme estrutura. Ele sempre foi magro, musculoso, mas não foi até que ele bateu seu segundo ano, em tempo de estar realmente interessado em garotas, que ele se tornou o Mister Universo que todos nós temos vindo a amar. Não ajudou em nada que ele era mais tímido do que ninguém que eu já conheci.

Eu assobieei baixo.

— Conte-me sobre isso. Eu teria que arrastá-lo por aí comigo, praticamente falando por ele, se uma menina estava presente.

Eu ri alto. A ideia de uma pequena Cricket atuando como guarda-costas para a versão de Montana de Tom Hardy era muito hilário.

— Cale a boca. — disse ela, lutando contra uma risadinha. — Ele é um urso de pelúcia gigante e incrivelmente sensível. Eu me lembro dele me dizendo como ele odiava como as pessoas olhavam para ele.

— Ah. — disse eu, finalmente percebendo o que ela queria dizer. — A forma como o rancho encara Bridge.

— Exatamente. Como ela é uma novidade. — disse ela em voz baixa. — Ele quer protegê-la de tudo isso. — Ela limpou a garganta. — Não faz mal que Bridge é a Barbie personificada, uma virtual Miss Suécia.

— Oh Deus, não diga isso! — Eu me encolhi.

— Lamento informar-lhe, Sr. Blackwell, mas sua irmã é como ouro líquido por aqui, grávida ou não. Ela pode escapar por entre os dedos, mas isso não significa que eles não vão tentar.

— Oh, caramba. — eu disse, fazendo uma careta.

— E Jonah é uma alma gentil. Ele não vai rasgar e agarrar a sua irmã como esses outros garotos iriam. Ele vai ternamente colocar as mãos

dele em forma de concha e simplesmente esperar por ela para fluir para ele. Ele é um cara paciente.

— Ok, pare. Pare. A visão que você está me dando está me irritando.

— Ela riu alto. — O que é tão engraçado?

— Você. Você é engraçado.

Eu puxei o meu sorriso de lado e levantei uma sobrancelha.

Abordamos uma sala com a porta de vidro, incongruente com o ambiente rústico restante da garagem.

— O que é isso? — Perguntei.

— Esta é uma sala de operação. Ocasionalmente nós vamos ter que fazer cesarianas de emergência.

— Whoa. Quem faz isso?

— Vovô. — disse ela distraidamente, procurando através de grandes armários.

— Legal.

— Realmente é. — disse ela, rapidamente me agradando com aquele sorriso esperto. — Eu o ajudo com cada um. Eu tenho feito isso desde que eu era pequena. Bem, contanto que eu não estava na escola.

— Sai fora. — Eu a estudei. — Já fez uma sozinha?

— Nunca. — ela admitiu. — Eu fiz apenas três, mas Vovô estava lá me falando como fazer.

— Ainda assim. — eu disse, mais do que impressionado.

— Achei! — Disse ela, puxando uma garrafa grande de alguma coisa.

Eu me aproximei dela. — O que é isso?

— Ácido livre cristalino de Ceftiofur. É uma suspensão estéril. Vou experimentá-lo em algumas das vacas no celeiro. Ver se obtém uma reação positiva. O veterinário suspeita de pneumonia pelos sintomas que nós

dissemos a ele por telefone. — Ela olhou para mim. — Ele está fora da cidade. É respiratório, com certeza, eu não tenho certeza se é o pneumococo.

Ela pegou mais alguns frascos e caminhamos para fora do celeiro. Ela preparou seringas e injetou nos bovinos com facilidade, esfregando os músculos onde ela picava eles, e movendo-se de uma vaca para outra, como se ela brincava de médica todos os dias, falando bobagens o tempo todo. Ela me pavimentou.

— Concluído. — disse ela, dispondo os frascos e as seringas.

— E agora? — Perguntei.

— Os meninos provavelmente já limparam as baias. Vamos montar alguns cavalos e verificar os campos para as crias mais doentes ou vacas.

Eu balancei a cabeça, revigorado por sua determinação. Eu quase me esqueci do meu sonho louco. *Quase.*

Piper invadindo meus sonhos trouxe as memórias de todos os meus pecados detestáveis—terminando com Lola e as fotografias e Las Vegas. Eles corriam através dos meus pensamentos em um ciclo interminável e me esvaziavam completamente. Eu reconheci a bondade em Cricket que apaziguava essas reflexões assombrando e soube a partir de então, que eu quero estar sempre cercado por ela. Algo nela os afastava, e eu estava determinado a descobrir o seu segredo.

Nós selamos e cavalgamos para o campo mais próximo do rancho. Tinha nevado mais de trinta centímetros durante toda a noite e Eugie estava tendo problemas para levantar suas articulações através da altura, por isso levantei-o para a minha sela e ele sentou-se embalado na minha frente. Cricket balançou a cabeça para mim.

— Você vai mimá-lo. — disse ela com um sorriso.

— E daí? — Eu desafiei.

Ela revirou os olhos em tom de brincadeira e correu para frente para um bezerro deitando.

— Oh, não. — ela falou baixinho.

— O que há de errado? — Eu perguntei a ela, confuso.

Ela desmontou. — Eles não deveriam deitar assim. — explicou ela. — Eles ficam com hipotermia e morrem rapidamente desta forma. Ela deve estar doente também.

— O que devemos fazer? — Eu perguntei, desmontando a mim mesmo.

— Nós vamos ter que levá-la de volta com sua mãe. Colocá-la no celeiro com os outros. Se a nova mistura de antibióticos funcionar, podemos começar a tratar o rebanho e evitar mais mortes.

Levamos o bezerro de volta para o celeiro, então dirigimos para a direita de volta para o frio congelante, Eugie o tempo todo sendo mimado no meu colo. Descobrimos mais três no rebanho como o último e mais dois bezerros mortos.

— Isso é ruim, Spencer. — disse ela, quando deparei com o segundo cadáver. Ela jogou a perna de seu cavalo e colocou suas botas para a neve profunda. Eu fiz o mesmo, colocando Eugie ao meu lado. Ela olhou para mim por um momento.

— Se eu pudesse arrumar para você, eu faria. — eu disse a ela, sentindo-me além de impotente.

Ela sorriu suavemente. — Eu sei. — disse ela. Ela olhou para o bezerro sem vida e suspirou. — Vovô não vai ficar contente. — Eu balancei a cabeça em resposta. — Nós estamos confiando pesadamente neste sendo um ano excelente para nós. Estamos dependendo disso.

Isto parecia além de pressentimento. Cricket estava confiando em mim os medos secretos de sua família.

— O que vai acontecer se você não conseguir o que você precisa? — Eu perguntei sem rodeios.

Ela olhou para mim com os olhos vidrados. — Eu não poderia sequer começar. — disse ela.

— Então, vamos fazer o que você precisa este ano.

Ela sorriu tristemente. — Fácil dizer.

Nós pulamos o desjejum naquela manhã, muito ocupados com a crise do rancho, mas o almoço era uma exigência. Nós tínhamos queimado tantas calorias trabalhando e por causa do frio, Cricket começou a parecer doente.

— Vamos. — eu disse a ela quando ela trancou outro bezerro e sua mãe em uma baia.

— Não. — ela disse, voltando para a garagem.

Eu puxei o casaco. — Não, eu insisto. Almoço. Agora.

— Eu não posso, Spencer, eu tenho... — ela começou, mas eu a cortei, arrastando-a através das portas do celeiro contra a vontade dela.

Eu tinha que admitir, empurrando alguém tão pequeno me encantou para nenhum fim. Ela não podia sequer colocar uma luta decente. Embora suas mãos ossudas irritaram um pouco quando ela socou os punhos em mim, mas eu só ri de seu esforço monstruoso e o pequeno efeito que realmente teve. Ela riu enquanto ela lutou comigo para baixo.

— Eu não consigo me mexer. — ela reclamou.

— Sim, é isso mesmo. — eu ri antes de virar para uma seriedade fingida. — Silêncio. — eu pedi. — Ellie vai me matar se eu deixá-la ir mais longe. Você está pálida.

— Uh. — disse ela, olhando para mim enquanto eu jogava sua pequena figura em torno como uma boneca de pano. — Eu odeio dizer para você, mas a minha pele é naturalmente assim transparente.

— Você é pálida, admito, mas o seu rosto sempre tem um pouco de rosa em suas bochechas, e eu nunca vi seus olhos assim maçantes. — Ela olhou para mim e eu parei abruptamente, fixando-a por um momento. Ela arrogantemente ajustou sua roupa. — Quero dizer, pelo que tenho

observado. Você sabe, de passagem. — eu disse a ela, continuando novamente. Meu pescoço começou a aquecer sob a minha bandana.

— Você, uh, percebe essas coisas sobre mim, não é? — Perguntou ela, enquanto subíamos a escada e começamos a caminhar no deck em direção ao refeitório.

— Não é nenhum segredo que eu estou atraído por você, Cricket.

Seu rosto teve um pouco de sua cor de volta. — Não faça isso. — ela respirou e olhou o chão.

— Eu não vou fazer nada sobre isso, Cricket. Tenho plena consciência que você está com Ethan.

Sua cabeça chicoteou em minha direção. — Você-você não vai? — Ela perguntou. *Será que eu detecto uma pitada de decepção? Clique.*

— Não, eu não vou. Eu não tenho o hábito de quebrar as relações. — informei-a antes de alterar o comunicado. — Bem, não mais. — Eu pisquei para ela e ela balançou a cabeça.

— Bom. — ela afirmou, mas era fraco e isso me fez mais feliz do que eu poderia dizer.

— Bom. — eu repeti com força.

— Bom. — ela disse novamente, mas desta vez com dificuldade.

— Ótimo. — eu desafiei, parando e olhando para ela.

— Excelente. — disse ela, de frente para mim, com as mãos nos quadris.

— Extraordinário. — eu declarei, uma sobrancelha levantada.

— Maravilhoso. — ela hesitou.

— Brilhante. — eu quase gritei.

— Incrível. — ela respondeu, mas suas mãos caíram a seus lados.

Inclinei-me para ela e sussurrei: — Fenomenal.

Ela engoliu em seco. — S-super. — ela gaguejou, cambaleando um pouco para trás.

— *Sensacional*. — eu respondi, me aproximando.

Ela olhou para a direita, em direção à porta, em seguida, de volta para mim, lambendo os lábios.

— Você quer me beijar agora mesmo, não é, Cricket Hunt?

Os olhos dela explodiram arregalados. — E-eu não. — insistiu ela, dando um passo para trás de mim.

Inclinei-me mais, centímetro por centímetro meticulosamente lento, e seus olhos começaram a fechar, me fazendo sorrir, parando fora de seus lábios quando caíram ligeiramente afastados. Meu estômago se apertou. Fechei mais, mas em vez de beijá-la, eu falei no ouvido dela. — Bom.

Clique.

Capítulo 22

A terceira combinação de antibióticos acabou funcionando, mas não antes de dezessete bezerros mais morrerem ao longo de três dias, muito para o desânimo do rancho. A carga de trabalho triplicou durante a época de parto, e eu não conseguia acreditar como eu estava cansado no final do dia, não que isso me impediu de visitar Cricket todas as noites para conversar e assistir seu trabalho.

Nós não falamos sobre nossas expectativas ou a falta dela desde o dia no deck. Ela sabia que estávamos brincando com fogo, e embora eu não me preocupava se fosse me queimar, ela estava tomando todas as precauções para manter-se afastada das chamas. Sempre que eu ia chegar perto dela, ela iria não tão sutilmente mover-se para longe de mim. Se Ethan estava por perto, ela era particularmente pegajosa com ele, o tempo todo olhando para mim.

Jonah, Ethan, Cricket e eu compartilhamos um cronograma e ficamos bastante inseparáveis. Para minha consternação, eu estava realmente começando a gostar e respeitar Jonah. E, para meu horror absoluto, eu estava achando Ethan mais tolerável. Para ser honesto, eu achei que ele fosse uma pessoa muito melhor do que eu era, o que me irritou além da crença, mesmo que ele era totalmente sério demais para alguém como Cricket.

Duas semanas depois que a época de parto começou, estávamos terminando a nossa sexta-feira livre dividindo os cavalos e limpando suas baias, preparando-os para uma noite de estadia. O tempo se tornou amargo, e eu estava grato por estar dentro de casa.

— Cara, eu estou tão cansado que eu poderia cair e dormir bem aqui ao lado de Patches. — eu disse para Jonah.

Ele riu. — Isso é muito ruim. — disse ele.

Eu fiz uma careta. — O que você está fazendo, cara?

Ele se inclinou em sua alça de rastelo. — De vez em quando durante a temporada de parto, a Vovó nos faz deixar o rancho por algumas horas. Esta noite é uma dessas noites.

— Por quê? — Eu perguntei a ele, espalhando serragem com o meu próprio rastelo.

— Ela diz que não é normal para os jovens trabalhar tanto, sem pelo menos um pouquinho de travessura.

Isso me fez rir porque soava *exatamente* como algo que Ellie diria.

— Bem, o que todo mundo acaba fazendo quando ela exige isso?

— Nós dirigimos para Kalispell enquanto os peões mais velhos assistem os campos.

Eu ri de mim mesmo. — O que vocês fazem para se divertir por aqui? Vocês dirigem para a faixa? Visitam a loja de malte? Dividem uma torta esquimó? — Eu disse na minha melhor impressão de Kenickie.

— Nah, muita neve e, às vezes, se Rizzo tiver dois trimestres.

Olhei para ele com descrença antes que eu percebi que ele estava brincando comigo e ele riu. — Você é um idiota.

Eu sorri. — Tudo bem, e se eu disser que eu vou com você para a cidade?

— Há um pequeno pub/grill fora da rua principal que nós gostamos de frequentar. É descontraído e toca algumas músicas. Eles têm um jukebox, às vezes, as garotas se levantam e dançam no chão coberto de casca de amendoim.

— Garotas? — eu perguntei, ironicamente olhando em volta de mim. — Que garotas?

Cricket e Bridge eram as únicas mulheres jovens neste rancho. Era uma incógnita que os caras lá não tropeçam para chegar até elas. Provavelmente ajudava que eles tinham crescido com Cricket e que Bridge tinha seu próprio guarda-costas pessoal no linebacker que todos nós conhecíamos como Jonah.

— Haverá garotas. — disse ele em voz baixa, quase com medo, o que me fez querer desatar a rir. — Elas vêm de pequenas cidades próximas. Além disso, Kalispell tem um número suficiente delas por aqui.

— Estou convencido — eu brinquei, pensando em L.A.

— Bom. — disse ele.

— Bom. — retruquei, pensando em Cricket e sorrindo secretamente para mim mesmo.

Eu abro as serragens em volta dos meus pés de novo, mesmo que não fosse necessário. Limpei a garganta. — Então, uh, Cricket vai ir?

— Sim. — disse ele, pensando nada da minha pergunta e meu coração deu um pulso. — Ethan leva ela. — ele terminou, e meu coração afundou-se aos meus pés.

Coração estúpido.

Quando o dia terminou, eu voltei para o trailer e decidi tirar uma soneca antes de todo mundo reunir-se para dirigir para Kalispell. Tomei banho e caí no sono em um borrão de dez minutos. Tinha sido várias semanas desde que viemos para a fazenda, mas não parecia importar. Meus músculos pareciam que estavam rasgados, curados com uma noite de sono, então violentamente rasgados mais uma vez no dia seguinte. Isso tinha ido dia após dia, semana após semana, e eu estava começando a sentir os efeitos disso. Eu me sentia como um moderno Prometheu¹⁸.

¹⁸ Da mitologia grega. Foi um defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Zeus e dá-lo aos mortais. Zeus tê-lo-á punido pelo crime, deixando-o amarrado a uma rocha durante toda a eternidade enquanto uma grande águia comia, durante todo o dia, o seu fígado - que crescia novamente no dia seguinte.

E, no entanto, embora eu estivesse mais cansado do que eu já senti, eu me senti mais realizado por isso. A vida não parecia como se eu fosse meramente existente, de um momento monótono para o próximo. Senti-me eficaz, útil e completamente digno. Eu nunca tinha sentido isso antes, nem uma vez em toda a minha vida me senti verdadeiramente valioso. Eu tinha ganhado o direito de me orgulhar, mas ser iluminado dessa forma apenas exacerbou o fato de que eu tinha muito mais a percorrer antes que eu alguma vez poderia merecer alguém como Cricket.

— E daí? — Piper me perguntou.

— E daí, o que? — eu respondi, irritado.

Saí do chuveiro e enrolei uma toalha em torno da minha cintura.

— Você acha que essa sensação vai durar? — ela perguntou, quase desesperada. Ela estava andando atrás de mim e eu podia ver seu selvagem reflexo no espelho. — Este suposto mérito? Você vai se cansar dos dias entediantes, você sabe. Você vai crescer em ressentimento. — Eu zombei dela enquanto eu comecei a fazer a barba. — Você pensa que me dispensa tão facilmente! — Ela perguntou histericamente.

Parei o que estava fazendo e estreitei os olhos para ela. — Se eu pudesse fazer isso, você iria embora completamente. — eu disse a ela antes de voltar para a minha tarefa.

— Spencer. — disse ela em voz baixa, lembrando-se de si mesma. Ela deslizou pelo chão de mármore para o meu lado e encostou-se na bancada do banheiro. — Você está perdendo sua motivação. Você está baixando sua guarda. — Eu balancei a cabeça, lançando fora de seu comunicado. — Você vai perder tudo, porque ela vai levá-lo. — ela praticamente gritou, sua fachada fria quebrando como vidro frágil.

Eu me afastei um pouco dela e a sondei. — E o que diabos é isso para você, Piper?

Ela sorriu docemente, mas era frenético, forçado. — Eu só quero o que é melhor para você. — ela cantarolou com voz rouca.

— Por quê? — Eu a questioneei.

Ela pareceu ofendida. — Não faça perguntas estúpidas, Spencer. — disse ela antes de virar e fugir do banheiro.

Acordei sem nenhuma lembrança real do meu sonho, mas eu sabia que Piper tinha feito uma aparição porque minhas mãos tremiam. Elas sempre tremiam quando eu acordava depois de um pesadelo estrelado por Piper.

Eu deitei na cama olhando para a janela. As estrelas estavam brilhando. Peguei o despertador e olhei para a hora. *Oito horas.*

— Você vai? — Ouvi uma voz me perguntar da direção da pequena área de estar.

— Sim, Bridge, eu vou.

Ela sentou-se na banqueta desconfortável, observando a pequena televisão que havíamos comprado. Era a única coisa que se encaixava e não ocupava todo o trailer. Eu ri quando a compramos, lembrando a quarenta e oito polegadas no meu *banheiro* em casa.

Alguém bateu na porta. Bridge fez um movimento de se levantar, mas eu a parei com uma mão e levantei para respondê-la eu mesmo. Eu abri a porta para ver um Jonah muito diferente do que eu estava acostumado.

— Quem diabos é você? — Eu perguntei com um sorriso.

— Caramba, o que você está falando? — Ele perguntou, fingindo tirar o pó de seus ombros. — Eu sempre pareço assim bom.

— Não, Jonah, você parece um linebacker desgrenhado em um cavalo, esse é o que você sempre se parece.

Ele cavou seu sapato tamanho quinhentos no chão e abaixou a cabeça, as bochechas queimando um vermelho brilhante. Ele virou a cabeça para a esquerda e depois à direita e evitou o meu olhar.

— Você realmente é um grande pateta, não é? Entre, cara.

Subiu os degraus como uma criança de cinco anos de idade, em vez de o titã que era e se abaixou dentro, retirando o boné e alisando o cabelo com as mãos. Eu segui atrás dele e notei que seu rosto queimava algo próximo à cor de tijolo.

— Ei, Bridget. — disse ele com um sorriso torto.

Revirei os olhos e fui até a pia para escovar os dentes. Fingi estar distraído com as estrelas do lado de fora, enquanto eles conversavam.

— E aí, Jonah? — Bridget friamente respondeu, mas eu poderia dizer que ela foi afetada por quão ele tinha se limpado.

— Nada de mais. O que está fazendo? — Perguntou ele, sentando-se na banqueta, uma almofada entre eles.

— Oh, apenas assistindo um pouco de televisão. Mesma coisa, mesma coisa. — ela ofereceu, com um sorriso, mas seus olhos demoraram um pouco demais no rosto dele.

— Ótimo. — eu murmurei em torno da minha escova de dente. Lavei e cuspi. — Eu logo vou sair, Jonah. — eu disse.

Entrei no quarto, e eu uso esse termo vagamente, do trailer e fechei as portas sanfonadas me separando da sala de estar. Eu escolhi algumas coisas casuais—um par de jeans desgastados e uma camisa gasta de botão. Eu balancei a cabeça para as escolhas que eu tinha. Pensando em como eu costumava me vestir só me deixava deprimido. Eu ainda tinha aquelas coisas comigo, mas eu não poderia ostentar um Armani nesta cidade ou eu chamaria muita atenção para mim mesmo, que era a última coisa que eu queria fazer. Enquanto me vestia, eu escutei Jonah e Bridget conversarem.

— Você está muito bonito, Jonah. — Bridget ofereceu.

Revirei os olhos.

— S3rio? — Ele perguntou, e eu podia imaginar seu rosto explodindo um vermelho brilhante.

— Sim, muito bonito.

— Obrigada, Bridget. Voc3 parece muito bem tamb3m.

Para isso, Bridget riu alto. — Como voc3 sabe, bobo! Estou coberta neste cobertor.

Houve uma pequena pausa antes de ele responder, como se estivesse trabalhando a coragem para dizer alguma coisa. *N3o fa3a isso. N3o fa3a isso.*

— Eu n3o tenho que ver o que voc3 est3 vestindo para saber que voc3 est3 bonita, Bridget.

Uma pausa mais longa e minhas m3os encontraram meu rosto, ent3o arrastaram penosamente devagar para baixo.

— Ob-obrigado, Jonah. Eu acho que 3 a coisa mais legal que algu3m j3 me disse.

Eu n3o aguentava mais, ent3o eu dobrei as portas sanfonadas de volta.

— Pronto? — Eu perguntei a ele.

Jonah pareceu assustado com a minha apari33o repentina e levantou muito rapidamente, batendo com a cabe3a no teto do trailer, incitando uma risadinha de Bridget.

— Desculpe. — disse Jonah, com o rosto vermelho.

— Vamos. — eu disse, praticamente empurrando-o para fora da porta.

— Espere. — disse ele, virando-se. — voc3 n3o vem, Bridge?

— Ah, n3o. — disse ela, levantando-se. — Eu. — ela suspirou. — bem, eu pensei que seria estranho se eu fosse.

— *O que?* — ele perguntou, indignado. — *Por que?*

— Porque, bem, *you know*. — disse ela olhando para baixo em sua barriga.

— Você não pode nem mesmo dizer, Bridget, e ninguém com a gente vai se sentir de forma diferente sobre você. — disse-lhe em voz baixa antes de parar. Então ele disse: — *Confie em mim*. — e toda a ansiedade no rosto dela derreteu.

— Oh, hum, tudo bem. Eu adoraria ir, então.

Ela espreitou sua cabeça em torno de Jonah. — Se importa de esperar apenas um segundo? — ela perguntou.

— Claro que não. — eu disse, inclinando-me contra a porta e gesticulando em direção ao quarto.

Ela correu de volta, vertiginosa, e fechou as portas. Eu observei Jonah e ele tinha um sorriso de merda no rosto. Ele olhou para mim e o sorriso caiu. Ele engoliu em seco antes de voltar a sentar-se na banqueta. Sentei-me em frente a ele e só tive que levantar uma única sobrancelha. Os olhos de Jonah se arregalaram e ele começou a se contorcer, brincando com o boné na mão, torcendo-o mais e mais.

Quinze minutos depois, Bridget surgiu em um simples par de calças jeans e blusa de manga comprida e eu assenti com a aprovação para ela, para a qual ela revirou os olhos. Eu notei que ela tinha enrolado o cabelo, no entanto, e aplicado maquiagem, mas a escolha dela em roupas, que sempre tinha deixado algo a desejar na minha opinião, me impressionou para nenhum fim. Principalmente porque cobria cada centímetro dela. *Boa menina*, eu pensei.

Jonah a ajudou com o casaco, mesmo indo tão longe a ponto de girar em torno dela de brincadeira enquanto ele embrulhava o cachecol em volta do pescoço dela e fazendo-a rir como uma garotinha. Entrei no banco do motorista e Jonah abriu a porta para ela. Ela ficou no banco de trás, em seguida, ele deslizou atrás dela.

— Você não vai andar na frente comigo? — eu perguntei, confuso.

Ele olhou para mim como se eu fosse louco. — Nós estamos levando Cricket e Ethan com a gente. — explicou antes de olhar para Bridge.

Os olhos de Bridget enrugaram. — Uh, oh sim! Hum, você está levando Cricket e Ethan para Kalispell com Jonah e, bem, agora eu. Eu voluntariei você. Tudo bem? — Ela perguntou, encolhendo um pouco em seu assento.

— Tudo bem. — eu rangi, tentando não parecer tão chateado como eu soei.

Virei-me e coloquei a caminhonete na estrada. Jonah e Bridget riram e eu chicoteei minha cabeça ao redor para olhar para eles, o que os afixou em seus assentos. Bridge pigarreou para combater o riso, o que lhe rendeu um olhar que poderia matar.

Eu estacionei fora de Ellie e Emmett e buzinei, meus limpadores de para-brisas estavam a pleno vapor, assim como o aquecedor e degelador, mas eu ainda não podia ver mais de dez metros na frente de mim.

— Acha que é uma boa ideia eu estar dirigindo com isso? — Eu perguntei a Jonah, que tinha se inclinado para cima e quase no fim do console para verificar o traço e o rádio.

— Sim, isso é bastante normal nesta época do ano.

Mate-me se eu estiver em Montana esta época no próximo ano, eu pensei.

Só então duas figuras escuras apareceram nos faróis de nevoeiro. Uma foi imediatamente para trás sentando-se ao lado de Bridge e outro para a porta do passageiro. *Seja Cricket. Por favor, seja Cricket*, pensei, olhando para a figura na janela do lado do passageiro.

A porta do carro se abriu e meu estômago afundou. Ethan. Ele subiu e fechou a porta. A porta atrás de mim se abriu e apareceu Cricket. Eu não podia vê-la, porque ela era tão pequena e sua cabeça estava escondida pelo encosto de cabeça. Ela continuou brincando com

seu casaco e amaldiçoando a coisa por ser muito longo. Eu estava desesperado para ver como ela estava, mas quando ela finalmente se sentou, as luzes da cabine tinham desligado e só as luzes do painel iluminavam o interior, deixando Cricket no escuro, apenas a sombra de sua face visível para mim. *Droga!*

Eu serpenteiei a longa estrada do Rancho Hunt para a estrada principal, mas mal. Eu continuei parando sempre que achava que havia algo na minha frente. A caminhonete estava quieta, exceto pelo bufo ocasional do lado de Ethan, o que realmente me irritou. Eu estava fazendo todo mundo desconfortável e isso me irritava porque eu era um piloto incrível de inversão quando a neve não estava envolvida. Olhei para Ethan, que estava me olhando. *Nem todos podem crescer em Montana, idiota!*

— Você quer que eu dirija? — Ele ofereceu, me castrando na frente de sua incrivelmente maravilhosa namorada.

— Não. — eu disse, olhando para baixo. — Eu sou um aprendiz rápido.

Ele acenou com a cabeça, mas parecia inseguro, me irritando ainda mais.

A rodovia era mais fácil de navegar enquanto havia lâmpadas iluminando o caminho, bem como um caminho mais claro. A tensão no carro facilitou a um nível tolerável e, eventualmente, a conversa começou entre os três atrás. Ethan e eu não tínhamos sequer olhado na direção um do outro desde sua oferta estúpida, e eu poderia dizer de sua linguagem corporal, espinha rígida, os braços cruzados, de que ele não gostava de mim.

— ...e isso! — Disse Bridge. Eu tinha perdido todo o seu início de conversa. Bridge choramingou um pouco. — Eu gostaria de ter me vestido bem agora também!

— Eu não estou bem vestida, Bridget. — ela riu. — Você está tão acostumada a me ver em roupas sujas do rancho, agora você acha que é

a norma, mas não é realmente. Na verdade eu sou uma espécie de varal. Eu só não tenho a oportunidade de usá-las. — Cricket respondeu.

— Como você mesmo consegue peças como esta por aqui? — Bridge perguntou, genuinamente curiosa.

Olhei para trás no meu retrovisor e não conseguia ver nada, me frustrando para nenhum fim.

— Eu encomendo-as online, baby. Não há melhor invenção do que a Internet.

Eu continuei olhando para trás no meu retrovisor para Cricket, esperando que de alguma forma o seu rosto se iluminava magicamente e eu podia olhar para ela.

— Você tem algum hobby? — Ethan me perguntou de repente e eu pulei. Ele sentou-se calmamente em seu assento. Nenhum movimento, nem uma única contração ou turno. — Nervoso? — ele perguntou, estreitando os olhos para mim.

Engoli em seco. — O quê?

— Eu disse, *você tem algum hobby?*

Eu coleciono dinheiro. Muito dinheiro. — Na verdade não. Eu estava na equipe de remo da Brown, mas eu não chamaria isso de um hobby. — disse-lhe com sinceridade. — E você?

— Meu hobby é Cricket. — disse ele possessivamente sob sua respiração.

Olhei para ele como ele me olhou com uma ferocidade que eu raramente tinha visto em outro homem. Olhei de volta tão selvagemmente quanto ele me olhou, minha mandíbula e os olhos apertados. Ficamos trancados assim até que ele quebrou o contato, satisfeito eu entendi o que ele quis dizer, e eu voltei minha atenção de volta para a estrada. O que ele não entendia é que eu não estava com medo de ferir seu rosto ou meus dedos. Eu nunca tinha me esquivado de uma luta. Nunca.

Eu era notório no ensino médio como o cara com quem você não mexia porque se você falasse merda e agia como se quisesse lutar, eu lhe daria luta. Era fácil para separar os faladores dos praticantes. E havia *sempre* mais faladores do que praticantes. Eu não conhecia Ethan bem o suficiente para saber se ele era um ou o outro, mas isso não significava nada para mim. Eu jogaria para baixo, sem um segundo pensamento. Eu não hesitaria. Porque se havia uma coisa que eu não poderia aguentar, era pessoas que tentavam ameaçar mais do que elas estavam dispostas a realizar. A única coisa é, eu pensei que Ethan era exatamente o tipo de cara para seguir adiante, não que eu me importasse, como eu disse, eu estava disposto, mas eu me *importava* do que Cricket pensaria. Muito.

O trajeto restante para Kalispell consistia de Ethan e eu fervendo um para o outro, Jonah fixado por Bridget, prestando atenção a nada mais, e as garotas conversando, alheias.

Estacionamos em um monte de cascalho e meu estômago vibrou pensando em Cricket, imaginando-a em outra coisa que não jeans e chaps.

Desliguei o motor e comecei a sair quando Ethan me parou. — Eu vou pegar o lado de Cricket.

Eu assenti a resposta e eu dobrei a traseira da caminhonete, passando Ethan e tentando não me sentir muito decepcionado que eu não era capaz de abrir a porta para ela. O *que você está fazendo?* Eu me perguntei. *Ela não é sua. Ela não é sua!* Senti-me tão estúpido e, francamente, fiquei chocado comigo mesmo. Eu ficava tentando me convencer de que eu precisava ser seu amigo e só seu amigo, mas eu não estava agindo como.

Prometi a mim mesmo que não haveria pensamentos para fora ou para dentro para Cricket que não eram inteiramente amigáveis e nada mais. *Sim, boa sorte com isso.* Eu desajeitadamente me estacionei na parte de trás da caçamba, minhas mãos presas nos bolsos da frente da minha calça jeans, agrupando o meu casaco em torno do topo de meus quadris. O frio penetrava até os ossos lá, mas eu não me importava, seja o que for me

distraía. Eu puxei meu boné brevemente um pouco para baixo para esconder os olhos, em seguida, preendi minhas mãos de volta nos meus bolsos. Olhei para o chão e dedos, a neve delineando minhas botas. Eles haviam afundado quinze centímetros. Eu chutei o monte em torno de meus dedos e balancei o restante das minhas botas. Eu fiz isso por nenhuma outra razão do que eu *sabia* que eu não queria olhar para Cricket.

Olhei rapidamente para o lado do passageiro e fui forçado a assistir Jonah sair de trás, em seguida, segurar a porta e oferecer a mão para Bridget para ajudá-la sair. Por mais que eu odiasse admitir, eu ia ser a quinta maldita roda no cenário daquela noite. Apesar de Jonah e Bridget definirem a sua "amizade" eu sabia o que estava florescendo e me sentia impotente para deter. Eu só queria proteger a minha irmã da dor. Dor Eu sabia que estava por vir. Dor que faria uma vida já onerosa mais difícil, mas às vezes você tem que deixar viver.

Eu olhei fixamente para o chão, quando todos se reuniram em volta de mim, em seguida, os segui, meus olhos treinados em suas trilhas.

Como você vai conseguir isso, cara, hein? Eu me perguntei quando eu tropecei em direção à frente do pub. *Eventualmente, você vai ter que olhar para ela.* Decidi que era melhor se eu a visse em uma situação controlada, na qual, por exemplo, se eu caísse do meu maldito banco, ninguém mais, particularmente Ethan, notaria.

Assim que chegamos através das portas, eu tirei o meu casaco, mas deixei meu boné para me proteger. — Eu vou estar no bar. — eu disse a todos e deixei seus olhares questionadores para trás antes que alguém pudesse se opor.

Eu finalmente fui capaz de olhar para cima e sentei-me no canto de trás do balcão, firmando minhas mãos sobre a parte plana da superfície e me esforçando para ajustar a minha respiração.

— O que eu posso pegar você. — perguntou a garçonete quente. Digo "quente", como se isso fosse inesperado, mas não são todas elas quentes?

Eu sorri. — Eu vou tomar uma Coca-Cola. — eu disse a ela.

— Cuidado, ela vai direto para sua cabeça. — brincou ela, fazendo-me rir.

Eu balancei as chaves na minha frente. — Dirigindo.

— Bom garoto. — disse ela, piscando.

Ela me derramou meu refrigerante e deslizou-o de brincadeira antes de fazer seu caminho para o outro lado do bar para ajudar alguém.

Tomei um pequeno gole, desejando que tudo teria sido algo mais forte. Bati meus dedos no balcão, me preparando mentalmente. Levei três respirações profundas e decidi que tinha esperado tempo suficiente. Levantei minha cabeça e deliberadamente esquadrinhei o bar. Surpreendentemente, algo com uma incrível batida soou pelo ar fazendo a minha pressão arterial subir em antecipação. Eu coloquei minha mão sobre meu coração batendo rapidamente. *Você está apenas olhando*, eu disse a mim mesmo. *Apenas. Olhe*. Eu respirei fundo e continuei procurando.

Vi Bridge sendo pateta, parecendo "o cortador de grama", eu acho, e Jonah rindo pra caramba pra ela. Vi Ethan de mau humor no canto, cuidando de uma cerveja. Meu coração acelerou a um ritmo desconfortável enquanto eu procurava, mas não consegui encontrá-la. Eu meio que levantei metade sentado e olhei por cima das cabeças da multidão, mas ainda nenhum sinal.

— O que está fazendo? — Eu ouvi sobre o meu ombro, e eu parei.

Meus ombros endureceram no toque que era a voz de Cricket, e eu fechei os olhos por alguns instantes. Fiquei tanto apreensivo e expectante. Eu não poderia me torturar mais e abri meus olhos. Minha respiração ofegou quando eu comecei a virar.

Oh. Meu. Deus.

Lá estava ela. *Putá merda!* Tão malditamente bonita que eu não acho que eu alguma vez me recuperaria da visão dela. Eu meio que cambaleei para trás em uma posição sentada e passei-a da cabeça aos pés. Eu mal a reconheci, e isso me surpreendeu.

O rosto dela.

Eu me perguntei por que ela tinha que ser tão incrivelmente bonita, me torturando enquanto eu memorizei cada decímetro, cada centímetro, cada milímetro de seu rosto resplandecente. Ela exibia seu sorriso inteligente, mas desta vez os lábios estavam pintados de um vermelho brilhante e eu ansiei por beijá-los, pegá-los entre meus dentes e reivindicar a cor na minha língua, manchas que se danem. O fato de que Cricket provavelmente não se importaria menos a fazia ainda mais atraente para mim.

Seu cabelo escuro como breu foi enrolado, uma reminiscência de uma pinup dos anos quarenta, incluindo a franja curta, que ela tinha varrido para o lado e prendido para cima.

Eu me lembraria do que ela usava até o dia em que eu morresse, até os botões de miniatura nas tiras no tornozelo de seus saltos pretos. Debaixo de um fino casaco de cashmere creme até o chão com encaixe perfeito que ela abotoou apenas o centro, expondo suas pernas incríveis, ela usava um vestido preto espaguete amarrado até a canela de comprimento sob medida com um decote em forma de coração. Inúmeras pérolas enroladas em seu longo e fino pescoço de alabastro e caia estrategicamente abaixo de seus seios.

Ela era uma mistura confortável de casual e fina, parecia incrivelmente francesa, e exalava uma elegância que rivaliza com qualquer das minhas amigas da escola de preparação. Ela era tudo o que eu nunca imaginei que eu poderia querer. Ela era... *devastadora.*

Ela sorriu docemente para mim, completamente inconsciente que ela me cimentou no meu lugar, chocado e me coçando para agarrar seus ombros e puxá-la em meu peito para sempre. Eu teria sussurrado em seu ouvido que eu não conseguia entender por que eu sentia uma necessidade tão onipotente e inexplicável para levá-la comigo em todos os lugares que fosse para o resto da minha vida, mesmo que eu não a amasse... *ainda*. Eu a imploraria que me deixasse fazer isso, para me puxar para fora da minha miséria e apenas me deixasse tê-la. Eu rezaria que ela aceitasse o meu desespero, embora aparentemente desconcertante pedido. Eu diria a ela que eu não a merecia, que eu sabia que nunca seria capaz de merecer, mas todos os dias seria um esforço monumental de minha parte para me esforçar para merecer.

Mas eu não disse essas coisas para ela. Em vez disso, eu mordi minha língua, sentindo-me como o maior covarde de todo o mundo. Em vez disso, eu a deixei inclinar para a minha esquerda e escovar meu ombro e comprometeu a sensação de seu calor para a memória. Em vez disso, eu a deixei fazer o pedido ela mesma, porque eu tinha esquecido completamente minha criação e não tinha oferecido nada a ela. Em vez disso, eu virei minha cabeça em direção a seu cabelo e inclinei-me ligeiramente, atraindo, basicamente ofegando em seu perfume de baunilha celeste e toranja. Em vez disso, eu ignorei meus instintos de possuí-la e a deixei em pé silenciosamente diante de mim.

— Eu perguntei o que você estava fazendo? — ela perguntou de novo, sem saber de minhas lutas internas.

Eu balancei a cabeça um pouco e limpei minha garganta. — Uh, apenas sentado aqui, observando as pessoas. — eu ofereci com um leve sorriso.

Ela graciosamente sentou no banquinho ao meu lado e enfrentou a multidão se misturando. — Está cheio hoje à noite. — disse ela.

— Está? — eu perguntei, incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

De repente, senti-me muito deprimido. Eu queria me afastar da pessoa magnífica sentada ao meu lado. Olhei para trás para as prateleiras do bar e desejei que eu pudesse prender a única garrafa de licor prêmio que eu fui capaz de detectar e agachar-me na caçamba da minha caminhonete com ela.

— Sim, eu não vi tantas muitas pessoas para fora em um longo tempo. Eu estou supondo que a temporada tem mais do que algumas almas inquietas para sair do esconderijo. — Ela se virou e sorriu para mim, e eu quase desejei que eu pudesse unir os meus olhos apenas para que eu não tivesse mais que me sujeitar ao seu rosto flagrantemente agradável.

Limpei a garganta mais uma vez e apertei minha Coca-Cola entre as minhas mãos para firmá-las. — Uh, você está muito bonita. — eu propositadamente minimizei.

Ela olhou para si mesma como se ela só se lembrasse do que ela estava usando. — Oh, muito obrigada. — disse ela.

Ela cruzou os braços para dentro de si e me olhou com o canto do olho.

Clique.

Onde até agora os nossos "cliques" me trouxeram nada além de prazer inimaginável, naquela noite eu me senti só cabisbaixo.

— Hey. — ela disse, interrompendo meus pensamentos.

— Hmm?

— Você é muito distraído.

Eu sorri para ela. — Eu suponho que eu estou. Eu sinto muito. — eu me desculpei.

— Está tudo bem. Tem um monte no seu prato, ultimamente, eu sei. — Ela *não* tinha ideia. — Eu não acho que o estresse do rancho é muito bom para qualquer um, mas especialmente para aqueles com um prato que já está cheio.

— Não, está realmente bem. Na verdade, eu amo muito a fazenda.
— eu disse, surpreendendo até mesmo a mim mesmo com essa afirmação.

— Você deve dizer a Ellie o tanto. Ela iria delirar.

Eu ri. — Ok, eu vou.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, apenas observando a multidão e rindo de alguns.

— Eu, uh, eu terminei a sua escultura. — ela me disse, mas seu rosto nunca deixou a multidão.

Meu estômago despencou para os meus pés, em seguida, pulou em minha garganta. — Legal. — eu disse, sentindo nada.

Ela virou-se e estudou-me por um momento, antes de voltar seu olhar de volta para a multidão. — Eu acho que vou me juntar aos outros. — disse ela, levantando-se e decepcionando a merda fora de mim. Eu a vi dar alguns passos antes de virar ao redor. — Você vem?

Fiquei surpreso com a oferta e levantei para me juntar a ela. Eu segui atrás dela e bebi em sua caminhada, determinado a memorizar para que eu pudesse recuperá-lo para os próximos anos. Ninguém andava como Cricket Hunt. Ninguém.

Nós nos juntamos aos outros, e assim como eu esperava, eu era a quinta roda no cenário daquela noite. Após uma hora de conversa por piedade com Cricket, eu decidi que eu tinha o suficiente, e examinei as garotas ao meu redor. Nem uma poderia segurar uma vela para Cricket, mas eu não ia sentar lá e ser infeliz se eu poderia evitar, então eu decidi pedir uma menina para dançar, finalmente decidi sobre uma de um grupo que estava olhando para mim a noite toda.

Levantei-me e disse a todos que eu estaria de volta, em seguida, me dirigi em direção do grupo. Elas fizeram essa coisa estúpida de menina onde sussurrar freneticamente, em seguida, fazer uma débil tentativa de ser fria e recolhida quando você está dentro de três metros, como se fôssemos cegos até essa marca de três metros. O movimento quase me fez

virar ao redor, mas eu me lembrei do que me esperava e me arrastei por diante.

— Oi. — eu disse para a loira com o cabelo comprido.

Ela era alta e provocante e escolheu um estilo mais vulgar em comparação com Cricket. Essencialmente, ela era a antítese de Cricket. Ela era o que eu precisava para me distrair do que eu realmente queria, mas não podia ter.

— Oi. — ela disse em uma voz irritante de bebê. Eu enruguei meu nariz um pouco aborrecido, mas ela não pegou.

— Eu queria saber se você gostaria de dançar? — Perguntei.

Ela bateu fora de seu banquinho e de forma pouco atraente puxou a saia curta, então ajustou seus seios para que aquela clivagem ideal fosse exposta. Garotas, outra pequena pista aqui: Somente caras pilantras querem garotas piriguetes. Você ficaria surpresa com o que um pouquinho mais de bainha você pode obter no longo prazo.

Ela sem jeito na ponta dos pés nos seus saltos ridículos ao meu lado e se inclinou muito perto. Eu tive que inclinar minha cabeça para longe só para falar com ela.

— Então, uh, você é daqui?— eu perguntei.

— Uh-huh. Eu vivo na cidade.

— Legal, legal. — eu disse me perguntando se isso era toda a resposta que eu ia conseguir.

— Não preciso nem perguntar se você é daqui. Eu posso dizer que você não é.

Nós tínhamos chegado à pista de dança e eu coloquei a mão no largo de suas costas para guiá-la, mas ela pegou a minha mão e empurrou-a para o topo da sua bunda. Eu a movi o baixo de suas costas e suspirei, exasperado.

— Uh, como você sabe que eu não sou daqui? — Perguntei-lhe enquanto nos balançamos para a música lenta.

— Porque eu conheço todos os garotos locais. — disse ela, apertando os seios contra o meu peito.

— Eu aposto que você conhece. — eu disse baixinho.

— O que é isso?

— Nada.

Eu senti como se estivesse lutando contra uma cobra rastejando. Ela era todas mãos, pernas e seios, e era irritante quando ela tentava mais e mais me tocar com eles em todos os momentos.

Eu estava desconfortável. Antes de Montana, este era o tipo de garota que eu procurava nos clubes. Para os meus amigos e eu, estas eram as consumíveis. As garotas com quem nos divertíamos e colocávamos de lado. O pensamento do cara que deixou Bridge de lado queimou um buraco no meu estômago. *Sou um idiota.*

Eu senti que um olhar aquecido furava na parte de trás do meu pescoço e eu esfreguei-o para me livrar da sensação. Virei-me e encontrei os olhos a quem o olhar pertencia. Cricket sentada olhando para mim— um olhar de tristeza absoluta enfeitou seu rosto. Eu encontrei-me interrogando-a com os meus olhos, mas ela notou, em seguida, e virou o rosto para o chão.

Olhei para sua esquerda e direita e vi que ela estava sozinha. Eu estudei a pista de dança e vi Jonah e Bridge dançando. Olhei para o bar e vi Ethan conversando com o que parecia ser um amigo dele.

— Então, o que vai fazer depois? — A loira me perguntando.

— O quê?

— Eu estava perguntando o que você fará mais tarde. Eu tenho meu próprio lugar, junto à estrada e...

— Eu sinto muito. Você parece uma, hum, *boa moça*? Mas eu não estou interessado. Obrigado pela dança. — eu disse a ela, deixando-a ali atordoada, mas eu não me importei.

Senti uma atração magnética para Cricket e imediatamente fiz o meu caminho para ela. Ela me notou chegando e desajeitadamente contemplou o teto acima.

— Cricket? — eu perguntei.

Ela encontrou meus olhos. — Hmm? — ela perguntou com uma tentativa de alegria.

— O que você está fazendo aqui?

— Oh, nada. — Ela limpou a garganta. — Por que não está dançando?

— Porque eu vi você aqui sozinha.

Ela engoliu em seco. — Você não tinha que fazer isso. — disse ela docemente.

Suspirei e sentei no banco ao lado dela. — Sim. Sim, eu tinha.

Ficamos em silêncio por cinco minutos e as músicas mudaram duas vezes. Quando uma música lenta começou a tocar, levantei-me e estendi a mão.

— Dança comigo?

— Eu não acho que isso é uma boa...

— Desculpe-me, mas Ethan é um tolo se ele não aproveita todas as oportunidades do mundo para mantê-la perto.

Ela sorriu e se levantou. — Obrigada. — ela sussurrou.

Levei-a para a pista de dança e a varri para mim. Ela era tão polida, tão refinada, tão diferente da loira. Eu estava perplexo com sua educação. Eu não tinha ideia que alguém tão elegante poderia vir de um lugar tão interessante como uma fazenda de gado. Quando eu realmente pensei sobre isso, no entanto, cada um que trabalhava no Rancho Hunt, até os peões, eram educados, gentis e humildes, mais ainda do que o círculo de riqueza que eu cresci ao redor.

Segurei-a galantemente, respeitosamente, da forma como seu comportamento, sua confiança, seu vestido me chamou para segurá-la. Eu encontrava-me afogando por ar sempre que ela e eu compartilhávamos o espaço pessoal. Ela roubou a minha sanidade, cada pedacinho do meu controle e eu me sentia frenético, enlouquecido, sempre que ela estava perto e entristecido pela perda severa sempre que ela não estava. A sensação era tão nova para mim. Ela era mais que linda para mim. Ela era extremamente interessante, a melhor conversa que já tive e eu encontrava-me perguntando o que ela estava pensando, às vezes, ao invés do que ela usava sob sua roupa. Ninguém nunca me afetou como ela tinha. Ninguém.

Minha bochecha esquerda descansou contra o lado de sua cabeça enquanto nos balançamos para a melodia. Ficamos completamente em silêncio. Eu era incapaz de falar, também envolvido em ter certeza que eu aprendi ela de cor. Eu me senti tão danificado segurando-a. Meu peito estava machucado, ferido e magoado. "Sofrimento" era a palavra perfeita para descrever a miséria de não pertencer a ela. Minha cabeça ficou me chamando para me salvar, para parar a tortura, mas eu não podia, simplesmente não podia, deixá-la ir.

— Cricket. — eu sussurrei.

— Não. — ela falou em meu ouvido, então fungou, sua voz quebrando no final. — Não diga isso. — ela ordenou, tomando uma enterrada, a respiração rouca. — Eu-eu não posso te dizer o porquê, mas eu não posso deixar Ethan. — Eu balancei a cabeça contra a cabeça dela e apertei seu rosto no meu ombro. — Eu vou te dizer uma coisa, mas isso só pode ser dito uma vez. — ela começou, e deu mais um suspiro. — Eu sofro por você. — mal saiu dela. — Eu quero estar perto de você sempre. Eu estou me apaixonando por você e é-é uma *doce agonia*, no entanto, ainda é uma agonia.

Em vez de me torturar por implorando por mais, eu continuei a dançar com ela, oscilando à beira de apenas jogar meu antebraço abaixo de seus joelhos e roubá-la, levá-la para casa, para uma casa, qualquer casa, *a nossa casa...* para sempre.

A música era muito curta e cortou até o osso. Em apenas algumas semanas, eu estava quase apaixonado por Cricket Hunt. Em apenas um pouco mais, eu seria um caso perdido, mas não conseguia me convencer a proteger o meu coração.

Eu me inclinei para o rosto dela e beijei sua bochecha, saboreando na forma como sua pele era suave, quão doce ela cheirava. Meus olhos se fecharam e eu decidi manter esse beijo para sempre.

Um toque no meu ombro quebrou meu mundo perfeito, e eu hesitante deixei o calor de sua pele. Levantei-me, totalmente pronto para aceitar o meu destino, esperando encontrar Ethan, mas eu encontrei um homem alto, de ombros largos em um bom terno preto e óculos estranhos. Havia algo familiar sobre ele, e eu o estudei um momento, antes de colocá-lo. Lembrei-me das palavras de August "estranhos óculos antiquados".

De repente, meu mundo desmoronou em meus pés.

— Quem é você? — Eu perguntei ao homem, congelado de medo.

— Sr. Blackwell? — ele perguntou, confirmando meu pior pesadelo. — Meu nome é Dominic Griffin. — explicou ele, me mandando em espiral. Ele tirou os óculos e começou a limpar as lentes com um lenço. — Eu represento o seu pai.

Quando ele mencionou o meu pai, Cricket inclinou-se para o meu lado e agarrou meu braço.

Enfiei a mão no bolso e tirei minhas chaves, discretamente colocando-as na palma da sua mão. Ela olhou para mim, balançou a cabeça e saiu. Voltei-me para o homem.

— O que você quer? — Eu perguntei, tentando controlar a minha voz.

Ele sorriu friamente para mim e colocou os óculos de volta em seu rosto. — Ele quer você arruinado. — disse candidamente, enviando um calafrio na minha espinha.

Abri a boca, mas não consegui responder. Ele colocou as mãos nos bolsos e continuou.

— Ele quer que você saiba que ele vai arruinar você e sua irmã.

Meu sangue começou a ferver debaixo da minha pele. — Diga-lhe que, se ele sequer chegar perto de nós, eu vou pegar todas as evidências documentadas que eu mantive contra ele e eu vou transformá-las para as autoridades.

O homem pareceu surpreso. — Eu não acho que você vai fazer isso. — disse ele depois de um momento de reflexão.

— Você não acha?

— Não, isso significa que você estaria incriminando a si mesmo.

— Acredite em mim, eu ficaria mais do que feliz em apodrecer na cadeia ao lado dele, se isso significasse que ele não poderia machucar minha mãe ou Bridge nunca mais.

O homem pensou sobre o que eu disse antes de concordar. — Eu vou dizer a ele o que você disse.

Ele se virou para ir embora, mas eu o impedi. — E? — eu perguntei.

Ele girou em minha direção mais uma vez. — E *o que?*

— Como vou saber se ele decidiu recuar?

— Oh, você saberá. — disse o homem, rindo. Ele saiu para o frio, ainda rindo como se as vidas minha e de Bridge eram brinquedos para ele. Acho que elas eram. Se ele trabalhava para o meu pai, ele seria desprovido de moral. *Diz o pote.*

Eu ignorei o meu soco interior e saí correndo para a caminhonete. Ela estava andando e perto da porta. Entrei no lado do motorista rapidamente. As luzes interiores estavam acesas, e eu podia ver todo mundo, inclusive Cricket.

— O que-o que aconteceu? — Perguntou Bridge, fazendo manobras para a borda do seu assento.

Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

Olhei para Cricket através do retrovisor e ela parecia nervosa.

— Uh, bem, papai nos encontrou. — disse eu.

— Não. — ela chorou, caindo em seu assento.

Jonah colocou seu braço ao redor dela, e eu não poderia dar uma objeção. Ela inclinou-se para ele e chorou em seu ombro.

— O que isso significa? — Perguntou Jonah.

Saí do estacionamento do pub e comecei a fazer o caminho de volta ao Rancho Hunt. — Honestamente, eu não sei. Digo isso porque eu joguei algo para ele que eu não acho que ele estava esperando que pudesse amarrar suas mãos.

Bridge levantou a cabeça e limpou abaixo de seus olhos. — O quê?
— Ela pediu, entre lágrimas.

Olhei diretamente para Cricket. — Eu realmente não deveria dizer.
— eu disse, com medo de admitir algo tão hediondo na frente dela. —
Vamos apenas dizer que, se ele fosse esperto, ele nos deixaria estar.

Bridget assentiu, felizmente aceitando minha resposta vaga, e deitou a cabeça para trás para baixo no ombro de Jonah. Eu olhei para cima e percebi as sobrancelhas estreitadas de Cricket, em seguida, rapidamente olhei de volta para baixo na estrada. Ela queria saber, mas ela não estava indo para pressionar.

Acho que todos nós temos os nossos segredos, Cricket Hunt.

Capítulo 23

Semanas se passaram e os bezerros começaram a fazer uma aparição pelo rebanho. Jonah e eu trabalhamos muito lado a lado, e embora eu ainda estivesse visitando Cricket à noite, mal dizíamos uma palavra um ao outro, nós dois com medo de limpar os pratos. Eu não me importava embora. Eu tinha que estar ao seu redor, apenas porque ela apaziguava meus pesadelos durante a noite, mas todos nós sabemos que era mais do que isso. Era mais do que isso, porque eu estava me apaixonando por Cricket Hunt, e eu estava achando cada vez mais difícil manter esse fato para mim mesmo.

Fazia semanas desde que Piper tinha feito uma manifestação, e eu estava tão grato. Ela estava começando a comer em minha alma. Depois dos pesadelos, levaria pelo menos dois dias para sacudi-la completamente. Cricket era um bálsamo para meu espírito perturbado.

Cricket ainda não tinha me dado a escultura que tinha me prometido. Eu queria perguntar a ela sobre isso, mas parecia indelicado entre nós, e eu não poderia me forçar a exigí-la. Apesar das tantas vezes que eu quis. Tantas vezes.

Bridge estava perto de cinco meses até então e começando a mostrar. Para minha surpresa, Jonah não estava distanciando-se como eu tinha pensado. Na verdade, ele estava ainda mais atento, o que, francamente, me chocou. Eu tinha decidido na noite que tivemos uma aparição do lacaio do meu pai, Dominic, que eu estava indo para manter a minha boca fechada e deixar as coisas rolarem.

Dominic não tinha feito uma única tentativa de contato. Nem tinha o meu pai ou a minha mãe, que me fez pensar que meu pai não tinha dito

a ela. O fato de que ele não tinha estendido a qualquer título me deixou mais do que um pouco nervoso, mas a cada dia que passava, minha inquietação diminuía cada vez mais. Estávamos nos aproximando rapidamente do décimo oitavo aniversário da Bridge, o que também me fez mais confortável.

Havia também algumas coisas graves acontecendo na fazenda, mas a qualquer momento que Bridge e/ou eu íamos entrar na sala, a conversa giraria em silêncio. Não era o nosso negócio, e nós decidimos respeitar os seus desejos. Embora fez-nos extremamente curiosos.

Sobre meados de fevereiro, Emmett atribuiu Cricket para ser minha parceira, porque ele precisava de Jonah para trabalhar com ele mais de perto enquanto eles começavam a planejar sua nova temporada, quando eles iriam inseminar as vacas em abril, etc.

Em uma quarta-feira aleatória, enquanto espalhávamos serragem nas baias de cavalo, eu quebrei com Cricket. Ethan continuamente a levava para a cidade por horas às vezes, e eu estava me achando verde de inveja. Eu queria respostas.

— Ei, Cricket. — eu comecei.

— Mmmhmm? — ela perguntou, jogando seu rastelo para trás e para frente com facilidade praticada.

— Aonde você vai com Ethan tantas vezes?

Ela parou de varrer e estudou suas mãos um momento antes de voltar a trabalhar em um ritmo furioso. — Em nenhum lugar na verdade.

— Você está mentindo. — disse eu, conhecendo-a bem o suficiente nessa altura para saber quando ela estava de fato sendo falsa.

Parei e inclinei-me no meu rastelo. Ela fez o mesmo.

— Eu não estou. — ela insistiu.

— Cricket. — eu disse, exasperado. — Por que você não me diz para onde você vai?

Ela empurrou o rastelo para baixo e evitou olhar para mim.

— Cricket. — eu empurrei.

— Puxa, Spencer, você pode apenas deixá-lo ir?

— Não, eu tenho que saber.

Ela deixou cair o rastelo.

— Não, você *não tem*. — ela rangeu, me ferindo.

Ela pegou seu rastelo de volta e terminamos a baia, passando para a próxima.

— Eugie. — disse ela do nada.

Instintivamente, eu abri a porta para ele, como eu costumava fazer quando Cricket e eu tínhamos nossas conversas de uma só palavra.

— Eugie, vem comer. — eu pedi para o caminho escuro, sabendo o que ela queria de mim e colocando para fora sua comida como um de nós sempre fazia.

Nós tínhamos aperfeiçoado essas conversas de uma palavra, realmente. À noite, quando ela trabalhava, tudo o que ela tinha a fazer era mencionar uma palavra: "por favor", "isso", "aqui", etc., e eu saberia exatamente o que ela queria dizer ou queria. Ficou a fim de que éramos tão bons nisso que Ellie costumava provocar-nos porque nos encontramos fazendo isso em todo o grupo, para desgosto de Ethan, eu poderia acrescentar.

Outra coisa que me enfurecia sobre Cricket era que ela obviamente não tinha contado a Ethan sobre nossas sessões de fim de noite. Eu encontrava-me constantemente frustrado, alternando entre me perguntando se ela tinha vergonha de mim, ou se ela estava com medo que Ethan iria acabar com eles.

Quando Eugie terminou de comer, eu deixei-o entrar na baia com nós e peguei ele como se ele fosse um cachorrinho, beijando seu pescoço e colocando-o para baixo. Cricket abaixou-se e beijou o topo de seu nariz, em seguida, levantou-se e voltou a trabalhar. Eu empilhei um canto com

um pouco de feno como de costume e ele deitou em cima. Eu fiz isso em cada baia que visitamos, e ele iria seguir-nos de baia para baia.

Quando as serragens terminaram, nós banhamos e escovamos os cavalos, penteando as suas crinas e caudas. Tínhamos que coloca-los todos afastados durante a noite, exceto um. Começamos a lavar ele juntos, trabalhando em sincronia, como sempre fazíamos, movendo juntos como uma unidade coesa.

— Seis? — eu perguntei, apontando para o cavalo que estávamos limpando.

Ela assentiu com a cabeça que tinha se passado seis semanas desde sua última troca de ferradura, então eu peguei as ferramentas de ferrador.

Cricket estava me ensinando o ofício, porque ela era incrível e sabia praticamente tudo o que precisava saber para executar uma fazenda porque Emmett havia a ensinado. Eu adorava as aulas, porque isso significava que eu estaria perto o suficiente dela que eu poderia sentir seu calor e cheirar seu cabelo. Eu também odiava as aulas, pelas mesmas razões.

— Você quer ir? — Ela perguntou.

— Claro. — eu disse calmamente.

Eu peguei a perna direita e preendi o casco entre as minhas pernas bem acima dos meus joelhos. Peguei as pinças e cuidadosamente comecei a calçar a ferradura para frente e para trás para soltar os pregos, acertando-o para dar espaço entre a parte superior da ferradura e do próprio prego e utilizei as pinças para puxar o prego. Eu fiz isso mais lento do que Cricket já tinha, porque eu não era tão prático, mas ela não era impaciente comigo em tudo. Na verdade, ela era realmente encorajadora, apontando cada vez que ela aprovava algo que eu fazia, outra coisa que eu gostava sobre ela.

Ela curvou-se ao meu lado e nossos ombros se tocaram, um fato que ela provavelmente desconheceu, mas eu era agudamente

perspicaz. Ela se inclinou para frente um pouco quando eu deixei cair a ferradura usada e comecei a usar a faca de casco.

Esta era a parte sobre a qual eu estava sempre mais nervoso porque se você bater o sapo do casco apenas para a direita, você pode machucar o cavalo e eu estava morrendo de medo de causar qualquer dor para o gigante gentil.

— Perfeito. — ela acalmou, e eu fiz uma tentativa em direção ao calcanhar.

Ela me parou com uma mão fria e delgada na minha quando minha ferramenta se aproximou da barra e ambos nos acalmamos, ficamos imóveis, nem olhando para o outro, mas o desenho profundo de nossas respirações nos disse tudo o que precisávamos saber.

Ela levantou a mão, puxou-a em um punho ao seu lado, e limpou a garganta. — Uh, vê esse, hum, ângulo da parede aqui?

Engoli em seco. — Sim.

— Este é o lugar onde a parte dolorosa do sapo começa. — explicou ela. — Só tome cuidado com essa parte.

Eu balancei a cabeça e continuei o trabalho até que ela ficou satisfeita com a apresentação grossa que eu tinha feito, e deixamos a perna descansar um pouco antes de colocar a ferradura. Peguei o casco e o coloquei de volta entre as minhas pernas e coloquei a ferradura adequada sobre a cama. Eu tinha um punhado de pregos na minha mão e estava perdendo o controle deles tentando equilibrar a ferradura, bem como o martelo.

Instintivamente, eu fui colocar alguns na minha boca para segurar até que eu precisasse do próximo.

— Não. — ela disse, colocando a mão no meu antebraço. Olhei para seu agarre então de volta para ela lentamente. — Isso não é uma boa ideia.

Ela estendeu a mão e eu deixei cair os pregos na palma da sua mão.

— Por quê? — Eu pedi, olhando de novo para a mão dela.

— Porque. — ela respirou calmamente: — cascos de cavalos tem um monte de bactérias. Vovô nunca nos permite colocar os pregos em nossas bocas.

Eu balancei a cabeça e vi a bonita mão dela deslizar de volta e terminei ferrar o cavalo, soltando o pé para baixo.

— Agora venha aqui. — disse ela, levando-me para a frente do cavalo e se abaixou. Segui sua liderança e ela inspecionou a ferradura final, dando-lhe a aprovação com aquele sorriso inteligente e um polegar para cima.

— Bom. — disse ela, em pé.

— Obrigado.

Ela terminou o resto na metade do tempo, mas eu não me importei. Eu gostava o inferno fora de observar como ela trabalhava muito bem sem pensar. Era tão segunda natureza para ela. Ela não percebeu que eu estava olhando e eu segui todos os seus movimentos, do balanço elegante do martelo, a facilidade com que ela apertava os pregos e dobrando-os para baixo, a maneira que suas mãos alisavam o seu caminho até o casco para verificar seu próprio trabalho, até a maneira como seu cabelo balançava sobre sua bochecha.

Quando ela terminou, ela deixou cair o casco e se levantou, esticando suas costas e lançando seu cabelo fora de seu rosto. Ela sempre dava aos cavalos que ela calçava uma maçã por seus problemas e confidenciaria coisas lindas em seus ouvidos. Ela era tão incrivelmente atraente.

Ela estalou a língua e levou o cavalo para fora e para a sua baia. Acompanhei de perto, memorizando a forma em que seus quadris balançavam. No interior, eu mantive a porta aberta apenas tempo suficiente para deixar Eugie entrar e a fechei, deixando o ruído metálico quebrar o silêncio.

Recusando-me a olhar para ela, agarrei a parte superior da porta e apertei a madeira com tanta força que eu pude sentir minúsculas farpas penetrarem a pele.

— Onde? — Eu perguntei a ela.

Ela suspirou. — Eu não posso dizer.

Minhas mãos punhos e bati-as em cima da porta, fazendo meu cabelo deslizar em meu rosto. — Droga, Cricket, isso está me comendo por dentro.

— Pare. — disse ela. Eu podia sentir que ela estava à beira das lágrimas.

Eu encarei ela e passei os dedos pelo meu cabelo, segurando-o para trás e caí contra a porta da baia. — Eu acho que não aguento mais. — eu admiti.

— Spencer, eu não posso. — ela começou, parecendo exausta.

— Não. Não, Cricket, *eu* não posso. *Sou* o único que não aguenta mais. Você é tão confusa para mim. Um minuto parece evidente que você é, *pelo menos* atraída por mim, o próximo, você está assustadoramente distante, com medo até de chegar perto de mim, especialmente quando Ethan está perto.

— Não traga Ethan para isso. — disse ela, deslizando até sentar-se no feno ao lado de Eugie. Ela esfregou a parte de trás de seu pescoço na tentativa de livrar-se do nosso dia já cansativo. Eu sabia que não estava ajudando, que ela e sua família estavam estressados além da crença, mas eu estava infeliz, mais infeliz do que eu alguma vez tinha estado em toda minha vida, e eu estava pronto para rebentar a coisa entre nós aberta. Eu estava cansado de definhar, cansado de sentir como se ela me quisesse, mas não fazendo nada sobre isso.

— Por que não trazer Ethan para isso? — Perguntei.

— Porque ele é um cara incrível.

O ciúme queimou profundo com sua resposta. — Não há nenhuma dúvida de que ele é um ótimo cara. — eu admiti amargamente. — mas ele não é o seu ótimo cara, Cricket. Ele não é o seu destino, Cricket.

Ela cruzou as pernas na frente dela e colocou as mãos entre as coxas, descansando a cabeça contra a parede e olhou para o teto. — Não há tal coisa como o destino, Spencer.

— O inferno não existe! — Exclamei enfaticamente. — Eu posso reconhecer destino quando eu vejo isso... *ao contrário de você*. — eu disse, respirando a última parte.

Ela abaixou a cabeça e olhou diretamente para mim. — O que você está dizendo? — Ela perguntou de forma imprudente, ao contrário de suas declarações habituais muito cuidadosamente planejadas para mim.

Eu levantei em toda minha altura. — Estamos fazendo isso? — Eu desafiei, minhas mãos em meus quadris.

Ela ficou em silêncio, mas, eventualmente, disse: — Sim.

As borboletas no meu estômago atacaram em uma multidão. Chamei seu blefe, mas percebi que eu poderia não querer ouvir o que ela precisava dizer. — Por que você está com Ethan? — Eu perguntei primeiro.

Ela virou a cabeça, com medo de olhar para mim.

— Não faça isso. — eu disse a ela.

— Fazer o quê? — Ela perguntou, brincando com um pouco de feno que colocou em sua mão.

— Evitar olhar para mim quando eu trago Ethan? Quando tudo que eu estou pedindo é uma simples declaração sua me dizendo que você o ama. Que você está com ele porque você o ama.

— Eu o amo. — disse ela, ainda brincando com a palha.

— Olhe para mim.

Ela ergueu o olhar e olhou direto através de mim. Eu quis cair de joelhos e implorar para ela negar, mas não o fiz. Fiquei imóvel como uma estátua, esperando.

— Eu amo Ethan. — ela falou.

Apertei os olhos para ela. — Diga como você não estivesse falando de qualquer um de sua família.

Sua cabeça caiu rapidamente, em seguida, pegou-a de volta. Sua boca se abriu e fechou como um peixe fora d'água.

— O que eu pensei. — eu disse.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Você não entende. — explicou ela. — Ele é tão leal a mim, e agora eu estimo isso mais do que qualquer coisa. Eu confio tanto nele.

— Eu posso dar-lhe lealdade. — eu disse a ela suavemente, honestamente.

Ela balançou a cabeça. — A lealdade dele é de quinze anos, Spencer. E isso é meio que o ponto de lealdade, não é? Quando alguém mostra isso para você, você tem a obrigação de retribuir o favor.

— Isso é besteira e você sabe disso! Você não pode basear o resto de sua vida nisso Cricket! A lealdade é louvável, sim, necessária, sim, mas não é o que faz um casamento *feliz*. — Nós dois paramos por um momento, apenas o nosso respiração presente. Observei-a com cuidado. — E isso é o que você vai fazer, certo? Casar com ele?

— Talvez... eventualmente. Eu não sei. — ela exclamou.

— *O que?* — Eu perguntei, frustrado além da crença. — Cricket, eu só—você não está fazendo nenhum sentido para mim. Isso é tão ilógico. No casamento, tem que haver amor. Confie em mim. — eu disse, pensando em meus pais. — Se você não quer ser infeliz para sempre, se você quiser conquistar até mesmo um pequeno *nicho* de felicidade para si mesmo no casamento, você tem que amar a outra pessoa. E apaixonadamente. Se—

se você não tem isso, você não tem nada. — eu terminei, caindo para trás contra a parede.

— Eu acho que eu poderia aprender a amá-lo. — disse ela, tentando convencer a si mesma, pensei, mais do que eu.

— Cricket. — eu implorei. — se você não tiver fez isso ainda, nunca vai acontecer.

— Você não sabe disso!

— Eu-eu não sei o que dizer a você agora. Você parece com tanto medo, mas você não vai me dizer o porquê.

— Nós não estamos juntos, Spencer. Você não merece nenhuma resposta da minha parte.

Minha mandíbula se apertou. — Não, nós não estamos juntos. Você deixou isso bem claro, e por qualquer razão que parece. Você não é do tipo dramática, Cricket, então eu não entendo por que você está lutando tanto contra isto.

— Eu não posso fazer isso. — disse ela, levantando-se, mas em vez de sair, ela apenas me olhou, praticamente implorando para eu levá-la.

Eu corri até ela e coloquei o corpo dela contra a parede. Só nossas testas se tocavam, nossas mãos pendiam ao nosso lado. Ela fechou os olhos, as nossas respirações estavam tensas, prontas para estourar com o desejo. Era pesado demais para respirar, muito difícil. Fechei os olhos, bem como, querendo agarrá-la em meus braços e beijá-la com tanta força, mas não o fiz. Eu não recebi permissão.

— Eu sei que você está se apaixonando por mim. — eu disse a ela.

Ela assentiu com a testa na minha, nossos narizes quase tocando; nossos lábios a meros centímetros de distância. Era um jogo tão perigoso, mas eu não me importava se eu perdesse. Eu só queria jogar.

— Por favor. — implorei a ela, minha língua pesada e grossa. — Diga-me que está tudo bem te beijar.

Ela gemeu, apertando mais as pálpebras como se em angústia. Ela me queria tão mal como eu a queria.

— Basta dizer uma palavrinha, Cricket. Apenas uma palavra e eu vou ter você. Eu seria tão bom para você, Cricket. — eu disse a ela. Ela gemeu mais profundo e balançou a cabeça para trás e para frente contra a minha. — Eu adoraria você para sempre. — eu prometi. — Apenas uma palavra, Cricket, e nós seríamos tão bons juntos, perfeitos realmente. Uma palavra. — eu respirei novamente. Eu podia sentir ela quebrando. Seu rosto preguiçosamente lançou em direção ao meu, me implorando para tomar seus lábios com os meus, para explorar sua boca com a minha. Eu não iria ceder, no entanto. Eu precisava de permissão. Ela precisava dizer isso. — Cricket — Eu exalei. — Salte comigo.

— Oh, Deus. — ela suspirou e pressionou seu corpo contra o meu.

Eu a empurrei mais para trás e a prendi com mais força contra a parede, meus braços de cada lado da sua cabeça. Ela enfiou os dedos pelo meu cabelo e meus olhos rolaram para o fundo da minha cabeça. Ela trouxe meu rosto em seu pescoço e inalei seu cheiro, meus joelhos quase dobraram debaixo de mim. Eu queria que suas pernas subissem nas minhas, mas ela ficou lá congelada, sem fôlego, me frustrando para nenhum fim.

Minhas unhas escavaram na madeira um pouco, furiosas comigo por não tocá-la. Tomei a dor. Foi uma boa dor, uma dor que eu precisava.

— Diga-me. — eu pedi a ela.

Ela balançou a cabeça, mesmo enquanto ela ofegava com a mesma fome que eu tinha.

Ergui minha cabeça e olhei para o rosto dela. Ela abriu os olhos e eu estava quase completamente perdido em como eles eram bonitos. — Cricket, diga.

Ela mordeu o lábio inferior, enviando-me em um quase pânico. — Oh, Cricket Hunt. — Eu balancei a cabeça para limpar o delírio. Eu pressionei minhas pálpebras com força. — Agora, Cricket, diga isso agora.

Em vez disso, suas mãos deslizaram para fora do meu cabelo e sobre meus ombros. Ela estava imediatamente distraída enquanto seus dedos sentiam os músculos em meus ombros e para trás de meu pescoço, em seguida, de volta para baixo dos meus ombros, todo o caminho até meus braços. Ela pegou minha mão direita e segurou-a na dela enquanto explorava com a outra. Seus dedos finos acariciaram repetidamente a palma da mão. Eu fiquei completamente imóvel, mas ela estava me deixando louco. Eu estava com medo de assustá-la. Ela estava pensando, me contemplando.

— Calejada. — ela soltou, então encontrou meus olhos. Ela trouxe a mão aos lábios e beijou delicadamente a palma antes de correr seus dedos de volta sobre ela.

Como se eu não poderia me ajudar, eu agarrei a parte de trás do seu pescoço com a mesma palma da mão, fazendo-a ofegar. Minha outra mão instintivamente foi para a parte de baixo das suas costas e apertei-lhe mais profunda em mim.

— Cricket Hunt, eu quero você tão mal.

Algo no que eu disse a acordou. Seu olhar sonhador previamente clareou e ela balançou a cabeça lentamente. Assim como languidamente, ela tropeçou para longe de mim, cambaleando em direção ao portão.

Eu me virei para ela. — Cricket. — eu chamei suavemente.

— Eu-eu tenho que ir para a cama. — ela gaguejou, fingindo que nada tinha acontecido e deixando a baia.

Eu estava de pé, imóvel, ouvindo seus passos em retirada. Eu senti algo cutucar minha perna e olhei para baixo. Ela tinha deixado Eugie e ele estava de pé, olhando para mim. Eu deslizei pela parede e sentei-me no feno com ele. Ele deitou de volta para baixo, com a cabeça na minha perna e caiu no sono rapidamente. Minha mão foi para o seu pescoço e esfreguei lá. Eu o amava tanto quanto ele me amava.

— Então, por que ela não pode obter esse mesmo conceito, hein, rapaz? — Perguntei a um Eugie dormindo.

Adormeci ali mesmo na baia com Eugie, ainda à espera da única palavra dela que eu nunca ia conseguir.

Capítulo 24

Muito cedo na manhã seguinte, eu acordei assustado no estábulo de cavalos com Eugie ainda no meu colo. Levantei-me e estiquei, os músculos de minhas costas gritando para mim.

— Vamos lá, garoto. — disse-lhe. Ele me seguiu para fora do celeiro e para a pista. Estava muito frio e eu queria correr até o trailer, mas o pobre Eugie era muito idoso para ir mais rápido do que um trote suave.

— Tudo bem, meu velho. — eu disse a ele e o peguei. Eu o embrulhei no meu casaco e fomos para o trailer. Lá dentro, ele imediatamente se encolheu na banqueta e eu o deixei, mesmo jogando um cobertor sobre ele antes de bater em sua cabeça.

Com muito frio para simplesmente deitar, tomei banho e me aqueci o melhor que pude. Minha cama parecia desconfortavelmente pequena, por alguma razão e eu virei na cama por duas horas, obcecado com o que tinha acontecido com Cricket, perguntando o que diabos iria acontecer com meu pai, se ele estava indo fazer qualquer coisa. Eu pensei sobre a possibilidade de ir para a cadeia por um tempo muito longo pelos "recados" que eu dei para ele. Eu contemplei tudo isso e cheguei a uma conclusão.

Não importa o que acontecesse, a ideia de Cricket casando com ninguém além de mim me deixava mais doente do estômago do que cada cenário terrível que eu conseguia pensar.

Meus olhos estavam bem abertos quando meu despertador tocou, mas eu o deixei tocar mais e mais, uma distração bem-vinda dos meus pensamentos.

— Caramba, cara. — eu ouvi uma Bridge grogue reclamar.

Minha palma, a mesma que Cricket tinha beijado, bateu no botão desligar.

— Desculpe. — eu disse, trazendo a palma da mão para o meu peito, desesperado para apagar a dor que ela tinha colocado lá.

— Onde você estava na noite passada? — Perguntou ela, esfregando os olhos.

— Oh. — Eu limpei minha garganta. — eu adormeci no estábulo de cavalos.

Ela riu um pouco e sentou-se. — Sério? — Ela brincou. — Você, talvez, adormeceu com mais alguém?

— Sim, como uma questão de fato, eu fiz.

Seus olhos se arregalaram e ela engoliu em seco. — O quê? Eu só estava brincando! Ela não faria isso.

Eu não poderia evitar a minha risada. — Foi Eugie. Adormeci com Eugie.

Seus ombros caíram em alívio. — Bom.

À menção de seu nome, Eugie desceu da banqueta lentamente e estendeu antes de fazer o seu caminho até mim. Ele descansou a cabeça no meu ombro e me olhou.

— E aí, cara? — Eu perguntei a ele.

— Ele provavelmente precisa fazer xixi. — explicou Bridge.

— Provavelmente. — eu disse, levantando e abrindo a porta para ele.

Eugie encontrou a menor grama coberta de neve que podia e aliviou-se. Eu estava na porta, congelando pra caramba em apenas

minhas calças de corrida e esperando ele voltar para dentro quando ele inesperadamente decolou pela pista. Apertei os olhos e vi Cricket caminhando em nossa direção.

Sem pensar, saltei para fora na neve fria, sem sapatos, sem camisa e cabelo bagunçado do sono. — Cricket. — disse eu, quando cheguei a ela.

Seus olhos se arregalaram. — Oh meu Deus. — disse ela, olhando para baixo. — Você *tem* que colocar em uma camisa.

— Por que você saiu assim ontem à noite? — Eu exigi, ignorando seu pedido.

Ela olhou para os meus pés. — Você vai perder os dedos dos pés. — disse ela e começou a caminhar em direção ao trailer.

Eu a segui. — Responda-me, Cricket.

— Não aqui. — disse ela, digitalizando em torno dela.

Eu fiquei em silêncio com a promessa assumida de que ela acabaria por falar e entramos no trailer, assim como Bridge estava surgindo para o dia. Ela beijou a bochecha de Cricket em um olá e piscou para mim, em seguida, saindo para encontrar um Jonah já se aproximando.

Eu fechei a porta.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou. — Nós não podemos ficar aqui sozinhos.

— Por quê? — Eu perguntei, estreitando os olhos.

Ela ficou de altura. — Porque é desrespeitoso com Ethan.

Aconteceu de eu concordar com ela. — Então estamos em uníssono — eu disse a ela, o que a surpreendeu.

— Es-Estamos?

— Com certeza. E é também por isso que você deve deixá-lo e ficar comigo.

Sua mandíbula se apertou. — Eu juro, Spencer, se você mencionar isso para mim mais uma vez, eu vou te bater.

— Faça isso. — desafiou.

Ela estreitou os olhos. — Eu deveria.

Inclinei-me casualmente contra o balcão ao lado da porta e cruzei os braços sobre o peito. — Sabe o que eu acho? — Eu perguntei a ela.

— Por que pergunta? Você vai me dizer de qualquer maneira. — ela respondeu descaradamente.

Isso me fez sorrir. — Eu acho que você odeia ouvir a verdade.

— Pshh, você está *tão* errado.

— Não. — eu ri. — eu realmente não estou. Pense sobre a maneira como você praticamente derreteu em mim ontem à noite, aquele beijo fervendo na palma da minha mão, o calor latente tangível entre nós. Isso me diz muito. — Ela balançou a cabeça. — Isso me permite saber. — eu continuei. — que você só está em seu relacionamento com Ethan porque ele está dando a você algo que você acha que não pode viver sem, e você está assustada demais para desistir.

Ela engasgou, quase engasgando com o empate e bateu as mãos trêmulas sobre sua boca. Lágrimas transbordaram e meu intestino começou a doer. Estendi a mão para ela.

— Cricket. — eu disse, quebrando a cabeça, tentando descobrir por que as minhas palavras feriram ela tão mal. — Eu sinto... — eu comecei, mas ela empurrou me passando, soluçando e empurrando através da porta do trailer.

Eu a persegui, mas ela fugiu com um propósito, frenética para ficar longe.

Eu me encontrei com ela e agarrei-lhe o braço suavemente. — Cricket, diga-me o que eu disse...

— Pare. — ela gritou, recusando-se a olhar para mim. — Por favor, deixe estar.

Eu balancei a cabeça e a deixei ir. Cada pé que ela pisou a levou cada vez mais longe de mim, e, meu peito pulsava com a dor que eu nunca

tive realmente a intenção de causar nela. Eu me senti como um idiota. Eu tinha empurrado longe demais. Corri minhas mãos pelo meu cabelo e decidi que iria pedir desculpas a ela imediatamente. Eu me empurrei para o trailer e me preparei para o dia, em seguida saí, indo direto para o estábulo dos cavalos, esperando que ela estivesse lá, onde nós normalmente nos encontrávamos.

No interior, os peões Pete e Drew estavam escovando e selando os cavalos, preparando para o dia.

— Ei, vocês viram Cricket? — eu perguntei tão indiferente como possível.

— Ouvi dizer que ela ainda está na casa principal. — Drew respondeu antes de voltar para a conversa que estava tendo antes.

Eu balancei a cabeça e tentei não parecer muito ansioso para chegar a casa. Uma vez fora da vista, eu quase corri para o deck. Na cozinha, encontrei Bridge mexendo algo em uma tigela e Jonah drapeado na geladeira ao lado dela.

— Viram Cricket? — eu perguntei.

Eles balançaram a cabeça negando e eu deixei a cozinha, fazendo meu caminho para a sala principal. Vi Ellie lá.

— Ellie! — Eu disse um pouco ansioso.

— O que há de errado, querido?

— Oh, nada. — disse eu, tentando me acalmar um pouco. — Você viu Cricket? Ela não estava nos estábulos esta manhã.

Mudei o meu corpo para frente e para trás.

Sua expressão facial caiu um momento, mas rapidamente pegou de volta, protegendo a si mesma. — Querido, você provavelmente estará trabalhando com Drew e Pete hoje. Cricket foi para a cidade de forma inesperada com Ethan.

As palavras, "com Ethan" ecoaram pela minha cabeça novamente e novamente. Eu balancei a cabeça. — Obrigado.

Voltei para a sala de jantar e me abaixei no banco, minha cabeça caiu em minhas mãos. Eu arranquei meu boné e passei os dedos pelo meu cabelo.

Capítulo 25

Eu trabalhei o dia inteiro com os meus olhos abertos para Cricket e até Ethan, mas não apareceram. Isto é, até o jantar naquela noite. Eu tinha ido de volta para o trailer e tomado banho apenas no caso de ela aparecer para jantar. Eu estava determinado a puxá-la de lado e pedir desculpas por tudo o que eu tinha feito. Vê-la na dor estava me comendo no meu âmagô, e sabendo que eu era a pessoa que causou isso me fez doente do estômago.

Bridge, ostentando um inchaço um pouco maior do que na semana anterior, sentou-se ao meu lado.

Ela suspirou. — Eu pareço grávida agora.

Eu ri um pouco. — Sim, quero dizer, mais ou menos, eu acho. É apenas esta pequena saliência. Pensei que seria um pouco maior do que isso, na verdade.

— Dr. Harmon disse que não está assim tão surpreso e que a primeira gravidez demora um pouco para mostrar, especialmente em alguém tão magro como eu.

— Ah, eu vejo.

— Então, uh, o que está acontecendo com você hoje? — Ela sussurrou.

— Cara, eu ferrei bonito.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, tomando um gole de água.

— Eu nem sei, para ser honesto. Eu disse alguma coisa para Cricket, você sabe, para empurrá-la, realmente, e ela reagiu de forma completamente diferente do que eu pensei que ela iria.

— O que diabos você disse?

— Eu disse a ela que eu achava que ela estava com Ethan, porque ela tinha medo de deixá-lo.

— O que ela fez quando você disse isso?

Eu me virei para minha irmã. — Bridge, ela quebrou meu coração, reagiu como se eu tivesse esbofeteado ela. Ela estava tentando realmente difícil não chorar e correu o mais rápido que ela podia.

— Porra, Spence, você realmente sabe como empurrar uma garota.

Revirei os olhos. — Obrigado por isso.

— O que você vai fazer?

— Eu não sei. Assim que eu puder, eu preciso ficar sozinho com ela e tentar convencê-la a deixar-me pedir desculpas.

Só então, gritos irromperam para a sala, e Bridge e eu olhamos um para o outro antes de saltar para cima para ver o que estava acontecendo. Corremos para o corredor, onde uma pequena multidão se reuniu. No final do corredor, Jonah nos ouviu chegando e virou-se para nós. Ele imediatamente enfiou Bridge atrás de si, como se para protegê-la, o que me deixou nervoso.

Eu empurrei os outros peões e fiquei na frente. Era Ethan e Cricket, na parte inferior da grande escadaria de madeira no centro da sala, e Ethan estava gritando com ela no topo de seus pulmões. Eu fiz um movimento em direção a eles para impedi-lo, mas Emmett me parou com a mão então eu obedeci. Ellie e Emmett ficaram muito perto de Cricket.

— Isso não pode estar acontecendo! — Ethan gritou para o teto. Seus longos cabelos negros tinham caído de sua presilha de couro e balançava a cada palavra.

— Ethan, escute, eu... — Cricket começou a dizer, mas ele a impediu.

— Não! Você não entende! Eu preciso fazer isso por você, Cricket. — ele praticamente gritou na cara dela, fazendo meu sangue ferver.

Eu apertei minha mandíbula, bem como meus punhos.

— Eu não vou pedir-lhe para fazer isso por mim, Ethan. É muito sacrifício.

— Cricket. — disse ele, com a voz trêmula. Ele caiu de joelhos e abraçou sua cintura, em seguida, olhou para o rosto dela. — Eu não entendo tudo isso. Como você pode considerar isso um sacrifício, se eu não considero? Eu te amo.

— Eu também te amo. — ela disse-lhe docemente. Embora as palavras combinassem, seus significados eram completamente diferentes.

— Nós estávamos dentro do cronograma. — disse ele, sem perceber isso. — Tudo era tão perfeito. O que mudou?

Cricket caiu de joelhos e segurou seu rosto com as mãos. — Ethan. — disse ela, em seguida, caiu em prantos. — É pedir demais. É muito.

— Não é. Eu ofereci porque eu sou apaixonado por você. Eu quero casar com você, Cricket. Qual razão melhor para fazer isso do que essa?

— Eu não posso. — disse ela, explicando nada mais e se levantou.

Ela arrancou as mãos de Ethan em torno de sua cintura, mas ele lutou contra ela, pedindo-lhe para reconsiderar o que quer que fosse que eles estavam discutindo. As lágrimas escorriam, mas ela tinha tomado sua decisão e negou com a cabeça duas vezes antes de subir as escadas pulando. Levou tudo em mim para não ir atrás dela, mas eu sabia que não era o meu lugar, então eu segurei.

Ethan caiu em si mesmo, seu cabelo caindo para frente, protegendo-o.

Me surpreendendo, Ellie caiu para o segundo degrau na parte inferior da escada, escondeu o rosto entre as mãos e chorou abertamente. Emmett sentou-se com ela e segurou a mão dela, mas não disse uma palavra.

Os outros peões haviam se dispersado de volta para a sala de jantar, ao perceber que tinham ultrapassado a sua presença desde o início. Eu me virei e fui para Jonah e Bridge.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei a ele.

Ele olhou para seus pés. — Estou, uh, realmente não sei.

— Besteira, Jonah. Apenas me diga o que está acontecendo?

Ele olhou para mim com simpatia. — Você está apaixonado por ela, por Cricket. — ele afirmou.

— Eu não estou.

— Então parece que você não deve se preocupar com isso. — ele me disse. — Parece ser um assunto particular para mim.

Ele liderou Bridge em direção a sala de jantar e me deixou lá sem palavras. Eu me virei quando vi Emmett me passando e seguindo Bridge e Jonah. Ellie ainda estava sentada nos degraus, mas ela parou de chorar, embora com sua cabeça baixa, pensando. Olhei em volta e vi que Ethan estava longe de ser encontrado.

— Ellie. — eu disse suavemente, e sentando ao lado dela.

Ela olhou para cima e sorriu verdadeiramente para mim. — Sim, meu filho?

— Eu não tenho certeza do que está acontecendo, e eu não estou pedindo, mas eu quero saber se você está bem.

Ela bateu no meu joelho. — Você é um bom menino, Spencer Blackwell. Você ainda está um pouco confuso sobre a vida, mas você vai descobrir isso ainda.

Ela beijou minha bochecha e se dirigiu para o corredor com os outros, deixando-me perplexo.

Gostaria de ter perguntado a ela o que ela queria dizer, mas eu não queria incomodá-la. Eu estava tão confuso, porque eu pensei que eu tinha

vivido melhor do que ninguém que eu conhecia. Eu risquei-o até à velhice e rejeitei o que ela disse.

Me juntei aos outros e me sentei à mesa ao lado de Bridge. Nós conversamos sobre a gravidez e o que nós pensamos que o sexo do bebê ia ser. Ela decidiu que ela iria esperar até o nascimento para descobrir. Isso me deixou louco, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

— E quanto a nomes? — Eu perguntei a ela.

— Eu não tenho nenhuma ideia, honestamente. Eu não posso decidir sobre um único.

— Oh, vamos lá, Bridge. Você tem que estar inclinando-se para alguns.

— Estou falando sério. — ela riu. — Eu acho que eu vou ter que olhar no rosto do bebê e decidir então.

Eu sorri. — Uau, valente.

— Eu gosto de viver perigosamente.

— Eu sei. — eu disse, um pouco irritado.

Ela bufou e revirou os olhos. — Retire isso.

— Bem, eu quero dizer, você e Jonah. O que realmente está acontecendo lá?

Ela olhou para o banco para baixo próximo do nosso e olhou para o objeto de minha pergunta. — Eu, agora não fique bravo...

Eu suspirei. — Bridge, qualquer vez que alguém começa uma frase assim, eu *definitivamente* fico mais bravo.

— Bem, só ouça, então. — ela começou antes de tomar uma respiração profunda. — Eu gosto de Jonah.

— Eu meio já tinha descoberto.

— Muito. — disse ela, agonia escrita por todo seu rosto.

— Acho que ele gosta muito de você também, Bridge.

— Eu acho que sim, mas, bem, eu estou tão perplexa. Eu estou tendo o bebê de outra pessoa. Eu nem tenho dezoito anos. Eu sei que ele deve se sentir inadequado, mas eu só me sinto tão perdida porque eu não me sinto assim.

Meu coração saiu para ela. — Você está embriagada.

— Extremamente.

— Por que você simplesmente não segue o exemplo dele?

Ela franziu as sobrancelhas para mim. — Você está falando sério para mim sobre isso?

— Sim, Bridge, ele é um bom amigo para mim e, para ser honesto, você tem que ser um tipo raro de pessoa para seus amigos ficarem bem com eles namorando sua irmã. Você me entende?

— Sim, ele é um cavalheiro. E eu sei que isso soa tão estúpido neste dia e idade, mas Jonah é tão bom para mim, tão atencioso e pensativo. Eu não acho que eu nunca me senti desconfortável em torno dele, e ultimamente tenho me encontrado observando cada movimento dele quando ele está por perto, ou querendo saber onde e o que ele está fazendo quando ele não está.

Eu considereei tudo o que ela estava dizendo. — Só tenha cuidado. — eu aconselhei. — Siga a sua liderança, não se apresse, e guarde a merda fora de seu coração, Bridge.

Ela assentiu com a cabeça, levando tudo o que eu disse a sério. Eu me perguntava por que eu não poderia seguir o meu próprio conselho.

No meio do jantar, Cricket me chocou andando no corredor. Seu cabelo estava de volta a um de seus lenços de cabelo e seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, mas eu poderia dizer que ela tentou encobri-los.

Minhas mãos se detiveram sobre a mesa quando ela se fez um prato. Eu queria pular para os meus pés, correr para ela e pegá-la. Se eu pudesse ter, se ela me deixasse, eu a levaria para longe. Eu queria beijar

cada centímetro de seus olhos inchados e prometer-lhe que tudo ia ficar bem. *Oh Deus, ela faz meu peito doer.*

Levou tudo em mim para não saltar para cima quando ela se aproximou da mesa. Ela fez um movimento para se sentar ao lado de Ellie, que passou a estar sentada ao meu lado, mas mudou de ideia e sentou-se no extremo oposto completo da mesa.

Droga!

Observei-a em cada movimento, sem me importar em tudo que as pessoas achavam que eu era psicótico. Não teria me incomodado se o fizessem, não quando ela estava tão obviamente sofrendo.

Quando o jantar acabou, todos se sentaram e conversaram por um tempo, quando o telefone tocou. Emmett se levantou para atender e Cricket aproveitou a oportunidade para tentar passar despercebida, mas eu a segui e a peguei na sala principal.

— Cricket. — eu disse com ternura.

Em vez de me sacudir, como eu esperava, Cricket me enfrentou. — Sim?

Eu não sabia o que dizer. Eu não esperava que ela fosse receptiva em tudo, então eu só fui com a primeira coisa que eu conseguia pensar. — Eu sinto muito por esta manhã.

Ela sorriu delicadamente. — Não é um grande negócio, Spencer. — disse ela educadamente, fazendo-me sentir desconfortável.

— Não, foi. Eu não sei exatamente o que eu disse, mas eu percebo agora que eu te empurrei muito longe e eu sinto muito por isso.

— Você só me ajudou a entender o que eu estava cega demais para ver, e eu consertei. Então, eu deveria agradecer você, de verdade. — Ela sorriu afavelmente e virou-se para a escada.

Ela estava agindo de forma tão estranha, muito educadamente, não de todo a Cricket descontraindo que eu estava acostumado. — Ok. — eu disse, seguindo-a. — Podemos conversar um pouco mais?

— Se você me dá licença. — disse ela, pondo-me no meu lugar. — eu tenho algumas coisas para fazer, mas eu vou te ver por perto. — Ela subiu a escadaria restante e enganchou a direita pelo longo corredor até seu quarto.

Segui-a de qualquer maneira, não satisfeito com a conversa fria e apática que ela tinha acabado de me dar.

— Cricket, por que você está agindo assim? — Perguntei. Minha mão se estabeleceu em seu antebraço quando ela pegou a maçaneta.

Ela olhou para a minha mão e eu a retirei. — Eu não estou agindo como qualquer coisa. Estou com Ethan. Eu não estou usando ele ou com medo de deixá-lo mais, e eu acho que a nossa amizade é imprópria. Eu acho que você e eu devemos ser peões companheiros e nada mais.

Eu senti como se ela tivesse me dado um soco no estômago. — Mais? Vocês não terminaram? O que foi tudo isso mais cedo?

Ela suspirou. — Claro que não. — explicou ela. — E mais cedo foi só a minha decisão de algo que precisava ser decidido. Estou estabelecendo limites entre nós, Spencer. Você vai ir embora em alguns meses, e não vale a pena destruir quinze anos de minha vida toda, porque eu estou começando a sentir coisas por você.

— Mas se eu estivesse furando ao redor? E depois? Você ficaria com Ethan então? Parece que você está se estabelecendo.

Ela balançou a cabeça. — Não é estabelecendo. Acabei de tomar uma decisão. Eu fiz uma promessa e eu não posso voltar atrás.

E com isso, ela me deixou no corredor, atordoado.

Eu cambaleei para trás um pouco e voltei para as escadas. — Ainda com Ethan?

Senti-me mais chocado do que eu pensei que eu faria.

— Sim, isso te incomoda, Blackwell? — Eu ouvi a partir do final do corredor.

Ethan estava de pé, encostado na parede, com os olhos perfurando através de mim. Ele queria uma luta, eu podia senti-lo, mas eu já decidi que não na casa Hunt, não quando tinham sido tão gentis conosco.

— Sim, incomoda. — eu disse a ele.

— Finalmente, alguma honestidade para uma mudança. — disse ele, de pé em toda sua altura, mas deixando os braços cruzados. Ele caminhou para perto de mim e eu encontrei meus punhos naturalmente apertando. — É melhor você tomar cuidado. — continuou ele.

— Ah, é? Por quê?

— Porque eu vou te pegar quando você menos esperar.

— Que diabos é que isso quer dizer? — Eu perguntei a ele.

— Isso significa que eu vejo através de suas merdas e você não quer me provocar.

— Isso é uma ameaça?

— Com certeza. — disse ele, demorando-se um momento antes de me rondar.

Ele bateu na porta de Cricket.

— Quem é? — Ela perguntou.

— É Ethan. — disse ele, olhando-me.

— Entre. — ela convidou.

Ele abriu a porta, mas antes que ele entrou, me deu um sorriso triunfante.

— Idiota. — eu murmurei e voltei as escadas para pegar meu casaco e voltar para o trailer, mas a sala de jantar estava invulgarmente cheia.

Encontrei Bridge sentada ao lado de Jonah conversando então me juntei a eles.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

— Emmett está ao telefone com a família McAllen, de uma cidade perto. — explicou Jonah.

— Amigos da família ou algo assim?

— Na verdade não, mas, aparentemente, algo importante aconteceu. Vovô nos pediu para ficar por um minuto.

— Tudo bem. — disse eu, assim como Emmett entrou.

Ele sentou-se na frente da mesa. — Bem, era o filho de Amos McAllen. Ele voou para Yellow Creek. Amos esteve em um acidente na semana passada e eles tiveram que amputar sua perna.

— Pobre homem. — disse Jonah, balançando a cabeça.

— Ele está em estado muito grave e sua esposa está sofrendo sem ele. Como vocês sabem, a época do parto está em pleno andamento e sua fazenda é pequena. — Muitos peões assentiram. — Ela contava muito com Amos.

— Eu posso ir lá e ajudá-los. — Jonah ofereceu rapidamente, me chocando.

— Eu estava esperando que você o diria mesmo. — disse Emmett.

— Podemos dar ao luxo de perder o Jonah? — Eu perguntei a Bridge sob a minha respiração.

Ela encolheu os ombros. Estávamos precisando de mãos também. Jonah empurrou meu ombro e eu olhei para ele como se ele fosse louco. O olhar de morte que ele me deu confirmou.

Eu levantei minha mão como um aluno da quinta série. — Uh, eu posso ir também. — eu ofereci.

— Obrigado, Spencer. — Emmett disse. — Isso é tudo o que podemos dispensar, eu acredito.

Alguns dias longe de Cricket podem ajudar a limpar a cabeça um pouco, eu pensei.

Naquela noite, eu praticamente me derrubei na cama, cansado todo o caminho até os meus ossos por tantas coisas diferentes.

— *Você parece patético, você sabe disso, né?*

— *Cale a boca, Piper. — eu disse, fechando a porta do villa e indo em direção aos elevadores.*

Apertei o botão para o andar inferior. Ela me seguiu quando as portas se abriram.

— *Você está desesperado por ela e ela provavelmente perdeu todo o respeito por você.*

— *Cale -se, Piper!*

Ela suspirou e inclinou-se contra o vidro em seu vestido de cetim. — Eu tentei te dizer, Spencer. Ela não é boa para você. Ela não é nada além de problemas.

— *Piper, cale-se, ou eu vou te calar.*

— *E ela vai levar todo o seu dinheiro. — ela cantou.*

Meu sangue queimou em minhas veias e minha mão encontrou sua garganta e apertou. — Cale. A. Boca.

Ela sorriu e eu a deixei ir. Ela engasgou, então começou a rir. — Você odeia ouvir a verdade. — disse ela, emprestando minhas próprias palavras. — E o seu acordo? — ela perguntou.

— *Que acordo?*

— *O acordo que o seu amigo fez com você. O telefonema que você atendeu no caminho de volta de Las Vegas?*

— *Como mesmo você sabe sobre isso?*

— *Você se esquece, Spencer, eu disse que eu sei tudo. Eu sei que ele ofereceu-lhe a oportunidade de uma vida em um negócio envolvendo uma tecnologia inovadora. Eu sei que você tem toda a intenção de aceitá-lo*

porque ele iria estabelecer você e sua irmã extravagantemente para a vida. Eu também sei que você está dois milhões de dólares mais pobre.

— Sim, não graças a você.

Ela fez beicinho. — Confie em mim. — ela disse. — se eu soubesse que a oferta estava chegando e que ia aceitá-la, eu teria mantido seu dinheiro seguro.

— E agora eu não tenho nenhuma maneira de obter esses dois milhões! Ele vai precisar dele em breve! Como é que eu vou buscá-la agora?

— Você vai encontrar um caminho. Pegue emprestado.

— De quem?

— Um de seus meninos da escola de preparação deve ter esse líquido facilmente.

— Talvez.

Ela parou e ficou me olhando. — Você poderia chantagear alguém. — acrescentou maliciosamente.

Apertei os olhos para ela. Meu estômago começou a virar, porque eu estava pensando. — Quem?

— Esse executivo casado em Chicago. Você pode contatá-lo e chantageá-lo.

— Meu pai já fez isso!

— Certo. O seu pai. Não você. Você não acha que ele iria pagar para mantê-lo quieto assim?

Eu considereei isso. — Talvez.

— Bom garoto. — ela disse, enquanto as portas se abriram para o saguão.

Capítulo 26

Eu acordei na manhã seguinte com nenhuma ideia real porque Jonah e eu estávamos dirigindo uma cidade inteira longe para ajudar um cara de família pouco conhecida quando a fazenda não podia dar ao luxo de perder mais nenhum peão, mas, novamente, eles ajudaram a Bridge e eu então, quem era eu para julgar?

Chegamos ao rancho e notei que estava um pouco desatualizado e não tão mantido como o Rancho Hunt.

— Amos tem quase setenta. — explicou Jonah. — Ele costumava manter um rancho melhor, mas eu suspeito que ele está ficando um pouco velho e não pode manter-se.

— Onde estão seus filhos?

— Seus filhos foram para a faculdade e nunca mais voltaram. Eles construíram vidas na cidade.

Não posso culpá-los, pensei.

Nós estacionamos em direção à casa principal e tomamos a vista. Partes do telhado do celeiro estavam caindo. As cercas precisavam de imediata restauração. Eu suspeitava que algumas vacas provavelmente tivessem escapado através delas. Amos McAllen era velho demais para manter-se com seu rancho.

— Por que ele não apenas se aposenta? — Eu perguntei quando chegamos a uma parada.

Jonah me deu aquele olhar de novo. — Aposentar-se em quê? A maioria das fazendas ao redor daqui não necessariamente tomam um lucro enorme. Nós sobrevivemos de ano para ano.

Eu balancei a cabeça, mas não conseguia entender como as pessoas viviam assim.

Uma mulher mais velha, mas em boa forma, surgiu na varanda e nos encontrou na caminhonete de Jonah.

— Vocês devem ser do Rancho Hunt. — disse ela, estendendo sua mão.

Seu sorriso alcançou seus olhos quando ela apertou os olhos no sol.

— Sra. McAllen? — Disse Jonah, pegando sua mão.

— Oh, por favor, me chame de Faye!

— Faye, eu sou Jonah Hunt e este é outro peão do rancho. — disse Jonah discretamente.

— Spencer. — eu disse, oferecendo a minha mão e ela aceitou.

— Prazer em conhecê-los meninos. — ela disse cordialmente. — Entrem por um momento.

Nós a seguimos até os degraus rangentes de sua varanda e observei brevemente que precisava de reparos também. Sua casa era pequena, mas confortável e limpa.

— Eu tenho algo especial planejado para o seu almoço hoje. — disse ela, radiante.

— Não se incomode, Sra. Faye, estamos aqui para ajudá-la, lembra? — Disse Jonah.

Ela pegou a mão dele entre as suas e acariciou-as delicadamente. — Eu sei, meu filho, e eu não posso dizer o quanto somos gratos. — disse ela, quase derramando uma lágrima e apertando as minhas feridas.

— Isso é o que fazemos para os nossos vizinhos. — Jonah disse sorrindo.

Ela acariciou-as mais uma vez, em seguida, deixou-as ir.

— Se você não se importa. — Jonah começou. — nós gostaríamos de ir direto para o trabalho, se está tudo bem?

— Oh, por todos os meios, não me deixe manter você, amor.

Ele sorriu mais uma vez e eu o segui para fora e para a varanda.

— Eles só têm uma centena de vacas aqui. — disse Jonah, olhando o campo perto do celeiro e colocando suas luvas. Eu puxei as minhas do meu bolso de trás e segui o exemplo.

— Oh, bem, nós devemos terminar muito rapidamente. — disse eu, sentindo um pouco revigorado. Jonah olhou para mim. — O quê? — Eu perguntei.

— Nós temos uma tonelada de trabalho para fazer aqui. Estaremos aqui até tarde, eu acho.

— O quê? Por quê?

— Você já viu o estado deste rancho?

— Sim, e daí?

— Então? Nós vamos ter que fazer todos esses reparos para eles.

— O que no inferno, Jonah? Pensei que estávamos aqui apenas para ajudar com o rebanho.

— Estamos. — disse ele, pulando para fora da varanda da frente e indo em direção ao celeiro. — Mas nós vamos deixar esse rancho melhor do que como o encontramos.

Eu balancei minha cabeça. — Isso é ridículo.

Jonah parou em seu caminho. — Spencer, você tem medo de um pouco de trabalho?

— Não. — eu disse, ofendido.

— Então pare sua putaria. — respondeu ele, amaldiçoando pela primeira vez que eu ouvi desde que eu o conheci.

Eu ri. — Tudo bem.

Nós cuidamos do rebanho, assim como fazíamos no Rancho Hunt, mas em uma fração do tempo. Então Jonah me fez limpar e organizar o celeiro porque era uma bagunça desordenada. Poderíamos dizer que Amos deixava as ferramentas de que precisava em um nível para facilitar o acesso então nós penduramos todas as ferramentas que ele não usava com frequência na parede do celeiro e fizemos o mesmo com as ferramentas que ele usava muitas vezes a um nível que ele pudesse alcançá-las.

Isso levou mais de três horas sozinho. Pensei que terminamos, mas Jonah resolveu que pisos precisavam de limpeza então pegou uma vassoura e uma mangueira, assim como fazíamos nas baias dos cavalos quando íamos limpar as serragens. Nós limpamos e lavamos o chão de concreto. Quando tudo foi dito e feito, parecia um celeiro novo, salvo os buracos no telhado, de onde manchas de neve estavam vindo através.

— Nós vamos ter que enfrentar esse teto. — disse ele, olhando para o dano.

— Como é que vamos chegar lá? — Eu perguntei, olhando ao redor.

— Há uma escada construída do lado de fora. Nós vamos ter que recolher materiais e subir.

Nós procuramos no celeiro e encontramos o que precisávamos, e arredondamos o prédio procurando a escada.

— Cara, isso parece defeituoso. — eu disse, inspecionando os degraus da velha escada anexada. Coloquei um pé no primeiro degrau e testei o meu peso. Segurou. — Como é que vamos conseguir a madeira lá em cima?

— Amarrá-la, eu acho, e alçar para cima.

— Tudo bem. — eu disse, dirigindo-me para o celeiro em busca de corda.

Nós amarramos a madeira e colocamos nossos martelos e pregos em nossos bolsos de trás e puxamos a carga pesada para cima e para o telhado.

Nós dois estávamos sem fôlego quando chegamos ao topo. — Droga. — eu disse, olhando para baixo. — Essa queda machucaria.

Jonah olhou por cima da borda. — Não é possível discordar.

Nós caminhamos através do telhado coberto de neve e eu quase escorreguei duas vezes, meu coração batendo no meu peito. Sentamos no primeiro pedaço que precisava de remendo e começamos a trabalhar. Depois de cinco minutos, eu quebrei o silêncio.

— Está frio como a merda aqui em cima.

Eu esfreguei minhas luvas para frente e para trás e as bati juntas algumas vezes para trazer a sensibilidade de volta para os meus dedos.

— Duh. — disse ele.

— Espertinho. — eu ri.

— Imbecil.

— Amante da Bridge. — eu testei.

Ele olhou para mim, chocado, com a boca e os olhos bem abertos antes de estourar em uma alta gargalhada.

— Amante da Cricket. — ele engoliu.

— Que diabos! — Eu disse.

— Oh, o que? Você pode despejá-lo, mas você não pode tomá-lo?

— Eu não amo sua prima, cara.

— Claro. — ele disse, revirando os olhos e martelando um prego.

Limpei a garganta. — Então, você ama? — Perguntei.

— Do que você está falando?

— Você gosta da minha irmã? — Eu perguntei.

Seu rosto inflamou vermelho. — Eu gosto. — ele disse simplesmente.

Ouvi-lo a partir de seus próprios lábios tornou muito mais real para mim.

— Quanto? — Eu perguntei, terminando de remendar o subteto.

Ele olhou para mim enquanto ele se arrastou sobre a pilha de telhas de madeira. — Honestamente?

— Sim. — eu disse, pegando uma telha.

Ele coçou a parte de trás do seu pescoço, com medo de derramar.

— Está tudo bem, cara. — eu disse a ele.

Ele suspirou. — Muito. Demais.

Isso me confundiu. — Então, uh, você queria que você não amasse ou algo assim?

— De jeito nenhum. — afirmou enfaticamente.

— O que você quer dizer com 'muito', então. — eu perguntei, meu lado irmão mais velho saindo com força total.

— Eu só queria dizer que eu estou apaixonado por sua irmã, e eu não acho que ela se sente da mesma maneira e isso... isso come para mim.

Eu deixei a notícia afundar, sentindo uma combinação de impressionado com Jonah, perplexo e confuso.

— Eu acho. — eu comecei com cuidado. — que ela pode se importar com você mais do que você pensa.

A cabeça de Jonah disparou, seus olhos arregalados. — Cale a boca. — disse ele a sério.

— Estou muito sério, Jonah.

— Oh meu Deus. — disse ele, sentando-se e nos calcanhares. Sua mão foi para o seu peito e ele voltou a sentar-se, como se não pudesse acreditar no que eu disse a ele. Sua cabeça baixou enquanto estudava os topos de suas botas. Ele tirou o gorro de lã, em seguida, colocou-o de volta, como se ele não tinha certeza do que fazer com as mãos.

— Você está bem? — Eu perguntei.

Ele sorriu, mas um canto apareceu mais do que o outro, como se estivesse envergonhado. — Eu acho que sim.

Limpei a garganta. — Então, o que você vai fazer? — Eu perguntei, martelando outra telha.

O barulho o trouxe de volta para o presente e ele se juntou a mim mais uma vez.

— Eu não sei. Eu acho que eu vou ter que falar com Bridget.

— Essa é uma boa ideia. — eu disse, mas hesitei.

— O quê?

— Está tudo bem com ela estar grávida?

Seu rosto se suavizou. — Eu definitivamente estou bem com isso.

— Como pode ser isso? — Eu perguntei, surpreendido, mas grato, no entanto.

— Você não escolhe por quem você se apaixona, Spencer. Ou você se apaixona ou você não. — disse ele, me atordoando.

Bridge tinha dito algo muito semelhante para mim no dia que nós saímos.

— Isso não é verdade. — eu soei dentro.

— Veja. Eu sabia que você gostava da minha prima.

— Como você sabe disso?

— Um, sua declaração anterior. Dois, o fato de que ela entra na sala e nenhum de nós pode quebrar sua atenção dela. E três. — ele disse. — Ethan não suporta você e Ethan gosta de todo mundo.

A simples menção de Ethan fez minha pele se arrepiar.

— Você sabe. — continuou ele. — todos nós amamos e respeitamos Ethan como se ele fosse parte da nossa família.

— Sim, sim. — eu disse, começando a ficar irritado.

— Espere um minuto! Nós todos amamos ele, Spencer, mas também queremos o que é melhor para o Cricket.

Eu olhei para ele, confuso. — Fale claramente.

— Eu só quero dizer. — disse ele, terminando a última telha. — que às vezes Cricket não toma as melhores decisões quando se trata de si mesma. Ela tem essas ideias do que é melhor para sua família e amigos, e ela está constantemente sacrificando-se por eles.

— Por exemplo, ficando na fazenda, quando ela tão obviamente quer explorar o mundo um pouco? — eu perguntei.

— Isso.

— E ficar com Ethan, porque ela acha que é o que a família quer?

— Talvez. — respondeu ele.

— E, *talvez* negar que ela está se apaixonando por mim, mesmo que eu sei no meu intestino, no fundo do meu coração, que ela deveria pertencer a mim?

Ele fez uma pausa. — *Talvez*.

Capítulo 27

Ao longo dos próximos dias, Jonah e eu fizemos esse rancho tão limpo, tão organizado, tão eficiente que eu não poderia deixar de ser um pouco orgulhoso de mim mesmo e os trabalhos que nós tínhamos concluídos. Faye estava tão grata, pelo terceiro dia, ela estava enviando para casa cestas suficientes de assados para alimentar um pequeno exército. Continuamos tentando insistir que não era um grande negócio, mas ela teria nada disso.

Outras fazendas tinham seguido o nosso exemplo e enviaram peões para ajudar no Rancho McAllen. Estávamos todos alternando uma semana de cada vez, e Jonah e eu não éramos devidos lá por mais seis semanas. Embora, o filho do McAllen suspeita que eles teriam um peão permanente lá até então.

Na seguinte sexta-feira de manhã, eu tinha que admitir que era bom acordar e não ter qualquer lugar para estar, senão no Rancho Hunt. O dia passou sem intercorrências. Eu não tinha visto Cricket ou Ethan por mais de uma semana, e a separação de Cricket era um tormento, mas eu estava feliz por tudo o mesmo. Eu precisava limpar a minha cabeça, e Jonah me ajudou a fazer isso, mantendo-me mais ocupado do que eu já estive em minha vida.

Antes do jantar, Ellie arrastou Jonah e eu até os antigos prédios Hunt, os que Cricket trabalhava fora. Eu tentei não deixar isso me afetar, mas estar perto de suas esculturas doía meu estômago.

— Aqui. — disse Ellie, forçando aberta uma grande porta de correr para um celeiro parecendo abandonado.

— O que estamos fazendo aqui, Ellie? — Perguntei.

— Há um leilão amanhã à noite em Yellow Creek para Amos McAllen.

Olhei para Jonah, confuso. *O que mais eles poderiam precisar?* Eu pensei.

— Amos precisa de uma prótese. — explicou Ellie, vasculhando uma prateleira cuidadosamente organizada na parte de trás. — Vamos ver se há alguma coisa aqui que vale a pena doar.

— Não é essa coisa do tipo relíquia de família? — Perguntei

— Sim, senhor. — Ela piscou.

— Você vai dar uma herança de família para estranhos?

— Isso surpreende você, baby? — Perguntou Ellie, deixando de lado uma ferramenta que parecia muito velha.

— Francamente, estou chocada, Ellie.

Ela sorriu para mim e deu um tapinha no meu rosto. — Isso é o que fazemos para os nossos vizinhos, querido. Nós cuidamos um do outro.

Mas eles são estranhos! Eu pensei, então me lembrei do dia que Bridge e eu viemos pedir sua ajuda, como abertos e generosos foram conosco, como eles nos acolheram sem qualquer expectativa de um retorno, e como eles não nos julgaram. Eu me senti totalmente envergonhado.

— Eu vejo. — disse eu, levantando algo fora da parede para Ellie.

Só então, as portas se abriram para trás e Ethan e Cricket entraram, eu sorri gentilmente para Cricket, em seguida, virei-me para ajudar Ellie.

— Oi, vó. — Cricket soou, e Ellie se virou.

— Olá, querida. — Ela sorriu. — Oi, Ethan querido.

— Ellie. — Ethan cumprimentou, fazendo meus punhos cerrarem.

Ellie pegou uma pilha de papéis velhos e uma fotografia deslizou por baixo. Ela engasgou e todos nós viramos em sua direção.

— Oh minha palavra. — disse ela, curvando-se e pegando-a. Ela tirou fora a poeira e estudou a pessoa com olhos vidrados. — É minha mãe. — disse ela, passando os dedos com reverência sobre a superfície. Ela virou-a para mim e eu quase engasguei.

A mulher na foto era pequena e magra, cabelo preto cortado, elegante e parecia exatamente como Cricket. Ela usava um vestido estilo melindrosa e uma faixa na cabeça com uma pena ao lado. Seu braço estava levantado e em sua mão estava uma taça de champanhe. Ela estava linda e feliz. Seu sorriso parecia tão inteligente quanto o de Cricket.

— Qual era o seu nome? — Eu perguntei, pegando a foto e tentando não sentir louco, como se eu estivesse olhando para uma foto de Cricket.

— Caroline. — disse Ellie, olhando para Cricket.

Eu fiz o mesmo, e vê-la tão de perto fez meu peito palpitar, mas eu me virei de volta para a tarefa em mãos.

Ellie pegou várias coisas boas para o leilão, e eu não podia acreditar quão generosa ela estava sendo.

Ela pegou minha mão e apertou-a. — Você se importaria de usar sua caminhonete boa, Spencer, e levar isso ao longo de Yellow Creek para mim? Acho que você é o único aqui que sabe o caminho para lá, além de Jonah, e eu preciso dele.

— Nem um pouco, Ellie. — Sorri.

— Obrigada, querido. — Ela se virou para Cricket. — Netinha, você vai ir com ele e ver que a irmã de Faye, Helen, sabe tudo o que ela está recebendo de nós e o que eles valem a pena?

Os olhos de Cricket se arregalaram e ela parecia em pânico. Ela se virou para Ethan e o rosto dele era inexpressivo.

Ela engoliu em seco. — É claro. — respondeu ela.

— Obrigada, querida. — disse ela. — Ethan? Jonah? Vocês vem me ajudar nas baias dos cavalos por um minuto. Há algum reajuste que eu preciso fazer e isso está me deixando louca.

— Sim, senhora. — Ethan respondeu, estreitando os olhos para mim.

Jonah e um Ethan relutante seguiram para fora, deixando Cricket e eu sozinhos, pela primeira vez em uma semana. Foi além de estranho.

— Eu vou pegar a caminhonete. — disse eu, fazendo meu caminho para fora do celeiro.

Eu pensei que eu estava sozinho, até que ouvi o fraco triturar das botas de Cricket na neve restante. Eu torci a cabeça apenas o suficiente para vê-la atrás de mim, mas não a reconheci mais do que isso.

Quando chegamos à caminhonete, eu mantive aberta a porta para ela e ajudei-a entrar tão respeitosa e como eu poderia, ainda sem dizer uma palavra. Eu arredondei a frente e pulei para o lado do motorista, ligando o motor. Minha mão instintivamente usou a parte de trás do encosto de cabeça dela enquanto eu dei marcha ré, o que a fez estremecer. Eu queria rir, mas eu verifiquei rapidamente. *Menina pateta.*

Eu fiz meu caminho lentamente em direção ao antigo celeiro e o silêncio parecia ensurdecedor. Eu pulei para fora e comecei a juntar as coisas que Ellie quis doar para o leilão, ajustando-os na parte de trás da cabine estendida. No final, deixei Eugie saltar do meu lado.

O trajeto de meia-hora para Yellow Creek foi tão reprimido, a tensão sexual tão palpável, eu quase exigi que ela rolasse para baixo sua janela maldita, qualquer coisa para aliviar a tensão. Eu tive o trajeto em torno da cidade idiota por cinco minutos a mais do que eu tinha antecipado, porque eu estava tendo dificuldades para encontrar o velho prédio escolar que eles estavam usando para o leilão e jantar.

— Graças a Deus. — ambos inspiramos ao mesmo tempo em que estacionamos.

Clique.

Escondemos nossos sorrisos e entramos enquanto Eugie seguia. Nós procuramos pela irmã de Faye, Helen, mas não parecia que ela estava por perto.

— Caminhonete. — eu disse, e ela balançou a cabeça.

Começamos a descarregar tudo e colocamos ao lado de todas as ofertas. Levantei-me para sentar na beira do velho palco e esperar por Helen. Cricket fez um movimento para fazer o mesmo, mas ela era tão baixa que não podia colocar a perna por cima da borda.

— Oh meu Deus. — disse ela, rindo.

Ela estava rindo tão forte que ela não conseguia se controlar e continuou lutando para se levantar.

— "Oh meu Deus" é certo. — eu provoquei.

Eu pulei fora e joguei-a pela cintura para a borda, fazendo ela gritar. Tentando difícil não achar graça, ela ajeitou sua roupa.

Ela suspirou. — Obrigada.

— De nada. — disse eu, colocando Eugie ao lado dela.

Eu me inclinei para trás em meus cotovelos, mas ela permaneceu sentada, com as mãos entaladas entre os joelhos saltando.

— Nervosa? — Perguntei-lhe indiferente.

Seus joelhos pararam de saltar. — Uh, não. E você?

— Nem mesmo um pouco. — disse eu friamente.

— Isso é bom. — ela respondeu.

— É *ótimo*. — eu disse, brincando com ela.

Ela balançou a cabeça, mas não disse nada.

— Você se parece com a sua bisavó. — eu disse, mudando de assunto.

Ela me encarou e sorriu. — Obrigada.

— Eu sinto muito. Isso foi um elogio muito íntimo para colegas de trabalho? — Eu alfinetei. — Eu não gostaria de cruzar nenhum limite.

Ela apertou os lábios, bufou e enfrentou o espaço aberto novamente.

— Como você acha que Patches está indo hoje? — Eu pesquei. — Eu sei que Ellie encontrou um abscesso em seu casco traseiro direito.

— Ele está bem. Vovô o tratou. Ele está descansando.

— Essa é uma boa notícia. Em quem Drew está montando, então?

— Eu não sei. — ela soprou.

— Quando você acha que vamos ser capazes de mudar as vacas para o pasto de verão?

— Se tivermos sorte, final de abril.

Suas respostas brandas e curtas estavam rachando-me.

— Isso é excelente. — eu respondi sarcasticamente.

Ela assentiu com a cabeça.

— Hey. — eu comecei.

— Spencer! Pare de falar comigo sobre o rancho!

— Ah, então eu acho que não podemos conversar sobre qualquer coisa? Incrível! Que companhia incrível que *você* acabou por ser.

Ela suspirou e sua cabeça caiu. — Eu sinto muito. E-eu só precisava de alguns limites com você. Estávamos ficando *próximos*, se você me entende, e era desrespeitoso com Ethan. — Ela me encarou. — Eu só precisava que você soubesse que isso precisava parar.

— Isso é bom. — eu menti. Quero dizer realmente, realmente menti.

Ela me olhou e abriu a boca para dizer algo, mas um ruído alto veio da frente da escola.

— Que diabos foi isso? — Perguntei. — Fique aqui. — eu pedi a ela.

Eu pulei para baixo e fiz o meu caminho para a frente, Eugie apertado em meus calcanhares. Ninguém estava lá, mas quando eu fiz uma tentativa de olhar para fora, o tempo tinha tomado uma mudança drástica e perigosa. O vento era tão forte que eu não conseguia abrir a porta mais do que trinta centímetros. Neve soprava tão forte e tão pesadamente que eu não podia ver, exceto poucos centímetros na frente de mim.

Eu tremia do frio que tinha escoado através e encontrei Cricket de volta à beira do palco. — Você provavelmente deve vir ver isto. — eu disse a ela.

Ela pulou para baixo e ela me bateu para a porta. — Puta. Merda

— Será que vai acalmar?

— Uh, hum, eu não penso assim. Isto, Spencer, é uma tempestade de neve em Montana.

— Devemos tentar dar o fora daqui?

Ela ficou de boca aberta para mim como se eu fosse maluco.

— Portanto, nós estamos presos aqui, então. — eu concluí.

— Uh, isso é um grande sim.

— Por quanto tempo?

Ela arregalou os olhos, como se ela só percebeu uma coisa. — Hum, algum tempo. — disse ela vagamente. — Com licença. — disse ela, puxando o celular do bolso de volta.

Eu fiquei plantado ao lado da porta com as pequenas janelas de vidro e vi o branco atacar cada centímetro de Yellow Creek com Eugie aos meus pés.

— Nós vamos ficar aqui a noite toda, rapaz? — Eu perguntei a ele, e ele lambeu minha mão.

— Eu tomo isso como um sim, então.

— Hey. — ela falou em seu telefone. — sim. Sim, eu *sei*, Ethan. — Ela soprou a sua franja. — Deixe-me falar com o vô. — Houve uma breve pausa. — Hey, sim. Não, eu não a vi chegando. Estávamos na velha escola esperando a irmã de Faye, Helen. — Outra pausa. — Eu sei. Nós não estamos indo a lugar nenhum. — Ela olhou ao redor. — Ainda tem energia, mas nós vamos começar a vasculhar por mantimentos aqui em um segundo, apenas no caso. Uh-huh. Ok, sim, diga a ela que eu disse que a amava também. Sim, com certeza. — Uma pausa mais longa. — Eu sei, Ethan. Eu *sei*. — Sua voz caiu para um sussurro. — Você só vai ter que confiar em *mim* então, Ethan, tudo bem? Ok, eu vou. Eu também te amo. Tchau.

Ela desligou em seguida, dobrou o foyer. — Qualquer coisa em sua caminhonete que vale a pena de recuperar?

Eu pensei sobre isso. — Uh, eu tenho um acolchoado novo que Bridge acabou de comprar. Além disso, há um kit de emergência que veio com a caminhonete. Eu acho que há um saco de amendoim M & M.

— Você me ganhou com o M & M. — disse ela, me fazendo sorrir.

— Fique aqui. — eu disse e eu preso pela porta.

Eugie tentou seguir, mas Cricket o deteve.

Uma explosão de bolhas frias me permeou para meus ossos dentro de um segundo. Meu corpo começou a tremer, e eu tive que lutar contra o vento forte e gelado os dois metros até a caminhonete. Eu bati o bloqueio da chave no meu bolso e saltei para dentro.

— Oh. Meu. Deus. — Eu tremi.

Eu não queria perder tempo, então eu encontrei um velho saco de lixo que tinha roupa suja nele e tirei as roupas de dentro e comecei a jogar qualquer coisa que eu pensei que nós poderíamos usar no interior, incluindo o acolchoado, o kit de emergência e o M & M. Eu também achei um isqueiro, uma velha lanterna de metal que pertencia a Jonah, e um saco de barras de chocolate escondidos debaixo do banco do passageiro tão congeladas que poderiam quebrar uma janela. Sem dúvida, colocados

lá por Bridge porque seu médico disse-lhe para começar a observar seus carboidratos.

Corri o mais rápido que eu pude de volta para a escola com o meu saco. Cricket tinha empurrado a porta aberta, tanto quanto pôde, e eu me firmei através com o saco.

Uma vez lá dentro, eu pulei de cima para baixo e gritei: — Hooo! — Fazendo Cricket uivar de tanto rir.

— Frio, garoto da cidade?

Retornei seu olhar de mais cedo. — Hum, desculpe-me? Mas sua bunda magra viraria um picolé sólido dois metros fora desta porta.

— Hey! Eu tenho um pouco de isolamento, amigo.

— Oh sim, Esqueleto¹⁹, certeza que sim.

Sua mandíbula se apertou. — Vamos. Temos que procurar o edifício no caso de a eletricidade acabar.

Segui-a, deleitando-me com a minha referência a Esqueleto porque:

A) Mestres do Universo arrasa.

B) Ficou sob a pele de Cricket.

A escola não era muito grande, daí a razão pela qual era chamada de escola "velha". Basicamente, era um total de três salas, um espaço cênico que provavelmente dobrava como o refeitório e duas salas de aula.

Verificamos os armários da sala de aula, mas não havia nada que valesse a pena puxar.

— Hey. — eu disse, apontando para o que parecia ser uma despensa do zelador.

¹⁹ Boneco da linha de brinquedos Mestres do Universo. Para alavancar a venda dos bonecos da série, foi encomendada à Filmation Studios uma série de desenho animado baseada nos conceitos desenvolvidos pela Mattel. Assim, em 1983 foi lançada a série He-Man e os Mestres do Universo.

Eu arrombei a porta e poeira veio ondulando para fora. Eu a deixei se acomodar antes de entrar. — Aqui está uma vela antiga. — eu disse, pegando uma vela vermelha provavelmente usada na época do Natal há cinquenta anos.

— Veja qualquer outra coisa que vale a pena usar. — ela perguntou.

Eu verifiquei as prateleiras. — Ponto!

— O que é isso?

— Uma garrafa de uísque. — disse eu, tirando a poeira do rótulo. — Fechada de cerca de vinte anos atrás. — Ela não disse nada. — Cricket?

— Sim?

— Você me ouviu?

— Sim, uma garrafa de uísque, legal. — disse ela, sem entusiasmo.

Eu embolsei o uísque e fechei a porta da despensa.

— Não é um fã de uísque? — eu perguntei.

— Você poderia dizer isso. — ela disse vagamente.

Ela começou a andar de volta para o espaço cênico. — Você pode forçar para baixo uma dose se ficar muito frio. Iria aquecê-la.

— Sim, eu não poderia fazer isso, mesmo assim. — explicou ela, ou não explicou.

— Ok. — eu cantei, deixando-a mentir.

— Eu me pergunto se há alguma coisa atrás do palco.

Eugie tinha ficado para trás e estava andando no final do palco esperando por nós. Sentei nossas escassas descobertas na ponta e ajudei Cricket a apoiar. Eu não tinha o coração para dizer-lhe que havia escadas escondidas atrás da cortina. Eu me ajudei e comecei o nosso caminho para trás, quando as luzes se apagaram e a eletricidade desligou.

— Merda. — disse Cricket.

Estava escuro como breu, então eu peguei a lanterna que eu tinha enfiado na minha jaqueta apenas no caso deste próprio cenário desenrolar.

— Oh! — Disse ela, quando eu acendi a luz. — Bom. Uma lanterna.

— Sim, uma lanterna.

— Cale a boca.

Eu sorri e liderei o caminho.

Não havia nada à esquerda do palco, apenas o sistema de polias e as escadas, então eu nos levei de volta para o lado direito. Havia um pequeno camarim escondido no canto, e dentro havia filas de trajes de Natal.

— É isso aí, então. — disse ela. — O que vemos é o que temos.

— Vamos pegar um par dessas barbas dos homens sábios. — Peguei uma de uma prateleira e a coloquei sobre a cabeça. — Tenho que manter essa caneca quente, Polegarzinha.

— Hey! — Disse ela, rindo e puxando para fora a barba.

Ela colocou-a de volta na prateleira.

— Que tal estas capas. — Eu sugeri a sério.

Cricket passou as mãos ao longo do comprimento de uma de veludo esmagado. — Sim, estas são as nossas melhores opções.

Joguei-as por cima do meu braço e voltamos ao palco. Eu deitei-as no chão por algum bom amortecimento e Eugie enrolou imediatamente na extremidade e adormeceu. Eu esvaziei o saco em cima e nós passamos por minhas descobertas. Acendi a vela para conservar a lanterna.

Eu segurei a vela sob o meu rosto. — Era uma vez, havia um jovem devastadoramente bonito e uma menina de *boa* aparência e eles ficaram presos... em uma nevasca... em Montana. — eu gritei ameaçadoramente.

Ela revirou os olhos.

— O jovem devastadoramente bonito escondia um grande segredo. — eu disse, deixando cair uma oitava. Cricket balançou a cabeça. — Às.

— eu comecei e olhei para o meu relógio de pulso. — exatamente nove e trinta e sete da noite, todas as noites, ele se transformava... em um vampiro! Ele *sabia* que a menina de *boa* aparência não tinha a menor chance contra ele, então ele fez a única coisa que podia. — eu disse, pousando a vela. — Ele cortou suas mãos! — Eu chorei, puxando as mangas de meu casaco sobre minhas mãos.

Segurei os tocos e Cricket olhou-os por um segundo antes de explodir em gargalhadas.

Quando ela recuperou o fôlego, ela disse: — Como é que cortando as mãos de um vampiro o impedirá de comê-la?

— Eu não sei. — eu disse. — Eu não acho que ele poderia dominá-la naquele momento. Alguma vez você já tentou fazer algo sem as mãos?

— Você sabe alguma coisa sobre vampiros? Eles são superfortes. Com mãos ou sem, ele ainda pode prendê-la.

— Oh meu Deus. — eu exagerei. — Eu sinto muito! Desculpe-me. — gritei para a sala vazia, fazendo com que a cabeça de Eugie disparasse para cima, em seguida, de volta para baixo. — Eu tenho a especialista mais famosa do mundo em vampiros no meu meio! Alerte os jornais!

— Cale a boca. — ela riu.

— Eu ainda acho que ela podia jogar ele fora. — eu testei, segurando meus tocos falsos e examinando-os.

— Não. — ela insistiu, sem ter ideia de onde eu estava indo. — Ele definitivamente poderia dominá-la.

— Hmm. Devemos definitivamente testar essa teoria. — eu disse, lançando-me em cima dela e batendo meus punhos sem mãos para ela.

— Pare. — ela riu, tentando me rolar para fora, mas eu a preendi embaixo de mim.

Ela brigou comigo, rindo incontrolavelmente e levando-me a dar gargalhadas.

— Pare. — ela suspirou, mas a risada dela estava morrendo.

De repente ficou muito quieto e nós dois paramos de contorcer. Eu estava muito ciente de que eu estava deitado em cima de Cricket Hunt. Nós observamos um ao outro, nosso peito subindo e descendo um contra o outro. Minhas mãos encontraram a pilha de capas abaixo de nós e eu empurrei-me para cima, rolando para o meu lado e sentando-me.

Limpei a garganta. — Desculpe. — eu disse asperamente, recusando-me a olhar para ela.

Ela sentou-se bem e arrumou seu cabelo despenteado. — Está, uh, tudo bem. — ela admitiu, olhando para seu colo.

— M & M? Eu perguntei, puxando o saco para fora.

Eu derramei um pouco na mão dela, cuidando para não tocá-la.

— Obrigada.

Eu me deitei sobre as capas e coloquei uma mão atrás da minha cabeça enquanto jogava M & M no ar e tentava pegá-los. Eu só perdi um e apenas me engasguei com dois.

— Quanto tempo você acha antes da tempestade se dissipar? — Perguntei.

— Não tenho certeza. — respondeu ela, deitando ao meu lado.

— Acha que eles vão cancelar o leilão?

— Não, eles vão limpar as estradas e vamos sair e em nenhum momento em tudo.

— Você já passou por isto muitas vezes então.

— Centenas delas.

— Cricket? — eu perguntei depois de cinco M & M.

— Sim?

— Você alguma vez fala sobre sua mãe?

Ela me estudou. — Na verdade não.

— Legal.

Ela ficou em silêncio por mais sete M & M.

— Eu era jovem quando ela morreu.

— Sarah, certo? — Eu perguntei, pensando no primeiro dia que eu conheci Cricket Hunt.

Ela olhou para mim, surpresa. — Sim. Sarah.

Eu mantive em silêncio.

— Eu tinha sete anos, mas lembro-me como se fosse ontem.

— Como é triste. Quantos anos ela tinha?

— Vinte e quatro.

— Muito, muito jovem.

— Muito. — Ela pegou um punhado de M & M. — Ela ficou doente quando eu tinha uns cinco anos. Durante muito tempo, eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Então, um dia, ela veio até mim e me disse que iria ficar no hospital por alguns dias, mas ela estaria de volta e eu ficaria com a avó e que a avó iria levar-me para vê-la em dois dias.

— Eu chorei e implorei-lhe para não ir, mas ela me convenceu que ela ia voltar, por isso marcou na minha agenda para dois dias à frente e ela me prometeu que avó iria me levar para vê-la.

Minha respiração ficou mais profunda, mais pesada, mais triste.

— Então, eu fiz um grande X no calendário quando o dia terminou e no dia seguinte, eu acordei muito cedo e me vesti com meu vestido e sapatos de domingo. Arrumei uma mala porque eu não entendi que ela estava, na verdade, na cidade vizinha de Kalispell, e eu esperei pacientemente pela minha avó vir para cima para que pudéssemos ir visitar minha mãe.

— Mas o café da manhã passou, o almoço e estávamos nos aproximando do jantar e eu ainda não tinha ido ver a minha mãe. Então eu peguei minha mala e encontrei o quarto da minha avó e bati em sua porta.

— Ela disse que estava tudo bem para eu entrar, então eu fiz, e quando ela viu meu rosto, ela caiu em prantos. Eu não tinha ideia do que ela estava chorando, então eu perguntei se ela estava bem. Eu perguntei se ela estava chorando porque não seria capaz de visitar mamãe naquele dia.

— Oh meu Deus. — eu não poderia deixar de respirar.

Cricket olhou para mim e me deu um meio sorriso.

— Vovó disse que não estaríamos visitando mamãe e me sentei na beira da cama. — Cricket voltou pensativa. — Eu ainda me lembro da sensação do peso dos meus sapatos enquanto eles balançavam. — Ela balançou a cabeça para limpá-la. — Ela colocou minha mala no chão ao lado de seus joelhos e agarrou meu rosto como ela tantas vezes faz, mesmo ainda, e ela disse, "Cricket, eu tenho algo para lhe dizer". Eu não tinha ideia do que ela estava dizendo. Eu tinha uma ideia do que a morte era, mas eu não tinha ideia de como era permanente.

— Eu balancei a cabeça que eu entendi, mas depois de alguns dias, eu comecei a me sentir mal, sem minha mãe, e eu disse a minha avó que eu estava pronta para ela estar viva de novo, que eu queria vê-la.

— Cricket. — disse eu, virando em meu lado.

Lágrimas em cascata para baixo dos lados de seu rosto.

Ela virou-se em seu quadril e me encarou. — Sim?

— Eu sinto muito.

— Pelo quê?

— Eu sinto muito que ela foi tirada de você tão cedo. Não foi justo.

Ela estendeu a mão sobre a capa colocada sobre nós, mas não chegou a tocar na minha mão. Ela estava perto o suficiente para eu sentir o calor de seus dedos e meu coração bateu infeliz por ela.

— Spencer. — disse ela, estudando ambas as mãos, em seguida, perfurando meus olhos com os seus azuis brilhantes. — A vida na Terra é passageira. É um presente, mas quando Deus quer você, Ele vai levá-

lo. Isso não deveria ser um castigo para si ou para seus entes queridos. Na verdade, é realmente um incentivo extra para que você possa fazer a Sua vontade, para que você possa servi-Lo de modo que você pode se esforçar para estar com Ele tão *bem* como os que você perder. Há uma paz nisso, Spencer.

Ela me surpreendeu com essa afirmação. Absolutamente me surpreendeu. Porque eu nunca, *jámais*, pensei na morte como algo além de um castigo. Eu temia com desânimo total, com aversão completa, com desespero e mau presságio.

— E a morte. — ela continuou. — é uma coisa bonita para os que são destinados para o mundo de Deus. Como eu poderia invejar dela essa felicidade?

Ela considerou minha expressão e riu um pouco através das lágrimas.

— Levei muito tempo para chegar a um acordo com isso, mas quando finalmente consegui, ele clicou. — Ela sorriu. — Agora, isso não significa que eu não sou egoísta, às vezes, e sinto falta dela, mas tudo bem, porque eu sou humana. — Ela sorriu mais amplo. — E eu amo ser humana. Que presente é ser humano.

Olhei para ela à luz das velas. — Você é linda. — eu disse.

Seus olhos se fecharam com força. — Spencer. — ela respirou.

— Eu estou dizendo isso como um colega de trabalho, Cricket.

Ela bufou. — Cale a boca. — ela riu.

— Estou falando sério. Como um colega rancheiro, eu sinto isso dentro do reino do apropriado para lhe dizer que eu acho que você é a garota mais bonita que eu já tive o prazer de conhecer.

— Spencer. — disse ela, com os olhos ficando vítreos.

— E como seu colega de trabalho, você também deve saber que eu acho você talentosa, esperta como um chicote, capaz e doce.

— Spencer. — ela sussurrou, as lágrimas mais evidentes agora.

— E-e, eu não acho que isso é impróprio, como seu colega de trabalho, lembre-se, de dizer-lhe que, na minha humilde opinião, você está se contentando com a vida que você tem.

Ela apertou os olhos fechados. — Spence, pare. — ela chorou.

— Eu não acho que é uma vida ruim, a vida que você escolheu, não por qualquer meio, mas eu acho que você deve dar a si mesma uma chance.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Eu acho que você poderia ter um inferno de um tempo descobrindo o que você realmente quer, que você pode descobrir coisas incríveis sobre si mesma. Você mesma disse que não queria estar aqui. Eu não acho que você quis dizer que queria ir embora para sempre, mas eu acho que você queria explorar enquanto você é jovem.

Ela chorou um pouco, mas balançou a cabeça mais enfaticamente.

— Cricket, sua família não morreria se você saísse por um tempo.

Ela soluçou mais forte. — Você não entende.

— Ajuda-me a entender, então.

Ela respirou fundo, então exalou. — Você não pode imaginar o sacrifício inimaginável que eles todos fizeram por mim, Spencer.

— Porque eles cuidaram de você? Cricket, eles fizeram isso porque queriam.

— Não. — ela disse, lamentando algo terrível. — é mais complicado do que isso.

— Então *me diz*, Cricket.

Ela quebrou. — Não quero sobrecarregar ninguém mais. Eu estou tão cansada de ser uma dificuldade.

— Cricket. — eu disse, segurando suas mãos. — seja o que for que você fala, não é. Eu posso prometer-lhe que não é um fardo para aqueles que você ama. Confie em mim.

Ela estava chorando tanto, ela não poderia responder, então eu fiz a única coisa que eu poderia pensar em fazer. Puxei-a através das capas e segurei-a enquanto ela lamentava e isso era exatamente o que ela estava fazendo, ela estava de luto. Do que, eu não sabia.

Eu retirei novo edredom de Bridge da bolsa e joguei-o sobre a nós dois, pois estava começando a ficar frio e eu a deixei chorar, eu a deixei desabafar de todo o sacrifício pesado que ela decidiu andar por aí por sua família e eu sofri para carrega-lo por ela.

Ethan podia sentir como se ele estivesse apaixonado por Cricket, mas eu achava que ele era mais apaixonado com a ideia de o que eles eram. Qualquer pessoa verdadeiramente e genuinamente interessada nela teria visto esse lado dela. Esta alma triste e sobrecarregada.

— Cricket. — eu falei em seus cabelos quando sua respiração se estabilizou em meu peito, mas ela não respondeu, cansada de uma vida pesada, ela não quis falar.

Seu celular tocou por baixo do cobertor, mas não consegui encontrá-lo à vista. Passei a mão ao longo de seu quadril e senti a vibração. Eu quase ri com a tentação. Eu cuidadosamente o retirei do seu bolso de trás e trouxe-o para o meu rosto.

— Olá. — eu sussurrei.

— Onde está Cricket. — perguntou Ethan.

— Ela adormeceu. — eu mordi.

— Onde? — Ele perguntou, desconfiado.

Suspirei de forma audível. — Ethan, eu fiz-lhe uma cama no chão do palco. Ela está descansando confortavelmente.

— Por que você está sussurrando? Você está—*se você, deitando ao lado dela?*

— Não. — eu menti. — o som viaja neste lugar. Eu prefiro não acordá-la. Ela parecia muito cansada.

— Tudo bem. — ele admitiu, me exasperando.

— Você sabe, você deve confiar nela — eu disse a ele honestamente, incapaz de ajudar a mim mesmo.

— Eu confio nela. É você que eu não confio.

— Você confia? — Eu perguntei, tornando-me consciente de que ele realmente não confiava. — Eu não acho que você confia. Eu não quero dizer que você *não pode* confiar nela, mas eu acho que você está com medo que ela vai descobrir o que você sabia o tempo todo.

— Cale a boca. — gritou.

— Eu quase sinto pena de você, Ethan.

— Cale a boca. — gritou novamente, indignado.

— Tudo bem, eu não vou dizer outra palavra. — eu disse a ele, e desliguei. — Porque eu não preciso. — eu revelei para a linha vazia.

Eu coloquei o telefone acima de nossas cabeças e apaguei a vela.

Às três da manhã, acordamos assustados por Eugie latindo.

— O que é isso, rapaz? — Eu perguntei a ele antes de perceber que ele estava latindo para um obturador solto batendo com o vento.

Nós dois nos deitamos. — Eugie, quieto. — uma Cricket de voz rouca ordenou-lhe e ele se acalmou.

Eu comecei a esticar quando senti que o corpo de Cricket estava no meu. Sua perna estava ligada ao redor da minha, a cabeça apoiada no meu peito, a mão dela em volta da minha cintura.

— Sinto muito. — disse ela. Eu não podia ver seu rosto avermelhar, mas o calor no meu peito me disse tudo o que eu queria saber.

Ela arrastou-se para o seu lado da cama. Levantei-me e me estendi mais uma vez.

— Vou verificar as estradas.

A neve tinha cessado um pouquinho e os caminhões de arar já tinham atravessado a cidade, o que significava que tinham feito a mesma

coisa para as rodovias. Ao estudar as maravilhas do inverno diante de mim, eu debati se eu deveria dizer a Cricket que podíamos sair.

Dormir ao seu lado, mesmo que fosse por algumas horas, foi tão incrível que fez meu coração bater só de pensar nisso. Eu não sabia como eu tinha chegado tão longe como eu tive desde que a conheci. Eu fui de querer saber o que o seu corpo parecia para dormir ao lado desse corpo, mas apenas sendo capaz de pensar em como eu estava morrendo de vontade de saber o que o seu coração sentia.

Uma intensa e ardente batida me bateu no peito e minha mão atirou para o meu coração e lá ficou. Esperei a sensação diminuir, mas isso não aconteceu. No começo doeu, mas depois me queimou tão docemente que eu implorei para Deus nunca levá-la embora. Ela empolou minha alma, gravou em minha pele, e queimou meus lábios.

Foi o momento exato em que eu me apaixonei por Cricket Hunt. O momento que eu sabia que minha vida nunca mais seria a mesma. Minha mão disparou e descansou categoricamente contra a janela fria e o gelo derretido por baixo.

Mas no momento seguinte eu reconheci que eu não podia fazer nada sobre isso, e a dor foi tão intensa que eu senti como se tivesse socado a janela completamente. Porque eu não poderia reivindicar seus lábios sempre que me apetecesse, eu não poderia mudar o óleo em sua caminhonete para ela, eu não poderia deixar uma nota em seu espelho para ela sempre que quisesse, ou encontrar peças de sucata de metal na beira da estrada e instintivamente buscá-las para ela. Eu não poderia ajudá-la a pegar Eugie para o seu banho, tocar seu quadril porque apenas quis, ou *levá-la em Kalispell*. Eu não podia fazer essas coisas porque ela não era minha para fazer essas coisas, e isso era agonia pura para mim.

— Cricket. — eu disse, andando de volta ao palco com um propósito.

Ela se sentou, me devastando, e a minha mão apertou meu peito.

— Uh-huh? — ela perguntou.

— Hum, as estradas estão claras. Podemos sair se quiser.

— Oh. — ela disse, empurrando o cobertor para baixo de suas pernas. — isso é ótimo.

Eu balancei a cabeça, mas eu não concordei.

Capítulo 28

O leilão aquela noite era para acontecer como programado. Toda a fazenda entrou em um frenesi na tentativa de obter o máximo feito possível, então apenas alguns peões poderiam ficar para trás e ver as coisas.

Embora eu estivesse exausto, eu voltei para o trailer para tomar banho e encontrei Bridge enrolada na banqueta.

— E aí, cara?

Ela sentou-se. — Jonah. — disse ela e começou a chorar.

— Merda. — disse eu, sentado ao lado dela.

— Não. — ela riu, ainda chorando. — São esses hormônios malditos. Ele me disse algo hoje e eu só fugi.

— Ah, sim? — eu perguntei.

— Sim, eu só estou, estou tendo problemas com isso.

— Por quê?

— Porque eu sinto que eu não mereço ele, Spencer.

— Oh, Bridge. — eu disse balançando a cabeça. — Como no mundo você poderia pensar isso?

— Ele é um cara tão bom, Spence. E, quero dizer, a única razão pela qual eu mesmo o conheço é porque eu nos coloquei aqui. — explicou ela apontando para a barriga crescendo.

— Bridge. — eu disse, enfático. — Estamos aqui porque o nosso pai nos colocou aqui. — Ela inclinou-se para trás e olhou para mim. — Nós estamos aqui. — continuei. — porque você não podia suportar a ideia de

não ter o seu bebê, e você não se importou que isso significasse que você teria que viver uma vida totalmente diferente para fazer isso. Eu acho que é a merda mais corajosa que eu já vi, Bridget. Essa coragem que te faz mais digna para Jonah, para mim, para essas pessoas, do que ninguém. Seu bebê não define você, mas sua coragem para manter isso define.

Seu lábio inferior tremeu e ela assentiu com a espinha dorsal.

— Eu acho que você finalmente entende.

— Eu tenho que ir. — disse ela, jogando em seu casaco e enrolando o cachecol.

Ela correu para fora da porta e me levantei para ver ela se dirigir para a rua da janela, mas no topo da pista, vi Jonah descendo a estrada, torcendo as mãos e afligindo seu lábio. Quando Bridge o viu, ela começou a correr para ele, correndo, seu cabelo escapou de seu rabo de cavalo e a massa loira espalhou atrás dela.

Jonah parou de andar, olhando atordoado e abriu os braços para ela. Ela saltou para eles e ele a abraçou com força, fazendo-me vontade de chorar um pouco, mas se você repetir isso para alguém eu pessoalmente vou chutar o seu traseiro.

Ele começou a beijá-la e eu decidi que eu tinha visto o suficiente. Eu ainda tomava cuidado para não colocar muito caldo no relacionamento incipiente deles, mas eu não podia evitar a sensação muito boa de sua mera existência em meu coração.

Vesti-me, tomei banho e me dirigi para o leilão—apenas eu e mais ninguém. Desde que percebi que eu estava apaixonado por Cricket, eu nunca me senti mais sozinho na minha vida. Eu meio que me senti em espiral, retirando-me para dentro de mim, mas eu não tinha ideia de como me arrastar para fora do buraco.

Eu estava apaixonado por Cricket.

Ela estava escolhendo estar com Ethan.

Ethan realmente não entendia ela, tão clichê como isso soou.

Então eu, eu ia aceitar isso, ser tão gentil com Ethan e Cricket como eu poderia, passar os próximos meses por Bridge, estabelecê-la onde quer que ela queira estar, e obter-me o mais longe do Rancho Hunt quanto possível—não apenas por causa do meu próprio coração, mas também para protegê-los do meu pai porque seu estranho silêncio estava começando a assustar a merda fora de mim.

Eu também tomei a decisão de vir limpo com o homem que eu ajudei meu pai a chantagear. Eu faria isso quando eu pudesse garantir a segurança da Bridge e todos os Hunt.

O interior da antiga escola estava lotado; centenas de pessoas se reuniram ao redor, associando e rindo enquanto esperavam para o resto dos novatos e o leiloeiro. Meus olhos foram diretamente para o palco e eu desejei que eu nunca tivesse vindo.

— Hey. — eu ouvi atrás de mim.

Minha cabeça abaixou por um momento.

— Hey. — eu disse, virando e enfrentando Cricket e um homem mais velho em uma cadeira de rodas.

Sua perna direita estava faltando abaixo do joelho.

— Este é Amos McAllen. Ele queria conhecê-lo tão logo você entrasse. Ele insistiu.

Eu sorri para ele e estendi minha mão.

O velho vaqueiro pegou e apertou-a com uma força que eu não esperava de um setenta anos de idade. — Sr. McAllen, é uma honra.

— Filho. — disse ele, acariciando nossas mãos unidas com a sua livre. — Eu precisava que você soubesse que o que você e Jonah Hunt têm feito para a minha família não ficará impune. — Ele sorriu. — Minha esposa e eu oramos por você todos os dias e sua generosidade é muito apreciada. Eu sou homem humilde e jovem.

Isso me envergonhou porque me lembrei de reclamar quase todos os momentos do dia com Jonah. Se eu tivesse colocado o rosto dele para o rancho, eu teria ficado em silêncio e trabalhado duas vezes mais duro. — Senhor. — eu disse. — você me dá inteiramente demasiado crédito.

— Não é possível. — disse ele, disposto a aceitar qualquer outra coisa.

Eu balancei a cabeça, sorri e dei a ele. Ele era, obviamente, o mais generoso. Ele rodou para fora e Cricket ficou ao meu lado.

— Ele é um homem muito bom.

Eu o vi lutar com a cadeira e ele quebrou meu coração. — Extraordinariamente.

Por volta das cinco horas, o leiloeiro começou o leilão e as coisas decolaram em um ritmo divertido. Encontrei uma cadeira em uma mesa perto dos fundos e sentei.

— Posso rolar aqui? — Eu ouvi Amos McAllen me perguntar.

— Claro. — eu disse, deslizando a cadeira ao meu lado para que ele pudesse entrar.

— Faye disse-me que você gostou de sua comida.

Eu ri. — Sim, eu gostei. Eu sinto falta de suas cestas diárias, mas acho que meus pneuzinhos estão me agradecendo que já não estão por perto.

Amos riu.

— Então, quanto tempo você tem sido um fazendeiro? — Eu perguntei a ele.

— Eu vivi nessa propriedade desde que eu nasci.

— Sem brincadeira. Que vida você já teve.

— Você não sabe da missa a metade. — disse ele.

Acontece que ele não tinha setenta, mas setenta e nove e ele lutou na Coreia quando tinha dezessete anos. Ele disse que viu coisas que

nenhum ser humano jamais deveria testemunhar e até hoje detesta o comunismo com cada fibra do seu ser. Ele me disse que quando recém chegou em casa, o menor ruído iria mandá-lo de volta para a Coreia e que Faye era a única que poderia trazê-lo de volta ao presente.

Ele me disse que quando ele tinha saído para a Coreia, Faye era apenas uma magra de quinze anos de idade, com dentes salientes e cabelo vermelho encaracolado, mas quando ele chegou em casa, ela era uma fumegante ruiva de dezoito anos de idade, com curvas por duas e a face mais bonita que ele já tinha visto. Ele disse que sabia que ele tinha que ter os cinco minutos dela depois de vê-la na cidade pela primeira vez desde que ele saiu. — Eu estava ferido. — ele disse simplesmente.

Ele falou sobre o casamento com Faye. Ele me fez rir quando ele disse que achava que ele tinha morrido e ido para o céu na primeira vez deles e como eles não deixaram seu quarto por praticamente um ano consecutivo. Ele também me disse que era como eles conseguiram o seu primeiro filho. Eu estava quase rolando no chão por esse ponto.

Ele falou sobre como ele perdeu esse primeiro filho no Vietnã, mas isso é tudo o que ele mencionou disso. Era, obviamente, muito doloroso para falar, então eu não pressionei. Ele falou de tempos difíceis e bons tempos, das festas e fome, da doença e da saúde. E antes que eu percebesse, duas horas se passaram e eu tinha ouvido a sua história de vida.

Eu tinha descoberto que Amos McAllen era o tipo de homem cujo nome nunca faria os livros de história ou manchetes nacionais, mas havia algo tão extraordinário sobre ele. Me doía que os Estados Unidos não o conheça pessoalmente. Imaginei que havia muitas pessoas tão incríveis quanto Amos, mas eu nunca iria conhecê-las. Elas iriam passar e suas memórias de pessoas antes deles iria morrer com eles.

Essa aparentemente breve conversa com Amos disse-me que a vida é mais do que o que a mídia quer que você pense que é. Ele me ensinou que o mundo não deveria ser maior do que as pessoas ao seu redor, que você deve servir aqueles que o rodeiam com ferocidade, mas ainda tinha a

obrigação de cuidar de quem precisava de nosso carinho, mesmo que estivessem a meio mundo de distância.

Parece uma contradição, mas a forma como ele explicou isso fez todo o sentido para mim. Basicamente, não importa nada de celebridade, ame apenas o seu Deus, seus amigos e sua família, e seja generoso com seus vizinhos, mesmo que eles estão muito longe.

Quando Amos McAllen foi para longe daquela mesa, eu senti todo o meu mundo mudar e inclinar e eu sabia que eu iria lutar para encontrar o seu equilíbrio por um tempo muito longo.

Quando Amos saiu, eu saí para a minha caminhonete, peguei um envelope que eu guardei no porta-luvas para emergências e voltei para a escola. No interior, tive a certeza que todos estavam bem e distraídos antes que eu furei 1.737 dólares no pote de doação, desejando que eu tivesse todo um inferno de muito mais comigo.

Eu comecei a ir embora quando aquela voz me assustou novamente, fazendo meu coração bater de tantas maneiras diferentes.

— Spencer Blackwell. — Cricket brincou. — você não é um grande molenga, gigante.

Apertei meus lábios. — Você não deveria ver isso.

— Eu sei. — Ela piscou. — Isso é o que torna tudo mais divertido.

Eu balancei a cabeça e sorri.

— O leilão está quase acabando, e eles estão prestes a servir o jantar. Gostaria de sentar-se comigo?

Virei-me e procurei a multidão atrás de mim antes de enfrentar ela mais uma vez. — Você está falando comigo? — Eu brinquei.

Ela sorriu. — Sim, você.

— Onde está o Ethan?

Sua testa franziu. — Eu não tenho certeza. — disse ela, em busca da multidão.

— Eu não acho que ele ficaria contente se ele nos visse sentados juntos.

— Bem, isso é problema dele, não nosso. — ela respondeu descaradamente. — Estou cansada de ficar na ponta dos pés em torno dele. — disse ela, surpreendendo-me. — Eu posso ser amiga de quem quer que eu desejo ser amiga.

Ao mesmo tempo, isso teria me agradado a nenhum fim, mas naquele dia de todos os dias, eu não poderia, não iria, ser seu substituto.

— Cricket. — eu disse, estreitando minha testa. — Eu não vou ser seu reserva.

— O quê?

— Eu me recuso a ser um reserva. — eu disse a ela. — Eu não mereço isso, e nós dois sabemos que nunca poderíamos ser apenas amigos.

Ela parecia ferida, mas eu não conseguia sentir pena dela. Ela fez sua escolha, e não era eu.

— Eu-o que você está dizendo, Spencer?

— Eu estou dizendo que eu apenas não quero ser amigável com você, Cricket. Eu quero tudo de você. Eu quero ser capaz de provar seus lábios sempre que me apetece, sentir sua pele, colocar meus braços em volta de sua cintura. Eu quero estar com você por completo, e eu não vou ter nada a não ser sua totalidade.

Virei-me e caminhei para fora das portas da escola, entrei na minha caminhonete e voltei para Bitterroot.

— Está aí. — eu disse ao volante. — Eu fiz a declaração. Cabe a ela agora.

Capítulo 29

Dois meses se passaram.

Era meados de abril, Bridge estava enorme, mas ela e Jonah estavam indo fortes. Ajudou vê-la tão feliz quando eu estava sofrendo completamente. Aquelas palavras na escola foram a última vez que eu disse a Cricket, e ela ainda não tinha respondido. Perdi a esperança de obter uma depois da primeira semana e estava vivendo dia após dia em um estado de zumbi. O único alívio que eu poderia ter do quanto meu coração doía era quando Eugie vinha ficar comigo.

Ele era o meu novo melhor amigo desde que Jonah e Bridge ficaram juntos, e ele era a minha pequena pedra. Notei que Cricket o deixaria ficar comigo muitas vezes e isso me surpreendeu. Eu não sei por que ela fez isso, mas eu não questionei isso. Eu precisava dele. Os cães são animaizinhos engraçados. Eles são uma coisa tão curiosa. Eles dão e dão e dão e não esperam nada em troca.

A estação de parto tinha chegado ao fim, e o rancho havia plantado os campos de feno em preparação para o próximo inverno. A temporada de marcação veio e se foi, e nós estávamos excepcionalmente ocupados por quase duas semanas. Aparentemente, as fazendas ajudavam uns aos outros lá fora. Cada conjunto de peões lançaria em dia a marca de cada rancho, e tivemos todas as fazendas feitas em 11 dias. Conheci um monte de moradores um pouco melhor e cheguei a respeitar cada um tremendamente com a forma como todos eles eram generosos com seu tempo e opinião.

O povo de Montana era algumas das pessoas que mais duro trabalham, genuínas e caridosas que eu já conheci.

Aparentemente, no final de cada época do parto, todos os jovens adultos das fazendas vizinhas se reuniam e acampavam nas montanhas por dois dias. Se você tivesse me perguntado seis meses antes o que eu pensava do conceito de camping, eu teria dito que era ridículo. Agora? Nem tanto. Na verdade, eu estava realmente ansioso para o ar fresco, a queimação em minhas pernas pelas caminhadas e simplesmente relaxar.

Saímos cedo em uma manhã de sexta-feira.

— Estou andando com você? — Jonah perguntou enquanto eu joguei minha mochila na parte de trás da minha caminhonete.

— Claro que sim, cara. Carregue-a!

Peguei a sua barraca, e lancei-a com o meu próprio pacote. Entrei no banco do motorista e Jonah abriu a porta.

— Ei, me dê um segundo, eu vou dizer adeus a Bridget.

Eu balancei a cabeça.

Ele subiu as escadas de trailer e abaixou para entrar. Um minuto depois, ele saiu e entrou.

— Eu queria que ela viesse. — disse ele.

— Sim, certeza que uma Bridge pesada-com-criança iria aniquilar-nos na primeira hora.

Jonah riu, mas ele não discordou.

— Vocês parecem muito felizes. — observei.

Jonah sorriu como uma criança. — Sim, ela é uma garota fascinante.

— É refrescante. — eu disse a ele.

Ele olhou para mim. — Por quê?

Eu balancei a cabeça para as memórias. — Todos os meus amigos de volta para casa não poderiam descrever Bridge como algo além de quente. Eu bati mais do que o meu quinhão de bundas.

— Eu estaria mentindo se eu não dissesse que eu não estava um pouco satisfeito em ouvir isso.

Eu balancei a cabeça.

— Então, uh, como você tem feito ultimamente? — Perguntou ele com piedade em sua voz.

— Vamos lá, Jonah, não faça isso.

— O quê? Estamos preocupados com você é tudo. — Quando Jonah usou a palavra "nós", me deixou louco. Não porque era ele e Bridge. Bem, talvez tenha sido um pouco por causa disso, mas a maioria era porque "nós" significava duas pessoas, e eu muito me sentia como uma pessoa. — Você não está agindo como você mesmo e está começando a assustar-nos.

Eu exalei pelo nariz. — No leilão de McAllen eu disse a ela que não queria ser o seu reserva. Eu lhe disse que queria tudo dela ou nada.

Jonah engoliu. — E ela não fez...

— Será que estamos juntos? — Eu gritei.

— Certo, bem, eu sinto muito.

Bati o volante em frustração. — Sim, eu também.

A verdade é que, Bridge e eu poderíamos ter deixado Rancho Hunt, se quiséssemos, mas ela gostava de estar lá, e então houve a coisa toda com Jonah. Além disso, os Hunt, bem, todos os Hunt, exceto por Cricket, pensavam que não tínhamos dinheiro e, mesmo assim, Cricket não sabia exatamente o quanto nós realmente tínhamos. Eu poderia ter saído quase que imediatamente depois que o meu pai descobriu que estávamos lá, mas eu não poderia trazer-me a deixar uma vida onde eu podia ver Cricket todos os dias. Mesmo se significasse uma tortura.

O parque de campismo era no Reservatório Hungry Horse e estava repleto de pessoas, alguns já armaram suas barracas e tinham feito fogo. Eu puxei para perto de algumas caminhonetes e descarregamos a caçamba, decidindo montar nossas barracas mais próximo da água. Quando terminamos, olhamos para fora para o reservatório.

— Jonah! — Alguém gritou atrás de nós fazendo-nos torcer ao redor.

— Oi, Finley. — disse ele, alegremente.

Finley era uma menina bonita, alta, em torno de um metro e setenta e dois. Ela tinha uma espécie de pele bronzeada, mesmo o cabelo dela era uma cor enferrujada. Ela deu a Jonah um abraço de lado.

— Fin, este é Spencer. Spencer, Finley.

— Prazer em conhecê-la. — eu disse, oferecendo a mão.

— Um prazer. — disse ela, com um sorriso doce, pegando a minha mão.

Foi quando eu percebi que alguém estava tocando alguma música antiga de Our Lady Peace. Eu amava Our Lady Peace. Meu olhar viajou ao redor do acampamento para encontrar a fonte. Cricket estava balançando para "Automatic Flowers", um pé empoleirado no banco de uma mesa de piquenique e ela estava tocando uma guitarra imaginária enquanto cantava no topo de seus pulmões. Quatro outras garotas de sua idade estavam cantando junto com ela. *Oh, meu Deus, por que você tem que ser estupidamente incrível?*

Ela estava usando calças cortadas desgastadas no meio da coxa e coturnos combates desamarradas e uma blusa folgada. Seu cabelo estava liso e as pontas pareciam franjas de navalha. Ela era tão incrivelmente sexy e obviamente não tentando nem um pouco.

— ...por aqui? — Eu ouvi a minha esquerda.

Minha cabeça virou na direção de Finley. — Eu sinto muito?

— Eu estava perguntando por que eu não tinha visto você por aqui antes.

— Oh. — eu disse, tentando não me concentrar em Cricket. — Eu estive ocupado no Rancho Hunt.

— Você é um de seus peões? — ela perguntou.

— Você poderia dizer isso. — eu disse, sentindo uma espécie de orgulho de usar o crachá.

— Legal.

— Hum, você é desta área?

— Sim, nascida e criada. — ela respondeu.

— Finley e eu éramos colegas de classe. — acrescentou Jonah. — Ela estava na classe de Cricket e Ethan.

A menção de seus nomes juntos me fez querer pular no reservatório e afundar. — Bacana.

Finley riu. — Sim, bacana.

Eu olhei para ela com sarcasmo.

— Ethan e eu nos dávamos muito bem. — ela disse. — mas Cricket me odiava.

— Não isso de novo. — Jonah riu, sentando-se em uma rocha nas proximidades.

— O quê? — Eu perguntei.

— Finley tinha, uh, bem...

— Eu tinha uma queda por Ethan na escola. — ela admitiu.

— Oh. — eu peguei.

— De qualquer forma, por isso Cricket me considerava sua arqui-inimiga.

— Ela realmente não considerava, Fin. — Jonah a corrigiu.

— Eu sei quando uma garota não gosta de mim. — disse ela, enfiando as mãos nos bolsos da frente da calça jeans.

Jonah balançou a cabeça.

— Eu conheço Cricket muito bem. — eu disse. — e eu duvido seriamente que ela alguma vez odiou alguém.

Ela assentiu com a cabeça. — Você está certo. "Odiar" é uma palavra forte. Vamos apenas dizer que ela não era uma fã. — ela riu.

Todos nós olhamos para Cricket e o grupo de garotas. — Quem são elas? — Perguntei.

— Essas são algumas garotas da nossa classe. — respondeu Finley.

— Essas cinco garotas foram as maiores causadoras de problemas em nossa escola. — disse Jonah, mudando um pé para a rocha e descansando seu braço sobre o joelho.

— Como? — Eu perguntei, curioso.

— Além dos momentos aleatórios que elas quebraram a lei, elas quebraram tantos corações nos corredores da nossa escola que fiquei surpreso de as paredes não derreter.

— Isso é hilário. — disse eu.

— Fin costumava andar muito com elas também.

— Às vezes. — disse ela.

— Vamos lá, Fin, você quebrou mais do que seu quinhão de corações.

— Não realmente. — disse ela, olhando para Ethan.

Huh.

Finley se iluminou de repente. — Vocês vão nadar mais tarde? — ela perguntou.

— Nadar? — eu perguntei, horrorizado. — Com este tempo?

Jonah riu. — Existem algumas nascentes de água quente nas proximidades. Nós gostamos de relaxar lá e jogar de volta alguns.

— Uau, não esperava esse pequeno bônus. Os únicos calções que eu trouxe são shorts cargo.

— Você vai ficar bem. — disse Finley. — Confie em mim.

Depois do jantar, todo mundo colocou seus trajes e eu coloquei meus shorts cargo e fomos até as nascentes com um cooler e um rádio. Eu não podia acreditar o quão legal era que eles tinham fontes termais em Montana. Juntei-me a todos um pouco tarde, e a maioria já estavam nas nascentes, o que tornou ainda mais embaraçoso porque quando vim passeando com a minha toalha, todas as garotas chegaram à beira da piscina para dizer olá.

— Spencer! Por aqui! — Disse Finley, inclinando-se sobre a borda um pouco e me acenando.

Meus olhos procuraram as piscinas por Cricket, mas eu não poderia encontrá-la no meio da multidão de trinta ou mais. Fui até onde Finley estava e coloquei as minhas coisas para baixo na borda rochosa da piscina da nascente.

— Estas são algumas das minhas amigas. — disse ela, apontando para o bando de garotas que revestiam a piscina com ela. — Elas expressaram o desejo de conhecê-lo. — disse ela, piscando e sorrindo.

Eu balancei a cabeça um pouco. — Prazer em conhecê-las. — eu disse, acenando.

— Esta é Sarah. — Finley começou na extrema esquerda.

Abaixei-me e apertei a mão de Sarah.

— Ava, Grace, Faith, Clementine, e Eliza.

Eu balancei cada mão, por sua vez.

— Muito prazer em conhecê-las.

Todas elas flutuavam em silêncio, como se esperando alguma coisa, quando me dei conta de que elas estavam esperando eu entrar. Tirei minha camisa e joguei-a com a minha toalha. Quando me virei suas bocas estavam boquiabertas.

— O quê? — Eu perguntei.

— N-nada. — disse Finley, com os olhos arregalados.

Entrei com elas e elas me situaram no centro de sua linha, em seguida, se espalharam ao redor de mim. Pediram-me pergunta após pergunta sobre a vida em Los Angeles, se eu estava indo para ficar em Montana, etc.

— Eu não posso ficar. — eu disse a elas.

— Por que não? — Disse Finley.

— Eu só não posso ficar.

— Oh. — Finley disse. — você nos odeia. — brincou ela.

— Não! — Eu insisti. — Eu acho que Montana é um dos melhores lugares da Terra e eu estive em todo o mundo. As pessoas aqui são tão incríveis. É que eu, uh, preciso terminar a escola. — eu menti.

— Talvez você possa voltar mais tarde. — Ava ofereceu.

— Provavelmente não. — eu disse.

— Você tem uma garota de volta para casa ou algo assim? — Perguntou Faith.

— Não, não mesmo. Eu nunca poderia namorar qualquer outro tipo de garota que uma menina Montana. — eu encantei. — Elas vão deixar uma impressão duradoura em mim. — eu coloquei densamente.

Todas elas fizeram aww o que me fez rir.

— Portando está resolvido, então. — Eliza disse. — Spencer terá que voltar a Montana.

— Sim. — todas elas entraram na conversa, batendo palmas e sendo muito femininas.

Deus, eu senti falta de garotas, pensei. Talvez tudo que você precisa é de um pouco de atenção feminina para ajudá-lo a obter mais de Cricket.

Só então Cricket caminhou em direção a nossa piscina e quase afundou completamente na nascente quente murmurando: — hummina-hummina-hummina.

— Aí vem Cricket. — Faith disse, acenando para ela.

Cricket sorriu e fez seu caminho em linha reta para a nossa piscina. Ela usava uma única peça vintage, dos anos quarenta, vermelho cereja que amarrava em um laço nos seios. Seu cabelo estava em um lenço e amarrado. Eu queria morrer. Como diabos pode essa garota arrasar em uma única peça melhor do que qualquer fio que eu já vi em L.A.? Quando ela me viu, seu rosto caiu e houve um ligeiro percalço em seu passo, mas ninguém além de mim notou. Seu sorriso pegou de volta e ela estava no contorno da piscina.

— Olá, garotas!

Todas elas a explodiram com saudações alegres, enquanto eu só conseguia olhar para ela.

— Entre! — Faith disse a ela.

— Oh, não, está tudo bem. — disse ela, olhando para mim. — Parece que vocês tem uma coisa boa acontecendo aqui. Eu só estou correndo de volta para o local para mais alguns drinks.

Ela virou-se e acenou adeus antes mesmo que elas tivessem a chance de responder.

— Vê o que eu quero dizer? — Perguntou Finley, assustando-me.

— Huh?

— Ela me odeia. — explicou ela.

— Ah, eu estou definitivamente certo de que não foi por causa de você, Finley.

— Sim, foi.

— Não. — eu segurei. — foi por minha causa.

Finley franziu as sobrancelhas. — Por quê?

Todo mundo parou de falar em conversas privadas, então assim eu continuei a dizer a ela tudo o que eu sentia por Cricket, o quanto eu tinha caído por ela e como ela me rejeitou.

Finley colocou a mão no meu ombro por alguns instantes. — Eu sei como é. — disse ela, sorrindo para mim em entendimento.

Eu apertei a mão dela na camaradagem. — Obrigado.

Sua mão caiu de volta na água e nos sentamos em silêncio. — Você ainda gosta de Ethan?

— Uh, sim, eu acho que eu nunca realmente superei ele. Isso é patético? — ela perguntou.

— Não, eu não penso assim. Na verdade, eu era meio que apaixonado por uma garota no colégio. O nome dela era Sophie. Ela era incrível. — disse eu, pensando nela.

— Como que ela era?

— Ela tinha a personalidade mais terrível que você já conheceu. — eu disse, rindo.

Finley olhou para mim como se eu fosse louco.

— Mas ela era tão quente. — eu expliquei. Finley vincou as sobrancelhas com nojo. — Ouça-me. — disse eu. — Eu costumava ser totalmente superficial sobre essas merdas, e Sophie era o prêmio final. Ela era linda, tipo, uma supermodelo linda.

— O que aconteceu com ela?

— Ela foi pega com drogas e foi condenada a trabalhar em um orfanato em Uganda por seis meses.

— Parece que ela teve o que merecia. — Finley mordeu.

Eu pensei sobre a Sophie que voltou e como ela se tornou verdadeiramente extraordinária. — Ela definitivamente teve o que merecia. — concordei.

A noite continuou. Coloque em avanço rápido, as pessoas entraram e saíram, comeram, beberam e saíram. Eu encontrei uma alma gêmea em Finley e pensei que ela era uma garota genuinamente legal. Fomos os dois últimos a sair naquela noite às cerca das duas horas da manhã quando

ela se desculpou. Eu andei de volta para o acampamento, mas decidi voltar atrás e passar um pouco de tempo nas nascentes, enquanto eu tinha a paz e tranquilidade.

A água estava além de quente no ar frio, e eu afundei profundamente até o meu pescoço. Eu me senti tão perdido ultimamente quando apenas alguns meses antes eu tinha um determinado curso definido à minha frente. Meu prazo para investir nas ações do meu amigo veio e se foi e eu tinha que vê-lo decolar exponencialmente, tornando meu amigo rico além de seus sonhos mais selvagens. Eu não estava tão ciumento ou bravo com isso como eu pensei que estaria, mas ajudou que eu tinha milhões escondidos para um dia chuvoso apenas no caso de um outro investimento vir em meu caminho.

Sentia-me doente sem a amizade rochosa de Cricket e pensei muito seriamente sobre comprar uma casinha nas proximidades para visitar em meus futuros anos de vida. Só de saber que ela estava por perto teria que ser o suficiente para mim e eu precisava entrar em acordo com isso.

Eu olhei para o céu azul profundo repleto de estrelas brilhantes e estava em absoluto êxtase que era a América. Sentei-me um pouco, tentando reconhecer as constelações quando senti um nariz nas minhas costas.

— Eugie? — Eu perguntei e ele lambeu o lado do meu rosto.

— Oh, me desculpe. — a voz doce de Cricket soou como um bálsamo para a minha alma, fazendo meus olhos rolares para trás em minha cabeça. — Eu estava indo para um mergulho de fim de noite.

— Está tudo bem. — eu disse, sentando-me ainda mais, meu coração batendo rápido.

Aquelas palavras eram as únicas que eu ouvi seu discurso diretamente para mim nas últimas semanas. Ela virou-se como se estivesse indo embora, e eu disparei para fora da água.

— Não vá. — eu disse, agarrando seu braço gentilmente.

Seus olhos seguiram da minha mão e braço para meu rosto.

— Ok. — ela sussurrou.

Ela tirou o roupão curto e as sandálias e entrou na água comigo. Estávamos num silêncio morto por mais de dez minutos e eu me senti tão tentado a sair. Estava ficando estranho, e eu nunca gostei de sentir estranho com Cricket. Eu fiz um movimento para sair da água apenas quando ela falou.

— Você gosta de Finley? — ela perguntou, me assustando.

— Sim, ela é uma garota legal.

Sua cabeça balançou para cima e para baixo enquanto ela olhava para as estrelas.

— Ela é muito bonita. — disse ela.

— Eu suponho que sim.

— Ela era interessante para você? — ela perguntou.

Eu não tinha certeza de onde ela estava indo com sua linha de questionamento.

— Cricket? — eu perguntei.

— Sim? — ela disse, passando as mãos por cima da água.

— Você está com ciúmes que eu conversei com Finley a noite toda?

Sua cabeça chicoteou em minha direção. — Não!

— Então por que você está tão curiosa?

Ela limpou a garganta e olhou de volta para o céu noturno. — Eu não sei. — Ela suspirou.

Corri minhas mãos pelo meu cabelo molhado.

— Obrigada por cuidar de Eugie para mim. — ela disse, mudando de assunto.

— Ele tem me ajudado em algumas coisas.

— Ele é bom nisso. — Ela sorriu.

Eu sorri de volta. — Eu sei.

Ela levantou-se e a água chegou logo abaixo dos seios, o que me fez rir porque ele encontrava a minha cintura.

— Venha aqui. — disse ela, caminhando para o lado oposto da piscina.

Segui-a e olhei para o precipício.

— Uau. — eu disse simplesmente.

Em cascata para baixo das montanhas, em um padrão escada, havia dezenas de pequenas nascentes de água quente, refletindo o céu noturno. Elas eram de tirar o fôlego.

— Eu não posso acreditar o quão bonito é isso. — ela sussurrou. — Eu nunca me canso disso.

— Concordo. — eu disse enquanto olhava para o perfil dela.

Nossos braços tocaram brevemente, mas em vez de empurrar para longe como eu esperava, ela deixou a nossa pele permanecer juntas e o calor me deixou insano. Sem olhar para ela, eu pressionei meu braço mais fundo no seu. O reflexo na água me mostrou que ela apertou os olhos fechados e me incentivou. Eu levantei minha mão um pouco e a apoiei ao lado da dela, os lados de nossas palmas mal tocando, antes de envolver o meu dedo mindinho em torno do dela.

Sua respiração se aprofundou, seu peito subia e descia mais rápido com cada dedo que eu movia sobre sua mão.

— Spencer. — ela suspirou, e eu não conseguia mais pensar.

Puxei-a para longe da borda e pressionei suas costas na rocha maior na piscina. Ela suspirou, e isso fez as coisas para o meu estômago. Eu avancei lentamente o meu caminho mais perto dela e com cada centímetro, ela arquejou mais forte.

— Não se mova. — eu suspirei em seu pescoço.

Ela assentiu com a cabeça freneticamente e mordeu o lábio inferior.

Minha boca estava aberta. — Oh, Cricket. — eu disse a ela, minha voz baixando uma oitava. — Eu lhe disse para nunca mais fazer isso.

Ela liberou seu lábio e eu encontrei a minha mão estendida para ele. Corri meu polegar em toda a sua plenitude brilhante, sentindo seu hálito quente contra a almofada do dedo. Segui a linha gorda para o vinco de sua boca, em seguida, de volta.

Suas mãos estenderam para os meus ombros, mas eu as parei, me ganhando outro suspiro suave. Eu preendi ambos os pulsos dela acima de sua cabeça com uma mão. Com a outra, eu continuei a explorar a boca requintada antes de traçar meu polegar para baixo da linha de sua garganta. Ela engoliu em seco, me fazendo sorrir.

— Seu pescoço é delicioso. — eu disse a ela, estudando-o com reverência. — Fique quieta. — eu pedi. Inclinei-me para a curva de seu pescoço e inalei. — Meu Deus você cheira incrível. — eu acalmei em sua pele, o que me rendeu um gemido suave. Levantei mais uma vez, mas mantive seus pulsos fixos. — Nem um outro som, Cricket Hunt, ou eu vou te beijar tão forte que sua cabeça vai girar. — Sua boca se abriu em descrença, mas ela obedeceu.

Eu acredito que ela não teria se queixado se eu tivesse, mas ela estava gostando de nosso jogo tanto quanto eu estava.

Minha mão livre encontrou a base de sua garganta e meu polegar pressionou entre suas clavículas brevemente antes de correr o comprimento de cada uma. Minha mão deslizou até o lado de seu pescoço antes de encontrar sua mandíbula. Inclinei a cabeça um pouco e lentamente avancei meu caminho mais perto até que meus lábios se encontraram debaixo da linha do queixo. Apertei o beijo mais suave lá, mas atrasei um pouco, deixando minha respiração soprar através de sua carne sensível antes de afastar novamente. Ela exalou quando eu fiz e caiu um pouco contra meu peito.

— Levante-se, Cricket. — Eu pronunciei contra sua pele.

Ela cedeu um pouco mais antes de apoiar-se mais uma vez. Esta era uma tortura para nós dois, mas era uma dor boa.

Estudei seu corpo, tentando decidir onde explorar a seguir. A palma da minha mão encontrou a parte superior de seu peito e se hospedou lá e eu senti o seu batimento cardíaco, causando arrepios a se espalhar através de sua pele.

Puxei suas mãos para baixo e deixei-as cair na água para aquecê-la, mas depois achatei suas mãos contra a rocha. — As mantenha aí. — eu instruí.

Ambas as minhas mãos encontraram seus quadris e belisquei os ossos entre os meus dedos indicadores e polegares antes de deslizá-los até seus lados, sentindo cada curva, aprendendo cada contorno. Quando eu encontrei a parte inferior dos seios, eu deslizei para o lado, em seguida, seus braços e ombros antes de voltar para baixo, demorando na curva de seus seios e encontrando seus quadris mais uma vez.

Seus olhos tinham se fechado.

Mudei para sua orelha. — Responda-me isso.

Seus olhos se abriram. — Sim. — ela mal respirava.

— Você gosta do meu toque?

— M-muito. — ela respondeu, soando quase drogada.

Minha palma encontrou a nuca dela e eu a inclinei mais perto de mim. Agarrei-a para longe da rocha e ela respirou bruscamente, me agradando para nenhum fim. Sentei-a na parte rasa da água, na sua plataforma natural embaixo da piscina, e eu me preendi entre suas pernas. Eu deixei minha cabeça cair na base do pescoço e deixei meus lábios procrastinar lá, descansando minha testa em seu ombro e me deixando louco no processo.

Eu beijei suavemente a base do seu pescoço até a linha de sua mandíbula e permaneci no vinco de sua boca. Como se ela estivesse

drogada, ela tentou mover sua boca em direção a minha, mas seus movimentos eram muito pesados e eu a parei.

Eu ri. — Não, não, Cricket. Vamos nos beijar quando eu disser que nós vamos nos beijar. — Ela assentiu com a cabeça lentamente e fechou os olhos mais uma vez. — E quando isso acontecer, eu quero a sua língua com a minha. Eu não quero saber onde você começa ou eu termino. — Ela gemeu baixinho, mas assentiu.

Meus lábios encontraram sua garganta novamente e agitei minha língua para fora rapidamente e provei de sal, fazendo minha língua inchar em antecipação ao beijo.

— Cricket? — Ouvimos Ethan gritar.

Cricket soltou um suspiro em pânico e me empurrou. Ela separou-se de mim, deslizando para baixo da cascata. Tudo que eu podia fazer era olhar para ela, incrédulo.

— Eu traí. — disse ela, colocando a mão sobre a boca, como se de desgosto.

— Com quem? — Eu mordi, frustrado além da crença de que ela estava me abandonando mais uma vez.

— Você. — ela gritou sussurrando.

— Nós nem mesmo nos beijamos! — Eu gritei baixo.

— Eu sou uma pessoa horrível. — disse ela, desesperada. — Eu traí.

— Você é uma pessoa horrível. — eu respondi com ácido e ela começou a chorar. — Mas não porque você supostamente traiu. É porque você realmente não tem estado com Ethan há meses, mas você continua jogando com ele. Assim como eu. Você é cruel, Cricket Hunt. E eu estou oficialmente feito com você.

— Espere. — ela implorou. — Por favor, deixe-me explicar. Eu estou pronta para contar tudo. Você tem que entender!

— Não é um acaso. Eu estou feito com você. — disse-lhe com sinceridade.

Lancei-me da piscina e fui direto para o acampamento.

— Onde está o Cricket? — Ethan me perguntou.

— Lá atrás. — eu disse a ele. *Com o meu coração.*

Capítulo 30

Na manhã seguinte, Jonah "bateu" na minha barraca. Sentei-me e abri para ele.

— O quê! — Eu uivei.

— Caramba! — Jonah riu. — O que se arrastou em seu saco de dormir?

— Sua prima.

— O quê?

Eu ri. — Não, eu só queria dizer que eu oficialmente decidi superar Cricket Hunt.

Jonah sentou-se sobre os pés. — O que aconteceu?

— Nada. — eu disse, puxando meu cabelo para os lados.

— Eu posso ver isso.

— Morda-me.

— Yowza. Parece que ela fez um número em você. É lá que você esteve a noite passada?

— Sim, eu estive fora sendo torturado por sua prima.

— Agora, espere um minuto, ela, uh, disse-lhe alguma coisa?

— Não! E eu juro, eu estou recomendando vocês todos para a CIA.

Jonah riu. — Tudo bem, bem, eu estou levando Ethan caçar com Eugie para o café da manhã. Você quer vir?

— Claro que não! Eu quero distancia dele também.

— Tudo bem, mal-humorado.

Ele fechou minha barraca e eu caí no meu travesseiro, chateado além da crença. Eu não sei como isso aconteceu, eu estava tão empolgado, mas eu caí de volta a dormir.

— Spencer! — alguém gritou, me acordando.

Meu coração batia forte. Eu abri minha barraca e descobri uma Cricket em pânico.

— O quê? — Eu perguntei.

— Estou, uh, desculpe incomodá-lo, mas todos voltaram às nascentes e eu não tenho mais ninguém a quem recorrer.

— Eu sou sempre um último recurso para você. — eu respondi com azedume.

— Eu mereço isso, e eu sinto muito, mas agora eu não posso falar sobre isso. Agora, você e eu precisamos sair e procurar Jonah e Ethan.

— O quê? — Eu disse, minha adrenalina aumentando. — Por quê?

— Porque eles pegaram os seus arcos para caçar e seus rifles para proteger e eu acabei de ouvir seus rifles descarregarem.

— Oh meu Deus. — eu disse, já deslizando minhas botas.

Eu fechei o meu casaco e agarrei meu rifle.

— Vamos. — eu disse a ela. — Onde você ouviu os tiros?

— Nessa direção. — disse ela, apontando para sudoeste.

— Tudo bem. — eu disse, andando.

— Jonah! — Eu gritei e esperei por uma resposta.

— Ethan. — ela gritou.

Andamos por todos os lados por uns bons cinco minutos, antes de ouvirmos dois tiros. Paramos mortos em nossos caminhos antes de correr em sua direção, gritando seus nomes no topo de nossos pulmões.

Finalmente, Jonah gritou de volta. — Spencer?

— Onde está você!

— Nessa direção. — disse ele, soprando sua buzina de ar.

Nós os encontramos e Eugie, seus rifles engatilhados e prontos e olhando mais longe ao sudoeste de nós.

— O que aconteceu? — Perguntou Cricket, sem fôlego.

Ethan olhou para ela. — Você está bem? — Ele perguntou, a preocupação em seus olhos.

— Eu estou bem. — disse ela, forçando um sorriso.

— Lobos. — ele respondeu.

— Oh, não. Eugie! — Disse ela, chamando-o para o lado dela. Ela segurou sua coleira com sino na mão. — Fique aqui, rapaz.

— Eles fugiram naquela direção. — explicou Jonah.

— Bom. — Cricket disse: — vamos voltar para o acampamento.

Ele assentiu, mas parecia inseguro.

Estávamos no meio do caminho de volta para o lugar quando Eugie começou a rosnar.

— Eugie? — Cricket disse, apreensiva.

Nós três pegamos nossos rifles e os levantamos.

— Onde eles estão? — Eu sussurrei.

— Eles estão nos circulando. — respondeu Jonah.

— Silêncio. — disse Ethan, olhando o bosque em torno de nós.

O aperto de Cricket na coleira de Eugie apertou e nós nos movemos em torno dela, protegendo-a. Eugie grunhiu ainda mais alto, em seguida, começou a latir. Ethan e Jonah ficaram tensos.

— Shh, Eugie. — Cricket ordenou.

— Oh meu Deus, há cinco deles. — disse Ethan olhando ao redor.

Eu não tinha ideia de como ele viu, mas eu sabia como as coisas haviam se tornado perigosas.

— Cada um de nós tem apenas um tiro. — Jonah acalmou. — Mantenha-os na sua mira. Eu tenho este aqui, Ethan extrema esquerda. Você acha que você poderia obter o alfa, Spencer?

— Sim. — eu disse, confiante, visando os olhos brilhantes uma cabeça acima do resto dos lobos.

— Por que não podemos tentar assustá-los? — Disse Cricket, afligindo seu lábio.

— Eles estão prontos para atacar. — disse Ethan.

O alfa começou furtivamente a fazer o seu caminho em direção a mim. Eugie começou a rosnar de novo e o lobo arreganhou os dentes, o seu rosnar ameaçadoramente resmungando. Eugie latiu e o lobo saltou em direção a nós.

Minha respiração segurou quando eu apontei meu rifle. Eu atirei, atingindo-o no peito e tirando-lhe o ar. Mais dois tiros foram disparados de forma sucinta. Eu fui para carregar o rifle rapidamente para obter os outros dois, mas eles pularam em direção a nós antes que eu pudesse, então eu balancei o rabo do meu rifle e atrelei um na cabeça, mas não fez nada, senão atrasá-lo e ele colocou sua visão em Cricket com renovada fúria.

— Não. — eu respirei e me joguei em cima dela.

Eugie rasgou-se de sua mão e atacou o lobo.

— Eugie! — Cricket chorou.

Jonah bateu o quinto lobo com a coronha de seu rifle também e vimos como Eugie perseguiu os dois para dentro da floresta, o sino de sua coleira soando enquanto ele corria.

— Eugie! — Cricket gritou atrás dele.

— Nós vamos pegá-lo. — Ethan prometeu. — Venha comigo. — disse ele.

Cricket e Ethan seguiram o sino e Jonah e eu fomos do lado deles.

— Eles podem estar tão longe já. — disse ela, afligindo seu lábio novamente.

— Nós vamos pegá-lo. — eu assegurei a ela.

Ela assentiu com a cabeça.

Seguimos o sino tão longe quanto podíamos, mas do nada o sino parou abruptamente assim paramos também.

— Não. — ela disse, com as mãos indo para a cabeça.

— Ele provavelmente só saiu da distância de audição. — Jonah tentou acalmar.

— Eugie! — Ela gritou mais e mais, a voz frenética.

— Devemos nos separar. — Jonah disse a ela.

— Tudo bem. — disse ela, sem pensar e seguindo Jonah, deixando Ethan e eu juntos.

Jonah e Cricket saíram para a direção que ouvimos o último sino, mas Ethan e eu só ficamos lá olhando para o outro.

— Apenas siga-me. — disse ele, caminhando para o lado esquerdo da floresta.

Silenciosamente, nós andamos, mantendo nossos olhos abertos para Eugie, quando ouvimos os lobos mais uma vez. Nós recarregamos, nos arrastamos em cima deles. Seus narizes estavam pressionados em algo e eles estavam trabalhando juntos para destruí-lo.

— Não. — eu sussurrei correndo em direção a eles. — Não! — Eu gritei, meu coração já quebrando em mil pedaços.

Eu levantei minha arma e disparei em um enquanto Ethan o outro e nós tropeçamos em Eugie, deitando em seu lado, o único movimento, o sussurro de sua pele com o vento.

— Não. — eu disse, caindo a seu lado. Eu pressionei meu rosto em seu focinho e esperei para sentir sua respiração, mas nada encontrou

minha bochecha e eu quase quebrei. Minha palma foi para o seu lado e eu senti por uma batida de coração, mas não conseguiu bater. — Eugie. — murmurei, uma grande tristeza já me inundando. Minha cabeça virou-se. — Oh Deus, Cricket.

Eu peguei ele e segurei-o nos braços, enterrando meu rosto para o lado de seu pescoço. Eu não tinha ideia de como nós íamos dizer a Cricket. Todo o meu corpo tremia com o peso de ter que transmitir tal notícia terrível para alguém que eu amava tanto. Eu não queria que fosse verdade. Eu teria pago toda a minha fortuna naquele momento de trazê-lo de volta apenas para que ela nunca tivesse que conhecer aquela dor.

Eu o carreguei os quase cinco quilômetros de volta para o acampamento e tirei para fora meu saco de dormir, colocando-o para dentro e envolvendo-o. Andei ao lado da fogueira, roendo minhas unhas enquanto Ethan sentou no banco de piquenique, com a cabeça enterrada nas mãos.

Depois que meia hora se passou, vimos Cricket e Jonah se aproximando.

— Você o encontrou? — Cricket pediu através do acampamento.

Ethan e eu levantamos por Eugie. — Cricket. — dissemos em uníssono.

Cricket parou na borda do local e começou a sacudir a cabeça.

— Por favor, me digam que vocês o encontraram e ele está bem. — ela implorou. — Por favor.

Abri a boca, mas não conseguia encontrar as palavras.

Ela começou a chorar e Jonah tentou acalmá-la. No início, ela o deixou, mas rapidamente deslizou de seu aperto e virou-se para nós, seus olhos úmidos. Ela sabia onde ela queria estar. Tudo o que eu queria fazer era consolá-la, mas ela não era minha para consolar.

Ela começou a correr em direção a Ethan, correndo em direção ao conforto dele, seus braços abertos, ansiosa para ser segurada, desespero

estampado em seu rosto. Meu coração se partiu mais uma vez por ela. Eu a amava muito. Eu queria desesperadamente remover sua dor. Gostaria de pegá-la para mim mesmo se eu pudesse.

Ela ganhou impulso, correndo o mais rápido que pôde, como se ela não pudesse chegar a Ethan rápido o suficiente, e meu coração se partiu mais uma vez.

Mas em vez de correr para os braços abertos de Ethan como nós dois esperávamos, ela fez algo que chocou nós dois.

Ela correu para os meus.

Meu coração começou a bater forte quando ela se aproximou de mim e eu mergulhei-a em meus braços, abraçando-a com tanta força que ela mal podia respirar.

— Eu sinto muito, meu amor. — eu disse a ela. Suas lágrimas encharcaram o lado do meu rosto então eu as beijei. — Sinto muitíssimo.

— Eu também. — ela chorou no meu pescoço. — Eu sei o quanto você o amava, Spencer.

Eu não podia responder, muito emocionado, então eu apenas balancei a cabeça em seu pescoço. Eu beijei seu rosto mais uma vez enquanto as lágrimas ainda estavam fluindo, e eu me recusei a colocá-la para baixo. Eu não achava que eu alguma vez a colocasse no chão novamente.

— Por que eu? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Você foi o único que eu vi. — ela sussurrou de volta, fazendo com que meu coração explodisse.

— Deixe-a ir. — ouvimos o comando de Ethan à nossa direita.

Nós nos separamos e olhamos para ele.

— Deixe. Ela. Ir.

— Ethan. — Cricket começou, subitamente consciente de si mesma.

Coloquei-a atrás de mim.

Este movimento pareceu irritar ele. — Você acha que eu a machucaria!

— Eu não sei o que você faria, para ser honesto.

— Spencer Blackwell, deixe-a ir.

— Não. — eu exigi.

— Ela é minha. Deixe-a ir.

— Ethan. — Cricket repetiu suavemente, dando um passo ao meu lado. Minha mão instintivamente segurou-a de ir mais longe.

— Não se atreva, Cricket Hunt. — ele rangeu, sua mandíbula apertando.

— Ethan. — disse ela, mais suave.

— Você não se atreva porra! — Ele gritou.

— Não grite com ela, Moonson!

Ethan riu antes de me perfurar com seu olhar. — Você está brincando comigo agora? — Ele se virou para ela e me ignorou. — Cricket, você está confusa.

— Eu não estou. Ethan, eu...

— Não. — ele disse, com a cabeça baixa. — Poupe-me esta merda. Isso vem acontecendo há muito tempo, e eu apenas coloquei-me com esta merda. Eu deveria ter sabido que tinha acabado quando você me tirou da lista.

Lista?

— Ethan. — ela alertou.

Ele me encarou, a mais furiosa, mais lívida expressão em seus olhos, e quando ele falou, sua voz ameaçando. — Spencer Blackwell, eu avisei. Eu te disse. Agora eu vou te pegar... quando você menos esperar.

Ele virou-se estranhamente de nós e sem palavras caminhou para sua caminhonete. Ele ficou lá dentro, ligou o motor, mas antes que ele foi embora, ele me olhou.

Seus olhos prometeram uma vingança furiosa.

Capítulo 31

Naquela mesma manhã, trouxemos Eugie para casa. Jonah dirigiu enquanto Cricket e eu montamos na caçamba com ele, nossas mãos acariciando sua pele todo o caminho para casa. Cricket não parava de dizer que ela não podia acreditar mais e mais, mas eu não tinha certeza se ela estava falando sobre a morte de Eugie, a saída abrupta de Ethan ou ambos.

Quando nós chegamos à casa, Ellie veio pulando para fora para nos cumprimentar, mas um olhar para nossos rostos e ela sabia que algo tinha acontecido.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou em desânimo.

Cricket pulou para fora da cama e correu até ela. Ellie segurou e acariciou sua cabeça, ainda sem entender. Enfiar o corpo de Eugie no saco de dormir e pulei para fora da caminhonete, deixando abaixada a porta da bagageira, então o peguei. Ele parecia tão leve ao toque, eu mal podia suportar. Por ser um amigo tão incrível para Cricket e até mesmo para mim, ele devia ter parecido mais substancial. Seu peso devia ter sido diretamente paralelo à forma como ele serviu a família Hunt, mas que teria tornado impossível para eu levá-lo.

Eu o carreguei para cima das escadas e Ellie franziu as sobrancelhas, tentando decidir o que era que eu estava carregando, quando ficou claro para ela. Ela procurou a caminhonete, caçamba e terreno rapidamente por ele, mas ela não iria encontrá-lo. Sua mão foi para sua boca.

— Minha querida menina. — disse ela à Cricket e abraçou-a com mais força. Quando cheguei mais perto, sua mão foi para o meu ombro. —

Leve-o para a sala de estar. — ela instruiu. Eu comecei a ir embora, mas antes que eu pudesse ter mais de um degrau, ela abraçou meu pescoço. — Eu sinto muito por você também, rapaz. Eu sei que você o amava muito.

Eu balancei a cabeça, com medo de falar por medo de eu quebrar, e levei Eugie para a sala principal. Eu coloquei ele no piso de tábuas pelas amplas janelas e sentei ao lado dele.

Ninguém te prepara para a morte de um animal de estimação. Não é bem como a perda de um ente querido humano, obviamente, mas você não pode ajudar, mas sentir um pouco de desespero. Afinal de contas, eles lhe servem tão lealmente. Eu acho que eles realmente te amam, e eles são tão protetores de você. Eles fazem o seu trabalho de forma instintiva e tão excepcionalmente porque é assim que Deus os fez.

Lembrei-me das histórias da minha infância, quando minha mãe costumava levar Bridge e eu à igreja. Elas eram as histórias de São Francisco. Através de São Francisco, fomos lembrados apenas como essas criaturas de Deus servem seres humanos, e servindo Seus seres humanos, eles serviam e louvavam a Deus. Eu sempre pensei em animais como nada mais que criaturas sem alma antes dessas histórias, nunca uma vez pensando que eles também tinham um propósito. Eu já tinha visto uma estátua de São Francisco em um pátio uma vez e a imagem era dele curvando-se e arranhando um cão atrás de suas orelhas e eu pensei que, se um homem tão perto de Deus deu respeito até mesmo a mais humilde das criaturas de Deus, eles devem valer a pena amar.

Cricket entrou na sala e sentou-se ao meu lado, segurando minha mão na dela.

— Ele era um menino tão bom. — disse ela simplesmente.

— Ele era. — eu concordei.

Nós sentamos, olhando pela janela, observando a primavera derreter a neve restante diante de nossos olhos, chegando a um acordo com o drástico giro que a nossa vida tinha tomado nas últimas horas.

Ela apertou minha mão. — Nós vamos ter que enterrá-lo. — disse ela em voz baixa.

— Claro.

— Há uma pequena árvore de cornus à direita no fundo da nossa propriedade principal. — ela começou.

— Eu sei. — eu disse a ela, o que a fez sorrir.

— Ele gostava de dormir lá comigo quando éramos pequenos.

— Isso é doce, Cricket.

Ela assentiu com um sorriso gentil. — O solo ainda estará muito frio para cavar com as mãos.

— Eu posso pegar a escavadora.

Ela olhou para mim e sorriu novamente. — Obrigada.

Eu levantei, pronto para fazer o que eu precisava. — Fique aqui. Eu vou levá-la quando estiver pronto.

Ela levantou-se também e estendeu a mão para o meu cabelo, passando as mãos por todo o comprimento, antes de colocar a palma da mão na minha bochecha. — Obrigada. — disse ela, beijando-o vinco da minha boca.

A escavadora estava na cocheira, então eu andei lá com o coração pesado. Liguei a máquina e levei-a até a árvore cornus que ela costumava dormir debaixo com Eugie quando menina. Tentei imaginá-la como uma menininha, como se ela pudesse ser qualquer menor, com um Eugie filhote. Imaginei-a de novo, mais velha, mais recentemente, sentada no fundo da escada com um livro na mão e Eugie deitado sobre seus pés. É assim que eu decidi que iria sempre lembrá-los juntos, e esse pensamento me fez aquecer completamente.

Cavei um buraco grande o suficiente e profundo o suficiente para acomodá-lo e colocar a sujeira restante ao lado da sepultura. Quando eu terminei, eu pulei da escavadora e coloquei duas pás na massa antes de voltar para a garagem, largando a escavadeira e travando tudo.

Todo o processo levou cerca de uma hora e nesse tempo, todos os peões chegaram, junto com Jonah, e Bridge que haviam juntado a todos na casa. Todos nós caminhamos para o fundo da propriedade. Eu carreguei Eugie com Cricket ao meu lado.

Nós colocamos ele dentro e Jonah e eu cavamos na terra, enquanto Ellie e Cricket deram as mãos.

Depois, Emmett disse uma pequena oração pedindo a Deus para dar a paz da família, e fomos para casa para almoçar. Todos contaram suas histórias pessoais sobre Eugie, algumas engraçadas, algumas divertidas, algumas tristes e algumas bobas, mas todas eram sinceras.

Após o almoço, Ellie perguntou onde Ethan estava. Essa foi a minha deixa para deixar Cricket e tomar um banho de volta no trailer. No meu caminho para baixo da pista, passei um Jonah e Bridge carinhosos, o que me deixou ao mesmo tempo querendo amordaçar e sorrir. Vai entender.

Eu tinha um plano, e agora que tinha uma oportunidade com Cricket, não havia nada que pudesse me parar.

Capítulo 32

— Há uma Srta. Cricket Hunt aqui? — Eu de brincadeira perguntei a Ellie na porta da frente.

Dei-lhe um pequeno buquê de flores, que agradou ela.

— Onde você conseguiu isso? — Exclamou ela.

— Na cidade. Eu tive que pegar algumas coisas para nosso primeiro encontro, que incluía flores para uma Srta. Ellie Hunt.

— Encantador. — disse Ellie, beijando minha bochecha. — Obrigada. Elas são adoráveis.

Eu tinha ligado para Cricket de Kalispell, surpreendendo-a e pedindo-lhe para jantar.

— Para onde vocês vão? — Perguntou Ellie.

— Jantar, depois, quem sabe? Estou esperando manter as coisas casuais. Eu sei que ela está passando por um momento difícil, e eu só quero distraí-la um pouco.

— Pensativo. — disse Ellie, seu sorriso atingindo os olhos.

Só então, Cricket desceu a escada, me atordoando sem palavras. Ellie me cutucou com o cotovelo e piscou.

— Caroline Hunt está ostentando um revestimento de renda preta com gola canoa, mangas e bainha borda-vieira. — brincou Ellie, as mãos gesticulando graciosamente em Cricket enquanto ela descia a escada. Cricket jogava o drama bem e parava para posar cada poucos passos. — Observe os saltos pretos amarrados nos tornozelos, acentuado

muito bem com uma gargantilha de pérolas conjunto, e por cima do conjunto, uma clutch de contas preta.

— Caroline decidiu usar seu cabelo para baixo hoje à noite e enrolado com uma franja lisa com maquiagem simples para acentuar seu batom vermelho ousado. — concluiu Ellie. Ela olhou para mim e piscou. — Diga-me que nós pessoas do campo não podemos nos limpar muito bem. — ela acrescentou com um sotaque exagerado, me fazendo rir, antes de beijar Cricket na bochecha. — Divirta-se. Seja uma boa menina.

Ellie saiu da sala para nós e eu encontrei uma enorme necessidade de chamá-la de volta. Eu não tinha ideia do que no mundo eu ia dizer a magnífica criatura na minha frente. Ela desceu a escada com facilidade e se aproximou de mim com um sorriso fácil, totalmente inconsciente de como incrivelmente linda ela parecia. Ela me deslumbrou, me atordoou, me entorpeceu.

Ela ainda tinha que perceber que ela me deixou mudo e despreocupadamente me entregou seu longo casaco de cashmere preto. Eu peguei dela, minhas mãos tremendo, e ela se virou. Ajudei-a para ele e varri seu cabelo longe do colarinho.

Ela virou a cabeça, as costas ainda para mim, e sussurrou: — Obrigada.

Minha boca ficou severamente seca, quando ela se virou para mim mais uma vez, ainda inconsciente e começou a apertar seus botões.

— Para onde vamos? — Ela perguntou, com o rosto brilhando.

Eu abri minha boca, mas as palavras não saíam. Tentei engolir, mas eu não era capaz.

— Você está bem? — Ela perguntou. Eu balancei minha cabeça como um tolo. — Deixe-me pegar um pouco de água. — disse ela, parecendo preocupada.

Quando ela começou a andar para fora, peguei a mão dela e puxei-a para mim. Eu enrolei suas duas mãos no meu peito e enquanto ela

procurou meu rosto, eu procurei o dela. Eu passei meus braços em torno de suas pequenas costas e inalei o cheiro de seu cabelo, meus olhos deslizando para a parte de trás da minha cabeça.

O perfume provocou uma memória em mim, me lembrando daquela noite que eu sentei atrás dela e o vento açoitava o buquê de seu cabelo para mim. Lembrei-me desejando tanto correr meus dedos por seu cabelo, por isso inclinei-me um pouco, corri minhas mãos por suas costas e pescoço antes de colocar seu rosto em ambas as palmas das minhas mãos. Meus polegares acariciaram suavemente suas maçãs do rosto brevemente antes que eu quebrei o contato e enfiei seus cachos pelos meus dedos. Ela fechou os olhos e respirou profundamente cada vez que eu ia deslizar um fio entre o meu dedo indicador e o polegar.

— Tão suave — eu acalmei. Ela abriu os olhos e olhamos diretamente para o outro. — Você me deixa sem palavras. — eu admiti.

— Eu deixo? — Ela sorriu.

— Sim, muito. — eu sorri de volta.

— Devo ajudar você? — ela perguntou.

— E como você conseguiria isso, Srta Hunt?

Seus saltos deram-lhe alguns centímetros e ela alcançou o meu pescoço facilmente. Ela me beijou com ternura na base da minha garganta, me fazendo rir baixo no meu peito.

— Isso não está fazendo isso. — fiz uma pausa enquanto ela beijou suavemente esse ponto de novo. — mais fácil.

Ela puxou de volta. — Diga o que você precisa dizer, Spencer. — disse ela, pensativa.

— Eu comprei uma coisa. — eu disse a ela.

Seus olhos se arregalaram e eu coloquei uma pequena caixa de papel laranja com filigrana de ouro no topo.

— É um James Avery. — eu expliquei.

— Eu posso ver isso.

Ela abriu a caixa e esvaziou a bolsa de couro cinza por dentro e seu conteúdo em sua mão. Fora deslizou uma pulseira pequena de pingentes com um único pingente de uma flor de cornus. Sua mão foi para sua boca e seus olhos começaram a encobrir. Fixei-a em seu pulso.

— Não chore. — eu disse a ela. — Me mata quando você chora.

Ela deixou escapar uma lágrima. — Desculpe. — ela riu e eu me inclinei para beijar a lágrima.

— Isso. — ela engasgou, examinando os detalhes do pingente. — é... — Mais algumas lágrimas escaparam. — Agora eu estou sem palavras.

Eu ri. — Cricket, você é tão linda. — eu disse a ela, referindo-se ao seu enorme coração.

— Obrigada.

— Não, deixe-me terminar. — eu disse a ela, respirando profundamente. — Você é mais do que linda. Você é essa luz brilhante, limpa, requintada. Só de estar perto de você é um bálsamo para o meu coração abatido.

Com isso, sua mão encontrou meu coração e ela apertou lá.

— E. — eu continuei, cobrindo sua mão com a minha. — eu nunca conheci alguém tão impressionante como você. Você é tão justa que quase dói se eu olhar por muito tempo. Mas, mas eu não posso evitar. Se você estiver perto, eu tenho que prestar atenção a cada movimento único, memorizar cada passo, cada gesto. Você me cativou e eu... — eu declarei, mas ela me interrompeu.

Ela olhou em torno de nós.

— Spencer, salve essas palavras. Lembre-se dessas palavras. — disse ela, pegando a minha mão e me puxando para fora das portas principais, tropeçamos no cascalho rochoso do palheiro enluarado e subimos os fardos até chegar ao topo.

— E o jantar? — Perguntei.

— Eu só quero ficar sozinha com você.

Suas palavras atacaram meus sentidos. Tirei meu casaco e gentilmente a coloquei no topo.

Deitei ao seu lado, meus braços em ambos os lados de sua cabeça e olhei para o rosto dela.

— Depois da escola preparatória, um grupo de meus companheiros e eu mochilamos ao redor do mundo.

— Onde você foi? — Perguntou ela, desabotoando os punhos da minha camisa e arregaçando as mangas.

Eu me inclinei para frente e meu cabelo caiu no meu rosto. Ela passou as mãos através da massa e empurrou os fios para trás para mim.

— Uh. — eu disse, balançando a cabeça. — por toda parte, mas há um lugar especial, que me faz lembrar muito de você.

— Onde? — Ela murmurou.

— Lago de Maracaibo, na Venezuela.

— O que há lá? — Ela murmurou em meu ouvido, trazendo o lado do meu rosto para o dela.

Falei devagar, sob a influência de seu toque. — Um, uh, um fenômeno natural chamado Catatumbo Lightning. — Ela mordeu de leve minha orelha e minha cabeça caiu para frente um pouco. — Cricket. — eu murmurei.

— Hmm? Oh, sim, o Catatumbo Lightning.

— Ele ocorre na foz do rio Catatumbo. — Eu falei em seu pescoço. — Incessantes rajadas extraordinárias de relâmpago descem de um corpo de nuvens de tempestade que formam um arco de tensão a quase cinco quilômetros de altura. É magnífico, Cricket. É uma constante enxurrada de luz notável e queima mais e mais. Sentei-me no pico mais externo do Andes mais próximo do Lago Maracaibo e fui ofuscado por horas. Se o sol nunca tivesse subido, eu não poderia tê-lo deixado. Eu teria

sido um prisioneiro de sua beleza irresistível. — Sentei-me um pouco e olhei para ela. — Você é Catatumbo Lightning, Cricket. Você me pegou.

Minha mão cobriu sua garganta e eu deixei meu polegar fazer círculos do lado do pescoço dela mais e mais. Nossa respiração ficou mais forte, pesada. Minhas pálpebras pareciam pesadas e eu as fechei rapidamente quando suas mãos encontraram meus ombros.

Oh meu Deus, você está indo beijar Cricket Hunt.

Minha mão deslizou para a parte de trás do seu pescoço, o polegar alisou através de seu maxilar. Aproximei-me dela, meu coração batendo através da minha camisa. Eu deixei o peso do meu corpo afundar-se para o dela.

— Eu sou muito pesado? — eu perguntei.

Seus olhos sonolentos encontraram os meus. — Eu gosto da pressão. — ela suspirou, dando-me uma maior agitação. — a potência do mesmo.

— Eu não posso acreditar que eu vou beijar você. — confidencieei. — Você pode sentir meu coração explodindo?

Ela assentiu com a cabeça. — Você pode sentir o meu?

Minha mão se moveu para um ponto de pulso em seu pescoço e eu contei as batidas.

— Nervosa? — eu perguntei.

Ela assentiu com a cabeça novamente. — Muito excitada, emocionada.

Obriguei-me a relaxar e passei a mão em sua garganta. Preguiçosamente, eu desabotoei o topo do seu casaco e passei a mão sobre a renda através de seu peitoral. Eu respirei profundamente dentro e fora do meu nariz. Minha mão seguiu de volta até seu pescoço e gentilmente fechou em torno de sua garganta mais uma vez. Abaixei meu rosto e fiquei pouco acima dos seus lábios. Sempre tão levemente, eu corri meu lábio inferior em todo o dela provocando um arrepio. Eu fiz a mesma

coisa, mais uma vez, mas desta vez eu passei levemente a ponta da minha língua também, apenas para que eu pudesse prová-la, apenas para que eu pudesse saber no que eu estava, e meu Deus ela tinha um gosto extraordinário.

Eu me afastei e ela se opôs, envolvendo os braços em volta do meu pescoço e me puxando para tão perto que eu poderia prová-la sem tocar.

— Beije-me. — ela ordenou, e eu era incapaz de cumprir.

Eu esmaguei a minha boca com a dela e ela gemeu em minha garganta, me estimulando. Movi-me com ela e nos beijamos como se fôssemos feitos um para o outro. Sua língua doce derreteu com a minha, e eu encontrei minhas mãos apertando suas costas, empurrando-a mais profunda em mim.

Nós quebramos para recuperar o fôlego e para medir o outro, para ver se era realmente tão poderoso como parecia. *Clique*. Parecia que era. Sua respiração forçada espalhou pelo meu rosto e ela lutou para chegar mais perto. Eu dirigi a minha língua na dela, mais uma vez, e eu me senti intacto, mais uma vez, como se uma parte de mim não tinha fizesse, de repente, falta.

— Blackwell. — ela soltou o ar em meus lábios.

— Hunt. — eu respondi contra sua boca.

Mas ela esqueceu o que ela precisava dizer e me mostrou em vez disso, sentando-se, nunca quebrando nosso beijo e jogando sua jaqueta para o lado, com os braços agora completamente sem restrições. Ela enfiou as mãos nos meus cabelos, frenética em sua necessidade de chegar mais perto, e pressionou o beijo ainda mais profundo.

O beijo quebrou e os meus lábios encontraram sua garganta. — Você pertence a mim. — afirmei possessivo, mordendo-a com cuidado, colhendo-me um suspiro felpudo.

Seus lábios encontraram os meus novamente e nos beijamos com renovado fervor, ansiosos para aprender os lábios e boca e a língua do outro.

Nós nos beijamos por horas, ninguém curioso para saber onde estávamos, mais do que provável, porque a minha caminhonete ainda estava do lado de fora da casa principal. Quando o sol começou a fazer uma aparição, eu sabia que era hora de ir, embora eu estivesse relutante em sair.

— Cricket. — eu implorei entre beijos. — Eu tenho que levá-la de volta ou a sua avó vai me matar.

— Não. — ela desafiou, me fazendo rir contra seus lábios.

— Por favor. — eu gemi. — por Ellie.

— Tudo bem. — disse ela, sentando-se, antes de me atacar de novo, me batendo para trás.

Minhas mãos encontraram a base de suas costas e beijei-a mais uma vez. Eu a puxei para fora e sentei mais uma vez.

Ela bufou e seu cabelo despenteado caiu na frente de seu rosto.

— Você está linda depois de eu ter arrebatado você. — brinquei.

— Você parece horrível, simplesmente horrível. — ela zombou.

— Não vai funcionar. — eu disse a ela, rindo.

— O que não vai? — ela perguntou, uma sobrancelha levantada.

— Me provocar.

Ela sorriu seu sorriso inteligente para mim.

— Vamos. — eu disse, agarrando nossos casacos e ajudando-a a descer os fardos.

Uma vez no chão, sentou-se em um fardo e colocou os sapatos de volta que tinham sido de alguma forma removidos durante a noite.

— Você tem feno em cima de você. — eu disse a ela.

— Assim como você. — disse ela, rindo.

— Levante-se. — eu pedi, e peguei as palhas de feno fora de seu vestido de renda e cabelos.

Ela sacudiu os cabelos e varreu sua franja. Ela parecia impecável, como se ela não tivesse apenas rolado em torno de um palheiro, tão clichê como isso parece. Ela fez o mesmo por mim e nós colocamos nossos casacos de volta.

Fui pegá-la e ela gritou quando eu varri suas pernas debaixo do meu braço.

— Quão cavalheiresco. — disse ela, sorrindo.

Ela era tão leve, eu meio que maltratei ela, jogando ela em torno dos meus braços. Quando ela revirou os olhos, eu beijei o nariz.

— Que primeiro encontro adorável. — ela comentou.

— Nós não fizemos nada, além de dar uns amassos. — eu ri.

Ela piscou. — Exatamente.

— Você é uma coisinha atrevida.

— Hum, você também me deu um presente. Um lindo presente, na verdade.

— Não foi nada. — eu disse a ela.

— Não foi! Foi tão atencioso!

— Estou feliz que você gostou. — disse eu.

— Como eu poderia... — ela começou, mas o sorriso em seu rosto caiu. — Oh, Deus. — disse ela, suas costas enrijecendo.

Eu a coloquei no chão.

— O que há de errado? — Perguntei. — Cãibra?

— Uh, n-não. — ela disse, com a mão em suas costas. — Eu preciso... — Ela parou, caindo contra mim.

— Cricket? — eu perguntei, preocupado.

— Casa. — ela sussurrou, a cor drenando de seu rosto.

— Cricket! — eu gritei, pegando-a nos meus braços enquanto ela caiu para o chão.

— Cricket. — perguntei, em pânico, mas ela não respondeu.

Eu verifiquei o pulso, mas era fraco. Ela estava respirando, porém, superficialmente. Eu corri com ela em meus braços para cima da plataforma e para a sala, gritando.

— Ellie! Emmett!

Eu coloquei Cricket no sofá e peguei o telefone, discando 192.

— Ellie! — gritei mais uma vez antes que o operador respondeu.

— Um-nove-dois, qual é a sua emergência?

— Uh, minha namorada entrou em colapso e eu não sei o que há de errado com ela. Por favor. — suplicou. — envie uma ambulância imediatamente.

Ellie veio pulando para dentro da sala, amarrando um robe em torno da cintura dela. — O que há de errado? — Ela começou, mas viu Cricket no sofá.

— Emmett! — ela gritou e correu para ela. — Oh, Senhor! Cricket. — disse ela, chorando — você pode me ouvir?

Eu desliguei o telefone e me ajoelhei ao seu lado. — Eu não sei o que aconteceu. — eu expliquei. — Em um minuto ela estava bem, e no outro ela estava agarrando a suas costas.

Ellie estava chorando e alisando o cabelo de Cricket de seu rosto. — Ela, uh, ela tem insuficiência renal, Spencer.

Parecia que uma bomba tinha acabado de cair, quebrando meu mundo perfeito.

— O quê? — Eu perguntei.

— O ano passado, ela precisou de diálise várias vezes por semana. Ela precisa de um transplante.

Meu peito estava restrito e eu senti que não conseguia respirar. Eu não tinha tempo para me preocupar com outra coisa do que conseguir ajuda para Cricket.

— O que eu posso fazer? — Perguntei.

— Eles estão enviando uma ambulância?

Eu balancei minha cabeça. — Não, a evacuação aero médica.

— Mantenha-se atento e oriente-os para entrar? — ela perguntou.

— Claro.

Eu me senti tão impotente. Andei pelo deck para frente e para trás, rezando mais do que eu já tinha antes, implorando a Deus para salvá-la, mantê-la aqui. Agonizantes sete minutos depois, o helicóptero fez a sua aparição no céu. Eu pulei sobre meus pés em antecipação. Parecia que eles levaram uma eternidade para pousar na pequena entrada em frente da casa principal. Dois paramédicos surgiram, e eu os levei para dentro da casa, enquanto o piloto sentou-se pronto para sair o mais rápido possível. Eles correram para mim e para a casa. Segui-os, em pânico, a ponto de cair de joelhos e puxando meu cabelo. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Apenas uma hora antes ela estava normal, feliz, em meus braços. Eu estava a beijando. Caindo cada vez mais apaixonado por ela.

Em um turbilhão, eles tinham ela em uma maca, e voaram com o amor da minha vida. Eu fui deixado sozinho no deck me perguntando o que diabos eu deveria fazer.

— Vamos, filho. — disse Ellie, envolvendo seu braço em volta de mim. — O hospital. — explicou ela.

Eu descí as escadas do deck e abri a porta de Ellie para ela. Emmett prometeu seguir em poucos minutos depois que informasse Jonah, Bridge e o resto dos peões.

Os trinta minutos que levou o trajeto para Kalispell foram os mais longos da minha vida. Nós dirigimos em silêncio absoluto, ambos orando,

ambos esperando que quando chegássemos ao hospital ela estaria bem. Isso seria um alarme falso. Que ela estaria andando, conversando, sendo ela mesma, normal, feliz, engraçada.

Minhas mãos agarravam o volante, o branco dos meus dedos brilhando. Eu periodicamente estaria correndo uma mão para baixo do comprimento do meu rosto, incrédulo. Eu estava tão chateado comigo mesmo por não ver os sinais. Suas viagens multi-semanais para Kalispell com Ethan. Sua recusa do álcool. Ela me disse em mais de uma ocasião que a fazenda, o povo de sua cidade, não a define corretamente. No consultório do médico da Bridge, aquela recepcionista perguntando como ela estava. Ethan e sua "briga". Ellie chorando ao fundo das escadas. Pensamentos profundos de Cricket de morte. Sua mãe. Ethan e a lista.

— Oh meu Deus, Ellie. — eu disse, meu corpo começando a tremer.

— Sim. — ela falou em voz baixa.

— Ethan era o doador de rim de Cricket?

Ela olhou para mim. — Sim.

— Oh meu Deus. — eu disse, sentindo a necessidade de desgraçar. — Oh meu Deus. — eu disse novamente, minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia agarrar o volante.

Naquele dia, no trailer, antes de sua briga. *Você só está no seu relacionamento com Ethan porque ele está dando a você algo que você acha que não pode viver sem, e você está assustada demais para desistir.*

Parei, abri a porta e vomitei tudo o que tinha, o que não era muito desde que meu estômago estava vazio. Quando eu voltei para cima, Ellie tinha encontrado uma camiseta velha no chão e entregou-a a mim.

Limpei a boca. — Obrigado. — eu mal pude dizer.

Ela assentiu com a cabeça e eu puxei de volta para a estrada.

Eu era egoísta. Um babaca egoísta que, não importa onde ele fosse, quais eram suas intenções, causava estragos em todo mundo que ele

chegava perto. Eu era tóxico, fazendo boas pessoas ao meu redor pagar pelos meus pecados passados.

Capítulo 33

Estacionei rapidamente e Ellie, ainda em seu roupão de banho e chinelos, e eu me dirigi diretamente para a Sala de Emergência. Abordamos a enfermeira do check-in.

— Minha neta está aqui, amor. — Ellie falou docemente. — O nome é Caroline Hunt?

— Sim. — ela disse. — ela está com um médico agora.

— Podemos vê-la? — ela perguntou.

— Só um momento. — a enfermeira respondeu, levantando-se e indo através das portas duplas.

Eu vi uma fila de assentos próximos ao balcão e ajudei Ellie a sentar-se. Ela estava tão calma, tão doce, mas ela estava se inclinando sobre mim tão fortemente. Eu sabia que ela estava emocionalmente destruída. Meu coração sangrou por ela. Sentei-me ao lado dela e coloquei suas mãos nas minhas.

Nós sentamos em silêncio, à espera da enfermeira. Estava levando para sempre. Sempre me enfurecia quando a equipe do hospital tinha seu tempo. Eu entendia que este era o dia-a-dia de seus trabalhos, mas para nós, para a família do doente, era um lugar onde cada minuto, cada segundo, parecia como tormento. Eu odiava a casual atitude de "espera" que possuíam. Isso me fazia querer sacudi-los. Não havia nenhum senso de urgência quando se tratava de famílias de seus pacientes, e eu pensava que isso era cruel. Numa altura em que a compaixão deve ser prioridade, caiu tão rapidamente no esquecimento com a monotonia do seu trabalho.

A enfermeira finalmente caminhou com um: — Eles estão trabalhando nela agora. Eu vou deixar vocês saberem alguma coisa, quando eu souber.

— Ela está consciente? Ainda respirando? — Eu exigi. — Você pode nos dar alguma coisa?

— Eu não tenho certeza. — explicou ela e foi embora.

Ellie e eu oramos juntos e esperamos... e esperamos e esperamos e esperamos.

Duas horas se passaram e nós não tínhamos ouvido nada, fazendo Ellie tão nervosa que ela estava pálida.

Levantei-me e marchei até a mesa da enfermeira. — Qualquer coisa? — eu perguntei tão agradavelmente quanto eu poderia.

— Deixe-me ver. — disse ela, me exasperando.

Eu estava junto as portas, os braços cruzados, e esperei, de novo.

Ela voltou dez minutos depois. — Sinto muito, mas ela foi transferida para a Unidade de Terapia Intensiva a mais de meia hora.

— Que diabos?! Ellie. — eu disse, virando para ela. — ela está na UTI.

Eu ignorei a enfermeira quando ela tentou nos dar instruções.

— Eu só vou seguir as indicações — eu disse a ela.

Eu apoiei o braço de Ellie no elevador e guiei-a pelo corredor em direção ao sinal de Unidade de Terapia Intensiva.

— Posso ajudar? — Uma enfermeira perguntou quando nos aproximamos.

— Sim, nós estamos procurando por uma paciente. Seu nome é Caroline Hunt.

— Ah, sim, ela está no quarto sete.

— Ela está. — engoli em seco. — tudo bem?

— Eu acredito que sim. — disse ela, sorrindo.

Ellie caiu um pouco contra mim em alívio, quebrando meu coração. — Graças a Deus. — eu disse.

— Graças a Deus, de fato. — ela sorriu.

Nós nos aproximamos do quarto lentamente, esperando não acordá-la se ela estivesse dormindo, e deslizamos a grande porta de vidro aberta. Enfiei a cortina um pouco e olhei Cricket.

Ela se inclinou um pouco e sorriu para nós dois, mas ela parecia pálida além da crença e seu cabelo estava bagunçado.

— Oi. — ela disse alegremente.

— Oh Deus, Cricket. — eu quase quebrei, abraçando-a. Eu beijei o topo de sua cabeça, lado do rosto e lábios. — Você nos matou de susto.

— Está tudo bem. — ela nos contou. — Eu estou bem.

— Você não está. — eu disse a ela, apontando para a cama.

Ela estava ligada a várias máquinas, e isso estava me oprimindo.

Eu percebi que tinha tomado conta de Cricket quando Ellie apareceu ao meu lado. — Eu sinto muito, Ellie. — eu disse a ela, abrindo caminho para ela.

— Neta. — disse ela suavemente. — qual médico você falou?

— Caldwell estava aqui antes, mas ele saiu. Ele estará de volta em breve e explicará tudo.

Eu tinha esquecido que eles provavelmente conheciam os médicos lá, que eles estavam lutando com isso por quem sabe quantos anos. Olhei em volta do quarto e peguei uma cadeira para Ellie e ela sentou. Eu rodei a cadeira do médico para o lado da cama de Cricket e segurei a mão dela.

— Eu gostaria que você tivesse me dito. — eu disse.

Uma lágrima escapou. — Se eu tivesse dito, você teria visto o meu eu doente e não o meu verdadeiro eu. Eu amei tanto que você me viu por

mim. Eu amei que você não me cortou folga ou deu desculpas para mim. Eu amei que você me chamou para sair.

— Eu sinto muito. — eu disse a ela, trazendo sua mão aos meus lábios. — Eu sinto muito pelas coisas insensíveis que eu fiz e disse.

— Você não me ouviu? — Ela riu. — Eu gostei que você me tratou normalmente, Spencer. Eu adorei.

Um homem alto, de cabelos brancos se aproximou das portas de vidro e bateu. — Posso entrar? — Questionou.

— Entre, Dr. Caldwell. — Cricket instruiu, acenando para ele entrar — Caldwell, este é Spencer Blackwell. — disse ela, me apresentando. — Spencer, este é o meu nefrologista, Dr. Caldwell.

Levantei-me e apertei sua mão. — Prazer em conhecê-lo.

— Prazer em finalmente colocar um nome a um rosto. — disse ele.

Olhei para Cricket e ela deu de ombros. — Você veio muito durante a diálise.

Eu sorri para ela.

Eu dei ao médico sua cadeira, mas ele recusou. — Não, não, sente-se. Eu não vou demorar muito.

— Obrigado.

Ele suspirou, fazendo a minha pressão arterial subir. — Bem, isso está acontecendo, e, francamente, mais cedo do que eu pensava que iria.

Ellie e Cricket assentiram, mas meu sangue gelou. Eu não entendi.

— Corremos uma tela. — ele continuou. — e seus níveis foram acima, Cricket.

Ela balançou a cabeça como se esperasse isso.

— Eu quero fazer um ultrassom dentro de uma hora ou assim.

— Tudo bem. — disse ela.

Ele apertou o pé dela e acenou para todos os outros. — Eu estarei de volta. — disse ele. — Aguenta firme.

Ellie olhou para Cricket e suspirou. — Eu sei. — disse Cricket, sorrindo. — Tudo vai ficar bem. — ela disse a Ellie, que começou a chorar. — Oh, vó, as coisas agora são diferentes.

— Elas parecem o mesmo. — disse ela, secando debaixo de seus olhos.

— A medicina tem melhorado, vovó. Esta não é uma sentença de morte.

Ellie estendeu a mão e pegou sua outra mão. Cricket apertou a mão dela, então se virou para mim.

— É assim que minha mãe morreu. — disse ela, me chocando para o meu núcleo.

Engoli em seco, minha boca secou. — Quantos anos a sua mãe tinha? — Eu disse asperamente.

— Minha idade quando ela foi diagnosticada. — ela respondeu.

Eu balancei a cabeça, os olhos em chamas. — E isso?

— Sim, ela morreu de doença renal avançada. — Ela apertou minha mão com força. — Você ouviu o que eu disse? — ela perguntou. — Esta não é uma sentença de morte.

— O que significa isso tudo, então?

— Bem. — disse ela, se afastando de mim, evitando meus olhos. — Eu vou precisar de um transplante mais do que provável.

— E, uh, você tem um em mente?

Ela mal olhou para mim. — Eu estou em uma lista.

Ellie levantou quando seu celular tocou. — É o seu Vovô. Ele vai estar lá embaixo com todos e ele trouxe roupas para mim. Você vai ficar bem? — ela perguntou Cricket.

— Sim, eu tenho Spencer.

Ellie sorriu para mim. — Eu já volto.

Ela saiu do quarto e fechou a porta.

Poucos minutos depois, uma enfermeira entrou e levou Cricket para um ultrassom, a retornando em meia hora.

Quando a estabeleceram de volta no lugar, eu me inclinei e pressionei meu rosto no pescoço de Cricket. Senti seu cheiro, senti seu calor, a ouvi inalar e exalar e beijei seu pescoço, em seguida, sentei. Eu precisava de todos os meus sentidos para reconhecê-la.

— Diga-me a verdade. — eu disse, minha voz tremendo. — Ethan era seu doador vivo?

Seu corpo ficou imóvel e ela me estudou por muito tempo.

— Cricket. — eu implorei.

Ela suspirou audivelmente. — Ele era. Ninguém foi compatível exceto Vovô, e ele foi negado por causa de sua idade. Ethan estava disposto.

Meus olhos ardiam severamente. — Eu causei isso.

— Você não causou. — disse ela, apalpando meu rosto. Ela se inclinou para frente e beijou a minha boca. — Eu escolhi libertá-lo, Spencer. Não era justo eu pedir isso dele quando eu não estava apaixonada por ele do jeito que ele estava apaixonado por mim.

— Oh Deus. — Eu lamentei, beijando sua mão. — Eu arruinei sua vida.

— Spencer. — ela falou baixinho: — você não arruinou a minha vida. Você me acordou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não discuta comigo, Spencer. Eu sei a verdade quando eu a vejo.

— Quanto tempo demora para obter um rim, e quando você precisa dele? — eu perguntei.

— Eu não tenho certeza. Tudo depende do que o Dr. Caldwell encontrar.

Eu balancei a cabeça, pronto para ouvir a verdade, e se a situação ficasse crítica, eu rastejaria em minhas mãos e joelhos para Ethan e lhe pediria para considerar a doação.

Ela virou-se em silêncio, reflexiva. — O que se passa, docinho?

— Eu estava pensando sobre Eugie. — ela disse, com tristeza.

— Cricket. — eu suspirei. — ele era um bom menino, um menino muito bom.

— Sim. — disse ela, sorrindo. — Ele era velho confiável.

— Definitivamente. — eu concordei.

Ela começou a me contar histórias agradáveis e hilariantes das vezes que ela e Eugie fizeram travessuras, como Ellie iria puni-la, que indiretamente puniria Eugie, e como ele reclamaria com sua avó se lamentando em sua porta à noite.

Eu ri com todo o meu intestino quando ela recordou um incidente em particular em que ela havia decidido às oito que queria um sorvete. Ela disse que Ellie disse-lhe que não tinha e que teria que ir para a cidade mais tarde para obter algum, porque ela estava ocupada.

Bem, aparentemente Cricket percebeu que não era nada irracional pegar a caminhonete do Vovô para ir até a cidade para seus avós.

— Você sabe, porque eles estavam ocupados e tudo mais.

De qualquer forma, ela disse que chegou ao topo da colina no final da estrada e ela teve que parar porque ela viu Eugie correndo ao lado dela, pulando em sua janela e latindo.

Pensando que ele queria se juntar a ela, ela abriu a porta, e ele arrastou-a por suas calças para fora da estrada.

— Essa raça. — declarou ela. — ou melhor, essa mistura em particular. — ela emendou. — é totalmente inteligente demais para seu próprio bem.

— Eu acho que era meio reprodução, meio Eugie. — eu disse, rindo tanto, lágrimas corriam pelo meu rosto.

— Eu acredito que você está certo.

Nós imediatamente nos acalmamos quando o Dr. Caldwell entrou no quarto. A expressão em seu rosto me fez querer vomitar, e não importa o quão óbvio era o que ele tentou esconder, não estava acontecendo. Minhas mãos começaram a tremer dentro das de Cricket, mas acalmei-as quase ao mesmo tempo.

— Dê-me em linha reta, doutor. — disse ela, apertando a minha mão.

— Bem. — disse ele, coçando a parte de trás do seu pescoço. — não podemos explicar o rápido declínio dos rins, mas reconhecemos a insuficiência renal aguda. Você precisa de um rim, Cricket.

Ela suspirou. — Ok, quanto tempo?

— Algumas semanas? — Disse ele, me estripando.

Meu coração começou a martelar, a espancar a minha caixa torácica na esmagadora devastação.

— Quanto. — eu disse, limpando a garganta para não chorar. — tempo demora para conseguir um transplante. — eu perguntei.

Dr. Caldwell teve aquele olhar na cara dele de novo, me quebrando. — É um processo. — ele começou, mas eu o parei, balançando a cabeça e levantando uma mão trêmula. Cricket já sabia os detalhes, não há necessidade de fazê-la ouvi-los de novo para meu benefício, e não quando eu podia entender muito bem o que ele quis dizer.

Eu respirei profundamente dentro e fora do meu nariz para não vomitar. Ellie entrou na sala, vestida e com Emmett. Saí da sala para que Cricket pudesse dizer a seus avós a má notícia. Esperei do lado de fora do

quarto e quebrei um pouco quando ouvi ambos os avós começarem a chorar baixinho.

Dr. Caldwell saiu do quarto de Cricket e eu chamei por ele. — Dr. Caldwell!

Ele se virou. — Sim?

— Eu-quão rápido você pode ver se você se qualifica como um doador vivo? Eu gostaria de dar um rim para Caroline.

Sua mão encontrou meu ombro. — Leva cerca de duas semanas, filho.

— Eu gostaria de iniciar o processo o mais rápido possível, por favor.

— Você já pensou nisso?

— Eu não tenho que pensar. — eu disse a ele.

— Ouça, Spencer?

— Sim, senhor.

— Nós não só temos que correr vários testes exaustivos em você, nós também temos que dar-lhe uma avaliação psicológica, etc.

— Tanto faz. Eu vou fazer isso. Além disso, eu vou pagar o que precisa ser pago para apressar o trabalho de laboratório. Eu vou pagar o que for.

Ele estreitou os olhos. — Isso pode ser muito caro, e não faz nada além de passar a papelada um pouco mais. Quando tudo estiver pronto, um júri executivo toma a decisão final.

— Como eu disse, o que precisa ser feito. O que quer que eles precisem.

— Tudo bem. — disse ele, balançando a cabeça, fazendo-me sentir como se eu estivesse realizando algo, fazendo outra coisa do que nada.

— Além disso. — acrescentei. — Eu não quero que Cricket ou sua família saiba sobre isso. Eu gostaria que fosse anônimo.

— Será que não pensam que é suspeito que você se foi ou desapareceu durante a sua cirurgia e recuperação?

— Eu só queria dizer, para Cricket não descobrir até depois da cirurgia e sua família não descobrir até o dia.

Ele franziu as sobrancelhas mais uma vez. — Tudo bem.

— Obrigado.

— Não, obrigado você.

Capítulo 34

Uma semana e meia de trabalho secreto de laboratório, testes e avaliações, e terminei com a minha parte. Eu terminei com tudo o que eu poderia fazer e a espera pelos resultados foi assustadora. Foi-me dito que, mesmo se eu fosse compatível, o júri executivo ainda tomava a decisão final e, por vezes, eles não aprovavam, o que me enfureceu para nenhum fim.

Todos os dias e todas as noites eu passei com Cricket. As enfermeiras me deixaram tomar banho em seu quarto e cuidaram de mim como se eu fosse um outro paciente, o que eu apreciei mais do que elas poderiam saber. Eu comprei à elas um almoço uma tarde e você teria pensado que eu tinha dado a elas um milhão de dólares. Elas foram tão gratas, que me envergonhou sabendo que eu poderia ter feito isso.

Mas eu não sabia o que Cricket iria precisar mais tarde, e eu queria economizar cada centavo para o caso.

Eu descobri que quando a coisa mais preciosa em sua vida poderia escorregar por entre seus dedos, investimentos, dinheiro, essas coisas de repente significavam absolutamente nada. Tudo o que eu poderia focar era mantê-la viva e comigo, dane-se o custo ou as consequências.

Eu estava dormindo em minha cadeira na manhã do décimo primeiro dia, quando eu fui acordado por sinal sonoro estridente e vozes. Eu saltei e peguei em meu redor.

— Ela está sem batimentos — eu ouvi o eco da voz de uma enfermeira pelo quarto enquanto ela acendeu a luz.

Eu caí na parede atrás de mim enquanto mais seis pessoas entraram no quarto, incluindo o Dr. Caldwell. Eu os assisti todos trabalharem, chamando as ordens e realizando compressões torácicas.

Minhas mãos entrelaçaram no meu peito e eu implorei a Deus para ajudá-la, pedi-Lhe para nos dar um pouco mais de tempo. Eu sabia que era egoísta, mas eu não tinha começado a viver com ela ao meu lado ainda. Um dia de vida normal com ela parecia muito pouco, muito breve. Lágrimas em cascata pelo meu rosto enquanto seus movimentos viraram exagerados, lentos.

Eu não tinha começado a mostrar a ela o Seu mundo ainda. Eu não tinha conseguido dar a ela a lua ou as estrelas ou um anel. Eu não tinha conseguido casar com ela, ter uma lua de mel ou filhos com ela. Eu não tinha chegado a experimentar a vida ainda e eu não podia ver uma vida sem ela. Eu não queria saber de uma vida sem ela.

Eu sabia que eu era jovem, nós éramos jovens, mas isso não importa para mim. Quando você sabe, você sabe. Eu sabia que Caroline Hunt deveria envelhecer comigo. Previ nada além de miséria sem ela.

A vida na Terra é passageira. É um presente, mas quando Deus quer você, Ele vai levá-lo. Isso não deveria ser um castigo... As palavras de Cricket pairavam no ar, acima de mim como um peso tangível.

Eu balancei a cabeça, pronto para o que Deus queria. — Eu não vou questioná-lo — Eu disse a Ele. — Eu aceito-o, sempre.

E, em seguida, um sinal sonoro ecoou pelo quarto, indicando que o seu coração estava batendo. Ela estava viva, mal, mas ela estava viva. Agradei a Deus e sentei e contra a parede, esperando enquanto eles a estabilizaram, entubaram ela e a engancharam a um ventilador.

Quando a maioria de todos estava fora do quarto, com exceção de sua enfermeira pessoal e Dr. Caldwell, eu finalmente falei.

— O que aconteceu?

— Seu corpo está começando a desligar, Spencer.

Eu balancei a cabeça.

— Você pode ainda operar? Se eu sou compatível, você ainda pode operá-la nesta condição?

— É mais arriscado, mas sim, é sua melhor aposta para a vida.

Mais uma vez, eu assenti. Palavras estavam me escapando.

— Quando é que posso saber se sou compatível?

— O júri se reúne esta tarde. Devemos ter uma resposta em seguida.

— Bom. — eu disse, cansado além da crença.

A enfermeira e Dr. Caldwell me deixaram com ela, e eu finalmente usei esse tempo para quebrar. Eu enterrei meu rosto na palma da mão mole, beijei o topo de sua mão e memorizei todos os poros. Falei em seu ouvido, não tendo certeza se ela podia me ouvir, mas mesmo assim eu fiz.

— Eu amo você, Caroline Hunt.

Sentei-me de volta para baixo e respirei profundamente, descansando minha cabeça por sua perna e mantendo minhas mãos em sua pele. Eu só queria estar perto dela. Eu só queria salvá-la, e eu não poderia fazer isso por mim mesmo.

Nenhuma quantidade de dinheiro poderia salvá-la inteiramente. Nada do que eu realmente tinha valia para salvá-la, a não ser o meu rim e uma fé que Deus iria salvá-la se fosse a Sua vontade.

Ellie entrou no quarto chorando e eu levantei e a abracei ferozmente. Emmett, Jonah e Bridge, bem como alguns dos outros peões como Pete e Drew sentaram com a gente. Tínhamos muitos no quarto, mas os funcionários não tiveram o coração para nos expulsar.

Todos nós sentamos com ela e assistimos uma máquina respirar por ela. Nós a observamos porque ela era bonita demais para não.

Capítulo 35

— Sr. Blackwell. — ouvimos fora do quarto de Cricket às três da tarde.

Meu coração disparou mais rápido do que ele já teve e eu me perguntava se eu iria entrar em parada cardíaca antes mesmo de uma chance de salvá-la.

Levantei-me e saí do quarto, deslizando a grande porta de vidro fechada atrás de mim. Dr. Caldwell estava diante de mim. Eu respirei fundo, tentando me recompor.

— E então?

— Eu estava do lado de fora das portas do júri e só ouvi algumas novidades. Está decidido que você é um compatível apropriado como um doador vivo para Caroline Hunt, e você tem sido aprovado para o transplante.

Eu não podia responder, não podia reagir. Caí de joelhos, incapaz de me sustentar. Eu enterrei meu rosto em minhas mãos. Dr. Caldwell inclinou sobre mim e acariciou minhas costas.

— Filho, esta é uma notícia muito boa.

Levantei-me e apoiei uma mão na parede ao meu lado. — Esta é uma notícia maravilhosa. — eu disse simplesmente.

— Vamos preparar vocês dois para amanhã.

— É claro. — eu disse, uma combinação confusa de feliz, triste, preocupado, êxtase e oprimido.

Suspirei e passei os dedos pelo meu cabelo desgrenhado antes de deslizar para trás as portas abertas.

— Acabei de falar com o Dr. Caldwell e Cricket vai ter um rim amanhã. — eu disse a eles.

— O quê? — Perguntou Ellie, atordoada.

— Ela vai? — perguntou Bridge, soluçando, em seguida, abraçou Jonah.

— Sim. — eu disse ao quarto, incapaz de parar minhas próprias lágrimas.

Todo mundo pulou e abraçou, chorou e o alívio em seus rostos fez o sacrifício ainda mais doce.

Ellie olhou para mim e seu rosto contorcido de dor, mas ela também parecia esperançosa. Ela me abraçou com força ao redor do pescoço. — É o seu rim, não é? — Ela perguntou, me atordoando.

Puxei-a para longe de mim e respondi-lhe com um simples aceno. Ela me abraçou apertado e chorou um pouco mais difícil. — Eu a amo, Ellie.

— Eu sei. — ela disse e beijou minha bochecha.

Todos nós sentamos e deleitamos com a nossa boa notícia, conversando e com um humor tão esperançoso.

— Você sabe. — eu disse a Ellie baixinho: — Eu ainda não tinha tido a chance de dizer a Cricket.

— Que você a ama?

— Sim. — eu disse, um pouco triste.

— Spencer, meu querido, ela já sabe.

Eu balancei a cabeça, olhando para seu rosto bonito.

— Spencer. — Ellie repetiu. — ela sabe, meu filho.

— Como?

— Ah, eu sabia disso antes que você e assim ela o fez, embora ela foi teimosa demais para admitir isso. — ela riu.

— Você não está preocupada com Ethan? — Eu perguntei a ela.

— Spencer. — disse ela. — Eu amo Ethan como um filho. Ele é um menino muito bom, mas eu nunca pensei que ele era certo para a minha neta. Ethan é muito consistente, ele tem ideias muito definidas sobre as coisas, e Cricket é o oposto disso. Ela é impetuosa e muito aberta e Ethan tentou abafar isso. Agora, eu nunca não gostei dele, nunca. Ele foi paciente e gentil e ele a amava muito, mas ele não foi feito para Cricket.

Eu respirei um pouco mais fácil. — Eu estava com tanto medo de você me odiar por levá-la para longe dele.

— Ninguém aqui odeia. Nós não somos cegos, rapaz. Vemos as coisas como elas realmente são.

— Obrigado. — eu disse a ela.

— Todo mundo pode ver a maneira como ela olha para você. A maneira como você olha para ela. Todo mundo sabe o quanto você a ama. Todo mundo reconhece um bom ajuste quando o veem.

Foi tão reconfortante ouvir suas palavras.

Alguém bateu na porta de vidro e Jonah disse a eles para entrar.

Um homem entrou na sala, elevando-se sobre nós, em nossas cadeiras, o sorriso em seu rosto era tão malévolo, de modo malicioso, minhas mãos tremiam violentamente. Levantei rapidamente.

— Saia. — eu pedi. — Saia daqui agora. Saia daqui.

O homem riu. — Não feliz em me ver, eu vejo. — disse Dominic, inclinando a cabeça, sarcasticamente.

— O que está acontecendo? — Perguntou Ellie, confusa.

As mãos de Bridge foram para sua boca. Jonah ficou na frente dela, ao meu lado.

— Quem é este? — Emmett perguntou educadamente.

Eu balancei a cabeça em descrença. Eu carreguei-o, minha cadeira gritando em protesto quando eu empurrei ele atrás de mim. Eu agarrei sua garganta enquanto ele sorriu. — Saia daqui. Agora.

Emmett se levantou e me puxou de volta. Não querendo perturbá-lo ainda mais, eu deixei.

— Mas eu tenho notícias. — Dominic ofereceu, segurando um envelope pardo.

— Por favor, tire-o daqui. — Bridge quase gritou. — Tirem-no daqui.

Jonah virou-se e segurou-a, mas manteve um olho em nós dois.

— Nós não queremos qualquer coisa que você tem. Mantenha sua notícia para si mesmo. Cai fora!

— Mas esta notícia não pode esperar. — Ele sorriu, encantado no horror que ele estava causando ao quarto.

— Você não pode ver o que estamos lidando com agora? — Eu perguntei a ele. Eu mudei de tática. — Por favor, seja o que for que você tem, apenas dá-me por minha conta. Essas pessoas têm muito em seus pratos agora. Aqui. — eu disse, andando em direção à porta. — vamos sair.

— Eu acho. — disse ele. — mas esta notícia refere a eles também. Bem. — ele disse, com um riso sinistro escapando de seus lábios. — ela só realmente envolve-os.

— O que-o *que*? Por quê? O negócio do meu pai está comigo, não com eles.

— Mas você fez o negócio dele quando você decidiu viver na propriedade deles.

Minha respiração ficou ofegante. — *O que ele fez?*

Sem outro olhar em minha direção, ele se virou para Emmett. — Emmett Hunt? — Questionou.

— Pois não? — Respondeu um Emmett perplexo.

Ele entregou o envelope a ele e Emmett pegou antes que eu pudesse pegá-lo das mãos de Dominic. — Você está aqui servido com uma ordem de despejo. — ele lhes disse, com um sorriso de coração negro em seu rosto mal.

Os rostos de Ellie e Emmett e caíram.

— Não! — Eu gritei, movendo-me para atacar Dominic.

Jonah me segurou.

— Vá em frente. — disse ele, rindo. — Eu adoraria apresentar queixa.

— Eu não entendo. — disse Ellie, me atordoando. — Nós ainda tínhamos 60 dias para chegar com o dinheiro. Nós teríamos sido bons depois que levássemos o gado para o mercado.

— Vocês estavam em execução? — eu perguntei.

Ela assentiu com a cabeça, envergonhada. — Nós estávamos. Temos hipotecado o rancho para pagar as despesas médicas de Cricket. Ela precisava disso, mas nós nos sobrecarregamos. Estávamos contando com os lucros da fazenda para nos colocar no preto novamente. — Ela virou-se para Dominic. — O banco disse que tínhamos 60 dias.

— O meu patrão. — disse ele, endireitando-se e fixando sua gravata. — também conhecido como o pai de Spencer, comprou o banco para o qual você deve. Ele decidiu, por uma questão de critério, que seria melhor cortar nossas perdas agora e tentar vender a fazenda por conta própria. Ele sente que seria mais prudente para recuperar o empréstimo. — Ele sorriu cordialmente, me fazendo querer chutar seus dentes. — Está tudo aqui em seus papéis de despejo. — Ele fez um gesto em direção a Emmett. — Bem. — disse ele, respirando fundo e voltando-se para mim. Seus olhos ardiam com veneno. — Talvez da próxima vez você não vá tentar ferrar o seu pai.

Dominic saiu da sala e todos nós sentamos em silêncio, entorpecidos.

— Oh meu Deus. — eu disse, sentindo-me doente.

Eu caí contra a parede. Ao meu lado estava uma lata de lixo, e eu dobrei vomitando dentro do saco, esvaziando o conteúdo do meu estômago e arfando em desgosto com meu pai.

Sentei-me de volta, fui até a pia, lavei a minha boca e deslizei contra a parede, sentado no chão do hospital.

— Eu vou corrigir isso. — eu disse ao quarto mortalmente abafado. — Eu vou consertar isso de alguma forma. — Eu fiquei repetindo mais e mais.

Emmett leu o início da ordem de despejo. — Temos dez dias.

— Vou corrigi-lo, Emmett. — eu disse a ele.

— Eu não acho que você possa, filho. — ele disse-me gentilmente, me fazendo querer desgracar novamente.

— Eu vou. Vou corrigir isso. — Olhei para os rostos chocados ao meu redor, incluindo o de Bridge. — Eu sinto muito que nós contaminamos suas vidas assim.

— Pare. — Ellie pediu. — Você não é responsável pelas ações de seu pai, Spencer.

— Se eu nunca tivesse aparecido em sua porta, vocês teriam sido bons. — eu disse, pasmo. — Eu nunca deveria ter contaminado suas vidas.

Bridge começou a chorar. — Eu sinto muito. — ela sofreu, e Jonah a abraçou mais apertado.

— Spencer? — Eu ouvi ao meu lado. Eu me virei. Era o Dr. Caldwell. — Precisamos admitir você.

— O quê? — Perguntou Bridge, sentando-se.

— Estou, uh, eu estou dando a Cricket um rim.

Levantei-me e apertei o ombro de Emmett. — Eu vou consertar isso. — eu disse a ele. Ele apertou minha mão tão gentilmente que eu quase perdi.

— Eu não posso acreditar que você está fazendo isso para a minha neta. — disse ele. — Obrigado. Com tudo o que tenho, obrigado.

Eu balancei a cabeça para ele. — Não, Emmett, obrigado por me permitir.

Abracei Ellie e ela sussurrou uma oração em meu ouvido. Ela também me agradeceu pelo meu sacrifício. Eu não podia acreditar neles, estas pessoas que eu tinha arruinado a vida. Eles eram tão incrivelmente generosos que me humilhou.

— Jonah, Bridge, se você me vir em breve. Eu gostaria de providenciar por algumas coisas? Vou precisar de sua ajuda.

— É claro. — respondeu Bridge.

Eu andei para o lado de Cricket e apertei minhas mãos em sua pele. Inclinei-me e beijei sua boca antes de sussurrar em seu ouvido. — Eu te amo. Vemo-nos amanhã. Espero salvar a sua vida do jeito que você salvou a minha.

Dr. Caldwell levou-me a uma mesa de admitir. Um enfermeiro me fez sentar em uma cadeira de rodas, o que achei ridículo, mas desde que eu era oficialmente um paciente lá, eles não queriam correr o risco de minha queda ou qualquer outra coisa inconcebível. Eles me levaram para um quarto um piso abaixo do de Cricket.

Assim que eu estava no quarto, peguei o telefone e disquei o meu pai.

— Spencer. — ele cumprimentou friamente, sem ter ideia de como ele sabia que era eu.

— O que posso fazer para você parar isto? Eu vou pagar pelo rancho. O que você quiser eu vou fazer.

Ele riu. Eu podia ouvi-lo em sua cadeira de escritório, uma vez que rangia. Imaginei-o ficando confortável. Ele adorava essa parte do jogo.

— Spencer, não há nada que você poderia fazer, implore, oferte o que iria mudar esta decisão. Estou fazendo isso apenas para meu próprio prazer. Para ferrá-lo sobre como você já me ferrou.

— Como? — Eu perguntei, calmamente. — O que eu fiz para você?

— Você me desafiou. — afirmou. — E agora você tem que pagar.

— E isso é só para me dar uma lição?

— Não, não é para ensinar-lhe uma lição. As aulas são para pessoas que eu planejo manter ao redor. Isto é, como eu disse, só para meu próprio prazer. Eu quero que você sofra.

De repente, o meu ódio por ele infiltrou em um enlameado rio vicioso e foi substituído por pena.

— Pai. — eu disse, com misericórdia. — Eu te perdoo.

Ele não respondeu. Eu o havia intrigado.

— Eu vou deixar você fazer essas coisas para as pessoas que você nunca conheceu antes, porque eu espero além de toda esperança de que você vai descobrir a crueldade e o ódio que passou a residir em seu coração e alma e você vai mudar a si mesmo.

Ele inalou ruidosamente. — Ouça, seu pequeno.... — ele começou, mas eu desliguei antes que ele pudesse terminar.

Fiz mais um telefonema.

Uma hora mais tarde, Bridge e Jonah chegaram. Eu estava tão empolgado que o Dr. Caldwell me disse que eles poderiam ter de adiar a cirurgia, se eu não pudesse ter a minha pressão arterial sob controle. Eu sabia que assim que eu pudesse ter Bridge e Jonah para ajudar eu seria capaz de acalmar.

— Eu tenho sete milhões, duzentos e noventa e três mil, oitocentos e cinquenta e nove dólares e dezessete centavos guardados em uma conta bancária em Zurique. — eu comecei, chocando-os. — E algumas centenas de milhares mais sentado em uma caixa de depósito em Kalispell, em nome

de Cricket. Meu advogado em Nova York, está consciente do que eu quero e ele colocou todos os fundos em Zurique, em seu nome, Bridget.

Os olhos dela explodiram arregalados. — Eu?

Eu ri. — Sim, você. Aqui está o número do telefone. — eu disse, entregando-lhe um bloco de papel. Eu tinha escrito todas as informações que ela precisava. — Eu vou estar na cirurgia e recuperação e temos uma quantidade limitada de tempo para que o pai feche as portas nos Hunts para o bem.

— Jonah, eu estou tão, tão triste que a minha família tem prejudicado a sua tão flagrantemente, e eu sei que meu pai roubou vale mais que cem anos de terra que foi o seu legado. — Eu suspirei, com medo de eu quebrar. — Mas eu estou pedindo que você e sua família perdoem a minha e aceitem esse dinheiro, por mais que você precisa, para comprar-se uma outra fazenda.

— Nós não podemos aceitar isso. — respondeu Jonah.

— Jonah, isso não está em negociação. Você vai aceitar esse dinheiro, ou quando eu sair daqui, eu vou comprar uma de qualquer maneira e mover todas as suas coisas para lá. Desta forma, é melhor, porque você pode escolher o que é melhor para sua família.

— Eu-eu não sei o que dizer. — disse ele. — Obrigado.

— Não, sem obrigados. Esta é a melhor maneira que eu sei como corrigir um erro.

— Bridge, tudo que você tem a fazer é ligar para este número.

Bridge assentiu, embolsou o bloco de papel, beijou meu rosto e ela e Jonah partiram para corrigir o que o nosso pai tinha feito.

Eu tinha feito tudo o que podia fazer. Agora era hora de deixar o Dr. Caldwell fazer tudo o que ele podia.

Capítulo 36

Eles me levaram pelo corredor para o elevador e apertaram o botão para o terceiro andar. Meu coração batia descontroladamente com nervos e antecipação de ver Cricket. A carta que eu tinha escrito para ela estava escondida em um envelope intitulado — apenas no caso. — e eu segurava na minha mão com força.

Eles viraram minha maca pelo corredor em direção ao número sete, e eu agarrei a carta com tanta força que quase a esmaguei. As portas se abriram e eles me recuaram um pouco para fazer espaço para ela. Sentei-me um pouco para dar uma boa olhada para ela e eu não podia acreditar quão valiosa ela parecia. Ela era inestimável.

Eles me giraram mais perto de seu lado, e mesmo que ela estava inconsciente, eu peguei a mão dela e a beijei. Eu não me importei que todo mundo estivesse olhando. — Você é tão incrível. — eu sussurrei em seu pescoço. — E eu te amo.

Eu deitei de volta e eles nos moveram ao fundo do corredor. Quando passei pela família de Cricket, todos eles me tocaram. Só Ellie falou, porém, depois que ela beijou meu rosto.

— Estamos muito gratos.

— Eu também. — eu disse a ela, dobrando a carta na sua mão.

Dentro da sala de cirurgia, o anestesista se apresentou e descreveu o que ele ia fazer, mas meu pulso soou tão alto em meus ouvidos que eu não o ouvi.

— Contagem regressiva para mim. — disse ele.

— Cem. — eu comecei. O rosto de Cricket. — Noventa e nove. — O sorriso de Cricket. — Noventa e oito. — Eu arrastei. Beijo de Cricket...

— Spencer? — Alguém, um homem, perguntou-me. — Você pode me ouvir?

Senti alguém, um enfermeiro talvez, reorganizando alguns tubos. Eu estremei quando tentei abrir meus olhos, então eu os fechei.

— Spencer? Você pode responder a nós, por favor?

Tentei abrir minha boca, mas eu não conseguia encontrar a energia ou o desejo, então eu decidi que eu não me importava e congratulei o negro novamente.

— Spencer? — Perguntou a minha irmã.

Eu lentamente abri meus olhos e vi o rosto dela. Ela parecia tão cansada.

— Como ela está? — Eu disse asperamente. Ela olhou para Jonah. — Como ela está? — Eu repeti.

— Como você está se sentindo? — Ela me ignorou.

Abri os olhos mais longe e me encolhi quando tentei sentar-me um pouco. — Responda-me.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Spencer. — disse ela com cautela.

— Por que você está chorando? — Eu perguntei a ela. — Por que ela está chorando? — Eu perguntei a Jonah, terror me golpeando.

— Calma. — disse Jonah, tentando me colocar para baixo. — Você está se recuperando.

— Por que diabos ela está chorando? — Perguntei.

— Spencer. — ele falou, me preparando.

E o meu sangue gelou. — Não, ela está bem. Ela tem que estar. Ela tem que estar. — eu disse, sentando-me, ignorando a dor cegante.

Comecei a puxar os tubos de cada parte de mim e balancei as pernas para o lado da minha cama. Ambos se levantaram e tentaram me conter, mas eu empurrei-os com a força de sobra que eu tinha. Levantei-me e quase desmaiei. Comecei a andar para fora do quarto, quando três enfermeiras entraram, gritando sobre os meus sensores.

Quando elas me viram, apertaram um botão e alguns segundos depois, uma ordem masculina veio dentro. Levou todos os seis deles para me colocar de volta na cama. Um cara aleatório em um jaleco entrou e administrou algo em meu braço, fazendo-me sonolento, e lutei com eles até que o negro me consumiu.

Acontece que eles me mantiveram sedado até que eu tinha recuperado totalmente.

E eles me acordaram no dia do funeral.

Bridge entrou na sala com um terno preto para mim. — Eu não acredito em você. — eu disse a ela.

Ela virou-se, a barriga aparecendo muito em seu vestido preto.

— Eu sei. — disse ela, com a voz soando como areia. Seu rosto parecia como se tivesse esfregado com o mesmo.

— Eu não estou colocando isso. — eu expliquei.

— Você não tem que. — disse ela, limpando o material com uma escova de fiapos.

Meu peito de repente pesou um milhão de toneladas. — Como você pode limpar isso quando... quando...

Ela virou-se. — Eu me sinto inútil. — Suas lágrimas caíram discretamente. — Eu não posso fazer nada por você que realmente o ajude a sentir alívio. Eu sou inútil para você, meu doce Spence.

Eu me virei para a janela. O céu estava cinzento e parecia que iria chover.

Vesti-me, mas tive que usar uma bengala para caminhar. Eu era um zumbi ambulante, em completa descrença. As pessoas choravam ao meu redor, mas eu não registrei. Eu só podia ficar ao seu horrível caixão, porque eu ainda estava me recuperando e não fui autorizado a carregar uma alça.

Emmett segurou Ellie enquanto seguiam atrás de nós. Eles insistiram que eu viajasse com eles no carro da família e eu não estava com vontade de discutir. Eu queria gritar: — Mas eu matei sua neta! — ou — Meu rim não era bom o suficiente para ela.

E eu deveria saber também. Eu deveria ter mantido a minha vida miserável longe da vida bonita dela. Eu deveria ter me mantido longe dela. Eu deveria ter... mas não o fiz. E agora eu estava enterrando ela. Eu estava indo para enterrá-la e nunca mais ver seu rosto adorável ou o seu sorriso inteligente novamente. Eu me senti mal do meu estômago, e eu poderia dizer que ia ser permanente. Nenhuma quantidade de tempo ia me curar. Minhas feridas iriam fechar, mas as minhas cicatrizes permaneceriam para sempre, elas eram profundas e elas eram dolorosas e eram infinitas.

O cemitério parecia um lugar tão ridículo para colocar alguém tão brilhante e encantador. Cricket era muito surpreendente, muito surpreendente, tão minha para ser colocada lá.

Eles estabeleceram o caixão nos rolos acima da sepultura e o sacerdote celebrou a cerimônia. Ele abençoou o caixão com água benta e incenso.

Muitos puxaram rosas dos arranjos colocados pelo túmulo e as jogaram no caixão. Toda a família e os amigos fizeram fila para se despedir,

mas eu não podia chegar perto dela. Eu não queria acreditar. Ela não podia estar lá.

O cheiro do incenso, o vento nas árvores, a sensação do sol na parte de trás do meu pescoço, as baixas palavras suaves do sacerdote. Elas me acalmaram e eu fechei os olhos.

Mas quando o sacerdote parou de falar, a família levantou, me confundindo. Dois homens em macacões de jardineiro se aproximaram do caixão e eu congelei. Eles começaram a virar as alavancas e me senti horrorizado.

— Parem! — Eu gritei, todo o meu corpo rejeitando a ideia. — Apenas parem! — Eu insisti e a família se acalmou. — Ela não está lá. Ela não pode estar. — eu disse, me aproximando do caixão. Comecei ofegar. — Cricket. — perguntei, tentando abrir o caixão. — Por favor, você não pode estar aí! — Eu gritei. A tampa foi pregada e eu cavei minhas unhas tão profundas na madeira que começaram a sangrar. — Ela não está aqui! — Eu jurei. — Ela não está aqui! Ela não está aqui! Ela não está aqui! — Eu disse repetidamente.

— Spencer. — disse Jonah, jogando um braço em volta do meu peito.

— Não. — eu solucei. — Ela não está lá. Ela não está lá.

Um pouco mais as mãos se adiantaram e seguraram-me de volta enquanto os trabalhadores do cemitério a baixaram para a laje de concreto sob seu caixão com um baque retumbante, fazendo-me uivar de dor.

Eu ansiava por ela. Ansiava tão profundamente. Ela era a minha felicidade e ela se foi no chão. Eu nunca iria levá-la de volta.

Caí de joelhos na grama e sentei. Eu chorei em minhas mãos até que cada par de mãos que me segurava não estava mais presente. Olhei para cima e o túmulo estava vazio. Olhei ao meu redor, seus carros desapareceram.

O túmulo vazio acenou para mim.

Começou a chover tão densamente que eu mal conseguia ver ao meu redor. Arrastei-me em minhas mãos e joelhos no meio da lama e sentei à beira do precipício. Minhas mãos foram para o meu cabelo e eu puxei o mais forte que pude para me distrair da dor. Eu queria estar lá com ela.

— Leve-me com você. — eu implorei a ela, olhando para o abismo.

— Você se sente vivo ainda? — Eu ouvi uma voz estridente me perguntar.

Meu coração batia forte e eu levantei, meu corpo coberto de lama. Ela riu, fazendo meus dentes rangerem em seu som ensurdecedor. Ela aproximou-se de minhas costas e meu corpo ficou tenso. Ela nunca me tocou, mas eu podia sentir sua respiração no meu pescoço e eu estremeci. Ela circulou ao redor da sepultura e me encarou do outro lado.

— O que... o que você está fazendo aqui? — Engoli em seco, o medo subindo minhas pernas.

— O que você vai fazer agora? — Ela perguntou, caminhando para e se encostando em uma árvore alta no canto do túmulo.

— Eu não sei.

Ela suspirou e balançou a cabeça. — Spencer, você não tem mais nada agora.

— Eu não me importo. — eu disse, olhando para o buraco negro.

— Eu não avisei que ela tomaria todo o seu dinheiro?

Minha cabeça virou em sua direção e meus dentes cerrados. — Ela não o tomou! Eu dei a ela!

— E veja o que tem em troca. — disse ela com um sorriso assustador severamente, apontando para o túmulo de Cricket. — Você está sozinho. Sem dinheiro. Sem perspectivas.

Eu balancei minha cabeça.

— O que você tem para viver agora? — ela perguntou.

— Eu não sei.

— Você não tem nada para viver agora, Spencer! Nada. Você me envergonha. — Ela levantou de sua posição e foi para o meu lado da sepultura. — E depois eu tentei ajudá-lo. — ela sussurrou em meu ouvido. — Esse é o único futuro que vale a pena ter. — disse ela, ajoelhando-se e olhando para o túmulo. — Que doce libertação que seria de sua dor. — pensou em voz alta. Ela olhou para mim. — Você não acha?

Eu não respondi, só poderia contemplar saltar para dentro com Cricket.

— Seria a melhor coisa para você. — explicou ela e se levantou. Ela virou a cabeça para olhar para mim. — Parar sua miséria. — ela respirou sobre mim.

Eu balancei a cabeça e fiz um movimento para dar um passo, o meu pé pendurado sobre a borda.

Mas de repente algo tangível em forma dentro da minha mão e eu não conseguia entender o que era, mas arrepiou quente. Estudei minha mão, mas ela parecia vazia. Um vento forte soprou através da árvore e o perfume mais inebriante invadiu meus sentidos.

Baunilha. Toranja.

— Cricket. — Sorri e coloquei o meu pé de volta em terra firme.

— Huh? — Perguntou Piper, seus olhos se estreitaram. Ela olhou para os meus pés. — Cricket foi embora. — ela desesperadamente dobrou. — Ela está lá, lembra-se?

— Não. — eu disse a Piper.

— Vá para ela. — persuadiu.

— Não! — Eu gritei mais enfaticamente.

— Spencer. — ela freneticamente mandou, pegando a minha mão.

— Não. — eu disse, encolhendo fora de seu alcance.

Afastei-me da sepultura.

— Spencer. — ela entrou em pânico. — o que você está fazendo?

— Eu escolho a vida. — eu disse a ela, de repente vendo-a por quem ela realmente era.

O lado da sepultura começou a desmoronar e ela escorregou, caindo no chão.

— Spencer. — ela exigiu, enquanto o chão lavou mais. — Venha comigo. Este é o caminho para a felicidade, para alívio.

Suas unhas vermelhas escavaram na lama, agarrando para a compra, mas elas mantiveram o deslizamento.

— Não, não é. — eu olhei para baixo sobre ela. — Tudo o que me espera lá é a morte e não uma vida feliz. Não. Não, Piper. Eu escolho a vida.

— Spencer! — ela implorou fracamente, seus braços batendo sobre ela, mas não havia nada para mantê-la lá.

— Adeus, demônios. Vou levá-los mais longe. Vocês nunca vão me atormentar de novo. — eu disse a ela quando ela escorregou para o abismo negro, gritando seu grito estridente pela última vez.

Capítulo 37

Eu engasguei acordado, meu peito sentia mais dolorido do que eu podia imaginar, mas eu estava vivo.

— Oh, graças a Deus. — eu ouvi Bridge dizer através de lágrimas.

— Sr. Blackwell. — Eu ouvi a minha esquerda.

Virei a cabeça em sua direção e ouvi suspiros deles próprios.

— Ele está acordado! Ele está acordado! — Disse Jonah, mas sua voz ficou distante como se ele saiu do quarto.

Um homem abriu minhas pálpebras e brilhou uma luz nelas. Eu me encolhi a partir da luz. Ele começou a me examinar e me fazer perguntas.

— Sr. Blackwell, você pode abrir seus olhos?

Tentei abri-los, mas a luz do teto era demais. — A luz. — eu tentei dizer, mas senti algo na minha garganta. Minhas mãos foram para a minha boca e tentei puxá-los para fora. Eu estava começando a engasgar.

— Não, Sr. Blackwell, não puxe isso. Tivemos que entubar você.

Isso me confundiu.

— Não se preocupe. Nós vamos ao médico para examiná-lo rapidamente para tirá-lo.

Minha cabeça pendeu para trás e para frente, pesada demais para pegá-la.

Bridge se aproximou do meu lado. Eu poderia dizer que era ela, porque eu reconheci seu perfume. — Spencer. — ela me disse, segurando minha mão. — você esteve fora por uma semana agora. Você estava em

coma. — Ela respirou fundo, tentando se recompor. Uma semana? Como está a Cricket! Eu queria gritar. — Você não reagiu bem à remoção.

Eu tentei inclinar ou abrir meus olhos, mas eu não fui capaz, assim eu apertei a mão dela o melhor que pude.

Ela chorou no meu ombro. — Spencer, esta tem sido a semana mais difícil da minha vida.

Apertei um pouco mais uma vez.

— Spencer. — ouvi uma voz nova perguntar. Era o Dr. Caldwell.

Ele me examinou e confirmou que estava tudo bem para remover os meus tubos. Na contagem de três, ele puxou-os para fora e eu lutei para o ar, encontrando alívio cerca de dez segundos depois. Meus olhos se abriram lentamente e eu levei em meu redor. Apesar de ter sido muito brilhante, eu podia ver todas as pessoas que se importavam comigo.

A maioria da família de Cricket e minha irmã estavam lá, assim como a minha mãe.

Meus olhos molharam com a visão dela. — Mamãe?

— Sim, querido. — disse ela, beijando meu rosto. — Você realmente nos preocupou.

Eu sorri para ela.

— Onde está Cricket? — Perguntei ao quarto.

— Ela está na fisioterapia. — disse Jonah. Eu tentei tirá-la, mas a senhora da recepção não me deixou passar as portas. — Ela está indo tão bem, Spencer. Ela é como uma pessoa totalmente nova.

— Obrigado, Deus. — eu disse, aliviado inacreditável.

— E obrigado você. — disse Ellie, entrando no quarto. Ela estava chorando e me abraçou com força.

— Ellie. — disse eu.

— Spencer. — disse ela, sorrindo. — Você assustou o recheio sempre vivo fora de nós!

Eu ri. — Eu não tive a intenção. — eu disse a ela.

Ela levantou-se e eu olhei todos sobre mim. — Eu amo todos vocês.

— Sim, sim, eles também te amam. — disse Caldwell, sorrindo. — Mas você precisa descansar, e eu preciso de todos eles para fora.

Todos eles saíram do quarto, exceto Bridge e minha mãe.

— Mãe! — Eu disse quando a porta se fechou. — Eu não posso acreditar que você está aqui.

— Quando você não acordou da cirurgia, Bridget me ligou. — Sua cabeça abaixou. — Ela me disse o que seu pai fez.

Eu apertei suas mãos. — Está tudo bem, mãe. — Eu olhei para Bridge. — Não há problema, certo? Deu tudo certo?

— Oh, está tudo bem. — disse ela. — Na verdade, está mais do que bem. Jonah encontrou o rancho de trabalho mais espetacular para venda a poucos quilômetros ao sul de Bitterroot.

— Será que a família gosta?

— A família adora. — Bridget admitiu calorosamente. — Eles já mudaram a fazenda e levaram o gado para o sul.

Pensando no Rancho Hunt me fez tão incrivelmente triste, mas eu estava feliz que eu fui capaz de dar-lhes a vida que meu pai roubou.

— O dinheiro ajudou. — disse ela. — Ainda há um milhão sobrando. — disse ela.

— Esse é seu, Bridget.

— O quê? — Ela perguntou, com os olhos arregalados.

— É para você e para o bebê.

— E o que você vai fazer?

— Eu estou indo embora. — eu disse a eles, chocando Bridge.

— O quê? Por quê?

— Enquanto o pai está vivo, está por perto, ele vai parar em nada para me arruinar. Não posso arriscar os Hunt. Não posso arriscar você ou mamãe.

— Spencer. — disse Bridge suavemente. — o que dizer de Cricket?

— Eu estou fazendo isso tudo por Cricket, Bridge. Eu fiz tudo isso por ela.

— Ela não vai ficar bem com isso. — disse ela.

— Ela vai ter que. É para mantê-la segura, Bridge. Você promete não contar a ela? Pelo menos até eu sair.

— Sim. — ela obedeceu, embora ela odiasse.

Nós conversamos sobre o meu plano para ir embora e eu concordei em tomar alguns milhares de dólares para me manter à tona um pouco. Eu gostaria de voltar para Brown e continuar indo para a escola lá. Gostaria de falar com a administração sobre a bolsa de estudos de remo que eu tinha e o que significava para mim a longo prazo. Eu também prometi a Bridge que eu voltaria quando o bebê nascesse.

Minha mãe estava se mudando para Montana e planejava viver com Bridget até que ela terminasse com a sua educação, incluindo a faculdade.

Eu tinha feito tudo o que podia para a família que fizeram todo o possível para nós, e eu estava mais do que satisfeito.

Agora, se eu pudesse reunir a coragem de deixar para trás Cricket.

No início da manhã, eu me dei alta, para desgosto do Dr. Caldwell, mas eu prometi a ele que iria ver um nefrologista, logo que chegasse a Providence e que o informaria de volta. Agradei e agarrei a mala que Bridge hesitante embalou para mim.

Eu beijei a minha irmã e me despedi da mãe e peguei um táxi para o aeroporto.

Eu estava indo manter Cricket Hunt segura se isso me matasse...
ou tentasse... de novo.

Capítulo 38

Fazia nove dias, sete horas e três, não, quatro minutos desde que eu tinha deixado Montana e eu estava em tormento. Eu estava dormindo mal, não apenas porque eu estava me recuperando de uma cirurgia, mas principalmente porque eu continuava sonhando com a noite que eu beijei Cricket.

Deitei na cama, no meu novo apartamento com barras na janela, com o meu novo mobiliário que consegui no Goodwill. Eu não comprei nada estofado aí. Eu desenhei a linha de lá. Em vez disso, eu ostentei e comprei um sofá em Ikea, bem como um colchão de um daqueles locais de armazenagem que também vendem galões de queijo nacho.

Mas não era com o apartamento que eu tinha um problema. Era o fato de que minha casa estava a quatro mil cento e onze quilômetros longe, porque a minha casa era Cricket.

Meu despertador começou a apitar, indicando que eram cinco e meia da manhã e eu tinha, de fato, que começar o meu primeiro dia de trabalho no café do campus.

Meu semestre de verão não começaria por mais algumas semanas, mas eu tinha que fazer algo para pagar as contas. Eu era basicamente miserável sem Cricket, então porque não acrescentar a vantagem adicional de cheirar como se eu tivesse sido marinado em um saco de grão de café por doze horas por dia, certo?

Você pode fazer isso, eu disse a mim mesmo. Basta levá-lo um dia de cada vez. Sentei-me. Ok, talvez um minuto de cada vez.

Desde que eu tinha ficado para trás, eu tinha visto um médico várias vezes e estava me recuperando bem. Ele tinha me dado um atestado de saúde para voltar ao trabalho. Eu liguei e falei com Bridge todos os dias. Ela estava ficando cada vez maior, se mantendo saudável, as coisas estavam indo fortes com Jonah, que eu fiquei feliz de ouvir. Quando ela tentou falar comigo sobre Cricket, eu iria impedi-la antes que ela pudesse continuar.

— Não há sentido em me torturar — eu disse a ela.

Eu também escrevi uma carta de desculpas muito detalhada para Peter Knight e sua esposa, da minha parte no escândalo do meu pai. Expliquei tudo para ele e sua esposa, mas não tinha conseguido uma resposta, não que eu esperava uma. Eu estava feliz que eu lhe disse a verdade. Eu não tinha certeza se ela iria ajudar o homem, mas eu esperava que lhe desse a prova de que precisava para provar sua inocência à sua esposa se o meu pai fez o impensável.

Levantei-me e tomei um banho no meu banheiro de um-por-um, escovei os dentes antes de me vestir no meu uniforme de jeans e uma t-shirt. Peguei meu avental engomado e chaves e saí, fechando a porta atrás de mim.

Deixei meu carro com a minha mãe e Bridge, mas tinha um lugar perto o suficiente do campus que eu poderia andar sem problemas. Passei por um cara que eu lembrei do meu primeiro ano de faculdade e acenei. Ele pareceu surpreso que eu tinha feito isso, mas acenou de volta. Isso me fez pensar na impressão que eu exalava quando eu estava aqui como o "outro" Spencer.

A pequena loja de café tinha um quiosque do lado de fora durante os meses mais quentes, então eu estava atribuído a ele, uma vez que não era tão movimentado como a loja dentro do campus. Fui recebido por um idoso chamado Jason. Ele mostrou-me os cabos, me ensinou como fazer as bebidas mais difíceis, onde os suprimentos poderiam ser encontrados e tudo mais. Eu poderia correr o quiosque sozinho apenas com uma hora de treinamento.

Depois que ele me mostrou todo o quiosque e os seus procedimentos, ele encostou-se ao balcão.

— Não há nada mais o que fazer? — Eu perguntei a ele.

— Nada, homem, apenas relaxar e esperar as pessoas é tudo.

Vindo do dia-a-dia-esgotante da fazenda me fez sentir como se eu estivesse sendo preguiçoso apenas ficando sentado.

— Espere um minuto. — disse ele, estalando os dedos. — Eu conheço você.

— Você conhece?

— Claro que sim, você é aquele filho da puta rico, que leva todas as garotas. — Ele estreitou seu olhar para mim. — Que diabos você está fazendo aqui?

— Estou, uh, eu não sou rico. — eu ri.

— Besteira. Você é podre de rico, cara. Eu vi os carros que você dirigiu ao torno daqui.

Eu levantei minhas mãos. — Eu preciso esclarecer. Eu estava usando o dinheiro do meu pai e ele me cortou.

— Oh, merda! Tendo problemas com o papai, não é? — Ele zombou. — O quê? Ele fez você pobre com nós humildes para ensinar-lhe uma lição?

— Não. — eu disse, ignorando a sua tentativa de obter um aumento de mim. — É um pouco mais complicado.

— Sim?

— Sim. — eu disse a ele e retransmiti tudo o que havia acontecido comigo durante os últimos seis meses, uma vez que tínhamos tempo.

Quando eu terminei, a boca do cara ficou aberta.

— O quê? — Eu perguntei, desconfortável.

— Isso é duro, cara. O que ele fez com você é ferrado.

— Nah, eu ajudei um monte de gente e me mudou no processo.

— Isso é muito honrado.

— Obrigado.

Quando meu primeiro turno acabou, eu puxei o meu avental, dobrei-o e coloquei-o no bolso de trás. Cortei para College Hill e parei no Louis Restaurant para jantar. Embora eu sempre amei o lugar, eu encontrei-me querendo a comida ridícula da fazenda. Olhei para cima do meu assento e vi o que era. Saudades de casa. Eu estava com saudades de Cricket.

Sentei-me e lembrei de todas as vezes que eu fiz a mim mesmo memorizar ela, totalmente grato que eu tinha. Baunilha. Toranja. Sorrisos inteligentes. Andar de ballet. Quadris chicoteando. Conversa espirituosa. Atitude humilde. Talentosa. Tudo perfeito. Eu suspirei, deixando a minha comida como estava e deixei o suficiente para uma gorjeta generosa.

Eu voltei para casa, decidido a arrastar tudo, determinado a dar os Hunts uma vida livre de qualquer drama, e isso não iria acontecer se o meu pai tivesse alguma coisa a dizer sobre isso.

O ar da noite parecia espesso. Estava começando a ficar muito quente e úmido e eu estava pronto para a escola começar, pronto para a distração. Insetos de verão começaram a chilrear nas árvores em minha caminhada para casa. Estudei a calçada, desejando que fosse campo e neve.

Eu abri o portão de ferro para meu complexo e deixei-o se fechar atrás de mim. Desci a passarela que levava à minha porta e tirei as chaves do bolso da frente. Girei-as em meus dedos, assobiando "Yoshimi Battles the Robots Pink".

— Essa é a minha música. — alguém disse ao meu lado.

Eu parei de andar, minhas chaves caindo para a calçada abaixo de mim. Meu coração começou a correr.

— Você gosta de The Flaming Lips? — Eu perguntei a ela, a mesma pergunta que eu tinha feito naquele dia que ela entregou o bezerro.

Ela sentou-se no muro de contenção na frente do meu apartamento, um dos joelhos contra o peito, e ficou me olhando. Ela fez o meu sangue bombear furiosamente pelas minhas veias. Eu queria agarrá-la.

— Por que você se foi? — ela perguntou.

— Eu tinha que fazer.

— Não, você não tinha.

— Meu pai não vai parar de tentar me destruir, Cricket, e ele vai derrubar todo mundo no meu caminho, incluindo sua família.

— Você é a minha família, Spencer.

Meus olhos se fecharam em suas entorpecentes palavras.

— Você quis dizer isso? — Ela perguntou, segurando a minha carta enrugada. Parecia tão desgastada, como se ela tivesse lido mais e mais.

— Cada. Palavra.

— Venha aqui. — disse ela.

Caminhei em sua direção.

Ela tinha uma sacola de lona macia ao seu lado. Ela estendeu-lhe a mão por dentro e puxou sua mão para fora. Debruçado sobre sua palma da mão estava a escultura dos três pássaros pequenos. Em uma fita de metal, lia-se "Sorria com o sol nascendo".

— Pegue-o.

Segurei-a na minha mão e estudei seu brilho. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

— Você é o sol para mim, Cricket.

— Você é o sol para mim, Spencer.

— Eu odeio a vida sem você, Cricket.

— Eu odeio a vida sem você, Spencer.

— Eu te quero tanto. Eu já consigo sentir seu gosto.

— Eu sou sua para provar, amor.

— Mas meu pai...

— Seu pai não é invencível, Spencer. Nós vamos atravessar essas pontes quando chegarmos a elas.

Estudei seu rosto. — Você parece bem. — Eu engoli. — Saudável.

— Caldwell disse que eu levei o meu transplante sem uma única complicação. Era como se ele fosse feito para mim.

— Foi.

Ela assentiu com a cabeça.

— Cricket?

— Sim?

— Eu estou tão apaixonado por você.

Uma lágrima escapou dela, em cascata lentamente para o lado de seu rosto. Corri as costas do meu dedo indicador até a trilha antes de eu lambe-la a lágrima.

— Eu estou tão apaixonada por você.

Minha mão foi para o meu peito direito sobre o meu coração e os meus olhos fechados. Ele batia tão violentamente. Suas palavras me rodearam.

— Nunca me deixe de novo. — ela disse em voz baixa.

— Eu não poderia se eu tentasse. — eu disse, colocando a escultura perto de seu lado, propositalmente roçando as pontas dos seus dedos com os meus. Ela suspirou baixinho.

— Eu tenho sido miserável sem você. — disse ela, outra lágrima caindo.

Inclinei-me e beijei aquela lágrima e sua respiração engatou.

— Eu estive praticamente catatônico sem você. — eu admiti.

Isso me rendeu seu sorriso inteligente e eu quase caí para trás.

— Então o que você está esperando? — Ela perguntou.

— Eu não tenho ideia. — eu respirei, apressando ela naquele momento.

Ela colocou os braços em volta do meu pescoço e fui buscá-la fora da parede. Ela trancou as pernas em volta da minha cintura e eu beijei-a como se nossa vida dependesse disso. A mesma sensação inebriante e intoxicante invadiu nós dois. Aquela que disse que fomos feitos um para o outro e que a química entre nós não pode ser criada com qualquer outro ser humano.

Cricket Hunt, dona de um dos meus rins, a menina que me chamou no meu lixo e a menina que eu ia casar um dia. Ela era a garota que poderia me fazer rolar com um sorriso. Ela era a garota que consumia os meus pensamentos e meu coração.

Cricket Hunt era o meu destino.

Epilogo

Quatro anos mais tarde...

— Não, não. Seu vestido está ficando sujo. Apenas pegue-a.

Peguei a menina com o halo de cachos loiros brilhantes e a coloquei sobre meu quadril. Eu fiz uma cara pateta e ela riu.

— Você é tão engraçado, tio Spencer! — Ela riu, sua mão pequena indo para sua boca.

— A sua tia Cricket não parece pensar assim. — eu sussurrei conspiratório.

Cricket revirou os olhos, mas lutou um sorriso.

— É melhor se apressar ou sua mãe vai estar muito brava!

Seus brilhantes olhos verdes se arregalaram e ela balançou a cabeça.

Entramos as portas duplas e eu coloquei Savannah para baixo. Cricket abaixou-se e ajeitou a saia para ela.

— Esta é a menina da flor? — perguntou uma mulher aleatória.

— Uh, sim. — eu respondi.

Ela falou em um dispositivo portátil e logo outra mulher veio com um anel de flores para o cabelo de Savannah. Foi colocado na cabeça dela.

— Isso coça.

— Deixe-o e eu vou deixar você ter um pedaço gigante de bolo.

Ela estabeleceu-se até que ela descobriu o sino de seu vestido e então ela girou ao redor.

— Suborno. Eu gosto. — Cricket comentou.

Bati minha têmpora. — Referência futura.

Ela piscou.

Cricket deixou o cabelo crescer e ele quase alcançava a base de suas costas. Ela enrolou-o, e tudo o que eu queria fazer era correr meus dedos por ele desde que ela saiu do nosso quarto.

Minhas pálpebras estavam pesadas e eu corri seu lado. Eu beijei seu pescoço e subi para seu ouvido. — Espere até chegarmos em casa. — eu rosnei.

Ela me deu seu sorriso inteligente. — Por que ir para casa, quando temos um carro perfeitamente bom de volta no rancho?

Eu levantei, queixo frouxo. — Cricket Blackwell, sua impertinente atrevida.

Ela piscou.

— Precisamos de todas as madrinhas e padrinhos, por favor. — a mulher gritou com o dispositivo.

Cricket empurrou puxando meu braço até onde ela estava e eu resisti, pegando a minha mulher pela cintura e balançando ela ao redor. — Spencer. — ela riu. — Você é um causador de problemas!

A mulher deu-nos um olhar de nojo, então eu coloquei Cricket de volta para baixo. Nós dois bufamos em nossas mãos.

— Nós precisamos da dama de honra e melhor homem na parte de trás aqui. — ela disse e nós pisamos no extremo da fila.

Aproveitei a oportunidade para beliscar a bunda de Cricket. Ela engasgou, convidando a todos para se virar e olhar para nós. Dei de ombros para eles como se eu não tivesse ideia do que estava

acontecendo. Eles se viraram e ela bateu no meu braço. — Você vai nos colocar em apuros. — ela riu.

— Eu espero que sim.

— Que coisa para dizer.

— Hora de levar a sério, pessoas. — a mulher anunciou, mas ela olhou diretamente para nós, incitando outra risada de nós. — Em um momento, a noiva vai passar por aqui. Na frente do noivo já. Lembrem-se, assim como o ensaio! É hora de ir.

A porta da sala do choro abriu e saiu a minha irmã e ela estava de tirar o fôlego. Um top de renda e saia de seda dupion (tipo de seda). Eu sei disso porque ela e Cricket me disseram sobre isso, como se eu me importasse. Eu fiquei feliz que elas disseram. Olhando para ela naquele momento foi um dos de maior orgulho da minha vida.

Ela caminhou para frente e eu a parei antes que ela encontrou o lado da nossa mãe.

Ela sorriu largamente. — Bridget, você está deslumbrante.

— Obrigada, irmão. — disse ela, beijando meu rosto.

Abracei minha mãe. — Você também, mamãe.

Ela espalmou nossas bochechas. — Estou muito orgulhosa. Muito orgulhosa de vocês dois.

Bridget se inclinou e beijou a filha. — Você está muito bonita também, Savannah. Muito crescida.

Savannah sorriu e saltou sobre os calcanhares.

Voltei para o final da fila e fiquei ao lado de minha esposa. Enfiei a sua mão delicada no meu braço e coloquei minha própria em cima da dela.

O piano começou e Savannah saltou para frente, radiante e cheia de felicidade. Ela graciosamente colocou lavanda no chão de pedra da igreja e fez todo o caminho até o fim do corredor, mas quando viu Jonah

em pé na frente, em vez de estar para o lado como lhe foi dito, ela correu até ele e segurou sua mão.

A organizadora de casamentos tentou fazê-la descer, mas Jonah a parou com uma mão e manteve Savannah com ele.

O casamento foi de casal por casal até que foi a nossa vez. Eu virei e pisquei para a minha mãe e Bridge.

Quando chegou a nossa vez, eu caminhei pelo mesmo corredor que eu tive com Cricket apenas dois anos antes para o nosso próprio casamento.

— Isto traz de volta memórias? — ela sussurrou.

— Acredito que fizemos no carro, em seguida, também. — eu sussurrei de volta, fazendo-a morder o lábio inferior e assentiu.

Eu balancei a cabeça para ela. Insolente.

Chegamos ao final do corredor e fomos forçados a nos separar, o que eu odiei, mas eu sabia que eu seria capaz de olhar para ela através de toda a cerimônia, então era a minha única consolação. O piano parou e um quarteto de cordas começou a tocar "Jesu, Joy of Man's Desiring", quando minha mãe e Bridge começaram a caminhar pelo corredor.

Enquanto eu as observava, eu olhei para minha esposa, para a minha incrível Savannah, em seguida, Jonah, Ellie, e Emmett, e eu não pude deixar de me perguntar como eu merecia uma vida tão absurdamente feliz e bonita. Eles eram a minha família. Eles eram o meu tudo. Olhei para Cricket e as lágrimas que deslizavam pelo seu rosto me disseram que ela se sentia da mesma maneira.

Minha mãe e Bridge tinham chegado ao fim do corredor e vi minha mãe dar a minha irmã para Jonah. Eu nunca tinha visto nenhum dos dois parecerem mais feliz do que naquele momento. O momento em que, todos os três, tornaram-se uma família oficial. Savannah já o chamava de papai. Ela fez desde seu trezentos e sessenta e três dias e ele era. Ele realmente era o pai dela.

Durante os quatro anos desde o nascimento de Savannah, Bridge tinha terminado o ensino médio, passou para a faculdade, ganhou um bacharel em agricultura, criou Savannah com a minha mãe e Jonah e tinha-se um nicho de vida perfeita, não porque a vida era perfeita, mas porque era perfeita para eles.

Cricket e eu tínhamos nos mudado para Nova York brevemente depois de me formar na faculdade para buscar a carreira de escultura de Cricket, que ela foi extremamente bem sucedida, mas sentimos muita falta da nossa família e decidimos caminhar de volta para Montana.

Agora, ela conduzia uma galeria bem sucedida de seu próprio trabalho na cidade e ela enviava seu trabalho para o mundo todo. Ela era bem conhecida nos círculos artísticos e muito procurada.

Eu estava no meu segundo ano na faculdade de direito, estudando a lei de imigração, trabalhando de perto com a minha amiga Sophie Price em Uganda. Nós estávamos esperando fazer um processo simplificado para ajudar os órfãos lá e levá-los para casas aqui do lado americano.

Minha mãe ganhou o Rancho Hunt no assentamento quando meu pai entrou com o divórcio anos atrás e ela deu-lhe de volta para os Hunt. Eles voltaram para a sua propriedade e foi como se nunca tivessem partido. Jonah e as garotas ficaram para trás no novo rancho e conduziam como uma segunda propriedade, uma continuação do Rancho Hunt, se você quiser.

Alguns desses lucros ajudaram Cricket e eu a completar a escola, e nos apoiaram quando eu terminei a faculdade de direito também. Ele também ajudou a financiar muitos projetos no Congo, onde um amigo de Sophie e Ian Aberdeen abriu uma segunda Masego.

Tudo em tudo, Deus tinha sido muito bom para nós. A generosidade é um daqueles traços usados raramente, mas é, de longe, um dos dons mais gratificantes que poderia possuir. Eu vivi por muitas coisas, mas o meu lema principal era "dar". Dê, e você verá a incrível

recuperação do mesmo. Quanto mais você dá, mais você recebe. É uma noção impressionante, mas é verdade, no entanto.

Agora, se você me der licença, tenho um encontro com a minha esposa em nosso carro.

Clique.

Boom.